A INOCÊNCIA DO

PADRE BROWN

SÉRIE POLICIAL

G.K. CHESTERTON

ALETHEIA EDITORES

A INOCÊNCIA DO

PADRE BROWN

SÉRIE POLICIAL

G.K. CHESTERTON

ALETHEIA EDITORES

G. K. CHESTERTON

A INOCÊNCIA DO PADRE BROWN

ALÉTHEIA EDITORES

Título original: *The Innocence of Father Brown* (1911)

Todos os direitos de publicação em Portugal
reservados por:

ALÊTHEIA EDITORES
Escritório na Rua do Século, n.º 13
1200 433 Lisboa, Portugal
Tel.: (+351) 21 093 97 48/49, Fax: (+351) 21 096 48 26
E mail: aletheia@aletheia.pt
www.aletheia.pt

Tradução:
Maria José Figueiredo

Revisão:
José João Leiria

Paginação:
Hugo Neves

Impressão e acabamento:
Várzea da Rainha Impressores, Óbidos
www.varzeadarainha.pt

ISBN: 978 989 622 362-5
Depósito Legal: ?/11

Março de 2011

ÍNDICE

A Cruz Azul
O Jardim Secreto
Os Passos Estranhos
As Estrelas Voadoras
O Homem Invisível
A Honra de Israel Gow
A Forma Inadequada
Os Pecados do Príncipe Saradine
O Martelo de Deus
O Olho de Apolo
O Sinal da Espada Partida
Os Três Instrumentos da Morte

A CRUZ AZUL

Navegando entre a tira prateada do alvorecer e a reluzente tira verde do mar, a embarcação atracou em Harwich, e dela saiu um enxame desconexo de gente como moscas; o homem que nos interessa vinha misturado com as outras pessoas, e não chamava a atenção – nem queria chamar. Não tinha nada de especialmente notório, à excepção do ligeiro contraste entre a forma alegre e descontraída como vinha vestido e a oficial gravidade da sua expressão. Envergava um casaco leve cinzento-claro, um colete branco e um chapéu de palha cor de prata com uma fita azul-acinzentada; a indumentária contrastava com a face morena, convergente numa barbicha preta de aspecto espanhol que fazia lembrar um fidalgo de outros tempos. Fumava um cigarro com a seriedade de um homem ocioso. Nada indicava que o casaco cinzento ocultasse um revólver carregado, que o colete branco tapasse um cartão da polícia, nem que o chapéu de palha cobrisse um dos intelectos mais impressionantes da Europa. Com efeito, tratava se nada menos que de Valentin, o chefe da polícia francesa e o mais famoso investigador do mundo, que viera de Bruxelas a Londres proceder à mais importante detenção do século.

Flambeau estava em Inglaterra. As autoridades policiais de três países tinham finalmente conseguido seguir a pista do extraordinário criminoso, desde Ghent até Bruxelas, e desde Bruxelas até Hoek van Holland, e pressentiam que ele tentaria aproveitar se de alguma forma da estranheza e da confusão do Congresso Eucarístico que por esta altura decorria em Londres. Era provável que se fizesse passar por secretário ao mesmo, ou que assumisse outra categoria igualmente secundária, mas Valentin não podia, evidentemente, estar certo disso, porque com Flambeau nunca se podia estar certo de coisa nenhuma.

Tinham passado muitos anos desde que este colosso do crime deixara subitamente de manter o mundo num estado de intensa agitação; e, quando tal aconteceu – como sucedera na sequência da morte de Roland –, seguiu se uma grande calma em toda a terra. Acontece, porém, que nos seus melhores dias (isto é, nos piores), Flambeau era uma figura que tinha o estatuto internacional de um *Kaiser*. Quase todas as manhãs os jornais anunciavam que ele conseguira escapar às consequências de um crime extraordinário cometendo outro ainda mais extraordinário. Tratava se de um gascão de gigantesca estatura e ousadia física, sobre cujos acessos de humor atlético corriam as mais singulares narrativas: ele tinha, por exemplo, voltado um *juge d'instruction* de pernas para o ar «para lhe limpar a

mente», e tinha atravessado a Rue de Rivoli a correr, com um polícia debaixo de cada braço. Justiça lhe seja feita, a sua fantástica capacidade física era geralmente aplicada a este género de cenas, pouco dignas, é certo, mas relativamente inocentes; porque os seus crimes propriamente ditos, os seus notáveis roubos, eram essencialmente fruto do engenho. Acontece que cada um desses crimes era quase um novo pecado, e constituiria, só por si, uma narrativa independente. Tinha sido ele a fundar, em Londres, a Grande Companhia de Lacticínios do Tirol, uma empresa que, não possuindo vacarias, nem vacas, nem carroças, nem leite, tinha vários milhares de consumidores, que eram atendidos pelo simples processo de transferir as garrafinhas de leite que os leiteiros deixavam à porta das pessoas para diante da porta dos seus clientes. Tinha sido ele a manter correspondência íntima e secreta com uma jovem cujas cartas eram interceptadas e vasculhadas, recorrendo ao extraordinário processo de fotografar as suas mensagens em formato infinitesimal sobre a lamela de um microscópio. Grande parte das suas experiências era assinalada por uma impressionante simplicidade; dizia se que certa vez, pela calada da noite, tinha alterado os números das portas de determinada rua com o simples fito de montar uma armadilha a um forasteiro. É seguro que foi o inventor do marco do correio portátil, que depositava nas esquinas dos subúrbios tranquilos na expectativa de que os incautos neles introduzissem vales postais. Por fim, sabia se que era um espantoso acrobata; não obstante a sua impressionante figura, era capaz de dar saltos como um gafanhoto e de se confundir com a folhagem das árvores como um macaco. Daí que, quando partiu em busca de Flambeau, o grande Valentin tivesse perfeita consciência de que as suas aventuras não terminariam quando o encontrasse.

Mas como faria para o encontrar? Neste domínio, as ideias do grande Valentin estavam ainda em processo de formação.

Havia uma coisa que Flambeau, mau grado a notória capacidade que tinha de se disfarçar, não podia esconder: a sua invulgar estatura. Se o olhar experiente de Valentin tivesse poisado sobre uma vendedora alta, um soldado alto, ou mesmo uma duquesa razoavelmente alta, é bem provável que tivesse imediatamente detido essa pessoa. Ao longo da viagem, porém, não deparara com ninguém que pudesse ser um Flambeau disfarçado – uma girafa não consegue disfarçar se de gato. Tinha observado atentamente todas pessoas que viajavam no barco; e as que entraram em Harwich ou pelo caminho não foram mais de seis: um funcionário dos caminhos de ferro de baixa estatura que se dirigia ao terminal, três mercadores relativamente baixos, que tinham entrado duas estações mais adiante, uma viúva baixinha que provinha de uma pequena cidade do Essex e um sacerdote católico baixinho que provinha de uma pequena aldeia

do Essex. Quando chegou a este último, Valentin desistiu e quase soltou uma gargalhada, tão típico desta planície oriental era o dito padre: cara redonda e inexpressiva de um filho de Norfolk, olhos vazios como o mar do Norte, cercado de embrulhos de papel pardo que não conseguia reunir em seu redor. O Congresso Eucarístico tinha indubitavelmente arrastado muitas criaturas destas, cegas e impotentes, para fora da estagnação em que viviam, quais toupeiras desenterradas. Valentin era um céptico, ao estilo rigoroso da França, e não era capaz de ter amor aos padres; mas era capaz de se apiedar deles, e este sacerdote era homem para suscitar a compaixão de qualquer pessoa. Trazia um enorme guarda chuva já muito desgastado, que estava constantemente a cair lhe ao chão, parecia ignorar qual era a parte do bilhete de ida e volta que tinha de guardar, e explicou a todos os companheiros de viagem, com simplicidade cretina, que precisava de ter todo o cuidado, porque trazia num dos embrulhos de papel pardo um objecto de prata verdadeira «com pedras azuis». O francês continuou a divertir se com a peculiar combinação de franqueza nativa e sobrenatural simplicidade do sacerdote, até este chegar (sabe se lá como) a Tottenham com os embrulhos todos, acabando embora por voltar atrás à procura do guarda chuva. Nesta altura, Valentin teve mesmo a gentileza de o aconselhar a ter cuidado com o tal objecto de prata, não referindo a sua existência a toda a gente. Contudo, falasse com quem falasse, Valentin mantinha os olhos bem abertos, sempre à procura de uma pessoa – rica ou pobre, homem ou mulher – que tivesse um metro e oitenta de altura; é que o próprio Flambeau tinha mais dez centímetros.

Saiu em Liverpool Street, com a certeza de que, até àquele momento, o criminoso não tinha passado por ele. Foi à Scotland Yard regularizar a sua situação e pedir ajuda, caso precisasse dela; depois, acendeu outro cigarro e foi dar um longo passeio pelas ruas de Londres. Seguia pelas ruas e praças que circundam Victoria, quando se deteve de repente; encontrava se numa estranha praça, silenciosa e muito típica de Londres, cheia de uma calma acidental. As casas que se erguiam no perímetro da praça, altas e lisas, pareciam a um tempo prósperas e desabitadas; e o quadrado de arbustos que ocupava o centro da mesma dava a impressão de estar deserto como uma ilhota verde do Pacífico. Um dos quatro lados da praça era bastante mais alto que os restantes, assemelhando se a um estrado; e, deste lado, a linha de moradias era interrompida por um daqueles admiráveis acidentes de Londres: um restaurante que parecia ter escapado de Soho. Tratava se de um objecto estranhamente atractivo, com duas plantas envasadas e gelosias às riscas amarelas e brancas. O restaurante ficava a uma altura muito razoável da rua, e, respeitando

o desenho habitual de Londres, havia uma série de degraus que iam desde o passeio até à porta do estabelecimento, e que mais se assemelhavam a uma escada de incêndio que fosse dar à janela do primeiro andar de uma casa corrente. Valentin deteve se a fumar diante das gelosias amarelas e brancas, observando as com atenção.

Aquilo que os milagres têm de francamente espantoso é o facto de acontecerem. Um par de nuvens agrega se no céu e forma um olho humano. Uma árvore avistada no meio da paisagem, no decurso de uma viagem duvidosa, tem exactamente a elaborada forma de um ponto de interrogação. Nos últimos dias, eu próprio testemunhei uma coisa e outra. Nelson morre no momento da vitória; e um homem chamado Williams assassina, inteiramente por acaso, um homem chamado Williamson – no que é quase uma espécie de infanticídio. Em suma, há na vida uma componente de mágica coincidência, de que as pessoas que só atentam no prosaico correm o risco de nunca se aperceber. Como bem salienta o paradoxo de Poe, a sabedoria deve atentar no imprevisto.

Aristide Valentin era um homem absolutamente francês; e a inteligência francesa é inteligência de uma forma especial e de uma forma exclusiva. Valentin não era uma «máquina pensante», na idiota expressão do moderno fatalismo e materialismo. Uma máquina *é* uma máquina pela simples razão de que não é capaz de pensar. Ora, Valentin era um homem que pensava, mas era também um simples homem. Os maravilhosos êxitos que obtivera, e que pareciam ter sido alcançados por artes mágicas, conquistara-os na realidade à custa de uma lógica laboriosa, de uma clara e comum reflexão francesa. Os franceses espantam o mundo, não pelo facto de desenvolverem paradoxos, mas pela circunstância de perseguirem um truísmo; eles levam os truísmos até ao seu termo – como aconteceu na Revolução Francesa. Mas era precisamente por conhecer a razão que Valentin conhecia os limites da razão. Só um homem que nada sabe sobre motores pode dizer que eles andam sem gasolina; só um homem que nada sabe sobre a razão pode afirmar que ela funciona sem o recurso a um conjunto de primeiros princípios, consistentes e indiscutíveis. Neste caso, Valentin não dispunha de primeiros princípios consistentes. Flambeau tinha desaparecido em Harwich; se se encontrava em Londres – e Valentin não sabia se de facto assim era –, tanto podia estar em Wimbledon Common, sob a aparência de um vagabundo de altura razoável, como no Hotel Metropole, sob o disfarce de um *chef* de altura razoável. Em semelhante estado de nescidade, Valentin tinha um ponto de vista e um método muito próprios.

Nestes casos, contava com o imprevisto. Nestes casos, em que não tinha a possibilidade de seguir a via da razoabilidade, optava, fria e

cuidadosamente, pela via da falta de razoabilidade. Em vez de se dirigir aos locais adequados – bancos, esquadras da polícia, locais de encontro –, percorria de forma sistemática os locais inadequados: batia à porta de casas desertas, revistava becos sem saída, percorria ruas cobertas de lixo, contornava todas as esquinas que inutilmente o desviavam do caminho. E defendia este absurdo curso de investigação com a mais segura das lógicas, dizendo que, quando a pessoa tinha alguma pista, este método era o pior de todos; mas, se a pessoa não tinha pista nenhuma, era o melhor, porque havia a hipótese remota de alguma coisa estranha que chamasse a atenção do perseguidor ser a mesma coisa que tinha chamado a atenção do perseguido. Um homem tinha de começar por algum lado, e era preferível que começasse por onde outro homem tinha acabado. Houve qualquer coisa naquela discreta escada que ia dar ao estabelecimento, houve qualquer coisa na quietude e na bizarria do restaurante, que trouxe à superfície a rara fantasia romântica do detective, e o levou a decidir atacar ao acaso. Valentin subiu as escadas e, sentando se a uma mesa ao pé da janela, pediu um café.

A manhã já ia a meio e ele ainda não tinha tomado o pequeno almoço; na mesa onde se sentou encontravam se ainda os restos de outros pequenos almoços, recordando lhe a fome que tinha, de maneira que, acrescentando um ovo escalfado à encomenda, o detective procedeu meditativamente a juntar açúcar ao café, sempre a pensar em Flambeau. Lembrou se de que Flambeau tinha escapado, uma vez pela ponta de uma unha, de outra vez de uma casa em chamas; uma vez por ter de pagar por uma carta sem selo, de outra vez conseguindo que as pessoas se pusessem a observar ao telescópio um cometa que podia destruir o mundo. O detective estava convencido de que tinha um cérebro tão competente como o do criminoso, e tinha razão. Mas não lhe escapava a posição de desvantagem em que se encontrava. «O criminoso é o artista criador; o detective é um simples crítico», comentou com um sorriso amargo; levou o café lentamente aos lábios e voltou a poisá lo a grande velocidade. Tinha lhe deitado sal.

Olhou para o recipiente de onde tinha saído o pó cor de prata; era indubitavelmente um açucareiro, tão seguramente destinado ao açúcar como uma rolha de champanhe se destinava a uma garrafa do dito. Perguntou a si próprio por que motivo serviriam sal no açucareiro. Olhou em volta, à procura de recipientes mais ortodoxos; sim: havia dois saleiros cheios. Talvez o conteúdo dos saleiros tivesse alguma coisa de especial. Provou o; era açúcar. Em seguida, olhou em torno do restaurante com renovado interesse, para ver se encontrava mais algum vestígio do singular gosto artístico que serve o sal nos açucareiros e o açúcar nos saleiros. Porém, à excepção de um ou outro

salpico de um fluido escuro no branco do papel das paredes, o restaurante pareceu lhe limpo, alegre e vulgar. Tocou a campainha, chamando pelo criado.

O referido empregado acorreu, despenteado e algo remelento devido à hora, e o detective (que sabia apreciar as formas mais simples de bom humor) pediu lhe que provasse o açúcar para ver se condizia com a elevada reputação do hotel. A reacção do criado consistiu em bocejar subitamente e acordar.

– Costumam pregar tão delicada partida aos vossos clientes todas as manhãs? – perguntou Valentin. – A brincadeira da troca do sal e do açúcar nunca vos cansa?

Quando compreendeu a ironia da pergunta, o criado garantiu lhe, a gaguejar, que o estabelecimento não tinha a menor intenção de fazer tal coisa; que devia ter sido um engano, um curiosíssimo engano. Pegou no açucareiro e olhou para ele; depois pegou no saleiro e olhou para ele, com uma expressão cada vez mais intrigada. Por fim, pediu abruptamente licença, voltando segundos mais tarde, na companhia do proprietário. O proprietário também examinou o açucareiro e o saleiro; e também o proprietário se mostrou intrigado.

De repente, o criado começou a balbuciar, e as palavras saíam lhe mal articuladas:

– Zenho a impresão – gaguejou com ar ansioso – zenho a impresão de que são aqueles dois clérigos.

– Quais clérigos?

– Os dois clérigos que atiraram a sopa à parede – respondeu o criado.

– Deitaram a sopa à parede? – repetiu Valentin, com a certeza de estar perante uma singular metáfora italiana.

– Sim, sim – respondeu o rapaz, muito excitado, apontando para a mancha escura que se formara na brancura do papel. – Lançaram na à parede ali assim.

Valentin olhou para o proprietário com ar interrogador, e este acorreu em seu auxílio com uma descrição mais precisa dos acontecimentos.

– É verdade – declarou –, foi isso mesmo que aconteceu, embora me pareça que não tem nada que ver com o açúcar e o sal. Hoje de manhã, muito cedo, assim que abrimos as gelosias, entraram aqui dois clérigos e beberam um caldo. Eram ambos pessoas discretas e respeitáveis; um deles pagou a conta e foi se embora; o outro, que parecia um pouco mais lento, deixou se ficar mais uns minutos a juntar os seus pertences. Mas lá acabou por se ir embora. Só que, imediatamente antes de sair, pegou na taça, que tinha ficado a

metade, e atirou o caldo contra a parede. Eu estava na sala das traseiras, e o criado também, de maneira que já só consegui chegar a tempo de ver a parede suja e o estabelecimento vazio. Não se tratou de um dano por aí além, mas foi um atrevimento impressionante; saí para a rua, para tentar apanhá los, mas eles já iam longe. Só percebi que tinham dobrado a esquina ao pé da Carstairs Street.

O detective já estava de pé, de chapéu na cabeça e bengala na mão, tendo decidido que, na escuridão universal que tinha no espírito, apenas lhe restava seguir na direcção apontada pelo primeiro dedo invulgar com que deparara; e este dedo era deveras invulgar. Pagando a conta e deixando bater a porta ao sair, em breve dobrava a esquina da rua referida.

Felizmente, mesmo nos momentos mais febris, não deixava de ser um observador rápido e atento. Houve naquela montra qualquer coisa que passou por ele num repente, mas Valentin voltou atrás para ver. Tratava se de uma simples mercearia e frutaria, com uma série de produtos em exposição no exterior, todos eles com etiquetas com o nome e o preço. Em dois dos compartimentos mais proeminentes, uma pilha de laranjas e outra de nozes. Em cima da pilha de nozes, um pedaço de cartão, sobre o qual estava escrito a giz azul, em grandes letras: «Excelentes laranjas, duas por um *penny*»; em cima da pilha de laranjas, uma descrição igualmente clara e precisa: «Óptimas nozes do Brasil, 4 dinheiros por libra.» O Sr. Valentin olhou para estas duas etiquetas e teve a sensação de já ter deparado com esta subtilíssima forma de humor, e de ter deparado com ela há não muito tempo. Chamou a atenção do merceeiro para aquela imprecisão. O merceeiro, que olhava para um e outro lado da rua com ar irritado, não respondeu, limitando se a corrigir a localização dos cartões com gestos bruscos. Apoiando se com elegância na bengala, o detective continuou a analisar atentamente a loja, e por fim observou:

– Queira desculpar me a minha aparente irrelevância, caro senhor, mas gostaria de lhe fazer uma pergunta do domínio da psicologia experimental e da associação de ideias.

O homem, intensamente corado, olhou para ele com uma expressão ameaçadora, mas o detective prosseguiu, agitando jovialmente a bengala:

– Por que razão encontramos duas etiquetas trocadas numa mercearia, qual chapéu clerical que veio a Londres dar uma volta? Isto é, e caso não esteja a explicar me adequadamente, que associação mística liga a ideia das nozes com o preço das laranjas à ideia de dois clérigos, um alto e outro baixo?

Os olhos do comerciante espetaram se lhe da cabeça como os olhos de um caracol; por momentos, deu a impressão de querer atirar se ao

desconhecido. Por fim, gaguejou com ar irado:

– Não sei o qu'é que você tem a ver com o assunto, mas s'é amigo deles pode dizer l'es da minha parte que, clérigos ou sem ser, da próxima vez que me venham brincar c'as maçãs, l'es dou cabo do canastro.

– A sério? – perguntou o detective com simpatia. – Estiveram a brincar com as maçãs?

– Um deles – replicou o merceeiro, que continuava irritado. – Pô las a rolar p'la rua. Se não tivesse qu'as apanhar, tinha o agarrado, ao palerma.

– E para onde seguiram esses clérigos? – perguntou Valentin.

– Viraram naquela segunda rua acolá à esquerda e depois atravessaram a praça – respondeu o outro imediatamente.

– Obrigado – retorquiu Valentin, e desapareceu como se fosse uma fada. Do outro lado da referida praça, encontrou um polícia. – Isto é urgente, senhor guarda, viu passar dois clérigos de chapéu? – perguntou.

O polícia começou a rir se à gargalhada.

– Vi, si' s'nhor. E se quer saber, um deles ia bêbado. Parou no meio da rua tão especado…

– Para onde é que eles foram? – largou Valentin.

– Apanharam um autocarro ali adiante – respondeu o polícia –, desses qu' vão p'ra Hampstead.

Valentin mostrou lhe o cartão de investigador e ordenou lhe muito depressa:

– Chame dois colegas seus e venham comigo.

E atravessou a rua com energia de tal maneira contagiante, que o ponderoso guarda o seguiu com obediência quase tão ágil como ele. Minuto e meio depois, o detective francês tinha a seu lado, no passeio oposto, um inspector e um homem à paisana.

– Muito bem, cavalheiro – começou o primeiro com um sorriso de auto importância –, quer fazer o favor de me…?

Valentin apontou subitamente com a bengala.

– Conto lhe tudo no primeiro andar daquele autocarro – respondeu, e lançou se para o meio do trânsito, encolhendo se e avançando à medida das necessidades.

Estavam os três a ofegar, já sentados no primeiro andar do referido autocarro, quando o inspector observou:

– Chegávamos quatro vezes mais depressa se apanhássemos um táxi.

– É bem verdade – respondeu placidamente o detective francês. – Mas para isso precisava eu de saber para onde vamos.

– E para onde é que nós vamos? – perguntou o outro, olhando o fixamente.

Valentin fumou uns segundos de sobrolho franzido, após o que deitou fora o cigarro e disse:

– Quando a pessoa sabe o que está um homem a fazer, põe se na frente dele; mas quando quer adivinhar o que anda ele a fazer, segue o. Vagueia quando ele vagueia; pára quando ele pára; circula com o mesmo vagar que ele. Assim sendo, consegue ver o que ele viu e pode agir como ele agiu. O máximo que nós podemos fazer é estar de olhos abertos a coisas bizarras.

– Que género de coisas bizarras? – perguntou o inspector.

– Qualquer género de coisas bizarras – respondeu Valentin, voltando a afundar se num silêncio obstinado.

O autocarro foi se arrastando pelas ruas do norte da cidade durante um tempo que pareceu interminável; o grande detective recusou se a dar mais explicações, e é possível que os companheiros sentissem uma silenciosa e crescente dúvida relativamente a esta missão. Como também é possível que sentissem uma silenciosa e crescente fome, porque há muito que tinha passado a sua habitual hora do almoço e as compridas ruas dos subúrbios do norte de Londres pareciam estender se uma após outra, qual telescópio infernal. Era uma daquelas jornadas em que um homem tem a cada momento a sensação de ter finalmente chegado ao extremo do universo, e quando dá por si encontra se no princípio de Tufnell Park. Londres desvanecia-se por entre tabernas sujas e arbustos quase secos, para renascer de forma surpreendente em avenidas luminosas e espalhafatosos hotéis. Era o mesmo que percorrer treze cidades diferentes, cada uma das quais se encontrava no limite da seguinte. Mas, embora o crepúsculo invernal começasse a ameaçar a paisagem urbana, o detective parisiense continuava sentado num silêncio vigilante, observando os passeios das ruas que desfilavam diante deles. Quando passaram por Camden Town, os polícias iam quase a dormir; pelo menos deram um pequeno salto quando Valentin se endireitou, poisou a mão no ombro de cada um deles e gritou ao condutor que parasse.

Desceram atabalhoadamente os degraus do autocarro sem terem compreendido por que motivo se tinham mexido e, quando olharam em volta, à espera de serem esclarecidos, viram Valentin apontando com uma expressão de triunfo para uma janela situada do lado esquerdo da rua. Tratava se de uma montra de grandes dimensões, que fazia parte da comprida fachada de um estabelecimento de dourados palacianos, na zona reservada às refeições dos clientes respeitáveis e designada por «Restaurante». À semelhança das restantes janelas que se alinhavam na frontaria do hotel, também esta

era de vidro fosco e decorado; mas tinha ao centro um enorme buraco negro, resultante de uma pancada, qual estrela no gelo.

– Aqui temos finalmente a nossa pista – proclamou Valentin, agitando a bengala. – O edifício com uma janela partida.

– Qual janela? Que pista? – perguntou lhe o colaborador principal. – Mas como é que prova que isto tem alguma coisa a ver com eles?

Valentin por pouco não partiu a bengala de bambu com a irritação.

– Como é que provo? – berrou. – Valha me Deus! O homem quer uma prova! Pois bem, é evidente que as hipóteses de isto não ter nada a ver com eles são de vinte para um. Mas acontece que não temos alternativas! O senhor não compreende que, ou seguimos uma possibilidade totalmente excêntrica, ou então voltamos para casa? – E avançou em direcção ao restaurante, seguido pelos companheiros, e pouco depois estavam sentados a uma mesinha para almoçar – já fora de horas, é certo – observando a estrela de vidro quebrado a partir de dentro. Que, mesmo desta perspectiva, não lhes foi de grande informação.

– Estou a ver que lhes partiram a janela – comentou Valentin ao criado, quando pagou a conta.

– Pois foi – respondeu o homem, debruçado a contar o troco, ao qual Valentin juntara uma mui generosa gorjeta. O criado endireitou se com discreta mas inconfundível animação. – Ah, pois foi – comentou. – Foi uma coisa muito estranha, cavalheiro.

– Ai sim? Então conte nos o que se passou – pediu o detective com descontraída curiosidade.

– Entraram no restaurante dois cavalheiros vestidos de preto – narrou o criado –, dois desses clérigos estrangeiros que andam por aí. Encomendaram uma refeição barata, que comeram em silêncio, um deles pagou e saiu. O outro preparava se para ir ter com ele, quando eu olhei para o troco e percebi que ele me tinha pagado o triplo do valor da conta. «Oiça», disse ao sujeito, que já ia à porta, «deixou dinheiro a mais.» «Ai sim?», perguntou ele com ar descontraído. «Pois foi», disse eu, e peguei na conta para lhe mostrar. E fiquei espantado a olhar.

– O que é que se passou? – quis saber o interlocutor.

– Eu teria jurado sobre sete bíblias que tinha escrito 4 xelins na conta. Mas nessa altura vi que tinha posto 14 xelins, preto no branco.

– E depois? – insistiu Valentin, avançando lentamente mas com os olhos em lume.

– O clérigo que ia à porta respondeu me com grande serenidade: «Lamento imenso baralhar lhe as contas, mas quero pagar a janela.» «Qual janela?», perguntei eu. «A janela que vou partir», respondeu ele,

e partiu o bendito vidro com o guarda chuva.

Os três polícias soltaram uma exclamação em coro, e o inspector perguntou num murmúrio:

– Andamos atrás de dois loucos que fugiram do manicómio?

O criado prosseguiu, algo deliciado com narrativa tão absurda:

– Fiquei tão espantado, que, por momentos, não consegui fazer nada. O homem saiu do restaurante e juntou se ao amigo, que tinha dobrado a esquina. Viraram tão depressa para a Rua Bullock, que já não consegui apanhá los, embora tenha dado uma corrida.

– Rua Bullock – declarou o detective, correndo para a referida artéria com a mesma rapidez com que o tinha feito o par de homens de quem vinha atrás.

Prosseguiram a jornada por vias de tijolo que se assemelhavam a túneis, por ruas com pouca luz e ainda menos janelas, ruas que pareciam constituir as traseiras de tudo. O crepúsculo acentuava se e, por esta altura, nem os dois polícias de Londres conseguiam adivinhar aonde se dirigiam eles exactamente; já o inspector tinha quase a certeza de que acabariam por ir dar a uma zona de Hampstead Heath. De repente, uma janela inchou com a luz de uma lamparina a gás, interrompendo o azul do crepúsculo, e Valentin deteve se por instantes diante de uma aparatosa loja de confeitos. Hesitou um instante e depois entrou; olhou com total seriedade para as cores vistosas da mercadoria e, com certo cuidado, adquiriu treze charutos de chocolate. Estava manifestamente a preparar terreno; mas nem tinha sido preciso.

A jovem de feições angulosas que estava ao balcão observou lhe a aparência elegante com curiosidade meramente automática; quando porém viu que a porta estava bloqueada pelo uniforme azul do inspector, foi como se os olhos se lhe tivessem acordado.

– Oh – disse –, se vem buscar o embrulho, já o fui pôr no correio.

– O embrulho? – repetiu Valentin, e foi a vez de ele olhar para ela com curiosidade.

– Refiro me ao embrulho que aquele senhor cá deixou, o clérigo.

– Valha me Deus! – exclamou Valentin, inclinando se para diante, e era a primeira vez que se mostrava efectivamente ansioso. – Por amor de Deus, conte nos o que foi que se passou.

– Bem – disse a jovem, com uma ponta de hesitação –, os clérigos entraram aí há cerca de meia hora, compraram umas pastilhas de mentol, conversaram um bocado, e depois foram se embora na direcção de Heath. Mas logo a seguir um deles voltou a entrar e perguntou me: «Não deixei aqui um embrulho?» Procurei por toda a parte, mas não vi nada. Então ele disse: «Deixe lá; mas, se o embrulho

aparecer, mande o para esta morada», e deixou me uma morada e um xelim pelo incómodo. E, naturalmente, eu que pensava que tinha procurado bem, acabei por descobrir que ele tinha mesmo deixado um embrulho de papel pardo, de maneira que fui metê lo no correio, com a morada que ele me tinha dado. Já não me lembro da morada; era em Westminster. Mas, como me pareceu coisa importante, pensei que talvez a polícia tivesse vindo por causa dele.

– E vieram mesmo – confirmou Valentin, sem mais comentários. – Hampstead Heath fica aqui perto?

– Sempre em frente, são quinze minutos – respondeu ela. – Ali adiante têm um descampado.

Valentin saiu da loja que nem um foguete e desatou a correr, com os outros detectives atrás, em trote relutante.

Iam por uma rua tão estreita e tão coberta de sombras, que quando chegaram inesperadamente ao descampado, coberto pela vastidão do céu, ficaram espantados ao ver que ainda havia imensa luz. Uma cúpula perfeita de verde-pavão afundava se em dourado por entre os contornos negros das árvores e os longínquos roxos carregados. O luzidio verde era suficientemente intenso para permitir que nele se recortassem os pontos de cristal de um par de estrelas. O que restava da luz do dia estava concentrado numa coroa dourada que contornava Hampstead e o tão apreciado centro que dá pelo nome de Vale de Heath. Os ociosos que povoam esta região ainda não tinham dispersado por completo; viam se uns quantos casais sentados nos bancos, as silhuetas dissolvidas; e ainda se ouviam ao longe, em vários pontos, guinchos de crianças a andar de baloiço. A glória do céu acentuava se e escurecia em torno da sublime vulgaridade do homem; detendo se no alto da encosta e olhando para o outro lado do vale, Valentin avistou aquilo de que andava à procura.

Entre os grupos de negro que se avistavam ao longe, e cujos membros seguiam caminhos diversos, encontrava se um grupo especialmente negro, cujos membros se não separavam – um grupo de duas figuras vestidas de clérigos. Pareciam pequenos como insectos, mas Valentin conseguiu perceber que um deles era muito mais baixo do que o outro. E, embora o outro caminhasse curvado para diante e não desse nas vistas, o detective percebeu que tinha mais de um metro e oitenta de altura. Cerrando os dentes, Valentin seguiu em frente, agitando a bengala com gestos de impaciência. A certa altura, tendo reduzido substancialmente a distância e feito aumentar as dimensões das duas figuras de negro num enorme microscópio, apercebeu se de outra coisa; de uma coisa que, de certa maneira, o espantou mas do que estava à espera. Fosse quem fosse o sacerdote mais alto, não podia haver qualquer dúvida sobre a identidade do mais baixo: era o

homenzito atarracado que ele tinha conhecido no comboio de Harwich, o *curé* do Essex a quem ele tinha dado conselhos sobre os embrulhos de papel pardo.

Por esta altura, as coisas pareciam finalmente começar a encaixar se de forma racional umas nas outras. Pelas perguntas que tinha feito de manhã, Valentin ficara a saber que um certo padre Brown, do Essex, transportava uma cruz de prata com safiras, uma relíquia de considerável valor, que pretendia mostrar aos sacerdotes estrangeiros que tinham acorrido ao congresso. Tratava se indubitavelmente do objecto de prata «com pedras azuis», e o padre Brown era indubitavelmente o simplório que com ele tinha coincidido no comboio. Ora, não era nada extraordinário que Flambeau tivesse descoberto o mesmo que Valentin tinha descoberto; não havia nada que Flambeau não descobrisse. Como também não era nada extraordinário que, ao ter ouvido falar de uma cruz de safiras, Flambeau tentasse apoderar se dela; era a coisa mais natural da história natural. E ainda menos extraordinário era o facto de Flambeau ter feito todo este percurso na companhia do tolo do homem do guarda chuva e dos pacotes de papel pardo, pois este era o género de homem que se podia levar à trela até ao pólo norte; não era pois de espantar que um actor como Flambeau, também vestido de padre, tivesse conseguido conduzi-lo a Hampstead Heath. Até agora, o crime parecia perfeitamente óbvio; e, embora o detective sentisse compaixão do padre pela incapacidade de que este dera mostras, quase desprezava Flambeau por ter condescendido em atacar vítima tão crédula. E porém, ao meditar em tudo o que tinha acontecido pelo caminho, em tudo aquilo que o tinha conduzido àquele triunfo, desfazia os miolos para tentar compreender os acontecimentos. Qual seria a relação entre o roubo de uma cruz de prata e safiras a um padre do Essex e atirar sopa contra uma parede? Ou trocar as etiquetas às laranjas e às nozes, ou pagar uma janela que a seguir se vai partir? Valentin tinha chegado ao termo da caçada; mas parecia lhe ter perdido os passos intermédios. Em geral, quando as coisas não corriam de feição (o que era raro), conseguia perceber a pista, embora não conseguisse prender o criminoso; neste caso, tinha conseguido apanhar o criminoso, mas não conseguia perceber a pista.

As duas figuras que os três polícias vinham a perseguir rastejavam, quais moscas pretas, pelo gigantesco contorno verde da colina. Estavam evidentemente mergulhadas em conversa e é natural que não tivessem percebido onde se dirigiam – mas dirigiam se sem dúvida nenhuma para as elevações do Heath, mais silenciosas e despovoadas. Os perseguidores foram conquistando terreno e, a certa altura, começaram a ter de recorrer às pouco dignas atitudes do caçador de gazelas, que se agacha por trás de um pequeno maciço de árvores e

rasteja prostrado sobre a erva. Por via destas embaraçosas habilidades, os perseguidores conseguiram aproximar se o suficiente para chegarem a ouvir o murmúrio da discussão, sem contudo conseguirem discernir lhe o conteúdo, à excepção da palavra «razão», que recorria com frequência em tom agudo e quase infantil. A certa altura, por sobre um abrupto declive e por trás de um espesso maciço de arbustos, os detectives perderam de vista as duas personagens. Perderam lhes o trilho durante dez minutos, que foram para eles de agonia, até voltarem a encontrá lo por detrás de uma enorme cúpula que dava para um anfiteatro de abundante e desolada paisagem, iluminada pelo pôr do sol. E era neste impressionante local, quase abandonado, que se encontrava um banco de madeira praticamente desfeito, no qual estavam sentados os dois sacerdotes, ainda mergulhados em sério debate. O deslumbrante verde e dourado continuava a ornamentar o horizonte, cada vez menos luminoso; mas a cúpula passava lentamente de um verde-pavão a um azul-pavão, e as estrelas iam se tornando cada vez mais visíveis, cada vez mais parecidas com jóias. Fazendo sinal aos companheiros, mas sem proferir palavra, Valentin conseguiu ocultar se por trás de uma grande árvore, onde se sentou em silêncio absoluto a ouvir – pela primeira vez – as palavras do estranho sacerdote.

Tendo as ouvido durante cerca de minuto e meio, foi assaltado por uma dúvida satânica. E se ele tivesse arrastado os dois polícias ingleses para aqueles descampados e matagais nocturnos numa perseguição tão absurda como uma caça aos gambozinos? É que os dois sacerdotes falavam exactamente como sacerdotes, discorrendo piedosamente, com ciência e vagar, acerca dos enigmas mais elevados da teologia. O pequeno padre do Essex expressava se com maior simplicidade, a face redonda voltada para as estrelas, que eram agora cada vez mais visíveis; o outro falava de cabeça baixa, como se nem sequer fosse digno de olhar para elas. Mas não teria sido possível ouvir conversa mais inocentemente clerical num claustro italiano de pedra branca ou numa escura catedral espanhola.

A primeira coisa que lhe chegou aos ouvidos foi o remate de uma frase do padre Brown, que terminava da seguinte maneira:

– …o que os medievais queriam significar com a incorruptibilidade dos céus.

O sacerdote mais alto acenou com a cabeça e respondeu:

– Ah, pois, os modernos infiéis apelam à razão. Mas como é possível olhar para estes milhões de mundos sem ter a sensação de que pode muito bem haver lá no alto milhões de universos maravilhosos, onde a razão é totalmente irrazoável?

– Não – respondia o outro padre –, a razão é sempre razoável, nem

que seja no último limbo, na fronteira perdida das coisas. Eu sei que as pessoas acusam a Igreja de rebaixar a razão, mas o que se passa é exactamente o contrário. A Igreja é a única entidade do mundo que eleva a razão ao mais alto nível. A Igreja é a única entidade do mundo que afirma que o próprio Deus Se submete à razão.

O outro padre levantou o rosto austero para o céu pejado de lantejoulas e disse:

– E contudo, quem sabe se num universo infinito…?

– Só é infinito fisicamente – replicou o outro padre, voltando se energicamente para ele. – Não é infinito no sentido de escapar às leis da verdade.

Escondido atrás da árvore, Valentin roía as unhas com fúria silenciosa. Quase lhe parecia ouvir as gargalhadas dos detectives ingleses que trouxera de tão longe atrás de uma pista fantasiosa, para ouvirem os sussurros metafísicos de dois párocos já de certa idade. Roído de impaciência, perdeu a resposta igualmente elaborada do clérigo mais alto e, quando voltou a prestar atenção, era novamente o padre Brown que estava a falar.

– A mais longínqua, a mais solitária estrela é, também ela, governada pela razão e pela justiça. Olhe para as estrelas. Não lhe parecem diamantes e safiras? Pois bem, imagine a botânica e a geologia que mais lhe agradar. Pense em florestas de diamantes com folhas de brilhantes. Imagine que a lua é azul, que é uma safira elefantina. Mas não lhe passe pela cabeça que astronomia tão disparatada altere, minimamente que seja, a razão e a justiça do comportamento. Em planícies de opalas, sob penhascos de pérolas, continuará a vigorar o mandamento «Não roubarás».

Valentin preparava se para abandonar a rígida posição de cócoras em que se encontrava, para se levantar e se ir embora o mais discretamente que pudesse, abatido pelo maior disparate da sua vida, quando o silêncio do sacerdote mais alto o obrigou a deter os movimentos enquanto este não respondesse. Quando finalmente abriu a boca, o padre limitou se a dizer, de cabeça baixa e mãos apoiadas nos joelhos:

– Pois a mim parece me que talvez os outros mundos se elevem acima da nossa razão. O mistério dos céus é insondável, e eu posso apenas inclinar a cabeça.

Em seguida, sempre de cabeça baixa e sem alterar minimamente a atitude ou o tom de voz, prosseguiu:

– Passa para cá a cruz de safiras. Estamos os dois aqui sozinhos, e eu sou capaz de desfazer-te em bocados como se fosses uma boneca de trapos.

O facto de nem a voz nem a atitude do homem se terem alterado

um milímetro que fosse acrescentou uma estranha violência àquela chocante mudança no rumo da conversa. E, contudo, o guardião da relíquia apenas virou muito ligeiramente a cabeça. Parecia continuar a olhar as estrelas com a sua expressão algo patega. Talvez não tivesse percebido; ou talvez tivesse percebido e estivesse imobilizado de terror.

– Sim – continuou o padre mais alto no mesmo tom de voz e mantendo a mesma posição. – Sim, eu sou Flambeau.

E, após uma pausa, insistiu:

– Vá, passa para cá a cruz.

– Não – respondeu o outro, e o monossílabo tinha uma estranha entoação.

De repente, Flambeau abandonou por completo a pretensão pontifical. Levantando a cabeça e encostando se para trás, soltou uma gargalhada, que não foi sonora mas longa.

– Não – exclamou –, recusas te a dar me a cruz, orgulhoso prelado. Recusas te a dar ma, meu palermita celibatário. Queres que eu te diga porquê? Porque sou eu que a tenho, aqui no bolso de dentro.

O homenzinho do Essex voltou para ele um rosto que, à luz do crepúsculo, parecia espantado, e perguntou com tímida ansiedade:

– Tem… Tem a certeza?

Flambeau rugiu de satisfação.

– Tu és fantástico! Uma farsa em três actos! – replicou. – Sim, meu nabo, tenho a certeza absoluta. Tive o bom senso de mandar fazer uma cópia do embrulho e nesta altura, meu amigo, tu tens nas tuas mãos a cópia e eu tenho a jóia. Um velho estratagema, padre Brown, um estratagema muito antigo.

– Pois é – retorquiu o padre Brown, passando a mão pelo cabelo com a mesma expressão estranhamente vaga. – Pois é, já ouvi falar dele.

O colosso do crime debruçou se sobre o rústico padrezito com uma espécie de súbito interesse.

– Ouviste falar dele? – perguntou. – Onde é que ouviste falar dele?

– Bem, não lhe posso dizer o nome da pessoa, evidentemente – retorquiu o homenzinho com toda a simplicidade. – Trata se de um penitente, compreende? Um homem que tinha vivido prosperamente durante vinte anos, tendo como única actividade produzir cópias de embrulhos de papel pardo. De maneira que, quando comecei a suspeitar de si, recordei me imediatamente da vida que este pobre homem tinha levado.

– Quando começaste a suspeitar de mim? – repetiu o fora da lei com intensidade crescente. – Mas tu tiveste realmente o despacho de

suspeitar de mim só pelo facto de eu te ter trazido para esta zona erma?

– Não, não – respondeu o padre Brown, como quem pede desculpa. – Suspeitei de si logo que nos conhecemos. Foi por causa dessa saliência aí na manga, onde vocês usam a pulseira.

– Mas em nome do Tártaro – berrou Flambeau –, queres dizer me como foi que ouviste falar da pulseira?

– Oh, um padre tem o seu rebanho, como sabe – retorquiu o Padre Brown, arqueando ao de leve as sobrancelhas. – Quando fui pároco de Hartlepool, havia três homens que usavam pulseira. De maneira que desconfiei de si desde o princípio, compreende? Por isso, tratei de pôr a cruz em lugar seguro. Tenho de lhe confessar que andei a vigiá lo, sabe? E, por fim, vi o trocar os embrulhos. A seguir, compreende, voltei a trocá los. E depois deixei para trás o embrulho da cruz.

– Deixaste o para trás? – repetiu Flambeau, e, pela primeira vez, ouviu se na voz dele uma entoação que não era de triunfo.

– Bem, foi assim – explicou o padrezito, exprimindo se no mesmo tom sincero. – Voltei atrás quando saímos da loja de guloseimas e perguntei à rapariga se tinha lá deixado um embrulho e, caso ele aparecesse, pedi lhe que mo enviasse para determinado endereço. Pois bem, eu sabia que não tinha lá deixado embrulho nenhum, mas, quando voltei atrás, deixei mesmo. Assim, em vez de andar a correr dum lado para o outro com aquele objecto de valor atrás de mim, arranjei maneira de ele ser enviado pelo correio para um amigo meu que mora em Westminster. Também aprendi este truque com um pobrezito de Hartlepool – acrescentou com uma voz algo entristecida. – Era o que ele fazia às malas de senhora que roubava nas estações de comboios. Mas agora é monge. Sabe uma coisa? A pessoa vai aprendendo – concluiu, massajando a cabeça de novo como quem pede desesperadamente perdão. – Sendo padres, não podemos impedir as pessoas de nos contarem estas coisas.

Flambeau tirou do bolso um embrulho de papel pardo e desfê lo em bocados; lá dentro, apenas encontrou papel e uns pauzitos de chumbo. Levantando se com um gesto gigantesco, bradou:

– Não acredito em ti. Não acredito que um saloio como tu conseguisse fazer isso tudo. Tenho cá a impressão de que ainda tens o material contigo, e se não mo passas para cá…! Pois bem, estamos aqui sozinhos os dois e eu tiro to à força!

– Não – replicou o padre Brown com simplicidade, e também se levantou –, não mo tira nada à força. Primeiro, porque é verdade que eu não o tenho. E segundo, porque não estamos sozinhos.

Flambeau ia a avançar para ele, mas deteve se.

– Atrás daquela árvore – declarou o padre Brown, apontando – estão

dois possantes polícias e o maior detective do mundo. E como foi que eles vieram aqui parar, poderá o senhor perguntar. Fui eu que os atraí, evidentemente! E como foi que os atraí? Bem, posso dizer lhe, se estiver interessado! Deus nos valha, quando trabalha no meio de criminosos, uma pessoa tem de saber vinte coisas destas! Para começar, eu não tinha a certeza de que o senhor fosse um criminoso, de maneira que não me parecia nada bem armar um escândalo contra um membro do clero. De maneira que pu lo à prova, para ver se alguma coisa o levava a revelar se. Em geral, uma pessoa faz uma cena quando o café lhe sabe a sal; se isso não acontece, é porque tem razões para nada dizer. De maneira que troquei o sal pelo açúcar e o senhor não disse nada. Em geral, um homem não gosta que lhe apresentem uma conta que é o triplo do que consumiu; se a paga, é porque tem razões para querer passar despercebido. Alterei lhe a conta e o senhor pagou a.

O mundo parecia estar na expectativa de que Flambeau saltasse que nem um tigre. Mas ele mantinha se quieto, como se estivesse sujeito a um feitiço; fora imobilizado por uma curiosidade incontrolável.

– Bem – prosseguiu o padre Brown com imbatível lucidez –, como o senhor não deixava pistas para a polícia, alguém tinha de as deixar. Em todos os sítios por onde passámos, tive o cuidado de fazer qualquer coisa que nos tornasse objecto de falatório durante todo o dia. Não fiz grandes estragos: sujei uma parede, fiz rolar umas maçãs, parti uma janela; mas preservei a cruz, a cruz que será sempre preservada, e que por esta altura já terá chegado a Westminster. Não cheguei a perceber porque foi que não parou o processo com o Assobio do Burro.

– Com quê? – perguntou Flambeau.

– Ainda bem que nunca ouviu falar dele – respondeu o sacerdote, fazendo uma careta. – É uma coisa horrível. Tenho a certeza de que o senhor é bom de mais para se pôr com assobios. Por mim, teria tido muita dificuldade em me opor a ele, nem que fosse com o Pintas; não tenho suficiente força de pernas.

– Mas de que raio estás tu a falar? – perguntou o outro.

– Pois, também me pareceu que não devia conhecer o Pintas – retorquiu o padre Brown. – Estou a ver que ainda não se afastou assim tanto do bom caminho!

– Mas como diabo é que tu conheces tantos horrores? – bradou Flambeau.

Pela cara simples e redonda do clérigo passou a sombra de um sorriso.

– Oh, deve ser porque sou um palerma celibatário. Nunca lhe ocorreu que um homem que não faz praticamente mais nada, a não

ser ouvir narrar os pecados dos homens, terá de conhecer muito razoavelmente a maldade humana? A bem dizer, porém, foi outro aspecto da minha profissão que me deu a certeza de que o senhor não é sacerdote.

– O quê? – perguntou o ladrão, quase de boca aberta.

– O senhor atacou a razão – explicou lhe o padre Brown. – Isso é um erro teológico.

E, no momento em que se voltou para pegar nas suas coisas, os três polícias surgiram de trás das árvores que o crepúsculo quase transformara em sombras. Flambeau era um artista e um desportista. Recuando, fez uma vénia profunda a Valentin.

– Não se curve diante de mim, *mon ami* – declarou Valentin com cristalina clareza. – Curvemo nos ambos diante do nosso mestre.

E tiraram ambos o chapéu uns momentos, enquanto o padrezito do Essex pestanejava, à procura do guarda chuva.

O JARDIM SECRETO

Aristide Valentin, o chefe da polícia de Paris, estava atrasado para o jantar, e alguns dos seus convidados começaram a chegar antes dele. Mas foram recebidos por Ivan, o velho da cicatriz que tinha uma cara quase tão cinzenta como o bigode e que, além de criado, era também confidente; Ivan estava sempre sentado a uma mesinha do vestíbulo, um vestíbulo cujas paredes estavam decoradas com armas. A casa de Valentin era provavelmente tão peculiar e tão famosa como o respectivo proprietário; era uma casa antiga, de muros altos e choupos altaneiros, quase sobre o Sena. Mas o aspecto mais peculiar da sua arquitectura – e talvez aquilo que lhe conferia valor aos olhos de um polícia – era o facto de não ter outra saída que não fosse a porta principal, que era guardada por Ivan e pelas armas. O jardim era extenso e elaborado, e havia muitas saídas da casa para o jardim; mas não havia nenhuma saída do jardim para o mundo exterior. O jardim era cercado por um muro alto, liso, impossível de escalar, com espigões no alto. Era o jardim ideal para o homem a quem uma centena de criminosos tinham jurado tirar a vida.

Ivan ia explicando aos convidados que o anfitrião tinha telefonado a dizer que chegaria dez minutos atrasado. Na realidade, Valentin estava a ultimar pormenores de execuções e outras coisas desagradáveis, tarefas de que, embora lhe fossem profundamente repulsivas profundamente, se desempenhava sempre com precisão. Implacável na perseguição aos criminosos, era extremamente suave no que aos castigos dizia respeito. E, sendo o homem que empregava os métodos policiais mais apreciados em França – e, de uma maneira geral, em toda a Europa –, tinha exercido a enorme influência de que gozava na honrosa tarefa da mitigação de penas e da purificação das prisões. Era um dos grandes livres pensadores humanitaristas franceses, uma classe de homens cujo único defeito consistia em tornarem a misericórdia ainda mais fria do que a justiça.

Valentin chegou finalmente a casa, vestido de preto dos pés à cabeça, com uma roseta encarnada à lapela; era uma figura elegante, em cuja barba escura se detectava já um ou outro pêlo branco. Atravessou a casa em direcção ao escritório, que dava para o jardim; a porta do jardim estava aberta e, depois de ter fechado cuidadosamente no cofre a caixa que trazia consigo, Valentin deixou se estar uns momentos a olhar para o exterior. Uma lua de contornos precisos travava combate com os farrapos volantes das nuvens de uma tempestade, e o detective olhou para ela com melancolia pouco

habitual em naturezas científicas como a dele; é possível que tais naturezas científicas tenham uma espécie de previsão do problema mais terrível da sua vida. Mas recuperou rapidamente, pelo menos de tal estado de espírito, porque sabia que estava atrasado e que os convidados já tinham começado a chegar. Entrando na sala de estar, percorreu a rapidamente com o olhar, apercebendo se de que pelo menos o convidado de honra ainda ali se não encontrava. Mas detectou os restantes pilares da pequena reunião. Viu Lord Galloway, o embaixador inglês, um velhote colérico, de face avermelhada como uma maçã, que ostentava a fita azul da Ordem da Jarreteira. Viu Lady Galloway, esguia e filiforme, de cabelo grisalho e expressão sensível e superior. Viu a filha de ambos, Lady Margaret Graham, uma jovem pálida e bonitinha, de cabelo cor de cobre e ar travesso. Viu a duquesa do Mont St Michel, uma opulenta mulher de olhos pretos, que vinha acompanhada pelas duas filhas, ambas igualmente opulentas e de olhos pretos. Viu o Dr. Simon, um cientista francês típico, de óculos, barbicha castanha pontiaguda e a testa coberta por aquelas rugas paralelas que são o preço a pagar por quem tem um ar de superioridade, produzidas como são pelo facto de se estar constantemente a levantar as sobrancelhas. Viu o padre Brown, de Cobhole, no Essex, que tinha conhecido recentemente em Inglaterra. Viu ainda – e esta foi talvez a pessoa que, de todas as presentes, mais o interessou – um homem alto, de uniforme, que tinha feito uma inclinação de cabeça aos Galloways sem deles receber uma resposta especialmente calorosa, e que nesta altura avançava isolado para o anfitrião, a fim de o cumprimentar. Tratava se do comandante O'Brien, da Legião Estrangeira, homem esguio mas algo arrogante, de cara lavada, cabelo preto e olhos azuis, com uma expressão a um tempo fogosa e melancólica, como seria de esperar num oficial do famoso regimento de tão vitoriosos fracassos e bem-sucedidos suicídios. O'Brien era, de origem, um cavalheiro irlandês, que na juventude tinha conhecido os Galloways, em especial Margaret Graham; abandonara o seu país afogado em dívidas, e por esta altura demonstrava a sua total libertação da etiqueta britânica pavoneando se de uniforme, sabre e esporas. Cumprimentara a família do embaixador com uma inclinação de cabeça, a que Lord e Lady Galloway corresponderam com um cumprimento rígido, tendo Lady Margaret desviado o olhar.

Mas, fossem quais fossem as razões pretéritas pelas quais estas pessoas se interessavam umas pelas outras, o distinto anfitrião não se interessava especialmente por nenhuma delas. Nenhuma delas era, pelo menos a seus olhos, o convidado da noite. Valentin aguardava, por motivos especiais, a chegada de um homem mundialmente famoso, cuja amizade tinha conquistado no decorrer de algumas das

triunfais viagens que fizera aos Estados Unidos na sua qualidade de detective. Com efeito, Valentin estava à espera de Julius K. Brayne, o multimilionário cujos donativos a pequenas religiões – donativos colossais, esmagadores mesmo – tanta curiosidade e ainda mais solenidade haviam suscitado nos jornais ingleses e americanos. Ninguém conseguia perceber se o Sr. Bayne era ateu, mórmon, ou membro da Igreja da Cientologia; o certo é que estava disposto a injectar dinheiro em qualquer receptáculo intelectual, desde que se tratasse de um receptáculo sem experiência. Um dos seus passatempos era esperar pelo Shakespeare americano, um passatempo que exigia mais paciência do que a pesca à linha. Admirava Walt Whitman, mas achava que Luke P. Tanner, de Paris, Pensilvânia, era, de longe, mais «progressista» que Whitman. E Bayne gostava de tudo o que lhe parecesse «progressista»; achava mesmo que Valentin era «progressista», cometendo assim uma tremenda injustiça contra ele.

A entrada de Julius K. Bayne na sala foi tão decisiva como o toque da sineta para o jantar. Ele tinha esta qualidade impressionante, que poucas pessoas podem gabar se de possuir, de se tornar tão notado pela sua presença como pela sua ausência. Era um homem enorme, alto e gordo, e trajava totalmente de preto, sem uma correia de relógio ou um anel de ouro que fosse, a aliviar o peso da cor. Tinha o cabelo branco e muito bem penteado para trás como um alemão, a face vermelha e feroz, com um toque de querubim, e um tufo escuro debaixo do lábio inferior, que conferia àquele rosto infantil um efeito teatral, mefistofélico mesmo. Mas os convidados não se detiveram muito tempo na simples contemplação do famoso americano, cujo atraso já tinha causado problemas do foro doméstico; Brayne foi pois enviado a toda a pressa para a sala de jantar, pelo braço de Lady Galloway.

De uma maneira geral, os Galloways eram simpáticos e descontraídos, excepto num ponto. Desde que Lady Margaret não tomasse o braço de O'Brien, o aventureiro, o pai dela estaria satisfeito; e Lady Margaret não o tinha feito, optando decorosamente pelo Dr. Simon. Apesar disso, o velho Galloway estava inquieto, e foi quase mal educado. Comportou se diplomaticamente durante o jantar, mas quando, já na fase dos charutos, três dos homens mais jovens ali presentes – Simon, o médico, Brown, o sacerdote, e o nocivo O'Brien, o exilado de uniforme estrangeiro – optaram por ir conversar com as senhoras ou fumar para a estufa, o diplomata inglês mostrou se muito pouco diplomático. A cada sessenta segundos, deixava se picar pela ideia de que o patife do O'Brien podia estar a fazer sinais a Margaret; nem sequer tentava imaginar como. Ficara a tomar café com Brayne, o encanecido ianque que aderia a todas as religiões, e com Valentin, o francês grisalho que não aderia a nenhuma. Bem podiam estes dois

homens discutir um com o outro, que a conversa não lhe interessava; passado algum tempo, a «progressista» logomaquia tinha alcançado um ponto de crise e de tédio e Lord Galloway levantou se e dirigiu se à sala de estar. Perdeu se pelos corredores durante cerca de seis a oito minutos, até começar a ouvir a voz aguda e didáctica do médico, seguida de gargalhada geral. Também aqui – pensou, maldizendo a sorte – estavam muito provavelmente a discutir «ciência e religião». Porém, no momento em que abriu a porta, viu apenas uma coisa: aquilo que ali não estava. Viu que o comandante O'Brien estava ausente, como ausente estava também Lady Margaret.

Saindo com impaciência da sala de estar, como já tinha saído da sala de jantar, voltou a dirigir se precipitadamente para o corredor. A necessidade de proteger a filha do malandro do irlandês argelino ocupava agora um lugar central no seu espírito, e um lugar que confinava com a loucura. Enquanto se dirigia à parte de trás da casa, onde ficava o escritório de Valentin, foi surpreendido pela filha, que passou por ele muito pálida e com uma expressão de desprezo no rosto, o que constituiu para ele um segundo enigma. Se ela tinha estado com O'Brien, onde estava O'Brien? E, se não tinha estado com O'Brien, onde tinha ela estado? Tomado por uma espécie de suspeita senil e apaixonada, abriu caminho às apalpadelas em direcção às zonas mais escuras da mansão, acabando por ir parar a uma entrada de serviço, que dava para o jardim. Por esta altura, a cimitarra da lua tinha esgarçado por completo as nuvens da tempestade e a luz argêntea banhava os quatro cantos do jardim. Uma figura alta, vestida de azul, encaminhava se a passos largos para a porta do escritório; o luar incidiu lhe de passagem no rosto, permitindo identificá lo: era o comandante O'Brien.

O homem passou pela porta envidraçada e desapareceu dentro da casa, deixando Lord Galloway num estado mental indescritível, a um tempo virulento e vago. O jardim azul e prata, qual cenário de teatro, parecia fazer pouco dele com a tirânica ternura com a qual toda a sua autoridade mundana se encontrava em guerra. A extensão e a graciosidade do passo do irlandês irritavam no, como se, em vez de pai, ele fosse um rival; e o luar enlouquecia o. Sentia se preso, como que por magia, num jardim de trovadores, num paraíso de Watteau; e, disposto a varrer tais imbecilidades amorosas por via da palavra, avançou energicamente na peugada do inimigo. Ao fazê lo, tropeçou numa árvore ou numa pedra oculta pela relva; baixou os olhos, primeiro com irritação e depois com curiosidade. No instante seguinte, a lua e os choupos foram testemunhas de um espectáculo invulgar: um diplomata inglês de bastante idade correndo com dificuldade e gritando – ou berrando – enquanto corria.

Os gritos roucos de Galloway atraíram à janela do escritório o rosto

pálido, os óculos radiosos e a testa preocupada do Dr. Simon, que ouviu as primeiras palavras com sentido proferidas pelo nobre cavalheiro. Lord Galloway proclamava:

– Um cadáver na relva, um cadáver manchado de sangue!

Pelo menos, tinha se esquecido por completo de O'Brien.

– Temos de ir imediatamente dizer a Valentin – declarou o médico, depois de o outro lhe ter feito uma descrição intermitente de tudo o que ousara examinar. – E aí vem ele, por felicidade nossa – acrescentou, vendo o grande detective entrar no escritório, atraído pelos gritos. E foi quase divertido observar como se transformou: tinha acorrido com a normal preocupação do anfitrião e do cavalheiro que receia que algum dos seus convidados ou dos seus criados se tenha sentido mal; quando, porém, foi posto ao corrente do sangrento facto, assumiu imediatamente, com toda a sua gravidade, uma atitude enérgica e pragmática. É que, por muito abrupto e terrível que fosse o caso, ele estava no seu elemento.

– É estranho, meus amigos – comentou enquanto se dirigiam apressadamente ao jardim –, que, tendo eu investigado mistérios em todo o mundo, venha agora um deles instalar se no jardim de minha casa. Mas onde está o cadáver?

Atravessaram o relvado com uma certa dificuldade, porque se levantara uma leve neblina do rio; porém, conduzidos por Galloway, que continuava profundamente abalado, alcançaram o corpo, afundado na relva. Tratava se de um homem muito alto e de ombros largos; como o corpo estava voltado para baixo, o máximo que conseguiram perceber foi que os ombros largos se encontravam cobertos de um tecido preto e que a enorme cabeça era calva, à excepção de uma ou duas madeixas de cabelo castanho, presas ao crânio como algas molhadas. De baixo do rosto, corria lhe uma serpente escarlate de sangue.

– Pelo menos – observou Simon com profunda e singular entoação – não se trata de um membro do nosso grupo.

– Examine o, doutor – ordenou Valentin com uma certa rispidez. – Pode ser que não esteja morto.

O médico debruçou se.

– Ainda não está propriamente frio, mas morto está – declarou. – Ajudem me a levantá lo.

Levantaram no cuidadosamente e todas as dúvidas quanto à possibilidade de o homem estar ainda vivo se dissiparam imediatamente, e de forma assustadora. A cabeça caiu. Fora totalmente separada do corpo; a pessoa que lhe tirara a vida tinha ainda conseguido cortar lhe o pescoço. Até Valentin ficou ligeiramente impressionado.

– Devia ter uma força de gorila – murmurou.

Apesar de estar habituado a abortos anatómicos, não foi sem um arrepio que o Dr. Simon pegou na cabeça – que estava ligeiramente golpeada em torno do queixo e do maxilar, embora a cara estivesse substancialmente intacta. Tratava se de uma face amarelada, ponderosa, a um tempo inchada e encovada, o nariz adunco e as pálpebras pesadas; era a face de um homem perverso, de um imperador romano, talvez com um ligeiro toque de imperador chinês. Todos os presentes pareceram olhar para ele com a fria expressão do desconhecimento. Não havia mais nada a dizer acerca do homem, a não ser que, ao levantarem o corpo, viram por baixo o branco vislumbre da frente de uma camisa, manchada pelo vislumbre vermelho do sangue. Como observara o Dr. Simon, o homem não fazia parte do grupo de convidados; mas podia muito bem ter tentado juntar se a ele, porque vinha vestido para o efeito.

Valentin ajoelhou se, examinando a relva e o terreno em volta com a maior atenção profissional, auxiliado, com menos cuidado, pelo médico, e de forma bastante vaga pelo cavalheiro inglês. A investigação em nada resultou, à excepção de uns ramitos de árvore, cortados pequenos, em que Valentin pegou para os examinar, voltando depois a deitá los fora.

– Galhos – observou com gravidade –, galhos e um perfeito desconhecido com a cabeça cortada, é tudo quanto há neste relvado.

Seguiu se um silêncio quase sinistro, após o qual Galloway exclamou com brusquidão nervosa:

– Quem está ali? Quem está ali ao pé do muro do jardim?

Uma figura pequena, de cabeça disparatadamente grande, dirigia se a eles com passo hesitante, por entre a neblina iluminada pelo luar; por instantes, pareceu um duende maléfico, mas afinal tratava se do padrezito inofensivo que tinha ficado na sala de estar.

– Sabiam que este jardim não tem portões? – perguntou suavemente.

Valentin tinha franzido o sobrolho com uma certa irritação, como fazia sempre que via uma batina. Mas o detective era um homem justo, e não podia negar a relevância da observação.

– Tem razão – respondeu. – Antes de percebermos como é que ele foi morto, talvez tenhamos de descobrir como foi que entrou aqui. Muito bem, cavalheiros. Se for possível fazê lo sem prejuízo para a posição e o cargo que ocupo, talvez possamos deixar de fora disto certos nomes distintos. Temos entre nós senhoras e cavalheiros, e um embaixador. Se chegarmos à conclusão de que se tratou de um crime, teremos de investigar o caso como um crime; até isso acontecer, posso ser eu a decidir o curso de acção a seguir. Sou o chefe da polícia; estou

de tal maneira sob os olhos do público, que posso dar me ao luxo de os evitar. Se os céus o permitirem, tenciono ilibar todos os meus convidados antes de chamar os meus homens para os mandar à caça do assassino. Cavalheiros, agradeço vos que, por vossa honra, se comprometam a permanecer nesta casa até amanhã ao meio dia; há quartos para todos. Simon, julgo que sabe onde se encontra o meu mordomo, Ivan, o meu homem de confiança; vá ter com ele ao vestíbulo e diga lhe que deixe outro criado de guarda e que venha imediatamente ter comigo. Lord Galloway, o senhor é indubitavelmente a pessoa mais adequada para ir contar às senhoras o que se passou e evitar o pânico. Elas também não podem sair. O padre Brown e eu permaneceremos junto do corpo.

Quando Valentin falava com este espírito de capitão, era imediatamente obedecido. O Dr. Simon dirigiu se ao vestíbulo e regressou na companhia de Ivan, o detective privado do detective público. Galloway encaminhou se para a sala de estar e comunicou a terrível notícia com todo o cuidado, de tal maneira que, quando o grupo voltou a reunir se, já as senhoras se tinham alarmado e se tinham acalmado. Entretanto, o padre e o ateu permaneceram ao luar, à cabeça e aos pés do morto, quais estátuas simbólicas da filosofia da morte de um e outro.

Ivan, o confidente da cicatriz e do bigode, saiu de casa que nem uma bala de canhão e atravessou o relvado a correr na direcção de Valentin, como faz um cão de caça que vai ter com o dono, o rosto pálido animado pelo brilho deste mistério doméstico; e foi com ansiedade quase desagradável que pediu licença ao patrão para examinar o cadáver.

– Muito bem, observa o que quiseres, Ivan – respondeu Valentin –, mas não te demores. Temos de o levar para dentro.

Ivan levantou a cabeça morta e por pouco não a deixava cair.

– Olha! – exclamou, sustendo a respiração. – Mas é… Não, não é, não pode ser. Conhece este homem, patrão?

– Não – respondeu Valentin com indiferença. – É melhor irmos para dentro.

E, entre os dois, transportaram o cadáver para o escritório, depositando o sobre o sofá, após o que se dirigiram todos à sala de estar.

O detective sentou se a uma secretária em silêncio, até com hesitação; mas o seu olhar era o olhar de aço de um juiz na cátedra. Fez umas quantas anotações rápidas num papel que tinha diante de si, e depois perguntou:

– Estão todos aqui?

– Falta o Sr. Brayne – respondeu a duquesa do Mont St Michel,

olhando em volta.

– Pois falta – concordou Galloway num tom rouco e áspero. – E também me parece que falta o Sr. Neil O'Brien. Vi o a andar pelo jardim quando o cadáver ainda estava morno.

– Ivan – ordenou o detective –, vai buscar o comandante O'Brien e o Sr. Brayne. O Sr. Brayne está a acabar o charuto na sala de jantar. Julgo que o comandante O'Brien estará na estufa, a andar dum lado para o outro, mas não tenho a certeza.

O fiel colaborador saiu da sala a grande velocidade e, antes de alguém ter oportunidade de se mexer ou de dizer fosse o que fosse, Valentin prosseguiu a exposição com a mesma brevidade militar.

– Todos os presentes têm conhecimento de que apareceu um homem morto no jardim, com a cabeça separada do corpo. Dr. Simon, o senhor examinou o cadáver. Parece lhe que, para cortar a cabeça de um homem daquela maneira, era preciso muita força? Ou que bastava uma faca afiada?

– Eu diria que não era serviço que pudesse ser feito com uma faca – respondeu o médico, que estava pálido.

– Tem ideia – prosseguiu Valentin – do instrumento que seria necessário?

– Em termos das probabilidades modernas, confesso que não – replicou o médico, arqueando as dolorosas sobrancelhas. – Não é fácil cortar o pescoço a um homem, mesmo deixando o serviço mal feito, e este foi muito bem feito. Pode ter sido com um machado de combate, ou com um machado de executor, ou ainda com uma espada das antigas, das que têm de se manejar com as duas mãos.

– Valha me Deus! – exclamou a duquesa, quase histérica. – Não vejo por aqui machados nem espadas desse jaez.

Valentin continuava a escrever no papel que tinha diante.

– Diga me – prosseguiu, continuando a escrever a grande velocidade –, era coisa que se pudesse fazer com um sabre da cavalaria francesa?

Ouviu se bater à porta, ruído que, por qualquer razão inexplicável, fez gelar o sangue de todos nas veias como as pancadas de *Macbeth*. No meio daquele silêncio de gelo, o Dr. Simon conseguiu articular:

– Um sabre… Sim, parece me que sim.

– Obrigado – respondeu Valentin. – Entra, Ivan.

Ivan, o confidente, abriu a porta e deu passagem ao comandante O'Brien, que tinha finalmente conseguido encontrar, de novo a passear no jardim.

O oficial irlandês deteve se na soleira da porta, desarranjado e desafiador.

– O que quer de mim? – bradou.

– Sente se, por favor – pediu Valentin num tom simpático. – Vejo que não traz a espada consigo. Onde a tem?

– Deixei a em cima da mesa da biblioteca – retorquiu O'Brien, a perturbação a acentuar lhe a pronúncia irlandesa. – Estava a incomodar me, comecei a…

– Ivan – interrompeu Valentin –, vai à biblioteca buscar a espada do comandante, por favor. – O criado saiu. – Lord Galloway afirma que o viu entrar em casa, vindo do jardim, pouco antes de termos descoberto o cadáver – prosseguiu. – O que estava a fazer no jardim?

O comandante lançou se intrepidamente para cima de uma cadeira.

– Oh – exclamou em irlandês puro – estava a admirar a lua. A comunicar com a Natureza, meu caro.

Fez se um pesado silêncio, que se prolongou, só interrompido por nova pancada, terrível e trivial, na porta. Ivan reapareceu, trazendo uma bainha de aço, vazia.

– Não consegui encontrar mais nada – declarou.

Caiu sobre a sala um silêncio inumano, semelhante àquele mar de inumano silêncio que rodeia o banco do assassino condenado. Há muito que as fugitivas exclamações da duquesa se tinham desvanecido. O ódio empolado de Lord Galloway ficou satisfeito, chegou mesmo a diminuir de intensidade. A voz que interveio foi totalmente inesperada.

– Julgo que posso explicar lhe – exclamou Lady Margaret com aquela entoação clara e trémula com que as mulheres corajosas falam em público. – Posso explicar lhe o que estava o Sr. O'Brien a fazer no jardim, uma vez que ele próprio está impedido de o fazer. Estava a pedir me em casamento. Eu recusei, observando lhe que, tendo em consideração as minhas circunstâncias familiares, o máximo que podia dar lhe era respeito. Ele ficou ligeiramente irritado, não parecendo atribuir grande valor ao meu respeito. Pergunto a mim mesma – acrescentou com um sorriso macilento – se neste momento lhe dará valor de todo. Porque estou disposta a voltar a oferecer lho. Juro onde for preciso que ele não fez semelhante coisa.

Lord Galloway tinha se aproximado da filha, e procurava intimidá la, parecia lhe que com a máxima discrição:

– Está calada, Maggie – ordenou num imponente sussurro. – Porque estás a proteger o sujeito? Onde está a espada dele? Onde está a malfadada cavalaria…

Mas calou se, apercebendo se da singular maneira como a filha o olhava, um olhar que era um sinistro íman para todos os presentes.

– Seu velho imbecil! – disse ela em voz baixa, sem qualquer pretensão de piedade. – O que é que estás a tentar provar? Repito te

que este homem é inocente, enquanto esteve comigo. E, mesmo que não fosse inocente, não deixou de ter estado comigo. Se ele assassinou o homem do jardim, quem é a pessoa que tem de ter visto, quem é a pessoa que tem, no mínimo de ter sabido? Odeias Neil de tal maneira, que estás disposto a colocar a tua própria filha…

Lady Galloway soltou um grito. Os restantes escutavam, tensos na presença de uma daquelas tragédias satânicas que têm separado os amantes de todos os tempos. O rosto branco e orgulhoso do aristocrata escocês e o do amante da jovem, o aventureiro irlandês, pareceram lhes retratos antigos, expostos numa casa às escuras. O prolongado silêncio estava cheio de informes memórias históricas de maridos assassinados e amantes venenosos.

No centro deste silêncio mórbido, ouviu se uma voz inocente:

– Era um charuto muito comprido?

A mudança de ideias foi de tal maneira pronunciada, que todos tiveram de olhar em redor para ver quem tinha feito a pergunta.

– Estava a referir me ao charuto que o Sr. Bayne estava a terminar – explicou o padre Brown do canto da sala. – Dá me a impressão de que é um charuto quase tão comprido como uma bengala.

Apesar da irrelevância do comentário, Valentin levantou a cabeça com uma expressão de concordância, mas também de irritação.

– Tem toda a razão – observou. – Ivan, vai novamente procurar o Sr. Brayne e trá lo cá imediatamente.

No momento em que o criado fechou a porta, Valentin dirigiu se à rapariga com uma seriedade totalmente nova.

– Lady Margaret – disse –, estou certo de que todos sentimos gratidão e admiração por a ver elevar se acima da sua dignidade a fim de justificar os actos do comandante. Mas continuamos a ter um hiato. Segundo creio, Lord Galloway viu a passar do escritório para a sala de estar, mas só alguns minutos depois saiu para o jardim, aonde encontrou o comandante ainda a passear.

– Não se esqueça – objectou Margaret com um ligeiro toque de ironia na voz –, de que eu tinha acabado de lhe recusar uma proposta de casamento. Era pois natural que não voltássemos os dois para dentro de braço dado. Seja como for, ele é um cavalheiro; deixou se ficar para trás, e agora é acusado de assassínio.

– Com efeito – fez notar Valentin com gravidade –, ele podia, naquele período…

Voltaram a bater à porta e Ivan deu a ver o rosto marcado pela cicatriz.

– Peço desculpa, patrão – declarou –, mas o Sr. Bayne foi se embora.

– Foi se embora! – exclamou Valentin e, pela primeira vez, levantou

se de um salto.

– Desapareceu. Raspou se. Evaporou se – replicou Ivan num francês bem humorado. – O chapéu e o casaco também desapareceram, e posso dizer lhe mais uma coisa. Corri lá fora, a ver se encontrava algum vestígio do homem, e encontrei mesmo, e um vestígio bastante significativo.

– O que foi? – perguntou Valentin.

– Já lhe mostro – retorquiu o criado e, saindo por momentos da sala, voltou a entrar trazendo um impressionante sabre de cavalaria manchado de sangue na ponta e no gume. Todos os presentes olharam para o objecto como se fosse um relâmpago. – Encontrei isto – prosseguiu o experiente Ivan com toda a calma – no meio de uns arbustos, a cinquenta metros daqui, na estrada que vai para Paris. Por outras palavras, encontrei o no sítio para onde o respeitável Sr. Brayne o atirou quando fugiu.

Seguiu se novo silêncio, mas este era diferente. Valentin pegou no sabre, analisou o, reflectiu com impassível concentração, e a seguir voltou se para O'Brien com uma expressão respeitosa:

– Comandante – declarou –, confio em que terá a bondade de apresentar esta arma sempre que a polícia vir necessidade de a examinar. Entretanto – acrescentou, metendo a espada na cintilante bainha –, devolvo lhe a sua espada.

O público não conseguiu deixar de aplaudir o simbolismo militar daquele acto.

Para Neil O'Brien, aquele foi efectivamente um momento de viragem na vida. Quando, já visíveis as cores da manhã, voltou a passear pelo jardim, a futilidade trágica que habitualmente lhe cobria a expressão tinha o abandonado; era agora um homem que tinha muitas razões para ser feliz. Lord Galloway, que era um cavalheiro, tinha lhe pedido desculpas. Lady Margaret, que era melhor que uma senhora, que era pelo menos uma mulher, tinha lhe oferecido algo que talvez ainda fosse melhor do que um pedido de desculpas, enquanto passeavam juntos pelo meio dos canteiros antes do pequeno almoço. Todos os presentes se sentiam mais leves e mais humanos, porque embora o mistério da morte não tivesse sido resolvido, o peso da suspeita tinha os abandonado, partindo para Paris na companhia do excêntrico milionário, um homem que eles mal conheciam. O demónio tinha sido expulso daquela casa – tinha se expulsado a si próprio.

Ainda assim, o mistério estava por solucionar; e, quando O'Brien se sentou num banco do jardim ao lado do Dr. Simon, esta pessoa intensamente científica não hesitou em o retomar – embora não tenha conseguido arrancar grande coisa a O'Brien, cujo espírito estava ocupado com pensamentos mais agradáveis.

– Não posso dizer que o assunto me interesse assim muito – declarou o irlandês com toda a franqueza –, especialmente tendo em conta que se tornou bastante claro. Aparentemente, Brayne odiava o desconhecido por qualquer razão; atraiu o a jardim e matou o com a minha espada. Em seguida, fugiu para a cidade, atirando a espada para o meio dos arbustos. A propósito, Ivan disse me que o morto tinha um dólar ianque no bolso. Quer dizer que era conterrâneo de Brayne, o que parece encerrar o assunto. Não vejo grandes dificuldades no caso.

– Há cinco dificuldades colossais – replicou o médico com grande serenidade –, dificuldades que são como muros altos dentro de muros. Não me interprete mal. Não tenho dúvida nenhuma de que foi Brayne que matou o homem; a meu ver, o facto de ele ter fugido é uma prova irrefutável do acto. O que não consigo perceber é como foi que o matou. Primeira dificuldade: porque há de um homem matar outro homem com um sabre maljeitoso, quando pode matá lo com um punhal, que volta depois a meter no bolso? Segunda dificuldade: porque razão não se ouviu barulho? Será natural um homem ver outro aproximar se com uma cimitarra em punho e não dizer nada? Terceira dificuldade: esteve um criado à porta todo o serão, e nem uma ratazana consegue entrar no jardim de Valentin, seja por onde for. Como foi que o morto entrou no jardim? Quarta dificuldade: dadas as mesmas condições, como foi que Brayne saiu do jardim?

– E a quinta? – perguntou Neil, com os olhos fitos no sacerdote inglês, que descia lentamente a vereda.

– É talvez um pormenor – respondeu o médico –, mas a mim parece me estranho. Quando vi como tinha sido cortada a cabeça, presumi que o assassino tinha infligido mais do que um golpe. Um exame posterior deu me a ver uma série de golpes de través na secção truncada; por outras palavras, estes golpes foram infligidos *depois* de a cabeça ter sido cortada. Brayne teria um tal ódio ao seu opositor, que se entreteve a aplicar lhe uma série de golpes ao luar?

– Que coisa horrível! – comentou O'Brien com um arrepio.

Brown, o padrezito, tinha chegado ao pé deles enquanto ainda estavam a conversar, tendo esperado, com timidez característica, que terminassem. Em seguida, comunicou lhes, algo constrangido:

– Lamento imenso ter de os interromper, mas pediram me que viesse contar lhes a novidade.

– A novidade? – repetiu Simon, olhando o por detrás dos óculos com uma expressão dorida.

– Sim, lamento imenso – disse o Padre Brown com suavidade. – É que houve outro assassínio.

Os dois homens levantaram se de um salto, fazendo baloiçar o

banco onde tinha estado sentados.

– E o mais estranho de tudo – prosseguiu o sacerdote, de olhos fitos nos rododendros – é que é do mesmo tipo; foi outra vez uma decapitação, uma coisa horrenda! Encontraram a segunda cabeça a sangrar para o rio, poucos metros mais adiante, na estrada para Paris, que é a que Brayne seguiu; supõem portanto que ele…

– Valha me Deus! – exclamou O'Brien. – Brayne será um maníaco?

– Os americanos praticam *vendettas* – observou o sacerdote em tom impassível. – Pedem lhes que venham à biblioteca vê la – acrescentou depois.

O comandante O'Brien foi atrás dos outros, sentindo se decididamente mal disposto. Como militar que era, sentia um profundo desprezo por aquele género de carnificina secreta; onde iriam acabar tão extravagantes amputações? Primeiro, cortava se uma cabeça, depois outra; neste caso (reflectiu amargamente), não era verdade que duas cabeças se saíssem melhor do que uma. Ao atravessar o escritório, quase cambaleou ao dar se conta de uma impressionante coincidência: em cima da mesa de Valentin encontrava se uma imagem a cores de uma terceira cabeça a sangrar; e era a cabeça do próprio Valentin. Olhou melhor, e percebeu que se tratava apenas de um jornal nacionalista, o *Guillotine*, que todas as semanas publicava uma imagem de um dos seus opositores políticos com os olhos revirados e as feições contorcidas, como se tivesse acabado de ser executado; com efeito, o anticlericalismo de Valentin era bastante famoso. Mas O'Brien era irlandês, possuindo por isso uma espécie de castidade, mesmo no pecado; e repugnava lhe a enorme brutalidade do intelecto que só em França se encontra. Pesava lhe Paris no seu conjunto, desde os grotescos das igrejas góticas até às caricaturas grosseiras dos jornais. Recordou os gigantescos escárnios da Revolução. Toda a cidade lhe pareceu uma violenta energia, desde o desenho sanguinário que se encontrava em cima da mesa de Valentin até aos enormes demónios que se riem em Notre Dame, por sobre uma montanha e uma floresta de gárgulas.

A biblioteca era comprida, de tecto baixo, e estava às escuras; a pouca luz que nela entrava escapava se por baixo das gelosias corridas, e ainda tinha o matiz avermelhado da madrugada. Valentin e o criado, Ivan, estavam à espera deles na extremidade superior de uma comprida secretária com um ligeiro declive, sobre a qual se encontravam os diversos restos mortais que, àquela luz mortiça, pareciam enormes. A enorme figura preta e a face amarela do homem encontrado no jardim olharam para eles sem grandes alterações. A segunda cabeça, que tinha sido retirada, de manhã cedo, do meio dos juncos do rio, encontrava se ao lado, a pingar; os homens de Valentin

ainda andavam à procura do resto deste segundo cadáver, que devia andar a flutuar. O padre Brown, que não parecia partilhar minimamente da sensibilidade de O'Brien, aproximou se da segunda cabeça, que examinou com extrema atenção. A cabeça pouca mais era do que uma escova de cabelo branco e molhado, aonde a luz homogénea da madrugada desenhava uma franja de um fogo prateado; o rosto, que parecia o de um sujeito feio, arroxeado e talvez criminoso, tinha sido intensamente espancado pelas árvores e as rochas ao circular pelas águas.

– Bom dia, comandante O'Brien – cumprimentou Valentin com discreta cordialidade. – Calculo que tenha ouvido falar da mais recente experiência de carnificina de Brayne.

O padre Brown, que continuava debruçado sobre a cabeça de cabelo branco, perguntou sem erguer os olhos:

– Quer dizer que é certo que também foi Brayne que cortou esta cabeça.

– Bem, é a conclusão que o bom senso permite retirar – observou Valentin, com as mãos nos bolsos. – Foi morto da mesma maneira que o outro. Foi encontrado a poucos metros de distância do outro. E foi decepado com a mesma arma que sabemos que ele levou consigo.

– Sim, sim, é verdade – replicou o padre Brown em tom submisso. – Contudo, duvido de que Brayne tivesse conseguido cortar esta cabeça.

– E porque não? – perguntou o Dr. Simon, olhando o fixamente.

– Bem, doutor – perguntou o sacerdote, erguendo os olhos e pestanejando –, acha que alguém consegue cortar a própria cabeça? Por mim, duvido.

O'Brien teve a sensação de que um universo de loucura se esmagava sonoramente de encontro aos seus ouvidos; mas o médico levantou se de um salto com impetuoso pragmatismo e afastou o cabelo branco molhado.

– Oh, não há dúvida nenhuma de que se trata de Brayne – observou calmamente o sacerdote. – Ele tinha essa lasca na orelha esquerda.

O detective, que estivera a observar o padre com um olhar brilhante e atento, abriu a boca com esforço e comentou:

– Dá me a impressão de que o senhor o conhecia bem, padre Brown.

– E conhecia – confirmou o homenzinho com simplicidade. – Tenho conversado bastante com ele nas últimas semanas. Ele estava a pensar em entrar para a nossa igreja.

Os olhos de Valentin foram iluminados por uma flecha de fanatismo. O detective avançou para o padre a grandes passadas e de punhos cerrados.

– E talvez estivesse também – bradou com um trejeito de desdém –,

talvez estivesse também a pensar deixar tudo o que tinha à vossa igreja.

– Talvez estivesse – respondeu Brown imperturbável. – É possível que sim.

– Nesse caso – proclamou Valentin com um sorriso terrível –, é possível que o conhecesse mesmo muito bem. Que o conhecesse de vida e de…

O comandante O'Brien poisou uma mão no braço de Valentin.

– Acabe com esse disparate difamatório, Valentin – ordenou –, se não ainda aparecem por aí mais espadas.

Mas Valentin (confrontado com o olhar sereno e humilde do sacerdote) já tinha caído em si.

– Bem – atalhou –, as opiniões de cada um podem esperar. Os cavalheiros continuam obrigados pela promessa que fizeram de não se irem embora. Têm de se obrigar a cumpri la, e de obrigar os outros a fazer o mesmo. O Ivan lhes dirá tudo quanto desejem saber; por mim, tenho de ir escrever às autoridades. Não podemos continuar a manter segredo sobre este assunto. Vou para o escritório; se houver mais novidades, queiram avisar me.

– Há mais alguma novidade, Ivan? – perguntou o Dr. Simon quando o chefe da polícia saiu da sala.

– Parece me que há só mais uma coisa – respondeu Ivan, franzindo a face cinzenta e envelhecida –, mas é uma coisa de certa maneira importante. Quanto àquele fóssil que encontraram no jardim – e apontou para o enorme corpo preto de cabeça amarela sem qualquer pretensão de reverência –, já sabemos de quem se trata.

– A sério? – exclamou o médico, atónito. – E quem é?

– Chama se Arnold Becker – respondeu o ajudante do detective –, embora tivesse muitos nomes falsos. Era uma espécie de patife ambulante e, ao que se sabe, esteve na América; devia ser daí que Brayne o conhecia. Por nós, não temos muito a ver com ele, porque o homem operava principalmente na Alemanha. Comunicámos com a polícia alemã, como é óbvio. Estranhamente, ele tinha um irmão gémeo, chamado Louis Becker, com quem nós temos muito a ver. Na realidade, tivemos necessidade de o guilhotinar, coisa que aconteceu ontem mesmo. O certo, cavalheiros, é que quando eu vi este sujeito deitado na relva, apanhei o maior susto da minha vida. Se não tivesse assistido pessoalmente à execução de Louis Becker, teria jurado que era ele que estava deitado ali na relva. Claro, depois lembrei me de que ele tinha um irmão gémeo na Alemanha e, seguindo lhe a pista…

Ivan suspendeu as explicações, pela excelente razão de que ninguém estava a prestar lhe atenção. O comandante e o médico estavam a

olhar para o padre Brown, que se tinha levantado de um salto e apertava as têmporas como quem de repente sentiu uma dor violenta.

– Pare, pare, pare! – exclamou ele. – Pare de falar um minuto, porque estou a ver metade. Se Deus me der forças! Se o meu cérebro conseguir dar o salto e ver o todo! Deus me ajude! Antigamente, pensava tão bem. Era capaz de parafrasear imediatamente qualquer página de São Tomás de Aquino. Ou se me racha a cabeça, ou chego à solução. Estou a ver metade, mas só estou a ver metade.

E, enterrando a cabeça nas mãos, deixou se ficar numa espécie de tortura rígida de reflexão ou de oração, enquanto os outros três contemplavam este derradeiro prodígio das últimas doze horas da sua vida – e que doze horas!

Quando baixou as mãos, o padre Brown deu a ver um rosto sério e cheio de frescura, um rosto de criança; e, soltando um profundo suspiro, declarou:

– Vamos tratar deste assunto o mais depressa possível. A melhor maneira de os convencer a todos da verdade é a seguinte. – E voltou se para o médico. – Dr. Simon, o senhor é um homem muito inteligente, e esta manhã ouvi o fazer as cinco perguntas de mais difícil resposta deste caso. Pois bem, se quiser voltar a fazê las, eu respondo lhe.

As lunetas de Simon escorregaram lhe do nariz com o espanto e a dúvida, mas o médico respondeu imediatamente.

– A primeira pergunta era: porque há de um homem matar outro homem com um sabre maljeitoso, quando pode matá lo com um punhal?

– Porque não se consegue decapitar um homem com um punhal – respondeu o padre Brown com toda a calma – e a decapitação era absolutamente necessária para *este* assassínio.

– Porquê? – perguntou O'Brien com interesse.

– E a pergunta seguinte? – perguntou o padre Brown.

– Porque foi que o homem não gritou? – perguntou o médico. – Não é natural ver um sabre num jardim.

– Galhos – respondeu o sacerdote com ar carregado, e voltou se para a janela que dava para o cenário da morte. – Ninguém percebeu o que estavam os galhos ali a fazer, porque motivo havia galhos espalhados pela relva (olhem para eles), tão longe das árvores. Os galhos não foram arrancados das árvores, foram cortados aos bocados. O assassino entreteve o inimigo com umas habilidades de sabre, mostrando lhe que era capaz de cortar um ramo no ar, e outras coisas do género. Depois, enquanto o inimigo se debruçava para analisar o resultado, infligiu um golpe silencioso e a cabeça tombou.

– Bem – disse o médico devagar –, é uma hipótese plausível. Mas as próximas perguntas atrapalham qualquer pessoa.

O sacerdote continuava a olhar na direcção da janela com ar crítico, à espera.

– Todos sabem que o jardim se encontra encerrado como uma câmara estanque – prosseguiu o médico. – Assim sendo, como foi que o desconhecido entrou no jardim?

Sem se voltar, o padrezito respondeu:

– Não entrou desconhecido nenhum no jardim.

Fez se silêncio, e depois uma súbita gargalhada, quase infantil, aliviou a tensão. A observação do padre Brown era de tal maneira absurda, que Ivan não resistiu a fazer pouco dele.

– Oh! – exclamou. – Quer dizer que ontem à noite nós não arrastámos um gigantesco cadáver para cima do sofá? E o homem não tinha entrado no jardim?

– Não tinha entrado no jardim? – repetiu o padre Brown com ar pensativo. – Bem, não totalmente.

– Disparate – proclamou Simon. – Um homem ou entra num jardim ou não entra num jardim.

– Não necessariamente – retorquiu o sacerdote com um ligeiro sorriso. – Qual é a pergunta seguinte, doutor?

– Parece me que o senhor está doente – protestou o médico com veemência. – Mas vou fazer a pergunta seguinte, uma vez que mo pede: como foi que Brayne saiu do jardim?

– Brayne não saiu do jardim – respondeu o sacerdote, continuando a olhar pela janela.

– Não saiu do jardim? – explodiu Simon.

– Não totalmente – retorquiu o padre Brown.

Simon agitou os punhos cerrados, num frenesim de lógica francesa.

– Um homem ou sai dum jardim ou não sai.

– Nem sempre – disse o padre Brown.

O Dr. Simon levantou se, impaciente.

– Não tenho paciência para estes disparates – bradou irritado. – Se me diz que um homem não tem de estar ou de um lado ou do outro de um muro, não o incomodo mais.

– Doutor – pediu o clérigo suavemente –, sempre nos demos muito bem. Quanto mais não seja em nome desta amizade, deixe se ficar e diga me qual era a sua quinta pergunta.

O impaciente Simon deixou se cair sobre uma cadeira que estava ao pé da porta e disse:

– A cabeça e os ombros foram cortados de uma forma estranha.

Dava a impressão de o terem sido depois de morto o homem.

– Exactamente – confirmou o sacerdote, sempre imóvel. – A coisa foi feita para os levar a presumir precisamente a falsidade que presumiram. Foi feita para que parecesse evidente que a cabeça pertencia ao corpo.

A fronteira do cérebro, a zona aonde se fabricam os monstros, agitou se horrivelmente no gaélico O'Brien, que sentiu a presença caótica de todos os cavaleiros e de todas as peixeiras que as bizarras fantasias dos homens tinham gerado. Uma voz mais antiga do que os seus primeiros pais parecia dizer lhe ao ouvido: «Não te aproximes do jardim monstruoso, aonde cresce a árvore de dois frutos. Evita o jardim do mal aonde morreu o homem de duas cabeças.» Mas, enquanto estas vergonhosas formas simbólicas lhe passavam pelo pristino espelho da alma irlandesa, o intelecto gaulizado deste homem continuava atento, observando o bizarro sacerdote com a mesma atenção e a mesma incredulidade com que o observavam todos os presentes.

O padre Brown tinha se finalmente voltado para eles e estava agora de costas para a janela, com a face mergulhada em sombras densas; não obstante essa falta de luz, todos perceberam que ele estava intensamente pálido. Apesar disso, exprimiu se com razoável sensatez, como se não houvesse no mundo almas gaélicas.

– Meus senhores – disse –, não foi o corpo desconhecido de Becker que encontraram no jardim. O corpo que encontraram no jardim não era o corpo de um desconhecido. Mau grado o racionalismo do Dr. Simon, continuo a afirmar que Becker estava só parcialmente presente. Olhem para ali! – E apontava para o volume escuro do misterioso cadáver. – Os senhores nunca viram este homem. Mas alguma vez viram este homem?

E, com um gesto rápido, desviou a cabeça amarela do desconhecido e colocou em seu lugar a cabeça de cabelo branco que estava ao lado. E, de repente, surgiu diante deles – completo, unificado e inconfundível – Julius K. Brayne.

– O assassino – prosseguiu o padre Brown calmamente – decepou o inimigo e lançou a espada por cima do muro. Mas teve a esperteza de não lançar apenas a espada; lançou também a *cabeça*. Depois, restou lhe apenas juntar outra cabeça ao corpo e, dado que insistiu em manter a investigação em privado, os senhores imaginaram que se tratava de outro homem.

– Juntou outra cabeça ao cadáver! – exclamou O'Brien. – Mas que cabeça era essa? As cabeças não nascem nas árvores, pois não?

– Pois não – reconheceu o padre Brown em voz rouca, de olhos poisados nas botas –, nascem noutro sítio. Nascem no cesto da

guilhotina, ao lado do qual o chefe da polícia, Aristide Valentin, se encontrava menos de uma hora antes do assassínio. Oh, meus amigos, oiçam me um instante antes de me desfazerem aos bocados. Valentin é um homem honesto, se se pode chamar honestidade à loucura por uma causa mais ou menos válida. Mas nunca viram esta loucura naqueles olhos verdes e frios? Ele faria fosse o que fosse, *fosse o que fosse*, para destruir aquilo a que chama a superstição da Cruz. Lutou por isso, por isso passou fome, e agora matou por isso. Até agora, os absurdos milhões de Brayne foram dispersos por tantas seitas, que em pouco alteravam o equilíbrio das coisas. Mas Valentin ouviu dizer que Brayne, como tantos outros cépticos, se aproximava de nós; e isso era uma coisa completamente diferente. Brayne tencionava robustecer financeiramente a Igreja de França, a empobrecida mas pertinaz Igreja de França; tencionava sustentar seis jornais nacionalistas, todos eles dotados da verve do *Guillotine*. A batalha estava praticamente perdida e o fanático deixou se inflamar pelo risco; resolveu, pois, destruir o milionário e fê lo como se esperaria que o maior de todos os detectives cometesse o único crime da sua vida. Apoderou se da cabeça de Becker com uma desculpa de natureza criminológica, e trouxe a para casa numa caixa. Teve uma derradeira discussão com Brayne, discussão essa cuja conclusão Lord Galloway não chegou a ouvir, e, não tendo conseguido nada, conduziu o ao jardim, começou a falar sobre a arte de manejar a espada, pegou nuns galhos e num sabre para ilustrar a actividade, e…

Ivan da Cicatriz levantou se de um salto.

– Seu lunático – berrou. – Vou já levá lo ao meu patrão, nem que tenho de o arrastar pelo…

– Não é preciso, eu já tencionava ir ter com ele – retorquiu Brown com ar pesaroso. – Tenho de lhe pedir que se confesse, etc.

E, seguindo o infeliz padre Brown, qual refém ou vítima de sacrifício, correram todos para o escritório de Valentin, que foram encontrar subitamente silencioso.

O grande detective estava sentado à secretária, parecendo tão concentrado que nem deu pela turbulenta entrada dos convidados. Detiveram se por momentos, e depois houve qualquer coisa naquelas elegantes costas direitas que fez com que o médico desse uma corrida. Um simples olhar permitiu lhe perceber que Valentin tinha ao lado do braço uma caixinha de comprimidos; e um ligeiro toque permitiu lhe concluir que Valentin estava morto. No rosto cego do suicida não se lia apenas o orgulho de Catão.

OS PASSOS ESTRANHOS

Quando o leitor vê um membro daquele estranho clube que dá pelo nome de Os Doze Autênticos Pescadores entrar no Hotel Vernon a fim de participar no jantar anual da agremiação, observa, quando o referido membro despe o sobretudo, que ele traz um fato de cerimónia verde, em lugar do habitual fato preto. E se (supondo que o leitor é pessoa para ter aquele género de audácia que tenta o destino e decide entabular conversa com tal entidade) se lhe pergunta porquê, é muito provável que o homem lhe responda que o faz para evitar que o confundam com um criado de mesa. Ao ouvir isto, o leitor retira se, esmagado, mas deixando atrás de si um mistério por resolver e uma história que vale a pena contar.

E se (prosseguindo na mesma veia de improvável conjectura) o leitor deparar com um suave e diligente padre de nome Brown, e lhe perguntar qual foi o momento mais afortunado da sua vida, é provável que ele responda que o seu maior golpe de sorte se deu no Hotel Vernon, onde conseguiu evitar um crime e talvez salvar uma alma pelo simples facto de ter ouvido passos num corredor. É natural que o citado padre Brown se sinta um tanto orgulhoso desta maravilhosa intuição, e que faça alguma referência à mesma. Mas, como é extraordinariamente improvável que o leitor ascenda de tal maneira na escala social, que venha a conhecer Os Doze Autênticos Pescadores, ou que desça de tal maneira na mesma escala que se coloque ao nível dos criminosos e dos bairros de lata, e que venha a conhecer o padre Brown, receio que nunca chegue a conhecer esta história a não ser que seja eu a contar lha.

O Hotel Vernon, onde Os Doze Autênticos Pescadores tinham os seus jantares anuais, era uma instituição daquelas que só podem existir numa sociedade oligárquica que quase enlouqueceu de boas maneiras. Tratava se, com efeito, daquele género de produto lunático a que se chama um empreendimento comercial «exclusivo», ou seja, uma entidade que não florescia pelo facto de atrair as pessoas, mas pelo facto de as mandar embora. No coração das plutocracias, os negociantes são de tal maneira argutos, que se tornam muito mais exigentes que os respectivos clientes; assim, criam lhes sucessivas dificuldades com o objectivo de levar os mesmos clientes – homens ricos e fatigados de tudo – a despender o seu dinheiro e as suas artes diplomáticas a ultrapassá las. Se houver em Londres um hotel elegante cujos clientes não podem ter menos de um metro e oitenta, a sociedade entreter se á, submissa, a constituir grupos de homens de

um metro e oitenta que nele possam jantar. Se houver um restaurante dispendioso que, por mero capricho do proprietário, só esteja aberto à quinta feira à tarde, à quinta feira à tarde o dito restaurante estará cheio de gente. O Hotel Vernon ficava situado, como que por acidente, na esquina de uma praça de Belgravia; tratava se de um hotel pequeno e muito incómodo, mas as incomodidades eram justamente consideradas o muro protector de determinada classe. Um destes incómodos, em especial, era de importância vital; era ele o facto de o local não poder receber mais de vinte e quatro pessoas em simultâneo na mesma refeição. A única mesa grande que havia no hotel era a famosa mesa da varanda, instalada ao ar livre numa espécie de alpendre que dava para um dos jardins clássicos de Londres, e um dos mais elegantes de todos. Deste modo, só era possível usufruir dos vinte e quatro lugares desta mesa quando o tempo estava de feição, circunstância que, tornando o usufruto ainda mais custoso, o tornava ainda mais desejado. O proprietário do hotel era um judeu de nome Lever, que tirava dele um lucro de quase um milhão, através do dispositivo de o tornar dificilmente acessível. Naturalmente que combinava esta limitação no alcance do empreendimento com um extremo cuidado no serviço; a cozinha e os vinhos estavam ao nível dos melhores da Europa, e a atitude do pessoal reflectia na perfeição a atitude contida dos membros da classe alta inglesa. O proprietário conhecia todos os criados – e eram quinze no total – como a palma das suas mãos; era mais fácil entrar para o Parlamento do que entrar para criado daquele hotel. Os criados eram ensinados a observar um tremendo silêncio e uma enorme suavidade, eram formados como quem forma mordomos de cavalheiros. E a verdade é que, de uma maneira geral, havia pelo menos um criado por cada cavalheiro que ali jantava.

O clube dos Doze Autênticos Pescadores não teria consentido jantar em nenhum outro local, porque este clube só se reunia onde houvesse luxo e privacidade, e ter se ia sentido intensamente perturbado com a simples possibilidade de outro clube qualquer estar a jantar ao mesmo tempo no mesmo edifício. Por ocasião do seu jantar anual, os Pescadores tinham o costume de usar os respectivos tesouros, como se se encontrassem numa casa particular; e em especial o seu famoso serviço de talheres de peixe que eram, por assim dizer, as insígnias desta sociedade: as facas e os garfos, delicadamente lavrados em prata, tinham a forma de um peixe, ostentando no cabo uma grande pérola. Eram sempre estes os talheres utilizados para consumo do prato de peixe, e o prato de peixe era sempre o mais magnífico prato daquele magnífico repasto. Embora praticasse um grande número de cerimónias e observâncias, esta sociedade não tinha, nem história, nem finalidade; e era por isso que era tão aristocrática. A pessoa não

tinha de ser isto ou aquilo para pertencer ao número de Os Doze Autênticos Pescadores mas, a não ser que fosse já um certo tipo de pessoa, nem sequer teria ouvido falar da sua existência. Esta sociedade existia há doze anos e tinha como presidente o Sr. Audley e como vice presidente o duque de Chester.

Se eu tiver conseguido dar a conhecer, de forma mais ou menos precisa, o ambiente que se vivia neste extraordinário hotel, é muito natural que o leitor pergunte a si próprio como é que eu tenho conhecimento dele, e é mesmo provável que se interrogue sobre o facto de uma pessoa tão vulgar como o meu amigo padre Brown vir a encontrar se em tão dourada galeria. Quanto a este aspecto, a minha história é simples, vulgar mesmo. Há neste mundo um mui antigo desordeiro e demagogo, que irrompe nos mais refinados ambientes com a horrenda informação de que os homens são todos irmãos; ora, sempre que este nivelador montava o seu cavalo branco, competia ao padre Brown ir atrás dele. Nessa tarde, um dos criados, um italiano, tinha sido atingido por uma paralisia, e o proprietário judeu, suavemente espantado com tais superstições, consentira em mandar chamar o primeiro sacerdote de filiação papista que conseguissem encontrar. Não sabemos o que foi que o criado confessou ao padre Brown, pela excelente razão de que o clérigo o não revelou a ninguém; aparentemente, contudo, pediu lhe que escrevesse uma nota, ou declaração, com o objectivo de transmitir determinada mensagem ou de corrigir um mal feito. O padre Brown solicitou pois, com a mansa descontracção com que o teria igualmente feito se se encontrassem no Palácio de Buckingham, que o instalassem numa sala e lhe proporcionassem pena e papel. O Sr. Lever sentiu se dividido. Era um homem amável, mas também possuía aquela má imitação da amabilidade que consiste em não apreciar dificuldades nem cenas, sejam elas de que natureza forem. Por outro lado, a presença de um desconhecido no seu hotel, logo naquela noite, era como uma nódoa de fruta numa toalha acabada de engomar. No Hotel Vernon, não havia zonas limítrofes, não havia salas de espera, nunca havia gente a aguardar na entrada, nem fregueses que ali entrassem por acaso. Havia quinze criados. Havia doze clientes. Qualquer cliente a mais provocaria a mesma estranheza, o mesmo espanto, que um novo irmão à mesa do pequeno almoço ou do jantar. Além disso, o sacerdote tinha uma aparência de segunda categoria e a roupa salpicada de lama; um simples vislumbre à distância da sua pessoa podia provocar uma crise no clube. Por fim, o Sr. Lever concebeu um plano destinado a ocultar a desgraça – uma vez que não era possível suprimi la. Quando o leitor entra (mas nunca entrará) no Hotel Vernon, tem de atravessar um pequeno corredor decorado com umas quantas gravuras, desbotadas mas importantes, após o que chega ao

vestíbulo principal, que dá, à sua direita, para um corredor que lhe permite chegar às cozinhas e aos escritórios do hotel. Imediatamente à sua esquerda, tem a esquina de um gabinete envidraçado, que confina com o vestíbulo, e que é uma espécie de casa dentro de uma casa, por assim dizer; trata se, muito provavelmente, do antigo bar do hotel.

Este gabinete era ocupado pelo representante do proprietário (porque, neste hotel, nunca ninguém se mostrava pessoalmente, a não ser que fosse absolutamente imprescindível fazê lo), e logo atrás do gabinete, a caminho dos aposentos dos criados, ficava o bengaleiro dos homens, que era a última fronteira do domínio dos cavalheiros. Havia porém, entre o gabinete e o bengaleiro, uma salinha particular sem outras saídas, que o proprietário de vez em quando utilizava para resolver questões delicadas e importantes, como por exemplo emprestar mil libras a um duque ou recusar se e emprestar lhe seis *pence*. E é um sinal da grandiosa tolerância do Sr. Lever que ele tenha permitido que local tão sagrado fosse durante cerca de meia hora profanado por um simples sacerdote, que se ocupou a escrevinhar uma folha de papel. A história que o padre Brown estava a escrever era, muito provavelmente, bastante melhor do que esta; só que nunca será conhecida. O máximo que posso dizer é que era quase tão longa como esta e que os dois ou três últimos parágrafos eram os menos interessantes e absorventes.

Pois foi ao chegar a estes últimos parágrafos que o sacerdote começou a permitir que os seus pensamentos vagueassem um pouco e que os seus sentidos animais despertassem – sentidos esses que eram, aliás, invulgarmente penetrantes. Estava a aproximar se o período da noite e a hora do jantar; naquela salinha esquecida não havia luz, e é possível que, como ocasionalmente acontece, a escuridão crescente acentuasse o sentido da audição. Enquanto redigia a última parte do documento, que era a parte menos essencial do mesmo, o padre Brown deu por si a escrever ao ritmo de um ruído recorrente proveniente do exterior, da mesma maneira que a pessoa dá por si a pensar ao ritmo de um comboio. Quando teve consciência do facto, percebeu do que se tratava: era o vulgar ruído de passos do outro lado da porta, ruído esse que, num hotel, não era propriamente coisa invulgar. Apesar disso, Brown ergueu os olhos para o tecto já quase às escuras, e escutou o som; depois de o ter escutado durante vários segundos como quem sonha, levantou se e escutou o com atenção, com a cabeça ligeiramente inclinada para um lado. Em seguida, voltou a sentar se e enterrou a cabeça nas mãos, já não se limitando a escutar, mas escutando e pensando.

Tomados em separado, os passos em nada se distinguiam daqueles que se ouviriam em qualquer hotel; já quando se tomavam em conjunto, porém, havia neles qualquer coisa muito estranha. Não se

ouviam outros passos. Aquela casa era sempre muito silenciosa, porque os poucos hóspedes que albergava dirigiam se imediatamente para os próprios aposentos, e os criados – que eram todos bem treinados – estavam obrigados a ser quase invisíveis até ao momento em que os seus serviços fossem requisitados. Não era possível conceber outro local em que houvesse menos razão para se verificarem situações irregulares. Mas aqueles passos eram tão estranhos, que a pessoa não conseguia decidir se havia de os considerar regulares ou irregulares. O padre Brown seguia os com o dedo na beira da mesa, como quem tenta aprender uma canção ao piano.

Começavam por uma prolongada sequência de passos curtos, do estilo de passos que um homem dá quando pretende passar à frente de outro sem correr. A certa altura, interrompiam se e mudavam para uma espécie de passada lenta e oscilante, cujo número não chegava a um quarto dos passos anteriores, mas que ocupava aproximadamente o mesmo tempo. Assim que o eco da última passada se desvanecia, voltava a corrida, o ondear de passinhos apressados, novamente seguidos pelos passos mais pesados. Tratava se indubitavelmente do mesmo par de botas, em parte porque (como já se disse) não havia outras no local, em parte porque estas botas rangiam ao de leve, produzindo um som inconfundível. O padre Brown tinha aquele estilo de mente que não consegue deixar de fazer perguntas; e, perante esta pergunta aparentemente trivial, sentiu que a cabeça quase se lhe dividia em dois. Já tinha visto homens a correr para darem um salto; já tinha visto homens a correr para em seguida deslizarem sobre as solas; mas o que levaria um homem a correr para andar? Ou, pelo contrário, o que o levaria a andar para correr? E contudo, não havia outra descrição que se adequasse ao estranho comportamento deste invisível par de pernas. Ou o homem percorria a grande velocidade metade do corredor a fim de poder percorrer a outra metade com grande vagar; ou então atravessava muito lentamente uma das partes a fim de ter o prazer de correr na outra. Mas nenhuma destas sugestões parecia fazer grande sentido. O padre Brown tinha a impressão de que, tal como a sala onde se encontrava, também o cérebro se lhe ia tornando mais e mais obscuro.

E contudo, quando começou a reflectir com calma, a própria escuridão da cela pareceu tornar lhe mais vivos os pensamentos; e começou a entrever, como que numa espécie de visão, os estranhos pés cabriolando pelo corredor em atitudes peculiares ou simbólicas. Tratar se ia de uma dança pagã? De um exercício científico completamente novo? O padre Brown começou a perguntar a si próprio com mais exactidão o que lhe sugeriam aqueles passos. Pegando primeiro nos passos lentos: não eram certamente os passos do

proprietário porque, quando não estão quietos, estes homens deslocam se com um bambolear veloz. Também não dava a impressão de ser um criado, nem um mensageiro a aguardar instruções. Por vezes, quando estão ligeiramente embriagados, os elementos das ordens mais pobres (da hierarquia) andam aos solavancos; de uma maneira geral, porém, e em especial quando dão por si em cenário tão magnífico, deixam se estar quietos, ou sentados ou de pé, numa posição constrangida. Não; aqueles passos pesados mas elásticos, com uma espécie de ênfase descuidada, nem especialmente ruidosos nem especialmente preocupados com o ruído que faziam, só podiam pertencer a um dos animais deste mundo – a um cavalheiro da Europa ocidental, e a um cavalheiro que nunca tinha trabalhado para ganhar o pão que comia.

Tinha Brown alcançado esta certeza, quando o passo mudou para o mais rápido, passando lhe diante da porta com uma corrida febril de ratazana. O ouvinte observou que, embora fosse muito mais veloz, este passo era também muito menos ruidoso, quase como se o homem andasse em bicos de pés. E contudo, não associou tal atitude a qualquer secretismo, mas a algo distinto – a algo de que não conseguia recordar se. Sentiu se enfurecer por uma daquelas semi memórias que fazem com que um homem se sinta semi imbecil. Tinha a certeza de já ter ouvido aqueles passos velozes e estranhos. De repente, levantou se de um salto com uma nova ideia em mente e aproximou se da porta. A salinha não tinha saída directamente para o corredor; dava, de um dos lados, para o gabinete envidraçado, e do outro para o bengaleiro. O padre Brown tentou abrir a porta que dava para o gabinete, mas encontrou a trancada. Em seguida, olhou pela janela, que era por esta altura um quadrado de vidro preenchido com uma nuvem roxa, rasgada pela luz pálida do pôr do sol, e por instantes cheirou lhe à presença do mal como um cão cheira a presença de ratazanas.

A parte racional do nosso padre (e não é certo que fosse a sua parte mais sensata) recuperou a supremacia que lhe correspondia. Lembrou se de que o proprietário lhe tinha dito que ia trancar a porta e que viria abrir lha algum tempo depois. Disse a si próprio que aqueles sons excêntricos podiam ser explicados por vinte coisas que não lhe tinham ocorrido; recordou se de que lhe restava apenas uma réstia de luz para concluir o que tinha começado a escrever e, aproximando a folha de papel da janela para apanhar os derradeiros raios daquele dia de tempestade, mergulhou de novo, e de forma resoluta, no registo agora quase completo. Tinha escrito durante cerca de vinte minutos, debruçando se progressivamente mais e mais sobre o papel para conseguir ver; de repente, endireitou se: tinha voltado a ouvir os estranhos passos.

Desta vez, os passos tinham uma terceira peculiaridade. Anteriormente, o desconhecido caminhara – ora em passo majestoso,

ora com enorme rapidez, mas caminhara. Desta vez, corria. Ouviam se os passos ao longo do corredor, passos rápidos, suaves e certeiros, quais saltos de uma pantera em fuga. Quem se aproximava era um homem muito robusto, cheio de actividade, num estado de intensa mas contida agitação. E contudo, depois de ter chegado ao gabinete envidraçado, qual furacão sussurrante, retomou subitamente a passada lenta e majestosa.

O padre Brown atirou com o papel e, ciente de que a porta que dava para o gabinete estava trancada, dirigiu se à porta que dava para o bengaleiro, que ficava do outro lado da salinha. O ocupante do local estava temporariamente ausente, provavelmente devido ao facto de os únicos hóspedes estarem a jantar e de aquele trabalho ser uma sinecura. Atravessando uma floresta de sobretudos cinzentos, Brown descobriu que o vestiário (que estava praticamente às escuras) dava para o corredor (este bem iluminado) por meio de uma espécie de balcão ou semi porta, semelhante aos inúmeros balcões onde todos nós entregámos já o chapéu de chuva, recebendo a correspondente ficha. Havia uma lâmpada mesmo por cima do arco semicircular desta abertura, que iluminou ao de leve o padre Brown, fazendo dele um simples contorno escuro contra a luz do pôr do sol que entrava pela janela quadrada da salinha. Esta luz, porém, iluminava de forma quase teatral o homem que se encontrava no corredor, do lado de fora do bengaleiro.

Tratava se de um homem elegante, de fato escuro simples; alto, mas com ar de quem não ocupava muito espaço; a pessoa tinha a sensação de que ele teria circulado sem grande dificuldade como uma sombra por onde muitos homens mais pequenos que ele teriam parecido notórios e incomodativos. O rosto, agora iluminado pela lâmpada, era de compleição morena e vivaz, um rosto de estrangeiro. Tinha boa figura, porte bem humorado e seguro; um crítico teria apenas observado que a casaca estava ligeiramente abaixo da figura e do porte, e mesmo que tinha umas estranhas protuberâncias aqui e ali. Assim que se apercebeu da presença da silhueta negra de Brown contra o pôr do sol, estendeu lhe um papelucho com um número, solicitando com autoridade afável:

– O meu chapéu e o meu casaco, por favor. Tenho de me ir já embora.

O padre Brown tomou o papel sem dizer palavra e foi à procura do sobretudo; não era a primeira vez que fazia trabalhos servis. Trouxe lho e poisou o sobre o balcão; entretanto, o estranho cavalheiro tirava dois dedos do bolso do colete e comentava com uma gargalhada:

– Não tenho moedas de prata, tome esta.

E, atirando lhe uma moeda de ouro, pegou no sobretudo.

O padre Brown deixou se ficar quieto, no escuro; mas naquele instante tinha perdido a cabeça. Ora, a cabeça do nosso padre era sempre mais valiosa nos momentos em que ele a perdia, que eram os momentos em que somava dois e dois e lhe dava quatro milhões. Era frequente a Igreja Católica (que desposou o bem senso) não apreciar estas contas; era frequente ele próprio as não apreciar. Mas aqueles momentos em que quem perde a cabeça a encontra eram momentos de verdadeira inspiração, e momentos importantes em certas alturas de crise.

– Parece me – respondeu com cortesia – que o senhor tem bastante prata no bolso.

O cavalheiro ficou a olhar para ele.

– Ora esta! – exclamou. – Eu resolvo dar te uma moeda de ouro e tu ainda te queixas?

– Queixo me porque, por vezes, a prata é mais valiosa que o ouro – respondeu o sacerdote em tom suave. – Ou seja, quando é em grandes quantidades.

O desconhecido olhou para ele com curiosidade. Em seguida, olhou ainda com mais curiosidade para o corredor que ia dar à entrada principal. Depois, voltou a olhar para o padre Brown, a seguir olhou com grande atenção para a janela que ficava atrás da cabeça de Brown, ainda colorida pela luz da tempestade. E finalmente pareceu tomar uma decisão. Apoiando uma mão sobre o balcão, saltou por cima dele com uma facilidade de acrobata e postou se ao lado do padre – era muito mais alto do que ele –, agarrando lhe o colarinho com uma mão tremenda.

– Não te mexas – ordenou num sussurro cortante. – Não quero ameaçar te, mas…

– Pois eu quero ameaçá lo – replicou o padre Brown numa voz que parecia o rufar de um tambor. – Quero ameaçá lo com o verme que não morre e o fogo que não se apaga.

– E és tu empregado de bengaleiro? Estranho empregado – comentou o outro.

– Sou um sacerdote, *monsieur* Flambeau – disse Brown. – E, se quiser confessar se, estou à sua disposição.

O outro ficou a olhar para ele de boca aberta por momentos, e a seguir, vacilando, deixou se cair em cima de uma cadeira.

Os primeiros dois pratos do jantar de Os Doze Autênticos Pescadores tinham sido servidos com plácido êxito. Não disponho de uma cópia do menu mas, mesmo que dispusesse, ele nada revelaria, pois foi produzido numa espécie de super francês, uma língua utilizada pelos cozinheiros mas praticamente ininteligível para os franceses. Vigorava

neste clube a tradição de que os *hors d'oeuvres* fossem variados e em grandíssimo número; as entradas eram levadas a sério porque, à semelhança do resto do jantar e do próprio clube, eram suplementos manifestamente inúteis. Vigorava igualmente a tradição de que a sopa fosse ligeira e discreta, qual vigília simples e austera do prato de peixe que viria a seguir. A conversa era aquela estranha conversa superficial que domina o Império Britânico, que o domina em segredo mas que seria dificilmente esclarecedora para um inglês corrente que por acaso a ouvisse. Faziam se alusões aos ministros do governo de ambos os lados, que eram tratados pelo nome próprio com uma espécie de bondade entediada. O ministro das finanças, um radical amaldiçoado por todo o partido conservador pelas extorsões a que procedia, recebeu elogios pelos seus poemas, aliás sem grande importância, e pelo seu talento para a caça. O líder dos conservadores, odiado pelos liberais por ser um tirano, foi intensamente discutido e recebeu elogios pela sua atitude liberal. Dava a impressão de que os políticos tinham grande importância, mas que tinham importância por tudo menos pelas respectivas políticas. O Sr. Audley, o presidente do clube, um velhote afável que ainda usava os colarinhos levantados, era uma espécie de símbolo da sociedade fantasmática, mas imutável, de cinquenta anos antes. Nunca tinha feito fosse o que fosse – nunca tinha sequer cometido um erro. Não era uma pessoa rápida, nem era especialmente rico. Estava simplesmente no segredo das coisas, e era tudo. Ambos os partidos o tinham em conta e, se ele tivesse querido ser membro do governo, qualquer deles o teria certamente convidado. O duque de Chester, o vice presidente, era um jovem político em ascensão; quer isto dizer que era um jovem simpático, de cabelo claro e liso e sardas, de inteligência moderada e enormes propriedades. Era sempre bem sucedido quando aparecia em público, e tinha um princípio bastante simples: quando se lembrava de uma graça, dizia a, e todos o achavam brilhante; quando não se lembrava de graça nenhuma, dizia que os tempos não estavam para graças, e todos o achavam muito capaz. Em privado, num clube com membros da sua classe, era uma pessoa bastante agradável, um homem simples e tonto, que fazia lembrar um rapaz. O Sr. Audley nunca tinha sido político, de maneira que tratava a política com um pouco mais de seriedade; por vezes, chegava mesmo a embaraçar os amigos com a sugestão de que havia certas coisas em que os liberais se distinguiam dos conservadores. Era um conservador, mesmo na vida privada; usava o cabelo grisalho comprido atrás, à semelhança dos estadistas de outros tempos, e visto de costas parecia mesmo ser o homem que faz falta ao império. Visto de frente, parecia um homem solteiro, ameno e complacente, que vivia no Albany – e de facto era.

Como já se fez notar, a mesa da varanda tinha vinte e quatro

lugares, e os membros do clube eram apenas doze. De maneira que puderam instalar se na varanda em grande estilo, ocupando apenas a parte da mesa que ficava encostada ao interior e não tendo ninguém diante, o que lhes proporcionava uma vista aberta do jardim, cujas cores eram ainda cheias de vivacidade, embora a noite caísse de forma algo lúgubre para a época do ano. O presidente estava sentado a meio da mesa, o vice presidente na cabeceira da direita. Era costume (ninguém sabia porquê), quando os doze convidados se encaminhavam para os respectivos lugares, os quinze criados alinharem se de encontro à parede, quais soldados apresentando armas ao rei, enquanto o proprietário, o gordo judeu, fazia uma vénia aos membros do clube com uma expressão de surpresa radiante, como se fosse a primeira vez que os via. Antes, porém, do primeiro tinir dos talheres, já este exército de servidores tinha desaparecido, circulando apenas nas imediações da mesa, mergulhados em silêncio mortal, os três ou quatro encarregados do serviço. O Sr. Lever, o proprietário, tinha evidentemente desaparecido há muito, em convulsões de cortesia. Seria um exagero, seria mesmo uma irreverência, afirmar que ele voltava a aparecer; quando, porém, o era trazido o prato mais importante, o prato de peixe, entrevia se – como dizê lo? – uma sombra, uma projecção da sua personalidade, que dava a entender que ele não estava longe. O sagrado prato de peixe consistia (aos olhos do vulgo) numa espécie de monstruoso pudim, com o tamanho e a dimensão de um bolo de casamento, para a formação do qual um número considerável de peixes interessantes tinha perdido a forma que Deus lhes dera. Os Doze Verdadeiros Pescadores pegavam nos famosos talheres de peixe, e abordavam o pudim com a gravidade com que o abordariam se cada garfada custasse o mesmo que o garfo com que era servida. E na realidade custava, tanto quanto sei. O pudim era ingerido em ávido e devorador silêncio; e era só quando o seu prato se encontrava já quase vazio que o jovem duque procedeu à sua observação ritual:

– Este prato não se faz em mais lado nenhum como se faz aqui.

– Em mais lado nenhum – confirmou o Sr. Audley numa voz profunda de baixo, voltando se para o jovem e acenando várias vezes com a venerável cabeça. – Em lado nenhum, excepto aqui, não há dúvida nenhuma. Disseram me que o Café Anglais…

Neste momento, foi interrompido, foi mesmo um tanto agitado pela operação de lhe tirarem o prato da frente, mas recuperou o valioso fio dos seus pensamentos.

– Disseram me que serviam o mesmo prato no Café Anglais. Mas não é nada que se pareça, posso garanti lo – declarou, abanando implacavelmente a cabeça; parecia um juiz ditando uma sentença de morte. – Não é nada que se pareça.

– Esse restaurante está sobrevalorizado – observou um tal coronel Pound, que dava a impressão de não falar há vários meses.

– Oh, não sei se concordo – discordou o duque de Chester, que era um optimista. – Tem algumas coisas bastante boas. É imbatível no…

Um dos criados atravessou rapidamente a sala e imobilizou se. Não fez o menor ruído, mas aqueles cavalheiros distraídos e amáveis estavam tão habituados à total suavidade da máquina invisível que os rodeava e lhes sustentava a vida, que uma atitude inesperada de um criado era um choque e um sobressalto. Era para eles o mesmo que seria para o leitor e para mim a desobediência de um ser do mundo inanimado – uma cadeira a fugir, por exemplo.

O criado ficou parado a olhar durante alguns segundos, no decurso dos quais cresceu no rosto de todos os presentes uma estranha vergonha, um sentimento que é inteiramente fruto do nosso tempo, e que consiste na combinação do humanitarismo moderno com o horrível abismo moderno que separa as almas dos ricos das almas dos pobres. Um genuíno aristocrata do passado teria atirado qualquer coisa à cabeça do criado, a começar por uma série de garrafas vazias e, muito provavelmente, a acabar em dinheiro. Um genuíno democrata ter lhe ia perguntado, com a clareza discursiva de um camarada, que diabo estava ele a fazer. Mas estes plutocratas modernos não conseguiam suportar a proximidade de um pobre, nem como escravo, nem como amigo. Para eles, os problemas dos criados eram, muito simplesmente, uma fonte de terrível embaraço. Não queriam ser brutais e receavam ter de ser benevolentes. Queriam que a coisa, fosse o que fosse, passasse depressa. E passou. Depois de permanecer uns segundos imóvel, qual cataléptico, o criado voltou costas e desapareceu a correr.

Quando voltou a mostrar se na sala, ou antes, à porta, vinha na companhia de outro criado, com quem sussurrava e gesticulava com a ferocidade dos homens do sul. Em seguida, o primeiro criado afastou se, abandonando o segundo criado, e voltou a aparecer, na companhia de um terceiro criado. Quando viu o quarto criado juntar se a este sínodo apressado, o Sr. Audley achou que era chegado o momento de interromper o silêncio em defesa dos interesses do Tacto e, precedendo a sua intervenção de uma tosse sonora, que fez as vezes de martelo presidencial, começou:

– Que trabalho esplêndido que o jovem Moocher está a fazer na Birmânia. Na verdade, mais nenhum país do mundo tinha sido capaz…

Um quinto criado tinha corrido para junto dele que nem uma seta e estava a sussurrar lhe ao ouvido:

– Peço muita desculpa. É uma coisa importante! O proprietário pode

falar consigo?

O presidente voltou se para ele muito perturbado e foi com espanto que viu o Sr. Lever aproximar se com a sua rapidez pesada. Na verdade, o passo do proprietário era o habitual, a expressão dele é que não tinha nada da expressão habitual; em geral, a compleição do judeu era de um cordial castanho de cobre, nesta altura, estava de um amarelo doentio.

– Vai ter de me perdoar, Sr. Audley – começou, ofegando como um asmático. – Estou muito apreensivo. Os vossos pratos de peixe foram levantados com os respectivos talheres!

– Espero bem que sim – comentou o presidente com uma certa entoação.

– Viram no? – perguntou o proprietário, muito exaltado. – Viram o criado que os tirou? Conhecem no?

– Se conhecemos o criado? – respondeu o Sr. Audley com indignação. – Com certeza que não!

O Sr. Lever abriu as mãos num gesto de agonia.

– Não fui eu que o mandei – garantiu. – Não sei como foi que ele entrou, nem porquê. Mandei o meu criado recolher os pratos e, quando ele aqui chegou, já tinham sido recolhidos.

O Sr. Audley continuava a mostrar se muito perturbado, de tal maneira que não era já o homem de que o império precisa; nenhum dos presentes se sentia capaz de dizer fosse o que fosse, à excepção do homem de pau, o coronel Pound, que parecia galvanizado e possuído por uma estranha vivacidade. Levantando se lentamente, enquanto os outros permaneciam sentados, fixou os óculos na frente dos olhos, e expressou se num tom rouco, como se já não soubesse bem como é que se falava.

– Quer o senhor dizer – perguntou – que nos roubaram os nossos talheres de prata?

O proprietário voltou a abrir as mãos com uma expressão de ainda maior impotência, e de repente todos os presentes se levantaram.

– Os seus criados estão todos presentes? – perguntou o coronel em tom grave e severo.

– Estão aqui todos, já os contei – respondeu o jovem duque. – Cont' os sempre quando entro. Têm um ar tão estranho, todos encostados à parede.

– Mas tem a certeza de que se lembra exactamente de todos? – perguntou o Sr. Audley com hesitação intensa.

– Estou lhe a dizer que me lembro exactamente! – exclamou o duque, agitado. – Nunca houve mais de quinze criados neste hotel, e esta noite não havia mais de quinze, posso jurá lo; nem mais nem

menos.

O proprietário voltou se para ele, grasnando numa espécie de paralisia de surpresa:

– Está a dizer… está a dizer… que viu os meus quinze criados? – gaguejou.

– Como sempre – confirmou o duque. – Mas porquê?

– Por nada – respondeu o Sr. Lever, num tom cada vez mais grave. – É que não pode ter visto. Porque um deles está lá em cima, morto.

Por instantes, desceu sobre a sala um silêncio chocado. É possível (tão sobrenatural é a palavra morte) que cada um daqueles homens ociosos tivesse por momentos perscrutado a própria alma, e tivesse visto uma ervilha seca. Um deles – creio que foi o duque – disse mesmo, com a idiota amabilidade dos ricos:

– E podemos fazer alguma coisa por ele?

– Já lá esteve um padre – respondeu o judeu, algo emocionado.

Em seguida, como que ao toque da trombeta do Juízo Final, todos despertaram. Por momentos, estranhos momentos, tiveram a sensação de que o décimo quinto criado era o fantasma do que se encontrava morto no andar de cima. E ficaram mudos perante tal opressão, porque para eles os fantasmas eram tão embaraçosos como os pedintes. Mas a recordação da prata quebrou o feitiço do milagre, quebrou o de forma abrupta e com uma reacção brutal. O coronel empurrou a cadeira para trás e dirigiu se para a porta a passos largos.

– Se cá estava um décimo quinto homem, meus amigos, esse homem é um ladrão – declarou. – Vamos depressa fechar as portas da frente e das traseiras, para não deixar sair ninguém. Depois falamos. Vale a pena tentar recuperar as vinte e quatro pérolas do clube.

Inicialmente, o Sr. Audley pareceu hesitar, sem saber bem se seria próprio de um cavalheiro andar assim a correr de um lado para o outro; porém, vendo que o duque se lançava pelas escadas abaixo com energia juvenil, foi atrás dele com movimentos mais maduros.

Nesse instante, entrou a correr na sala um sexto criado e declarou que tinha encontrado a pilha dos pratos de peixe em cima de um aparador, mas sem vestígios da prata.

A multidão de hóspedes e criados que se lançaram apressadamente pelos corredores fora dividiu se em dois grupos; a maior parte dos Pescadores acompanhou o proprietário à sala da frente, para saberem se tinha saído por ali alguém. O coronel Pound, o presidente, o vice presidente e mais um ou dois Pescadores lançaram se pelo corredor que ia dar aos aposentos dos criados, que lhes pareceu ser a via de fuga mais provável. Pelo caminho, passaram diante da alcova, ou caverna, que era o bengaleiro quase às escuras, onde avistaram,

ligeiramente recuada e mergulhada nas sombras, uma figura baixa, vestida de preto, que presumiram ser um criado.

– Você aí – chamou o duque. – Viu passar alguém?

A figura não respondeu directamente à pergunta, limitando se a dizer:

– Talvez eu tenha aquilo de que os cavalheiros andam à procura.

Eles pararam, hesitantes, e ele dirigiu se calmamente às traseiras do bengaleiro, regressando para junto deles com as duas mãos cheias de objectos de prata, que poisou em cima do balcão com a calma de um vendedor. Tratava se de uma dúzia de garfos e facas com uma forma estranha.

– Você… você… – começou o coronel, finalmente desequilibrado. Depois espreitou para o interior do bengaleiro e viu duas coisas: primeiro, que o homenzito de preto estava vestido de clérigo; e depois, que a janela da salinha que ele tinha atrás de si estava aberta, como se alguém tivesse fugido por ela.

– Não é costume depositar objectos tão valiosos no bengaleiro, pois não? – observou o clérigo com alegre compostura.

– Foi o senhor… foi o senhor que roubou estas coisas? – gaguejou o Sr. Audley com os olhos muito abertos.

– Se fui – respondeu o clérigo com simpatia –, pelo menos estou a devolvê los.

– Mas não foi o senhor – declarou o coronel Pound, que não tirava os olhos da janela aberta.

– Para dizer a verdade, não fui – respondeu o outro com uma pitada de humor. E sentou se numa banqueta com uma expressão grave.

– Mas sabe quem foi – acusou o coronel.

– Não sei o verdadeiro nome dele – respondeu placidamente o sacerdote. – Mas conheço lhe o peso como lutador, e estou a par das suas dificuldades espirituais. Formei esta opinião quanto ao aspecto físico quando ele tentou esganar me, e a opinião quanto ao aspecto moral quando se arrependeu.

– Arrependeu se! – exclamou o jovem Chester com uma gargalhada rouca.

O padre Brown levantou se e pôs as mãos atrás das costas.

– É estranho, não é – comentou –, que um ladrão e vagabundo se arrependa, quando tantos homens ricos e seguros de si permanecem endurecidos, frívolos, sem darem frutos na presença de Deus e dos homens? Mas nesse ponto, se me dá licença, estão a imiscuir se um pouco nos meus domínios. Se duvidam da penitência como facto prático, aqui têm os vossos talheres. Os senhores intitulam se Os Doze Verdadeiros Pescadores, e aqui têm a vossa prata para o peixe. Quanto

a mim, Ele quis que eu fosse pescador de homens.

– E apanhou este homem? – perguntou o coronel, franzindo o sobrolho.

O padre Brown olhou o de frente.

– Apanhei – respondeu. – Apanhei o com um anzol que não se vê e com um fio invisível, suficientemente comprido para lhe permitir vaguear até aos confins do mundo e para me permitir trazê lo de volta com um simples puxão.

Fez se um prolongado silêncio. Os presentes afastaram se, uns para irem levar os talheres recuperados aos companheiros, outros para irem conversar com o proprietário sobre aquele caso bizarro. Mas o coronel deixou se ficar e sentou se em cima do balcão, de lado, balançando as pernas compridas e descarnadas e mordendo o bigode preto.

Por fim, dirigiu se ao sacerdote em tom recolhido:

– Ele devia ser um sujeito inteligente, mas parece me que conheço outro mais inteligente do que ele.

– Era de facto um sujeito inteligente – respondeu o outro –, mas não percebo bem quem é o outro a quem se refere.

– É o senhor – respondeu o coronel com uma curta gargalhada. – Não estou interessado em mandar prender o sujeito, não se preocupe. Mas daria um bom par de garfos de prata para saber como foi que se meteu neste assunto, e como foi que lhe arrancou o material. Tenho cá para a mim que o senhor é o maior demónio desta companhia.

A candura saturnina do militar pareceu agradar ao padre Brown.

– Bem – retorquiu com um sorriso –, não posso evidentemente revelar lhe a identidade do homem, nem a história dele; mas não vejo razão nenhuma para não lhe narrar os factos exteriores que descobri sozinho.

Saltou por cima da barreira com inesperada elasticidade e foi sentar se ao lado do coronel Pound, balançando as curtas pernas como fazem os miúdos quando se sentam no alto de um portão. E começou a contar a história, com a mesma facilidade com que a teria contado a um amigo numa noite de Natal, diante da lareira.

– Compreende, coronel, eu estava trancado naquela salinha ali, a escrever uma coisa, quando ouvi passos neste corredor, passos entretidos numa dança tão bizarra como a dança da morte. Primeiro, eram uns passinhos rápidos, como se a pessoa tivesse apostado que era capaz de andar nas pontas dos pés; seguiam se uns passos lentos, descuidados, como que de um homem grande que andasse dum lado para o outro de charuto na boca. Mas uns e outros eram dados pelos mesmos pés, posso jurá lo, e procediam à vez: primeiro a corrida, depois o passo, depois novamente a corrida. A coisa intrigou me, a

princípio ociosamente, depois furiosamente; o que levaria o mesmo homem a proceder de duas maneiras tão diferentes? Eu conhecia uma daquelas formas de andar; era muito parecida com a sua, coronel. Tratava se do passo de um cavalheiro bem alimentado que estivesse à espera de qualquer coisa, andando dum lado para o outro mais por se encontrar fisicamente alerta do que por se sentir mentalmente impaciente. E também sabia que conhecia o outro passo, mas não conseguia lembrar me o que era. Que estranha criatura tinha eu encontrado no decurso das minhas andanças, que andasse dum lado para o outro em bicos de pés, com aquele estilo extraordinário? Foi então que ouvi algures um tinir de pratos; e a resposta apresentou se me diante dos olhos, com a nitidez da de São Pedro: eram os passos de um criado, de um homem que anda com o corpo debruçado para diante, os olhos baixos, a ponta do dedo grande do pé de encontro ao chão, as bandas da casaca e o guardanapo quase em voo. Depois, pensei mais minuto e meio. E julgo ter compreendido como se deu o crime, tão claramente como se tivesse sido eu a cometê lo.

O coronel Pound olhou para ele com atenção, mas os suaves olhos cinzentos do orador estavam fixos no tecto com melancolia quase oca.

– Um crime – disse devagar – é como outra obra de arte qualquer. Não fique admirado; os crimes não são, de modo nenhum, as únicas obras de arte que provêm do infernal ateliê. Mas todas as obras de arte, sejam divinas ou diabólicas, têm uma componente indispensável: têm um âmago simples, por muito que a sua realização seja complicada. Assim, no *Hamlet*, por exemplo, o carácter grotesco do coveiro, as flores da jovem louca, os fantásticos adornos de Osric, a palidez do fantasma e o sorriso da caveira, são tudo bizarrias que constituem uma espécie de grinalda que cerca uma figura trágica muito simples: o homem de preto. Pois bem – prosseguiu, descendo lentamente do seu poiso com um sorriso –, também esta história é a simples tragédia de um homem de preto. Sim – prosseguiu, vendo que o coronel olhava para ele com um certo espanto –, toda esta história gira em torno de um casaco preto. Também aqui, tal como em *Hamlet*, encontramos excrescências rococó, que são os senhores, por assim dizer. Temos o criado morto, que estava presente quando não podia estar presente. Temos a mão invisível, que limpou a prata da mesa e a fez desaparecer. Mas todos os crimes inteligentes se fundam, em última análise, num facto muito simples, um facto que não é, ele próprio, misterioso. A mistificação entra quando se tenta encobri lo, quando se tenta afastar o pensamento dele. Este grande crime, este crime subtil e proveitoso (que o seria), foi construído sobre o simples facto de que o trajo de jantar dos cavalheiros é igual ao dos criados. Tudo o resto foi representação, e foi uma representação de extraordinária qualidade.

– Ainda assim – observou o coronel, levantando se e olhando para as botas de sobrolho franzido –, não sei se percebi tudo.

– Coronel – responde o padre Brown –, estou a dizer lhe que este arcanjo de descaramento que lhes roubou os talheres subiu e desceu este corredor vinte vezes, à luz dos candeeiros, na presença de todos. Não foi esconder se em recantos mal iluminados, onde poderia ser objecto de suspeitas. Andou sempre em corredores luminosos, e para onde quer que fosse, parecia aí estar por direito próprio. Não me pergunte como era ele, porque o senhor viu o seis ou sete vezes esta noite; o senhor esteve a aguardar, na companhia dos seus comensais, na sala que fica na extremidade deste corredor e que dá para a varanda. Sempre que se misturava com os senhores, este homem apresentava se como um criado, de cabeça baixa, pés ligeiros e guardanapo no braço. Saía para a varanda, fazia qualquer coisa à toalha da mesa, e voltava para dentro, encaminhando se para o gabinete e os aposentos dos criados. Quando voltava a ser visto pelo funcionário e pelos criados, tinha se transformado por completo, em todos os centímetros de corpo, em cada gesto instintivo. Circulava entre os criados com a insolência distraída que todos eles conhecem nas pessoas a quem servem. Não era surpresa para eles que os figurões do jantar circulassem pela casa quais animais no jardim zoológico; eles sabiam perfeitamente que poucas coisas são tão características da Gente Elegante como o hábito de circularem por onde lhes agrada. Quando se fatigava de percorrer aquele corredor, dava meia volta e passava novamente diante do gabinete; à sombra deste arco, alterava se como que por um passe de magia e voltava novamente para junto de Os Doze Pescadores na pele de um criado obsequioso. Nem os cavalheiros perdiam tempo a dar atenção a um criado, nem os criados se atreviam a desconfiar de um cavalheiro de primeira categoria. Uma ou duas vezes, pregou umas partidas. Deteve se nos aposentos privados do proprietário, onde solicitou com atrevimento um sifão de soda, afirmando que estava com sede. Declarou com simpatia que se encarregava de o levar para a mesa e assim fez; levou o com rapidez e correcção, passando pelos hóspedes na pele de um criado obviamente encarregado de uma tarefa. Naturalmente que não teria conseguido manter esta alternância durante muito tempo, mas também só tinha de a manter até ao final do prato de peixe.

– O seu pior momento foi quando os criados formaram uma fila; mas, mesmo nessa altura, conseguiu ocupar o lugar da ponta, de tal maneira que, por momentos, os criados pensaram que ele era um cavalheiro e os cavalheiros pensaram que era um criado. O resto passou num piscar de olhos. Quando um criado o apanhava longe de mesa, deparava com um aristocrata lânguido. Bastou lhe calcular que o prato de peixe estaria concluído dentro de dois minutos, transformar

se num criado eficiente e ser ele a levantar os pratos. Poisou os no aparador, meteu os talheres no bolso, criando ali uma protuberância, e correu que nem uma lebre (eu ouvi o passar) até ao bengaleiro. Aí, voltou a ser um plutocrata, e um plutocrata que de repente tinha de se ir embora. Bastou lhe entregar a ficha ao funcionário do bengaleiro, e sairia com a mesma elegância com que tinha entrado. Aconteceu porém… aconteceu porém que era eu que estava de serviço ao bengaleiro.

– O que foi que o senhor lhe fez? – perguntou o coronel com invulgar intensidade. – O que foi que ele lhe disse?

– Lamento imenso – respondeu o sacerdote, impassível –, mas a história acaba aqui.

– E é aqui que começa a parte interessante da história – murmurou Pound. – Julgo ter compreendido o truque profissional. Mas parece me que não compreendi o seu truque.

– Tenho de me ir embora – declarou o padre Brown.

Atravessaram juntos o corredor, dirigindo se à entrada, e depararam com a carinha fresca e sardenta, a carinha optimista do duque de Chester, que se dirigia a eles.

– Venha embora, Pound – exclamou o jovem, ofegante. – Tenho andado à sua procura por toda a parte. Vamos retomar o jantar a grande velocidade, e o velho Audley vai fazer um discurso em honra dos talheres recuperados. Sabe, queremos dar início a uma nova cerimónia, para comemorar esta ocasião. Já agora, como foi você que recuperou as coisas, o que é que sugere?

– Bem – respondeu o coronel, olhando para ele com anuição algo sardónica –, sugiro que, daqui para o futuro, usemos casacos verdes em vez dos pretos. Nunca se sabe os enganos que podem surgir quando os cavalheiros se parecem com os criados.

– Mas que ideia! – exclamou o jovem. – Um cavalheiro nunca se parece com um criado!

– Nem um criado com um cavalheiro, presumo – replicou o coronel Pound com a mesma expressão mordaz estampada no rosto. – Reverendo, o seu amigo devia ser muito inteligente, para conseguir passar por cavalheiro.

O padre Brown apertou até cima o vulgar sobretudo, porque estava uma noite de tempestade, e tirou o vulgar chapéu de chuva do cabide.

– Sim – replicou –, deve dar bastante trabalho ser um cavalheiro; mas sabe uma coisa, já me tem ocorrido que deve ser igualmente laborioso ser um criado.

E, depois de dar as boas noites, empurrou as pesadas portas daquele palácio de prazeres. Os portões dourados encerraram se depois de ele

sair e Brown avançou a passo ritmado pelas ruas cobertas de humidade e escuridão, até à paragem do autocarro.

AS ESTRELAS VOADORAS

– O mais belo crime que eu cometi – dizia Flambeau, instalado na sua velhice altamente moral – foi também, por singular coincidência, o meu último crime. Cometi o no Natal. Como artista que sou, sempre tentei cometer crimes especialmente adaptados à estação e à paisagem em que me encontrava, escolhendo este ou aquele jardim ou avenida para situar uma catástrofe, como quem os escolhe para instalar um grupo de estátuas. Assim, os fidalgos rurais eram vigarizados em salas compridas apaineladas a madeira de carvalho; por seu turno, os judeus davam por si sem um tostão no bolso por entre as luzes e as cores do Café Riche. Assim, quando queria libertar um reitor inglês das suas posses (coisa que não é tão fácil como poderão supor), instalava o, se estão a compreender me, nos verdes relvados e junto às pardas torres de uma cidade de catedral. Já quando queria arrancar o dinheiro a um camponês abastado e perverso de França (coisa que é quase impossível), agradava me aliviar lhe a indignada cabeça contra o pano de fundo de um maciço cinzento de álamos aparados, nas solenes planícies da Gália, sobre as quais paira, meditabundo, o poderoso espírito de Millet.

– Pois bem, o meu último crime foi um crime de Natal, um crime alegre e aconchegado, de classe média inglesa; um crime ao estilo de Charles Dickens. Pratiquei o numa bela casa da classe média, uma casa tradicional situada nas proximidades de Putney, com um caminho de acesso em ampla curva e um estábulo a um dos lados, uma casa com o nome nos dois portões exteriores, uma casa que tinha uma araucária. E já basta, todos conhecem este tipo de casa. Acho francamente que a minha imitação do estilo de Dickens foi habilidosa e literária. É quase pena que me tenha arrependido nessa mesma noite.

Flambeau passava então a narrar a história a partir de dentro; e até narrada a partir de dentro era uma história bizarra. Vista de fora, então, era perfeitamente incompreensível, mas é de fora que o leitor a deve analisar. Deste ponto de vista, pode se dizer que o drama começou quando, na tarde do dia a seguir ao Natal, as portas da frente da casa com estábulo se abriram para o jardim da araucária, e de lá de dentro saiu uma rapariga trazendo pão para alimentar os pássaros. A rapariga tinha uma cara bonita, com uns olhos castanhos cheios de bravura; a sua figura, porém tinha de ficar no domínio das conjecturas, porque a jovem vinha de tal maneira enrolada em peles castanhas, que era difícil distinguir lhe o cabelo das peles. Não fora o

rosto atraente, teria parecido um ursinho desajeitado.

A tarde de Inverno encaminhava se para a noite, e uma luz de rubi pairava já sobre os canteiros sem flor, enchendo os, por assim dizer, de fantasmas de rosas mortas. O estábulo ficava a um dos lados da casa, e do outro lado havia uma álea ou claustro de loureiros, que ia dar a um jardim de grandes dimensões, localizado nas traseiras. Tendo espalhado o pão destinado aos pássaros (pela quarta ou quinta vez nesse dia, porque o cão comia o), a jovem desceu a álea de loureiros com grande à vontade, mergulhando na vacilante plantação de sempre verdes que ficava nas traseiras. Aí chegada, soltou uma exclamação de espanto, não se sabe se real ou ritual, e, erguendo os olhos para o enorme muro do jardim que se erguia à sua frente, ficou a observar a fantástica personagem que nele se encontrava fantasticamente escarranchada.

– Oh, não salte daí, Sr. Crook – pediu, algo alarmada. – É muito alto.

O indivíduo que montava o muro como se fosse um cavalo aéreo era um jovem alto e anguloso, de cabelo preto espetado como as cerdas de uma vassoura, feições inteligentes, distintas mesmo, mas com uma compleição macilenta e quase extra terrestre, tanto mais notória quanto usava uma gravata de um encarnado agressivo, que era o único elemento da sua indumentária a que parecia dar alguma atenção. Talvez se tratasse de um símbolo. Sem se incomodar com a adjuração assustada da pequena, o jovem saltou para o chão com um pulo de gafanhoto, e podia muito bem ter partido as duas pernas.

– Acho que tenho vocação para ladrão – comentou com ar plácido –, e não tenho dúvida nenhuma de que seria efectivamente ladrão, se não me tivesse calhado nascer na simpática casa que fica aqui ao lado. Seja como for, não vejo mal nenhum nisso.

– Não diga uma coisa dessas! – protestou ela.

– Bem – contrapôs o jovem –, quando uma pessoa nasce do lado mau de um muro, não me parece que seja crime saltar para o outro lado.

– Eu nunca sei o que o senhor vai dizer ou fazer a seguir – observou ela.

– A maior parte das vezes, eu também não sei – replicou o Sr. Crook. – Seja como for, agora estou do lado bom do muro.

– E qual é o lado bom do muro? – perguntou a jovem, sorrindo.

– É o lado onde a menina está – retorquiu o jovem chamado Crook.

Enquanto percorriam os dois a álea de loureiros em direcção ao jardim da frente, ouviu se uma buzina tocar três vezes, progressivamente mais perto, até que um carro de velocidade

esplêndida, enorme elegância e cor verde clara avançou até à porta principal qual ave solene, e aí se deteve ofegante.

– Ora, ora! – exclamou o jovem da gravata encarnada. – E aqui está uma pessoa que nasceu do lado bom. Menina Adams, não sabia que o seu Pai Natal era tão moderno.

– É o meu padrinho, Sir Leopold Fischer. Vem sempre visitar nos no dia a seguir ao Natal.

E, após uma pausa inocente com que deu inconscientemente a conhecer uma certa falta de entusiasmo, Ruby Adams acrescentou:

– É um homem muito simpático.

John Crook, que era jornalista, já tinha ouvido falar daquele eminente magnata da City, e não era por culpa sua que o magnata de City não tinha ouvido falar dele; com efeito, Sir Leopold fora tratado com razoável austeridade em determinados artigos publicados em *The Clarion* e em *The New Age*. Mas o jovem nada disse, ficando a observar com expressão sombria o desembarque do carro, que foi um processo algo prolongado. Da frente, saiu um motorista alto e muito asseado, vestido de verde, de trás saiu um criado baixo e muito asseado, vestido de cinzento, e, entre os dois, depositaram Sir Leopold diante da porta da frente e começaram a desempacotá lo, qual encomenda cuidadosamente protegida: desenrolaram, um a um, tapetes que chegavam para encher uma loja, peles de todos os animais da floresta, bem como cachecóis de todas as cores do arco íris, até revelarem finalmente algo que se assemelhava a uma forma humana: a forma de um cavalheiro idoso, de ar amável e aspecto estrangeiro, com uma barbicha grisalha em bico e um sorriso radiante, que esfregava as mãos metidas dentro de luvas de pele.

Muito antes de esta revelação ficar completa, já as duas grandes portas da entrada se tinham aberto ao meio, e o coronel Adams (o pai da jovem coberta de peles) tinha vindo cá fora receber o eminente convidado. Era ele um homem alto, bronzeado e muito silencioso, que trazia na cabeça um barrete de fumo encarnado que mais parecia um fez, tornando o semelhante a um daqueles sirdares ou paxás ingleses do Egipto. Acompanhava o o cunhado, recentemente chegado do Canadá, um jovem lavrador encorpado e algo exuberante, de barba amarela, chamado James Blount. Acompanhava o igualmente uma figura insignificante, que era o sacerdote da igreja católica das redondezas, porque a mulher do coronel, já falecida, fora católica, e os filhos – como é costume acontecer nestes casos – tinham sido educados na mesma religião. Nada parecia chamar a atenção neste padre, nem sequer o nome, que era Brown; e contudo, o coronel sempre se tinha sentido bem na sua companhia, e convidava o com frequência para estas reuniões familiares.

O vestíbulo da casa era tão grande, que Sir Leopold tinha espaço de sobra para se desenvencilhar das coisas que o cobriam. Na realidade, o alpendre e o vestíbulo eram desproporcionadamente grandes em relação à casa, formando, por assim dizer, um enorme compartimento, com a porta da frente numa extremidade e o fundo das escadas na outra. O processo foi concluído diante da enorme lareira do vestíbulo, por cima da qual estava pendurada a espada do coronel, e todos os presentes – incluindo o saturnino Crook – foram apresentados a Sir Leopold Fischer. Mas aquele venerável financeiro parecia debater se ainda com certos elementos do trajo bem forrado, acabando finalmente por retirar, de um bolso extremamente interior da casaca, um estojo preto oval, que explicou, com ar radiante, tratar se do presente de Natal que trazia à afilhada. E, com genuína vanglória que tinha qualquer coisa de desarmante, apresentou o estojo à vista de todos, abrindo o com um ligeiro toque; o interior quase cegou os presentes. Foi como se uma fonte de cristal tivesse começado a jorrar diante deles. Num ninho de veludo cor de laranja, estavam depostos, como ovos, três diamantes brancos, de um brilho intenso, que pareciam incendiar o ar que os rodeava. Irradiando benevolência, Fischer contemplava com avidez o espanto e o êxtase da rapariga, a turva admiração e os agradecimentos impacientes do coronel, e a estupefacção de todo o grupo.

– Vou guardá los outra vez, minha filha – declarou Fischer, voltando a meter a caixa no bolso da casaca. – Tive d'os trazer com muito cuidado. Tens aqui os três grandes diamantes africanos a que chamam «As Estrelas Voadoras», porque foram roubados muitas vezes. Os grandes criminosos andam todos na sua pista; mas os ladrões menos sofisticados, esses que vivem das ruas e dos hotéis, também gostariam bastante de lhes deitar a mão. É bem possível que eu tenha despistado alguns quando para aqui vinha.

– Eu diria que é muito natural que isso tenha acontecido – resmoneou o homem da gravata encarnada. – E eu não havia d'os censurar se lhos tivessem roubado. Quando lhe pedem pão e o senhor nem uma pedra lhes dá, tenho para mim que podiam muito bem ter se apoderado das pedras.

– Proíbo o de falar dessa maneira! – exclamou a rapariga, que estava envolvida num brilho curioso. – Só fala assim desde que é um desses horríveis… nem me lembro bem do nome deles. Como é que se chama a um homem que quer abraçar o limpa chaminés?

– Um santo – respondeu o padre Brown.

– Julgo – retorquiu Sir Leopold com um sorriso de superioridade – que Ruby se refere aos socialistas.

– Um radical não é um homem que se alimenta de raízes – observou

Crook com uma certa impaciência –, nem um conservador é uma pessoa que faz conservas. E também lhes garanto que um socialista não é um homem que deseja sair à noite com um limpa chaminés. Um socialista é um homem que quer que todas as chaminés sejam limpas e que todos os limpa chaminés sejam devidamente pagos por isso.

– Mas que não autoriza cada um a ser proprietário da sua própria fuligem – comentou o padre em voz baixa.

Crook olhou para ele com uma expressão interessada, pode se mesmo dizer que respeitosa.

– E há pessoas que querem ser proprietárias de fuligem? – perguntou.

– Pode haver – retorquiu o padre com uma expressão sonhadora. – Segundo ouvi dizer, faz jeito aos jardineiros. E lembro me de, certa vez, ter feito a felicidade de seis crianças num dia de Natal em que o ilusionista não apareceu, recorrendo apenas à fuligem; aplicada exteriormente.

– Oh, esplêndido! – exclamou Ruby. – Oh, e se nós fizéssemos a mesma coisa?

O Sr. Blount, o exuberante canadiano, erguia já a estrondosa voz num aplauso à ideia, e o espantado financeiro a sua (com considerável desaprovação), quando se ouviu bater à porta da rua. O padre foi abri la, dando novamente a ver o jardim de sempre verdes com a sua araucária, um jardim que a noite começava já a cobrir de escuro sobre o pano de fundo de um pôr do sol de um esplendoroso violeta. O cenário assim enquadrado era de tal maneira colorido e pitoresco – parecia o cenário de uma peça de teatro – que por momentos todos se esqueceram da insignificante figura que estava à porta. Tratava se de um homem coberto de pó, trajando um casaco bastante coçado, que era evidentemente um simples mensageiro.

– Algum dos presentes é o Sr. Blount? – perguntou, estendendo uma carta com ar hesitante. O Sr. Blount sobressaltou se e conteve uma expressão de assentimento. Rasgando o sobrescrito com evidente espanto, leu a missiva; o rosto carregou se lhe um pouco, depois voltou a limpar se, e o homem voltou se para o cunhado e anfitrião.

– Estou sempre a incomodá lo, coronel – declarou com descontraído convencionalismo colonial –, mas importava se de que um velho conhecido viesse visitar me para tratarmos de negócios? Na realidade, trata se de Florian, o famoso acrobata e actor cómico francês; conheci o há uns anos (Florian é canadiano francês de nascimento), e ele afirma ter um negócio a propor me, embora eu não consiga imaginar o que seja.

– Com certeza, com certeza – respondeu o coronel. – Meu caro amigo, qualquer amigo seu é bem vindo nesta casa. Será certamente

uma boa aquisição.

– Ele não se vai importar de enfarruscar a cara, se é a isso que se refere – proclamou Blount com uma gargalhada. – E não duvido de que estaria disposto a enfarruscar os olhos de todos os presentes, se fosse caso disso. Tanto me faz. Não sou uma pessoa refinada. Gosto de pantomimas daquelas em que os palhaços esborracham chapéus altos.

– Agradecia que não me esborrachassem o meu – pediu Sir Leopold Fischer com dignidade.

– Pronto, pronto – interveio Crook em tom ligeiro. – Não vale a pena discutirmos. Há piadas mais rascas do que esborrachar um chapéu alto.

O desagrado que tinha pelo jovem de gravata encarnada, um desagrado que resultava das suas opiniões predatórias e da sua evidente intimidade com a bela afilhada, levou Fischer a observar, em tom sarcástico e magisterial:

– Estou a ver que o senhor descobriu palhaçadas bastante mais rascas do que esborrachar um chapéu alto. Pode saber se quais são?

– Ser esborrachado por um chapéu alto, por exemplo – respondeu o socialista.

– Vamos, vamos – contemporizou o lavrador canadiano com a bárbara benevolência que o caracterizava –, não estraguemos uma noite que está a ser tão agradável. Proponho que façamos qualquer coisa em conjunto ao serão. Não temos de enfarruscar a cara nem de esborrachar o chapéu, mas podemos fazer qualquer coisa desse género. Podemos encenar uma pantomima inglesa, uma coisa a sério, com um palhaço, uma colombina e por aí fora. Assisti a uma coisa destas quando tinha doze anos, antes de partir de Inglaterra, e nunca mais se me apagou da memória. Regressei à minha velha pátria o ano passado, e vim a descobrir que a coisa foi extinta. Os únicos espectáculos que se fazem actualmente são umas lamechices duns contos de fadas. Eu venho à procura de um atiçador ao rubro e de um polícia transformado em torresmos, e apresentam me princesas a contar histórias moralistas ao luar, Avezinhas Azuis e coisas do género. Cá por mim, gosto mais do Barba Azul, e gostei sobretudo quando ele se transformou em arlequim.

– Sou inteiramente a favor do polícia transformado em torresmos – declarou John Crook. – Como definição do socialismo, acho a preferível a outras que foram recentemente propostas. Mas não lhe parece que é um empreendimento grande demais para nós?

– Nem pensar – replicou Blount, extremamente entusiasmado. – É facílimo organizar uma arlequinada, e por duas razões. Primeiro, porque as brincadeiras que se podem fazer são intermináveis; e segundo, porque os objectos são todos de uso doméstico, mesas,

toalheiros, lava louças e coisas assim.

– Isso é verdade – reconheceu Crook, acenando intensamente com a cabeça e começando a circular pela sala. – Mas estou a ver que não consigo arranjar um uniforme de polícia. Não matei nenhum polícia ultimamente.

Blount franziu o sobrolho com ar pensativo, e depois deu uma palmada na perna.

– Mas conseguimos! – exclamou. – Tenho aqui a morada de Florian e ele conhece todos os aderecistas de Londres. Vou telefonar lhe a pedir que, quando vier, traga um fato de polícia. – E correu para o telefone.

– Oh, que coisa maravilhosa, padrinho! – exclamou Ruby, quase a dançar. – Eu sou a colombina e o padrinho é o bobo.

O milionário assumiu uma atitude reservada, uma espécie de solenidade pagã.

– Parece me, minha querida – respondeu –, que é melhor arranjares outro bobo.

– Eu não me importo de ser o bobo, se quiseres – disse o coronel Adams, tirando o charuto da boca; era a primeira que falava e seria também a última.

– Deviam erguer lhe uma estátua – proclamou o canadiano, que regressava, radiante, de junto do telefone. – Pronto, estamos arrumados. O Sr. Crook será o palhaço, porque é jornalista e conhece as piadas todas. Eu posso ser o arlequim, que tem umas pernas compridas e anda aos saltos dum lado para o outro. O meu amigo Florian disse me ao telefone que traz o fato de polícia; veste o pelo caminho. Podemos representar aqui mesmo no vestíbulo, e o público senta se ali nas escadas, degrau após degrau. A porta da frente será o cenário, e pode ficar aberta ou fechada; quando está fechada, vemos um interior inglês, quando está aberta, vemos um jardim iluminado pelo luar. E tudo isto funciona como que por magia. – E tirando do bolso um bocadito de giz de bilhar que lá tinha metido por acaso, traçou uma linha no chão do vestíbulo, a meio caminho entre a porta da frente e a escadaria, assinalando a localização da ribalta.

Nunca ninguém saberá como conseguiram eles que tal banquete de disparates ficasse pronto no tempo que lhes restava. O certo é que meteram mãos à obra com aquela combinação de ousadia e habilidade que habita numa casa quando a juventude nela habita; e, nesta noite, a juventude habitava nesta casa, embora talvez nem todos tivessem sabido identificar os dois rostos e os dois corações donde ela provinha. Como sempre acontece, a criação foi se tornando cada vez mais disparatada, por via do domínio das convenções burguesas com base nas quais tinha de criar. A colombina estava encantadora, com uma

saia linda que, estranhamente, se parecia muito com o enorme quebra luz da sala de estar. O palhaço e o bobo cobriram se de farinha roubada à cozinheira e pintaram as faces com *rouge* roubado a outra criada, cuja identidade (à semelhança da de todos os benfeitores verdadeiramente cristãos) permaneceu anónima. Só com dificuldade se conseguiu impedir que o arlequim, já vestido de papel de prata roubado a caixas de cigarros, partisse aos bocadinhos os candelabros vitorianos, que eram antigos, a fim de se cobrir de resplandecentes cristais. A bem dizer, ele teria levado em frente o projecto se Ruby não tivesse desencantado umas jóias falsas de pantomima, que ela própria tinha usado num baile de máscaras em que fora de Rainha dos Diamantes. Na realidade, James Blount, o tio da pequena, estava quase descontrolado de excitação; parecia um miúdo. Colocou inesperadamente uma cabeça de burro de papel sobre a cabeça do padre Brown, que aguentou a partida com paciência, e chegou mesmo a arranjar maneira de mexer as orelhas. E foi a ponto de tentar pregar a cauda de burro de papel nas abas da casaca de Sir Leopold Fischer, tentativa que foi bastante mal recebida.

– O tio não tem juízo nenhum – comentou Ruby a Crook, sobre cujos ombros tinha deposto, com grande seriedade, uma tira de salsichas. – O que é que se passa com ele?

– Ele é o arlequim e tu a sua colombina – fez notar Crook. – Eu sou apenas o palhaço que diz umas piadas já muito gastas.

– Gostava que fosses tu o arlequim – disse ela, deixando pender a tira de salsichas.

Embora conhecesse com todo o pormenor o que estava a ser feito nos bastidores, e tivesse mesmo suscitado uma ronda de aplausos ao transformar uma almofada num bebé de pantomima, o padre Brown foi sentar se no meio do público, com a solene expectativa de uma criança que vai pela primeira vez à matiné. Os espectadores eram poucos: parentes, um ou dois amigos das redondezas, e os criados. Sir Leopold estava sentado na primeira fila, e a sua enorme figura, a pele ainda a contornar lhe o colarinho, tapava grande parte da vista ao clérigo, que estava sentado atrás dele; mas os críticos de arte nunca chegaram a determinar com precisão se o clérigo perdeu grande coisa. A pantomima foi totalmente caótica, mas nem por isso desprezível, atravessada por uma fúria de improvisação que tinha a sua origem principalmente no palhaço Crook. De uma maneira geral, ele era um homem inteligente, e esta noite sentia se inspirado por uma omnisciência selvática, por uma loucura mais sensata que o mundo, a loucura que enche um jovem que por momentos entreviu uma certa expressão em determinado rosto. Competia lhe ser o palhaço, mas na verdade ele era quase tudo: autor (na medida em que a pantomima tinha autor), ponto, pintor de cenários, maquinista, e principalmente a

orquestra. Interrompendo de forma abrupta a escandalosa peça, atirava se de cabeça para diante do piano, aonde matraqueava uma cançoneta popular, igualmente absurda e adequada.

O clímax do espectáculo, e de tudo o resto, foi o momento em que a porta da frente do fundo do palco se abriu para trás, dando a ver o encantador jardim banhado pelo luar, mas dando a ver de forma mais proeminente o famoso convidado profissional: o grande Florian, vestido de polícia. O pirata estava ao piano, tocando o coro dos polícias de *Os Piratas de Penzance*, mas foi esmagado pelos ensurdecedores aplausos do público, porque todos os gestos do grande actor cómico eram uma versão admirável, embora contida, do porte e da atitude dos polícias. O arlequim saltou para cima dele e bateu lhe no capacete; e, enquanto o pianista tocava «Onde é que arranjaste esse chapéu?», o homem olhou em volta com espanto admiravelmente simulado, e nessa altura o arlequim voltou a bater lhe (no momento em que o pianista sugeria uns quantos acordes de «E a seguir tomámos outra»). Em seguida, o arlequim correu a grande velocidade para os braços do polícia e caiu em cima dele, ao som de uma chuva de aplausos. Foi então que o estranho actor procedeu à sua famosa imitação de um morto, cuja fama ainda não se apagou em Putney; era quase impossível acreditar que um corpo vivo pudesse parecer tão desprovido de vitalidade.

O atlético arlequim virou o ao contrário como se fosse um saco, agitou o como se fosse uma moca, sempre ao som das mais desvairadas notas ao piano. Quando o arlequim levantou do chão, em peso, o cómico polícia, o palhaço tocou «Dos teus sonhos me ergo»; quando o pôs às costas, avançou para «Com o fardo aos ombros»; e quando, por fim, o arlequim largou o polícia no chão com um baque extremamente convincente, o lunático que ocupava o teclado ofereceu uma salgalhada de sons acompanhados de palavras, que ainda hoje há quem julgue terem sido: «Mandei uma carta ao meu amor e pelo caminho deitei a ao lixo».

Por esta altura do estado vigente de anarquia mental, a visão do padre Brown ficou totalmente obscurecida, porque o magnata da cidade, que ocupava o lugar em frente ao seu, se levantou, metendo selvaticamente as mãos em todos os bolsos. Em seguida, voltou a sentar se, muito nervoso, continuando a agitar se, após o que tornou a levantar se. Por instantes, deu seriamente a impressão de que tencionava atravessar a ribalta; depois voltou se de sobrolho franzido para o palhaço, que continuava ao piano; e finalmente saiu da sala num silêncio eloquente.

O sacerdote ficou a assistir mais uns minutos à dança absurda, mas nem por isso deselegante, que o arlequim amador fazia sobre o inimigo esplendidamente inconsciente. Com arte verdadeira, embora

pouco elaborada, o arlequim recuou lentamente em passo de dança, saindo pela porta principal em direcção ao jardim, por esta altura banhado em calma e luar. O improvisado fato de cola e papel de prata, que tão brilhante tinha parecido sob as luzes da ribalta, ia se tornando mais e mais prateado e mágico, à medida que ele ia recuando em passo de dança à luz do luar. O público encerrava a encenação com uma catarata de aplausos, quando Brown sentiu que lhe tocavam abruptamente no braço e lhe pediam, num sussurro, que se dirigisse ao escritório do coronel.

O padre Brown foi atrás da pessoa tomado por uma dúvida cada vez mais intensa, que a solene comicidade que reinava no escritório não conseguiu dissolver. Ali se encontrava o coronel Adams, ostentando ainda, com toda a naturalidade, o fato de bobo, a protuberante barba de baleia a agitar se lhe por sobre a testa, mas com uma expressão tão triste, que quaisquer pândegos perderiam imediatamente, ao vê lo, a vontade de se divertir. Sir Leopold Fischer estava encostado à prateleira do fogão, palpitando com toda a importância que o pânico confere.

– A situação é terrivelmente dolorosa, padre Brown – começou Adams. – A verdade é que os diamantes que todos vimos claramente esta tarde parecem ter desaparecido da algibeira da casaca do meu amigo. E como o senhor…

– Como eu – completou o padre Brown – estava sentado mesmo atrás dele…

– Ninguém sugere semelhante coisa – declarou o coronel Adams, lançando a Fischer um olhar cheio de firmeza, mas que dava a entender que tal coisa tinha sido efectivamente sugerida. – Peço lhe apenas que faça aquilo que qualquer cavalheiro estaria disposto a fazer.

– Ou seja, que mostre o que tenho nos bolsos – comentou o padre Brown, que assim fez imediatamente, dando a ver umas moedas pequenas, um bilhete de regresso, um pequeno crucifixo de prata, um pequeno breviário e um pauzinho de chocolate.

O coronel olhou longamente para ele, e por fim disse:

– Sabe uma coisa, interessava me mais saber o que lhe vai dentro da cabeça do que ver o que traz dentro dos bolsos. Segundo sei, a minha filha é dos vossos; pois bem, ultimamente ela… – E calou se.

– Ultimamente – completou o velho Fischer com veemência –, ela abriu as portas da casa do pai a um socialista corta pescoços, que declara abertamente estar na disposição de roubar tudo o que puder aos ricos. E foi a isto que chegámos. Aqui está o rico; e o rico não está mais rico do que estava.

– Se quer saber o que me vai dentro da cabeça, não tenho relutância

nenhuma em lho comunicar – replicou o padre Brown com uma certa fraqueza. – Depois me dirá se lhe foi de alguma utilidade. Pois bem, a primeira coisa que eu encontro nessa algibeira pouco usada é a seguinte: um homem que tenciona roubar diamantes não se põe a falar de socialismo. É uma conversa – acrescentou com gravidade – que tem grandes hipóteses de o denunciar.

Os outros mudaram bruscamente de posição e o padre prosseguiu:

– Compreende, eu conheço razoavelmente estas pessoas. Os socialistas metem se tanto a roubar diamantes como a roubar pirâmides. De quem nós temos de ir atrás é do homem que não conhecemos. Esse sujeito que fazia de polícia, o tal Florian, onde está ele neste preciso momento? Isso é que eu gostava de saber.

O bobo levantou se imediatamente e saiu do escritório a passos largos. Seguiu se um interlúdio, durante o qual o milionário olhava fixamente o padre e o padre tinha os olhos no breviário; em seguida, o bobo regressou ao escritório e declarou, com calma gravidade:

– O polícia continua deitado no palco. A cortina subiu e desceu seis vezes, e ele continua ali deitado.

O padre Brown deixou cair o livro e ficou a olhar para ele com uma expressão de total descalabro mental. Em seguida, uma luz começou, muito lentamente, a invadir lhe os olhos cinzentos, e o sacerdote fez uma pergunta nada óbvia:

– Perdoe me por favor, coronel, mas quando foi que morreu a sua mulher?

– A minha mulher? – replicou o militar, que não tirava os olhos dele. – Morreu este ano, há dois meses. O irmão, James, chegou uma semana depois, e já não teve oportunidade de se despedir dela.

O padrezinho deu um salto tal, que mais parecia um coelho.

– Vamos depressa! Depressa! – bradou com excitação rara nele. – Temos de ir ver o polícia!

Correram os três para o palco, já oculto pela cortina de cena, passando a toda a pressa pela colombina e o palhaço (que pareciam arrulhar com enorme satisfação), e o padre Brown debruçou se sobre o polícia cómico, que continuava prostrado.

– Clorofórmio – declarou, reerguendo se. – Só agora é que percebi.

Seguiu se um momento de espantado silêncio, após o que o coronel disse lentamente.

– Por favor, explique nos o significado de tudo isto.

De repente, o padre Brown soltou uma sonora gargalhada; depois dirigiu se aos presentes, com o riso sempre escondido por detrás das palavras:

– Meus senhores, não temos muito tempo para conversar. Tenho de

ir a correr atrás do criminoso. Mas este grande actor francês que fez de polícia, este cadáver inteligente com quem o arlequim dançou, e que atirou dum lado para o outro, este homem era… – Voltou a faltar lhe a voz e, voltando lhes as costas, fez menção de desatar a correr.

– Era…? – repetiu Fischer em tom inquisitivo.

– Era um polícia! – revelou o padre Brown, e desatou mesmo a correr em direcção ao jardim.

A extremidade do luxuriante jardim era povoada por reentrâncias e pérgulas, e toda a sua extensão ocupada por loureiros e outros arbustos imortais, que se recortavam contra o céu cor de safira e a lua cor de prata, exibindo, apesar de estarem em pleno Inverno, as mesmas cores quentes que ostentavam no sul. A boa disposição dos verdes loureiros agitados pelo vento, o intenso azul arroxeado da noite, a lua que parecia um cristal monstruoso – todos estes factores contribuíam para a criação de um quadro de romantismo quase leviano; e, por entre os ramos mais altos das árvores, avistava se uma estranha personagem, que saltava dum lado para o outro e que se afigurava, não tanto romântica, como impossível: brilhava da cabeça aos pés, como que envergando dez milhões de luas, e a verdadeira lua incidia nela a cada momento, incendiando lhe sempre novas zonas da veste. Mas ele continuava a saltar, cheio de ritmo e seguro de si, da árvore baixa deste jardim para a árvore irregular e alta do jardim do lado, e apenas se deteve porque uma pequena sombra se postou debaixo da árvore mais baixa e se lhe dirigiu de forma inequívoca.

– Bem, Flambeau – comentou a voz –, você parece realmente uma Estrela Voadora; mas qualquer Estrela Voadora acaba inevitavelmente por se transformar numa Estrela Cadente.

A personagem de brilho prateado parece debruçar se do alto do loureiro e, segura de conseguir fugir quando lhe aprouver, põe se a ouvir o que tem para lhe dizer a personagem que está no solo.

– Foi a melhor coisa que você já fez, Flambeau. Fui muito inteligente regressar do Canadá, presumo que com bilhete de Paris, uma semana a seguir à morte da Sra. Adams, numa altura em que ninguém andava com disposição para fazer perguntas. Foi ainda mais inteligente ter assinalado as Estrelas Voadoras e o dia em que Fischer aqui viria. Mas naquilo que se seguiu não houve inteligência, Flambeau, houve genialidade. Calculo que não tenha tido dificuldade nenhuma em roubar as pedras quando fingiu aplicar a cauda do burro à casaca de Fischer; mas, se não fosse assim, tinha tido mil maneiras de lhas surripiar do bolso. No resto, porém, você eclipsou se.

A personagem prateada que se recortava por entre as folhas verdes parecia hipnotizada, incapaz de se mover, embora pudesse perfeitamente pôr se a andar; na realidade, porém, não tirava os olhos

do homem que com ele falava do chão.

– Oh sim – prosseguiu este –, eu percebi muito bem o que se passou. Percebi que, para além de ter imposto a pantomima, você retirou dela uma dupla vantagem. Tencionava roubar as pedras discretamente; um cúmplice fez lhe saber que já desconfiavam de si e que vinha a caminho um polícia extremamente competente, encarregado de o prender nesta mesma noite. Qualquer ladrão vulgar teria agradecido a advertência e ter se ia posto a andar; mas você é um poeta. Já lhe tinha ocorrido a inteligente ideia de esconder os diamantes no meio de uma série de jóias falsas que serviam de adereços de palco. Percebeu então que, se se disfarçasse de arlequim, era completamente normal que aparecesse um polícia atrás de si. O valente guarda partiu da esquadra de Putney à sua procura e foi cair na mais estranha das armadilhas que alguém jamais concebeu. Quando se abriu a porta da rua, ele entrou directamente no palco de uma pantomima de Natal, onde o arlequim lhe deu uma série de pontapés e de murros, o drogou e o deixou sem sentidos, para gáudio e sonoras gargalhadas da respeitável gente de Putney. Oh, você nunca mais fará coisa melhor que esta. Mas agora, se não se importa, faça o favor de me devolver os diamantes.

O ramo onde a brilhante personagem se encontrava suspensa agitou se como que de espanto; mas a voz prosseguiu:

– Quero que mos devolva, Flambeau, e quero que acabe com esta vida. Você tem ainda dentro de si reservas de juventude, de honra e de sentido de humor; mas não lhe passe pela cabeça que elas vão durar para sempre, se continuar a dedicar se a esta actividade. Os homens conseguem manter se num certo nível de bem, mas homem algum conseguiu jamais manter se no mesmo nível de mal. Esse caminho é sempre a descer. O homem afável começa a beber e torna se cruel; o homem sincero mata e mente sobre esse acto. Tenho conhecido muitos homens que começaram como você, que foram bandidos honestos, simples ladrões de ricos, e acabaram mergulhados no lodo. Maurice Bluem começou por ser um anarquista de princípios, um pai dos pobres, e acabou por se tornar num espião e delator nojento, usado e desprezado por ambos os lados. Harry Burke estava a ser honesto quando lançou o movimento do dinheiro gratuito; hoje tem de explorar uma irmã para poder pagar os seus intermináveis brandies com soda, e a irmã tem dificuldade em sobreviver. Lord Amber juntou se aos desprezados da sociedade numa espécie de atitude de cavaleiro andante, e hoje em dia é chantageado pelos piores abutres de Londres. O capitão Barillon foi um glorioso cavalheiro apache antes de você nascer; morreu num manicómio, a gritar de terror dos «bufos» e receptadores que o tinham atraiçoado e perseguido. Bem sei que os bosques se estendem diante de si e lhe

parecem plenos de liberdade, Flambeau; bem sei que pode confundir se com eles num momento, como se fosse um macaquinho. Um dia, porém, há de ser um macaco velho e grisalho, Flambeau; e, quando estiver para morrer, há de sentar se nessa floresta plena de liberdade com o coração gelado, e verá que os topos das árvores estão muito despidos.

Tudo permanecia intensamente silencioso, como se o homenzinho que estava no solo segurasse o que estava no alto da árvore por uma trela invisível; e ele prosseguiu:

– Você já começou a percorrer o caminho descendente. Antigamente, gabava se de não praticar actos de malícia, mas a verdade é que está hoje a cometer um acto malicioso. Está a permitir que as suspeitas recaiam sobre um rapaz honesto, que já tem muita coisa contra ele; e está a separá lo da mulher que ele ama, e que o ama a ele. Mas fará coisas muito piores antes de morrer.

Do alto da árvore caíram três diamantes resplandecentes, que foram alojar se em cima das ervas. O homenzinho debruçou se e apanhou os, e quando voltou a erguer a cabeça a ave de prata tinha abandonado a jaula verde da árvore.

A devolução das jóias (e, imagine se, foi o padre Brown que por acaso as apanhou do chão) permitiu concluir o serão em glorioso triunfo; e Sir Leopold, no auge do seu bom humor, chegou mesmo a declarar ao sacerdote que, embora ele próprio fosse um homem de vistas mais amplas, era capaz de respeitar as pessoas cujas convicções lhes exigiam que permanecessem encerradas no claustro e na consequente ignorância das coisas do mundo.

O HOMEM INVISÍVEL

As duas ruas íngremes de Camden Town estavam mergulhadas na luz azul de um crepúsculo fresco; a luz da loja da esquina, que era uma pastelaria, brilhava no escuro qual ponta de charuto – ou, talvez mais precisamente, qual ponta de fogo de artifício, porque se tratava de uma luz de muitas cores e de alguma complexidade, de uma luz quebrada por vários espelhos, de uma luz que dançava sobre múltiplos bolos e doces, sobre superfícies brilhantes e coloridas. E era à fogosa montra desta loja que muitas varejas da sarjeta tinham colado o nariz, porque os chocolates estavam todos embrulhados naqueles vermelhos e dourados e verdes metálicos, que são quase melhores do que o chocolate propriamente dito; e o gigantesco bolo de noiva branco que ocupava o centro da montra era, a um tempo, inatingível e convincente, como se fosse possível comer o Pólo Norte. Como seria de esperar, tais provocações de arco íris atraíam as crianças da vizinhança até aos dez ou doze anos. Mas este recanto também se tornava atraente para jovens um pouco mais velhos, de maneira que um dos que contemplavam fixamente a mesma montra era um rapaz de nada menos do que vinte e quatro anos. Também para ele tinha a loja um encanto fogoso, mas tal atracção não se explicava exclusivamente à conta dos chocolates – coisa que, contudo, ele estava longe de desprezar.

Tratava se de um jovem alto, corpulento e ruivo, de expressão resoluta mas com uma atitude indiferente; trazia debaixo do braço um portfolio cinzento de esboços a preto e branco, que andava a tentar de vender aos editores, com maior ou menor sucesso, desde que o tio (que era almirante) o tinha deserdado por razões de socialismo, devido a uma palestra que ele proferira contra a referida teoria económica. Chamava se John Turnbull Angus.

O jovem entrou finalmente na pastelaria em questão, que atravessou de uma ponta à outra para ir instalar se no compartimento que ficava ao fundo da mesma, e que era uma espécie de restaurante de confeitos; ao passar, limitou se a levantar o chapéu à jovem que servia os clientes. Tratava se de uma rapariga morena, elegante, atenta, de vestido preto com uma gola branca, dotada de uns inteligentes olhos negros; momentos depois, a jovem foi atrás dele, deslocando se ao compartimento dos fundos para lhe perguntar o que queria tomar.

E o que ele pediu foi, evidentemente, o que sempre pedia:

– Quero um bolo com creme e uma chávena pequena de café simples – declarou com precisão. – E quero também que se case

comigo – acrescentou rapidamente, momentos antes de a rapariga ter tempo de lhe voltar as costas.

A jovem empregada imobilizou se subitamente e respondeu:

– Não admito piadas dessas.

O jovem ruivo ergueu para ela uns olhos cinzentos de inesperada gravidade.

– Francamente, seriamente – disse. – É um pedido tão sério como o do bolo com creme. É caro, tal como o bolo; é preciso pagá lo. É indigesto, tal como o bolo. E dói.

A jovem morena nem por instantes desviara dele os olhos negros, antes parecendo analisá lo com precisão quase trágica. Concluído o escrutínio, tinha no rosto algo que se assemelhava à sombra dum sorriso, e sentou se ao lado dele.

– Não lhe parece – perguntou Angus com ar distraído – que é uma crueldade comer aqueles bolos com creme? Se os deixássemos estar, podia ser que crescessem. Quando nos casarmos, abandonarei por completo estes desportos violentos.

A jovem morena levantou se e encaminhou se para o balcão, evidentemente mergulhada num estado de cogitação intensa, mas nem por isso desagradada. Quando finalmente se voltou de novo, agora com ar decidido, espantou a ver que o rapaz dispunha cuidadosamente sobre a mesa diversos objectos retirados da montra: uma pirâmide de doces intensamente coloridos, diversas travessas de sanduíches e os dois decantadores que continham aquele misterioso *sherry* e aquele peculiar vinho do Porto que são típicos das pastelarias. No centro desta quase exposição, tinha ele colocado, com todo o cuidado, o enorme bolo coberto de açúcar branco que era o principal elemento decorativo da montra.

– Mas o que está o senhor a fazer? – perguntou ela.

– A cumprir o meu dever, minha querida Laura – começou ele.

– Oh, por amor de Deus, pare com isso – pediu ela –, e não fale comigo dessa maneira. Mas afinal, o que é isso?

– Uma refeição cerimonial, menina Hope.

– E o que é isso? – repetiu ela com impaciência, apontando para a montanha de açúcar.

– Isto é o bolo de casamento, Sra. Angus – respondeu ele.

A rapariga dirigiu se ao referido artigo de pastelaria, pegou nele com um certo estrondo e voltou a colocá lo na montra; depois voltou para junto dele e, apoiando os elegantes cotovelos em cima da mesa, olhou para o rapaz, com benevolência é certo, mas também com uma considerável dose de exasperação.

– Não me deu tempo para pensar na proposta – observou.

– É que eu não sou parvo – respondeu ele. – Até aí vai a minha humildade cristã.

Ela continuava a olhar para ele mas, por detrás do sorriso, a expressão tinha se lhe tornado consideravelmente mais grave.

– Sr. Angus – declarou com muita calma – antes de prosseguirmos com este disparate, há uma coisa que eu tenho de lhe dizer sobre mim, e tenho de lha dizer com a maior brevidade possível.

– Encantado – replicou Angus com gravidade. – E, já agora, também podia dizer me qualquer coisa sobre mim.

– Oh, deixa se estar calado e oiça me – pediu ela. – Não é coisa de que eu me envergonhe, e nem sequer é uma coisa que lamente especialmente. Mas o que diria o senhor se eu lhe contasse que há uma coisa que não me diz respeito mas que, no entanto, me persegue como um pesadelo.

– Nesse caso – retorquiu ele com seriedade –, sugiro que vá outra vez buscar o bolo.

– Mas não, primeiro vai ter de ouvir a história – persistiu Laura. – Para começar, tenho de lhe dizer que o meu pai era o proprietário de uma estalagem de Ludbury a que chamava O Peixe Vermelho, e que eu trabalhava no bar, a servir os clientes.

– Muitas vezes tenho perguntado a mim próprio qual seria a origem do ambiente cristão desta pastelaria – comentou ele.

– Ludbury é um buraquito indolente e verdejante situado na zona leste, e as únicas pessoas que ficavam alojadas no Peixe Vermelho eram os caixeiros viajantes que por ali passavam, para além de uma gente completamente horrorosa, como o senhor nunca viu, uns homenzinhos ociosos, que mal tinham com que se sustentar e que não tinham nada que fazer para além de apostarem nas corridas de cavalos e de passarem o dia encostados ao balcão de um bar, vestindo roupas de péssimo gosto, que na realidade eram boas demais para eles. Nem estes jovens patifórios eram visitas frequentes em nossa casa, mas havia dois cuja presença era vulgar, e vulgar em vários sentidos. Tinham ambos fortuna própria, e eram cansativamente ociosos, para além de se vestirem com despropositada cerimónia. No entanto, eu tinha alguma pena deles, porque me convenci de que frequentavam o nosso barzito sempre vazio porque tinham ambos uma ligeira deformidade, o género de coisa de que os labregos costumam fazer troça. Mas nem se tratava bem de uma deformidade; era mais uma coisa peculiar. Um deles era estranhamente baixo, parecia um anão, ou pelo menos um jóquei. Mas não tinha propriamente um estilo de jóquei; era moreno, tinha uma cabeça muito redonda, olhos brilhantes como os de um passarito e usava uma barba preta muito bem aparada; fazia tilintar as moedas nos bolsos; ostentava uma grande corrente de

ouro, com um relógio na ponta; e aparecia sempre tão bem vestido, que se percebia logo que não podia ser um cavalheiro. Mas não era palerma nenhum, embora fosse um ocioso; era curiosamente hábil naquele género de coisas que não servem para nada. Era uma espécie de ilusionista espontâneo: pegava fogo a quinze fósforos de seguida, como se fosse um fogo de artifício e cortava uma banana de tal maneira, que parecia uma boneca. Chamava se Isidore Smythe, e ainda o estou a ver, com aquela carinha muito morena, a aproximar se do balcão com cinco charutos na mão, e a fazer com eles um canguru aos saltos.

– O outro sujeito era mais discreto e mais vulgar; mas, nem eu sei bem porquê, assustava me mais do que o pobre Smythe. Era muito alto e muito esguio, tinha o cabelo claro e o nariz saliente; e podia ter sido um homem atraente, ao seu estilo espectral, mas era tão vesgo, como eu nunca vi outro assim. Quando ele olhava de frente para uma pessoa, a pessoa já nem sabia bem onde estava, quanto mais para onde estava ele a olhar. Estou convencida de que o defeito amargurava ao de leve o pobre homem, porque enquanto Smythe estava disposto a mostrar os truques dos charutos a quem o quisesse ver, James Welkin (era o nome do vesgo) só tinha duas actividades na vida: passar as tardes no bar da nossa estalagem e dar grandes passeios pelos campos áridos em redor de Ludbury, sempre sozinho. Ainda assim, parece me que Smythe também se sentia ligeiramente diminuído pelo facto de ser tão baixo, embora assumisse o defeito com mais galhardia. Foi então que eu me senti francamente intrigada, mas também algo assustada, e não menos desolada, quando ambos me pediram em casamento na mesma semana.

– Pois bem, fiz o que hoje me parece que talvez tenha sido uma patetice. Mas acontece que estes homens, por muito bizarros que fossem, não deixavam de ser meus amigos; e horrorizava me que eles pensassem que eu lhes recusava as propostas pela razão pela qual efectivamente lhas recusava: pelo facto de serem horrivelmente feios. Por isso, resolvi dizer lhes que tinha decidido que só me casaria com uma pessoa que tivesse feito fortuna pelos seus próprios meios. Declarei lhes que era para mim um ponto de honra não viver de dinheiro herdado, como era o deles. Dois dias depois de eu ter feito tão bem intencionada declaração, começaram os problemas. A primeira coisa que me chegou aos ouvidos foi que tinham partido ambos em busca de fortuna, como se fossem personagens de um conto de fadas.

– Devo dizer lhe que nunca mais vi nenhum deles. Mas recebi duas cartas do homenzinho chamado Smythe, e eram cartas francamente animadoras.

– E do outro homem, soube alguma coisa? – perguntou Angus.

– Não, esse nunca me escreveu – respondeu a rapariga, após uns momentos de hesitação. – A primeira carta de Smythe era apenas para me dizer que tinha partido com Welkin para Londres, a pé, mas que Welkin andava tanto, que o homenzito o tinha deixado seguir caminho e tinha ficado a descansar à beira da estrada. E acontecera lhe ser apanhado por um circo ambulante e, em parte por ser quase anão, e em parte por ser um sujeito muito habilidoso, integrara se bastante bem no espectáculo, e estavam prestes a mandá lo para o Aquário, fazer uns truques de que agora já não me lembro. Isso foi na primeira carta. A segunda, que chegou na semana passada, era bastante mais chocante.

O homem de nome Angus esvaziou a chávena de café e olhou para a rapariga com uma expressão suave e paciente. A jovem retorceu ao de leve os cantos da boca num sorriso e prosseguiu:

– Calculo que tenha visto os cartazes a anunciar os «Serviços Silenciosos de Smythe», não é verdade? Se não viu, foi o único. Oh, não sei bem do que se trata, sei que é uma invenção mecânica que serve para fazer os trabalhos domésticos com máquinas. «Carregue num botão e dê ordens a um mordomo que não lhe consome a garrafeira», está a ver o género? «Puxe a maçaneta e tenha à sua disposição dez criadas que não namoram com o carteiro». Já deve ter visto os anúncios. Pois só lhe digo que eu não sei o que são essas máquinas, mas sei que estão a render uma pipa de dinheiro. E esse dinheiro está a ir todo para os bolsos do mafarrico que eu conheci em Ludbury. Não posso deixar de me sentir satisfeita com o facto de o pobre diabo ter sido bem sucedido; mas a verdade é que ando aterrorizada com a possibilidade de ele me aparecer aí a qualquer momento, declarando me que fez fortuna. E não há dúvida nenhuma de que fez.

– E o outro homem? – repetiu Angus com uma espécie de inquietação obstinada.

Laura Hope levantou se de um salto.

– Meu amigo – declarou –, estou convencida de que o senhor é bruxo. Sim, tem muita razão. Não recebi uma linha que fosse do punho e letra do outro homem, e não faço a mais pequena ideia de onde ele estará ou do que terá feito da vida. Mas é ele que me incomoda. É ele que quase tem andado a dar comigo em doida. A bem dizer, acho que ele tem dado comigo em doida, porque senti a presença deste homem onde ele não podia estar, e ouvi a voz deste homem onde ele não pode ter falado.

– Bem, minha querida – observou alegremente o jovem –, se ele era Satanás, acabou se lhe a manha, agora que me contou a história. A pessoa enlouquece quando está sozinha, pequena. Mas quando foi que

lhe pareceu sentir e ouvir o nosso amigo vesgo?

– Ouvi James Welkin rir com a mesma nitidez com que estou a ouvi lo a si falar – respondeu a rapariga com enorme calma. – Não estava ninguém comigo, estava eu do lado de fora da loja, ali na esquina, e via ambas as ruas em simultâneo. Já me tinha esquecido daquelas gargalhadas, embora ele tivesse uma maneira de se rir tão estranha como a maneira que tinha de olhar. Não pensava nele há quase um ano. Mas declaro lhe solenemente que, segundos mais tarde, me chegou às mãos a primeira carta do rival de Welkin.

– E obrigou o espectro a falar, ou a guinchar, ou qualquer coisa assim? – perguntou Angus com um certo interesse.

De repente, Laura teve um arrepio, e a seguir disse em voz firme:

– Obriguei. No preciso momento em que acabei de ler a segunda carta de Isidore Smythe, em que ele me anunciava o êxito que tinha tido, nesse preciso momento, ouvi Welkin dizer: «Mas não serás para ele.» Foi claríssimo, como se estivesse ao meu lado. E foi horrível; acho que estou a ficar louca.

– Se realmente estivesse louca – contestou o jovem –, achava que estava perfeitamente bem. Mas não há dúvida nenhuma de que esse cavalheiro que não se vê tem qualquer coisa de estranho. Duas cabeças pensam melhor do que uma; poupo lhe as alusões a outros órgãos e, se autorizar este seu criado corpulento e pragmático a ir novamente buscar o bolo de casamento ali à montra…

Estava ele a dizer isto, quando se ouviu na rua uma espécie de guincho metálico; subitamente, parou diante da porta da pastelaria um carrinho que vinha a ser conduzido a grande velocidade, de dentro do qual saiu imediatamente um homenzinho com um chapéu cheio de brilho, que bateu com autoridade à porta.

Angus, que até então, e por motivos de higiene mental, encarara a história com divertida descontracção, revelou a tensão que lhe ia na alma saindo a passos largos do compartimento interior, para ir receber o recém chegado. Uma rápida vista de olhos foi perfeitamente suficiente para confirmar o cálculo selvático do apaixonado. Esta personagem, elegante é certo mas quase anã, de pontiaguda barbicha preta espetada para diante com insolência, olhos inteligentes e irrequietos, dedos bem cuidados mas nervosos, não podia ser senão o homem que acabava de lhe ser descrito: Isidore Smythe, o homem que fazia bonecas com cascas de banana e caixas de fósforos; Isidore Smythe, que acabava de ganhar milhões com mordomos que não bebiam e criadas que não namoravam – ambos em metal. Os dois homens, captando instintivamente o ar de posse um do outro, ficaram por momentos a olhar se mutuamente com aquela generosidade fria e curiosa que é a alma da rivalidade.

Mas o Sr. Smythe não fez qualquer alusão à razão última do antagonismo entre os dois, limitando se a fazer uma pergunta simples, mas explosiva:

– A Menina Hope viu aquela coisa que está na montra?

– Na montra? – repetiu Angus, que não tirara os olhos dele.

– Não há tempo para mais explicações – declarou rapidamente o pequeno milionário. – Está aqui a passar se um disparate qualquer, e tem de se investigar o que é.

E apontou com a polida bengala para a montra, recentemente despojada por via dos preparativos matrimoniais do Sr. Angus; e este cavalheiro ficou espantado ao ver colada, a todo o comprimento do vidro, uma grande tira de papel que tinha a certeza de não ter visto da última vez que para ali tinha olhado. Saindo para a rua atrás do enérgico Smythe, descobriu que alguém tinha colado com todo o cuidado, do lado exterior da montra, cerca de metro e meio de papel selado, no qual estava escrito, com letras irregulares: «Se te casares com Smythe, ele morre».

– Laura – chamou Angus, espetando a volumosa cabeça ruiva no interior da loja –, a Laura não está louca.

– É a letra daquele sujeito, o Welkin – observou Smythe com brusquidão. – Há anos que não o vejo, mas ele nunca deixou de me incomodar. Nos últimos quinze dias, chegaram me a casa cinco cartas dele com ameaças, e eu nem sequer consigo perceber quem é que as deixa, quanto mais se é o próprio Welkin. O porteiro do prédio garante que não viram quaisquer personagens suspeitas nas redondezas, e eis que ele vem colar uma espécie de lambrim na montra de uma pastelaria, enquanto as pessoas que estão dentro da pastelaria…

– Exactamente – confirmou Angus tom modesto –, enquanto as pessoas que estão dentro da pastelaria estão calmamente a lanchar. Meu caro senhor, garanto lhe que aprecio o bom senso que o leva a tratar deste assunto de forma tão directa. Mais tarde, podemos conversar sobre outras coisas. O sujeito não pode andar muito longe daqui, porque eu juro que, ainda há dez ou quinze minutos, quando me aproximei da montra pela última vez, não estava aqui colado papel nenhum. Por outro lado, está longe demais para podermos ir atrás dele, já que nem sequer sabemos para que lado fugiu. Se quer um conselho, Sr. Smythe, ponha este assunto imediatamente nas mãos de um investigador enérgico, e é melhor que seja privado, em vez de público. Conheço um homem extremamente inteligente, que tem um escritório a cinco minutos daqui, se formos no seu carro. Chama se Flambeau e, embora tenha tido uma juventude algo agitada, é actualmente um homem de rigorosa honestidade, cujo cérebro vale

dinheiro. Mora em Lucknow Mansions, Hampstead.

– Que coisa curiosa – observou o homenzinho, arqueando as negras sobrancelhas. – Eu moro nas Himalaya Mansions, à esquina dessa rua. Quer dar me o prazer de vir comigo? Vou a minha casa procurar os estranhos documentos que esse Welkin me enviou, enquanto o senhor vai buscar o seu amigo detective.

– Excelente ideia – respondeu Angus com delicadeza. – Bem, quanto mais depressa tratarmos disto, melhor.

Despediram se ambos da dama com uma certa formalidade, assumindo um estranho mas espontâneo respeito mútuo, e saltaram ambos para dentro do veloz carrito. Smythe instalou se ao volante e, ao dobrarem a esquina da rua, Angus sorriu divertido ao ver um gigantesco cartaz com as palavras «Serviços Silenciosos de Smythe», ilustradas com uma enorme boneca de ferro, sem cabeça, transportando nas mãos uma frigideira, acompanhada da seguinte legenda: «A cozinheira que nunca se arrelia».

– Tenho uma série deles em minha casa – informou o homenzinho com uma gargalhada –, em parte por razões de publicidade, mas em parte porque me são realmente úteis. Falando sinceramente, e agora sem estar a alardear, se a pessoa não se enganar a carregar no botão, estes bonecos mecânicos que eu inventei são muito mais rápidos do que qualquer criado a trazer nos o carvão, uma garrafa de vinho ou o jornal do dia. Mas não posso negar, só aqui entre nós, que estes criados também têm as suas desvantagens.

– A sério? – perguntou Angus. – Há alguma coisa que eles não saibam fazer?

– Há – respondeu Smythe com frieza. – Não me sabem dizer quem foi que me deixou em casa aquelas cartas com ameaças.

O carro do homem era pequeno e veloz como o dono; na realidade, e tal como o serviço doméstico, era um carro de sua invenção; o homem podia ser um charlatão, mas era um charlatão que acreditava nos produtos que punha à venda. A sensação de minúsculo objecto voador foi se acentuando mais e mais à medida que foram engolindo as curvas amplas do caminho, à luz mortiça mas ainda aberta do fim da tarde. As curvas amplas começaram a transformar se em curvas cada vez mais estreitas e vertiginosas; os dois viajantes encontravam se em espiral ascendente, como se diz nas religiões modernas. Com efeito, subiam uma das zonas de Londres que é quase tão íngreme como Edimburgo, se bem que não seja tão picaresca como a capital escocesa, e o edifício de apartamentos de que vinham à procura ficava situado no topo de uma sucessão de socalcos, em altitude quase egípcia, dourada pela luz do pôr do sol. Ao virarem a esquina para entrarem na rua conhecida pela designação de Himalaya Mansions, a

mudança foi tão brusca como a que se segue ao abrir de uma janela; porque a referida pilha de apartamentos estava empoleirada sobre Londres como sobre um oceano de ardósia verde. Em frente destas casas, do outro lado da rua de cascalho, ficava um recinto arborizado, que era mais uma sebe inclinada, ou uma vala, do que propriamente um jardim, e algures ao fundo corria uma tira de água artificial, uma espécie de canal que fazia as vezes de fosso daquela fortaleza de verdura. Quando entrou na rua, o carro passou por um quiosque isolado que ficava à esquina, onde havia um homem a vender castanhas; e, do outro lado da curva, Angus avistou o vago contorno azul de um polícia, que fazia o giro em passo lento. O vendedor de castanhas e o polícia eram as duas únicas formas humanas identificáveis naquela solidão de altitude suburbana; mas o nosso jovem teve a irracional sensação de que eles expressavam toda a poesia silenciosa de Londres, teve a sensação de que eram ambos personagens de uma narrativa.

O carrito avançou para a casa de que vinham à procura com a velocidade de uma bala, e o proprietário saiu do carro com a rapidez de uma bomba, dirigindo se imediatamente a um porteiro alto de galões dourados e a um paquete baixo de mangas de camisa, a quem perguntou se tinha passado por ali alguém ou alguma coisa com destino ao seu apartamento. Os dois homens garantiram lhe que nada nem ninguém tinha passado por eles desde a última vez que ele os interrogara para o mesmo efeito, após o que ele e Angus – que se encontrava ligeiramente tonto – se meteram no elevador, que subiu como um foguete, depositando os no último andar.

– Entre um momento – convidou Smythe, ofegante. – Quero mostrar lhe as cartas de Welkin. Em seguida, pode ir num pulo ali à esquina chamar o seu amigo.

Dito isto, carregou num botão oculto na parede e a porta abriu se sozinha, dando a ver uma antessala, ampla e confortável, que tinha como único aspecto notório uma multiplicidade de figuras mecânicas, altas e quase humanas, que formavam duas filas, uma de cada alto, quais manequins de alfaiate. À semelhança dos manequins de alfaiates, estes bonecos não tinham cabeça e, também à semelhança dos manequins de alfaiates, tinham nos ombros umas bossas desnecessárias, bem como uma protuberância no peito, que fazia lembrar os papos dos pombos. À parte isto, porém, pareciam se tanto com figuras humanas como qualquer máquina automática com a altura de um ser humano. No lugar nos braços, tinham dois grandes ganchos que lhes permitiam transportar tabuleiros; e eram pintados, uns de verde ervilha, outros de vermelho vivo, outros de preto, a fim de se poderem distinguir uns dos outros. Em tudo o resto eram simples máquinas automáticas, para as quais ninguém teria olhado segunda

vez. Nesta ocasião, pelo menos, ninguém o fez. Pois entre as duas filas de manequins domésticos estava algo muito mais interessante do que a maior parte das máquinas do mundo: um papel branco esfarrapado, escrevinhado a tinta encarnada, em que o ágil inventor pegou quase logo que a porta se abriu, entregando o depois a Angus sem proferir palavra. A tinta vermelha ainda não estava completamente seca, e a mensagem escrita no papel era a seguinte: «Se a foste ver hoje, mato te».

Seguiu se um curto silêncio, após o qual Isidore Smythe perguntou baixinho:

– Quer um *whisky*? A mim sabia me bem.

– Obrigado. Prefiro um Flambeau – respondeu Angus com uma expressão de grande seriedade. – A meu ver, este assunto está a assumir proporções inusitadas. Vou imediatamente buscá lo.

– E tem muita razão – disse o outro, com admirável jovialidade. – Traga o cá assim que puder.

Mas, quando ia a fechar a porta da frente depois de sair, Angus ainda viu Smythe carregar num botão, e entreviu um dos manequins sair do seu lugar e, deslocando se ao longo de um carril instalado no chão, transportar um tabuleiro com um sifão e um decantador. E pareceu lhe ligeiramente estranho deixar o homenzinho a sós no meio de todos aqueles criados mortos, que começavam a adquirir vida quando a porta se fechou.

Seis degraus abaixo do patamar de Smythe, o homem em mangas de camisa estava a fazer qualquer coisa com uma selha. Angus debruçou se sobre ele para lhe extrair a promessa – reforçada com um futuro suborno – de que não sairia dali enquanto o detective não regressasse, e estaria atento a qualquer desconhecido que subisse aquelas escadas. Em seguida, descendo a grande velocidade para a entrada principal, solicitou o mesmo tipo de vigilância ao porteiro que estava do lado de fora da porta, que lhe comunicou uma circunstância que em muito simplificava as coisas: o edifício não tinha porta das traseiras. Não contente com isto, foi ter com o flutuante polícia, que induziu a postar se diante da porta, do outro lado da rua, a vigiar as idas e vindas; por fim, deteve se um instante a comprar castanhas, e perguntou ao vendedor quanto tempo mais tencionava deter se naquelas cercanias.

O vendedor de castanhas ergueu a gola do sobretudo e disse lhe que tencionava ir se embora muito em breve, porque achava que não tardaria a começar a nevar. E é verdade que se aproximava uma noite cinzenta e fria, mas Angus, recorrendo a toda a sua eloquência, acabou por conseguir que o homem não abandonasse aquele posto.

– Aqueça se com as castanhas – disse, e falava muito a sério. – Coma as todas, se quiser. Eu recompenso lhe a espera. Dou lhe uma nota das

grandes se se deixar aqui ficar até ao meu regresso, e me disser se viu entrar alguém, homem, mulher ou criança, naquela casa ali ao fundo, diante da qual se encontra o porteiro.

Dito isto, avançou a toda a pressa, lançando um derradeiro olhar à fortaleza cercada.

– Bem, pelo menos montei um cerco à volta daquela sala – comentou. – Não podem ser os quatro cúmplices do Sr. Welkin.

As Lucknow Mansions encontravam se, por assim dizer, numa plataforma inferior da colina de casas de que as Himalaya Mansions eram, chamemos lhes assim, o pico. O apartamento semi oficial do Sr. Flambeau ficava no rés do chão e apresentava um acentuado contraste, em todos os sentidos, com a maquinaria americana e o luxo frio de hotel de cinco estrelas que dominava o apartamento dos Serviços Silenciosos. Flambeau, que era amigo de Angus, recebeu o num artístico antro rococó que tinha por trás do escritório, cujos ornamentos eram sabres, arcabuzes, curiosidades orientais, garrafas de vinho italiano, panelas selvagens, um empenachado gato persa e um pequeno sacerdote católico de ar empoeirado, que parecia estar ali especialmente deslocado.

– O meu amigo padre Brown – disse Flambeau. – Há muito tempo que tinha vontade de lho apresentar. Está um tempo esplêndido; ligeiramente fresco para gente mais do sul, como eu.

– Sim, também acho que vamos continuar com o céu limpo – respondeu Angus, sentando se numa otomana oriental de riscas roxas.

– Não – retorquiu o sacerdote baixinho. – Começou a nevar.

E de facto, ainda ele dizia estas palavras quando os primeiros flocos da neve prevista pelo vendedor de castanhas começaram a escorrer pela janela; o céu escurecera.

– Bem – começou Angus pesadamente. – Infelizmente, venho tratar de negócios, e trata se de um assunto algo inquietante. Na verdade, Flambeau, aqui a pouca distância de sua casa encontra se um sujeito que precisa imenso da sua ajuda. Anda a ser perseguido e ameaçado por um inimigo invisível, um malandro que nunca ninguém viu. – E Angus procedeu à narrativa da ligação entre Smythe e Welkin, começando pela história de Laura, prosseguindo com a sua própria história, com a gargalhada sobrenatural na esquina de duas ruas desertas, com as estranhas palavras distintamente proferidas numa sala vazia. Flambeau mostrava se cada vez mais intensamente preocupado, mas o pequeno sacerdote parecia ficar de fora da conversa, como se fosse um simples móvel. Quando a narrativa chegou à tira de papel colada na montra, Flambeau levantou se, parecendo encher o compartimento com os seus ombros largos.

– Se não se importa – declarou –, parece me preferível contar me o

resto quando estivermos a caminho da casa desse homem. Não sei porquê, dá me a impressão de que não há tempo a perder.

– Com todo o gosto – retorquiu Angus, levantando se também –, embora eu o tenha deixado bem protegido, com quatro homens a guardarem a única entrada da toca.

Saíram de casa e seguiram pela rua fora, o padrezito trotando na peugada dos dois homens com a docilidade de um cãozinho. O sacerdote limitou se a comentar com ligeireza, num tom de quem está simplesmente a fazer conversa:

– A rapidez com que a neve endurece ao chegar ao chão.

Enquanto percorriam as ruas íngremes já cobertas de uma camada de prata, Angus concluiu a narrativa; e, ao chegarem à rua dos apartamentos altos, estava em condições de voltar a sua atenção para as quatro sentinelas. O vendedor de castanhas jurou obstinadamente, tanto antes como depois de receber a nota prometida, que tinha vigiado a porta e não tinha visto entrar ninguém. O polícia foi ainda mais enfático, declarando que tinha grande experiência com todo o género de malandros, dos que usavam chapéu alto e dos que andavam esfarrapados, que não era tão verde que estivesse à espera de que os suspeitos tivessem um ar suspeito, que tinha estado muito atento, e que podia jurar que por ali não tinha passado ninguém. E, quando os três homens se reuniram em redor do porteiro, que continuava postado à entrada, a sorrir, o veredicto foi ainda mais peremptório:

– Tenho o direito de perguntar a qualquer pessoa, seja um duque ou um varredor do lixo, o que vem fazer a este prédio – recordou lhes o jovial gigante dos galões dourados. – E posso jurar lhes que, desde que este cavalheiro saiu, não passou ninguém por aqui.

Nesta altura, o discreto padre Brown, que se mantivera atrás a olhar modestamente para o chão, ousou perguntar suavemente:

– Quer dizer que ninguém subiu nem desceu as escadas desde que começou a nevar? A neve começou quando nós estávamos em casa de Flambeau.

– Não esteve aqui ninguém, cavalheiro, posso garantir lhe – respondeu o porteiro com autoridade radiosa.

– Nesse caso, pergunto a mim próprio o que será aquilo – comentou o sacerdote, olhando para o chão com a fixidez de um peixe.

Os outros olharam para o mesmo sítio e Flambeau soltou uma exclamação feroz, acompanhada de um gesto francês. Pois era inquestionável que, a meio da entrada guardada pelo homem dos galões dourados, precisamente a meio das pernas que o arrogante colosso tinha abertas, se avistava um escanzelado trilho de pegadas cinzentas, recortadas na neve branca.

– Valha me Deus! – exclamou Angus sem querer. – É o Homem Invisível!

E, sem mais palavras, entrou no prédio e desatou a correr pela escada acima, com Flambeau atrás dele; o padre Brown, porém, continuou a olhar em torno de si, para a rua atapetada de neve, como se tivesse perdido o interesse na investigação.

Flambeau estava manifestamente com vontade de arrombar a porta com aqueles ombros volumosos que Deus lhe dera; mas o escocês – mais racional, se bem que menos intuitivo – apalpou os contornos da armação da mesma, até encontrar o botão invisível, e a porta abriu se lentamente para trás.

O interior não tinha sofrido qualquer alteração de relevo. O vestíbulo estava mais escuro, embora ainda atingido, aqui e ali, pelos últimos raios vermelhos do pôr do sol; as máquinas sem cabeça continuavam nos seus lugares, à excepção de uma ou duas, que tinham sido deslocadas com esta ou aquela finalidade, encontrando se em pontos diversos daquele espaço crepuscular. O vermelho e o verde dos casacos estavam todos obscurecidos pelo entardecer; e a sua ausência de formas fazia aumentar ao de leve a sua semelhança com formas humanas. Mas no centro de todos eles, no ponto exacto onde tinha estado o papel escrito a tinta encarnada, estava agora algo que se assemelhava a tinta encarnada derramada de um frasco. Mas não era tinta encarnada.

Com aquela combinação de racionalidade e violência que é típica dos franceses, Flambeau proferiu uma simples palavra:

– Homicídio!

E, avançando para o interior do apartamento, revistou o de cima a baixo em cinco minutos, não deixando por ver nem recantos nem armários. Mas, se esperava encontrar um cadáver, enganou se, porque não encontrou cadáver algum. Isidore Smythe não estava ali, nem morto nem vivo. Depois de procederem a uma impetuosa revista, os dois homens voltaram a encontrar se no vestíbulo exterior, de olhos esbugalhados e a suar.

– Meu amigo – disse Flambeau que, com a excitação, começara a falar em francês –, para além de ser invisível, o seu assassino ainda conseguiu tornar invisível o homem assassinado.

Angus olhou em torno do compartimento cheio de bonecos, e sentiu um arrepio num recanto celta da sua alma escocesa. Por cima da mancha de sangue, encontrava se uma das bonecas de tamanho real, que talvez tivesse sido chamada pelo homem que fora atacado instantes antes de este ter caído por terra. Um dos ganchos que serviam de braços à coisa estava ligeiramente elevado, e Angus teve subitamente a horrenda fantasia de que o pobre Smythe tivesse sido

atingido pela criatura de ferro que ele próprio concebera. A matéria tinha se rebelado e estas máquinas tinham matado o seu criador. Mas, mesmo que tal tivesse acontecido, o que teriam feito dele?

– Comeram no? – sussurrou lhe ao ouvido o pesadelo. E, por instantes, Angus sentiu uma náusea profunda, imaginando um cadáver humano a ser absorvido e esmagado por aquela maquinaria acéfala.

Recuperou a saúde mental com um esforço enfático e, voltando se para Flambeau, disse:

– Pronto, foi assim. O pobre sujeito evaporou se como uma nuvem, deixando um rasto vermelho no chão. É uma história que não é deste mundo.

– Seja deste mundo ou do outro, só há uma coisa a fazer – respondeu Flambeau. – Tenho de ir lá abaixo conversar com o meu amigo.

Desceram, passaram pelo homem do balde, que voltou a garantir lhes que não tinha visto qualquer intruso, e dirigiram se ao porteiro e ao vacilante vendedor de castanhas, que reafirmaram com veemência que continuavam atentos. Quando, porém, olhou em torno de si, à procura da quarta fonte de confirmação, e não conseguiu avistá la, Angus perguntou, com um certo nervosismo:

– Onde está o polícia?

– Peço desculpa – interveio o padre Brown. – A culpa é minha. Mandei o agora mesmo ali ao fundo da rua investigar uma coisa, que me ocorreu que valia a pena investigar.

– Bem, vamos ter de falar com ele muito em breve – disse Angus em tom abrupto –, porque o infeliz que estava lá em cima, para além de ter sido assassinado, ainda por cima desapareceu.

– Como? – perguntou o padre Brown.

– Padre – interveio Flambeau, após uma pausa –, para lhe dizer a verdade, tenho a impressão de que este assunto é mais do seu departamento que do meu. Não entrou ninguém naquela casa, nem amigo nem inimigo, e no entanto Smythe desapareceu, como se tivesse sido roubado pelas fadas. Se isto não é uma coisa sobrenatural, não…

Estava ele ainda a falar, quando avistaram uma coisa rara: o enorme polícia fardado dobrou a esquina e aproximou se dos três homens a correr, dirigindo se ao padre Brown:

– O senhor tinha razão – disse, ainda a ofegar. – Acabam de encontrar o corpo do pobre Sr. Smythe ali em baixo, no canal.

Angus levou as mãos à cabeça com uma expressão angustiada.

– Saiu de casa e foi se afogar? – perguntou.

– De casa é que ele não saiu, isso posso eu jurar – declarou o agente

–, e também não se afogou. Morreu com uma grande facada no coração.

– E contudo, não viram entrar ninguém – repetiu Flambeau em tom grave.

– Vamos até ali abaixo – sugeriu o padre.

Desceram todos a rua e, ao chegarem à esquina, o sacerdote declarou de repente:

– Que estupidez a minha! Esqueci me de perguntar uma coisa ao polícia. Gostava de saber se tinham encontrado um saquito castanho.

– Um saquito castanho? Mas porquê? – perguntou Angus, atónito.

– Porque, se o saco era de outra cor, temos de começar tudo de novo – respondeu o padre Brown. – Mas, se encontraram um saquito castanho, nessa altura, temos o caso encerrado.

– Ora ainda bem! – exclamou Angus com ironia convicta. – E eu a pensar que o caso ainda nem sequer tinha sido aberto.

– Tem de nos contar tudo – pediu Flambeau com uma estranha e densa simplicidade, como o faria uma criança.

Desciam os três a rua com pressa inconsciente e aproximavam se já da esquina; o padre Brown ia à frente, sem vagares mas mergulhado em profundo silêncio. Por fim, comentou com imprecisão quase comovente:

– Receio bem que achem tudo isto tremendamente banal. Começamos sempre pelo lado abstracto das coisas, e esta história não pode senão começar por aí.

– Já repararam numa coisa? As pessoas nunca respondem àquilo que nós perguntamos. Respondem nos àquilo que queremos perguntar, ou melhor, àquilo que julgam que queremos perguntar. Quando uma senhora vai a casa de uma amiga e lhe pergunta: «Está alguém a viver contigo?», a outra não lhe responde: «Está o mordomo, as três criadas de fora, a criada de servir, etc.», mesmo que a criada de servir esteja dentro da sala e o mordomo se encontre perfilado atrás da cadeira onde ela está sentada. Não, o que a senhora responde é: «Não está ninguém a viver comigo», e o que ela quer dizer é que não está lá ninguém de fora, que era também o que a amiga queria perguntar. Mas suponhamos que quem faz a pergunta é um médico, que anda a tratar de uma epidemia. Nesse caso, quando ele pergunta: «Quem é que está a viver nesta casa?», a senhora não deixará de fazer referência ao mordomo, à criada de servir e ao resto do pessoal. E a linguagem é sempre usada desta maneira; nunca respondemos a uma pergunta de forma literal, mesmo dizendo a verdade. Quando aqueles quatro homens, todos eles gente honesta, nos disseram que não tinha entrado ninguém no prédio, o que eles queriam dizer não era

exactamente que não tinha ali entrado ninguém; o que eles queriam dizer era que não tinha ali entrado ninguém que eles suspeitassem de ser o seu homem. A verdade é que houve um homem que entrou naquele prédio, e que dele saiu, mas eles não repararam nele.

– Um homem invisível? – perguntou Angus, erguendo as ruivas sobrancelhas.

– Um homem mentalmente invisível – respondeu o padre Brown.

Minutos depois prosseguia, no mesmo tom modesto, como quem pensa em voz alta:

– Naturalmente, ninguém se lembra de uma pessoa assim enquanto não pensa efectivamente nela. E é aí que reside a esperteza do nosso homem. Eu pensei nele por via de dois ou três pormenores que constavam da história que o Sr. Angus nos contou. Em primeiro lugar, o facto de o tal Welkin gostar de dar grandes passeios. Depois, a grande quantidade de papel colado na montra. E por fim, e sobretudo, por duas das coisas que a jovem tinha dito, e que não podiam ser verdade. Não se aborreça comigo – acrescentou apressadamente, apercebendo se do súbito movimento de cabeça do escocês –, ela estava convencida de que eram verdade. Uma pessoa não pode estar totalmente sozinha no meio da rua segundos antes de receber uma carta. Como também não pode estar totalmente sozinha no meio da rua quando começa a ler a carta que acabou de receber. Tem de haver outra pessoa nas redondezas, só que essa pessoa tem de ser mentalmente invisível.

– Mas porque é que tem de haver outra pessoa nas redondezas? – perguntou Angus.

– Porque, a não ser que lhe tenha sido trazida por um pombo correio – respondeu o padre Brown –, a carta tem de lhe ter sido entregue por alguém.

– Quer o senhor dizer – interveio Flambeau energicamente – que foi Welkin que entregou a esta dama as cartas do rival?

– Exactamente – respondeu o sacerdote. – Era Welkin que lhe levava as cartas do rival. É que não podia mesmo ser de outra maneira, compreende?

– Oh, não aguento mais – explodiu Flambeau. – Mas quem é esse sujeito? Que aspecto tem ele? Qual é a apresentação habitual de um homem mentalmente invisível?

– Veste se bastante bem, de vermelho, azul e dourado – replicou o padre, sem hesitar e com precisão. – E foi com esta farpela dramática, vistosa mesmo, que ele entrou nas Himalaya Mansions, que passou diante de quatro pares de olhos humanos, que matou Smythe a sangue frio e que voltou a descer para a rua, trazendo o cadáver debaixo do braço…

– Reverendo – exclamou Angus, imobilizando se –, é o senhor que está completamente louco, ou serei eu?

– Não, o senhor não está completamente louco – explicou lhe o padre Brown. – Mas falta lhe um certo sentido de observação. Não reparou neste homem, por exemplo.

E, avançando rapidamente três passos, apoiou a mão no ombro de um vulgar carteiro que, oculto pela sombra das árvores, tinha passado por eles sem que os outros dele se apercebessem.

– Seja por que razão for, nunca ninguém repara no carteiro – comentou com ar pensativo. – E contudo, os carteiros têm as mesmas paixões que os outros homens, e além disso andam com grandes sacos, onde não é difícil meter um corpo de pequena estatura.

Em vez de se voltar com naturalidade, o carteiro tinha recuado, indo embater na vedação de um jardim. Tratava se de um homem esguio, de barba cerrada e aspecto vulgar; no entanto, quando olhou para trás com uma expressão assustada, fixou nos três homens um olhar quase demoníaco.

Flambeau regressou para junto dos sabres, dos tapetes cor de púrpura e do gato persa, onde tinha muito com que se entreter. John Turnbull Angus voltou para junto da rapariga da pastelaria, em cuja companhia o imprudente jovem planeava sentir se extremamente confortável. Mas o padre Brown passou muitas horas a percorrer aquelas ruas cobertas de neve, à luz das estrelas e na companhia de um assassino, e nunca saberemos o que foi exactamente que disseram um ao outro.

A HONRA DE ISRAEL GOW

Caía sobre o mundo uma tempestuosa noite de azeite e prata. O padre Brown, agasalhado com uma faixa escocesa em tons de cinzento, alcançou a extremidade de um vale escocês em tons de cinzento, e ergueu os olhos para o estranho castelo de Glengyle, que encerrava uma das pontas do vale, como que fazendo dele um beco sem saída, e que parecia mesmo o fim do mundo. O edifício, de íngremes telhados e coruchéus em ardósia verde mar, à maneira dos antigos castelos franco escoceses, faria lembrar, a um inglês que por ali passasse, os sinistros chapéus das bruxas dos contos de fadas; e os pinheiros que balançavam ao vento em redor das torres verdes pareciam, por comparação, bandos de inúmeros corvos pretos. Esta nota de onírica, de quase adormecida magia negra não era uma simples fantasia paisagística; com efeito, poisava sobre este local uma daquelas nuvens de orgulho e loucura, de misteriosa dor, que pairam sobre as nobres casas da Escócia com mais intensidade do que sobre quaisquer outras habitações dos filhos de Deus. É que a Escócia possui uma dupla dose do veneno a que se chama hereditariedade: o sentimento do sangue no aristocrata, combinado com o sentimento da condenação no calvinista.

O padre tinha roubado um dia aos seus afazeres em Glasgow para vir ao encontro de Flambeau, seu amigo e detective amador, que se encontrava no castelo de Glengyle na companhia de outro detective, este mais formal, a investigar a vida e a morte do falecido conde de Glengyle. Esta pessoa misteriosa era o último representante de uma raça cuja coragem, cuja insensatez e cuja violenta astúcia tinha feito dela, no século XVI, uma raça de homens terríveis, mesmo tendo em consideração a sinistra nobreza que então constituía a nação da Escócia. Com efeito, não houve outra família tão profundamente mergulhada como os Ogilvies na labiríntica ambição, na sucessão de salões do palácio de mentiras que foi erigido em trono de Maria, Rainha da Escócia.

A rima do campo atestava com inocência as motivações e as consequências de tal maquinação:

> Como a seiva está para as verdes árvores,
> Assim está o vermelho dourado para os Ogilvies.

Durante muitos séculos, o castelo de Glengyle não conheceu um senhor de respeito; por outro lado, era de supor que o período vitoriano tivesse posto termo às excentricidades. Contudo, o último

Glengyle tinha cumprido a tradição da tribo, realizando a única façanha que ainda tinha ao seu alcance: desaparecer. Não pretendo com isto dizer que tivesse partido para outras terras; tanto quanto se sabia, se estava vivo, era ainda no castelo que se encontrava. No entanto, se é certo que o seu nome continuava a constar do registo da igreja, e do rol dos Pares do Reino, é igualmente certo que ninguém o tinha voltado a ver.

Se alguém soubesse dele, era o criado solitário que fazia as vezes de mordomo e jardineiro, e que era de tal maneira surdo que os mais pragmáticos presumiam que fosse tolo, ao passo que os mais argutos afirmavam que era meio pateta. Tratava se de um homem ruivo, parco de carnes, de queixo obstinado, mas com uns olhos azuis quase desprovidos de expressão, que dava pelo nome de Israel Gow, e que era o único (e silencioso) criado daquela propriedade abandonada. Mas a energia com que cavava batatas, e a regularidade com que desaparecia para dentro da cozinha, dava a quem o via a impressão de que andava a tratar das refeições de um superior, e de que o estranho conde estaria ainda no castelo. Se a sociedade precisasse de mais provas de que ele ali se encontrava, tinha as no facto de o criado afirmar com persistência que o senhor não estava em casa. Certa manhã, o preboste e ministro (porque os Glengyles eram presbiterianos) foram chamados ao castelo, e verificaram que o jardineiro, mordomo e cozinheiro tinha acrescentado às suas múltiplas profissões a de cangalheiro, tendo encerrado o nobre senhor dentro de um caixão. Com quanta ou quão pouca investigação tinha este estranho facto passado, era coisa que não era ainda muito nítida, porque o referido facto nunca chegara a ser legalmente investigado – até que, dois ou três dias antes, Flambeau se deslocara ao norte. Por esta altura, o corpo do senhor de Glengyle (no caso de se tratar efectivamente deste corpo) jazia há algum tempo no pequeno cemitério da colina.

Quando o padre Brown passou pelo jardim mal iluminado e se aproximou do castelo, as nuvens eram espessas e a atmosfera estava carregada de uma humidade de trovoada. De encontro à derradeira tira de um pôr do sol verde e dourado, recortou se uma silhueta humana toda de preto, um homem de chapéu cilíndrico que trazia uma grande pá ao ombro. Esta combinação de elementos era peculiarmente sugestiva da presença de um sacristão, mas quando se recordou da existência do criado surdo que cavava batatas, Brown achou que era perfeitamente natural. O sacerdote conhecia razoavelmente o lavrador escocês, conhecia a respeitabilidade que o faria vestir se de preto no contexto de uma investigação oficial, e estava igualmente ciente do espírito de economia que não o levaria a perder uma hora de trabalho por causa dela. Até a surpresa do homem

e o olhar desconfiado que lançou ao sacerdote quando este passou eram consonantes com a vigilância e o ciúme daquele tipo de homem.

A porta principal foi aberta pelo próprio Flambeau, que tinha consigo um homem esguio, de cabelo cinzento de ferro, com uma série de papéis na mão; tratava se do inspector Craven, da Scotland Yard. O vestíbulo estava praticamente vazio, mas os rostos pálidos e escarninhos de dois ou três perversos Ogilvies olhavam o recém chegado do alto das suas perucas pretas, espreitando o das telas enegrecidas.

O padre Brown foi conduzido a um compartimento do interior do castelo, aonde os aliados se tinham instalado a uma comprida mesa de carvalho, cuja extremidade estava coberta de papéis escrevinhados, na companhia de *whisky* e charutos. O resto da superfície da mesa estava ocupado por diversos objectos dispostos a intervalos, objectos aliás absolutamente inexplicáveis. Um deles parecia uma pilha de vidrinhos partidos. Outro parecia uma pilha maior de terra castanha. Um terceiro parecia um simples pau.

– Estou a ver que têm aqui uma espécie de museu geológico – comentou Brown, sentando se e acenando com a cabeça na direcção da terra e dos fragmentos cristalinos.

– Não se trata tanto de um museu geológico, quando de um museu psicológico – respondeu Flambeau.

– Oh, por amor de Deus! – exclamou o polícia com uma gargalhada. – Não comecemos a usar palavras caras.

– Não sabe o que significa psicologia? – perguntou Flambeau com surpresa amigável. – A psicologia significa não estar bom da cabeça.

– Não é coisa que eu perceba com facilidade – replicou o polícia.

– Bem – insistiu Flambeau com decisão –, acontece que a única coisa que descobrimos acerca de Lord Glengyle é que ele era maníaco.

A silhueta negra de Gow, de chapéu alto e pá ao ombro, passou diante da janela, vagamente delineado de encontro ao céu, já quase sem luz. O padre Brown olhou para ela com uma expressão passiva e respondeu:

– Compreendo que o homem não fosse totalmente razoável, pois de outra maneira não se teria enterrado vivo, nem teria tido tanta pressa em se enterrar depois de morto. Mas porque é que acha que era lunático?

– Basta ouvir a lista das coisas que o Sr. Craven encontrou nesta casa – retorquiu Flambeau.

– Temos de ir buscar uma vela – interrompeu Craven. – Está se a preparar uma tempestade e não se consegue ler com esta luz.

– E encontraram velas entre as coisas estranhas que havia nesta

casa? – perguntou Brown com um sorriso.

Flambeau ergueu a cabeça com uma expressão grave e poisou os olhos escuros no amigo.

– Até isso é curioso – comentou. – Vinte e cinco velas e nem vestígios de um castiçal.

A escuridão caía rapidamente sobre a sala, e lá fora o vento soprava com intensidade. Brown dirigiu se para o ponto da mesa onde se encontrava uma série de velas de cera, no meio de outros objectos fragmentários. Ao fazê lo, debruçou se acidentalmente sobre a pilha de terra castanho avermelhado, e o silêncio foi rasgado por um violento espirro.

– Olha! – exclamou. – Rapé.

Pegou numa vela, acendeu a cuidadosamente, voltou atrás e meteu a no gargalo da garrafa de *whisky*. O ar inquieto da noite, entrando pela janela rachada, agitava a comprida chama como se fosse um estandarte. E a toda a volta do castelo ouviam se quilómetros e quilómetros de pinheiros negros, agitando se como o negro mar em torno de uma rocha.

– Vou ler o inventário – declarou Craven com ar grave, pegando num dos papéis. – O inventário das coisas soltas que encontrámos no castelo e que não conseguimos explicar. Começo por lhe dizer que o castelo estava desmantelado e praticamente abandonado; mas havia um ou dois compartimentos que tinham sido manifestamente habitados põe alguém, num estilo simples mas não propriamente esquálido, e que a pessoa que os habitou não era Gow, o criado. A lista é a seguinte. Primeiro: uma quantidade muito considerável de pedras preciosas, quase todas diamantes, e todas elas soltas, não montadas. É natural, evidentemente, que os Ogilvies tivessem jóias de família; mas as jóias de uma família estão quase sempre montadas em ornamentos específicos. Dá a impressão de que os Ogilvies andavam com as jóias da família no bolso, como se fossem trocos.

– Segundo: pilhas e pilhas de rapé à solta. O rapé não estava guardado num corno, não estava sequer numa saca, estava em pilhas sobre as prateleiras do fogão, sobre os aparadores, em cima do piano, por toda a parte. Dá a impressão de que o velhote não estava para se dar ao trabalho de abrir uma saca ou de erguer uma tampa quando queria cheirá lo.

– Terceiro: por toda a casa, pequenos montículos de peças minúsculas de metal, molas de aço e rodas microscópicas, como se alguém tivesse desmanchado um brinquedo mecânico.

– Quarto: as velas de cera, que têm de ser metidas em gargalos de garrafas, porque não há outra coisa onde se metam. Gostava de lhe fazer notar que tudo isto é muito mais estranho do que tínhamos

previsto. Estamos preparados para o enigma central; todos percebemos imediatamente que se passava qualquer coisa com o último conde. Viemos tentar descobrir se ele realmente viveu aqui, se ele realmente morreu aqui, se aquele espantalho ruivo que o enterrou teve alguma coisa a ver com a morte. Mas suponhamos o pior, a solução mais sórdida e melodramática possível. Suponhamos que o criado matou efectivamente o senhor, ou suponhamos que o homem não está morto, ou suponhamos que o senhor anda disfarçado de criado, ou que o criado foi enterrado em vez do senhor, inventemos a tragédia que mais nos agradar, contemo la ao estilo de Wilkie Collins, que nem por isso conseguimos explicar as velas sem castiçal, nem dar razão para o facto de um velhote de boas famílias ter uma pilha de rapé em cima do piano. Somos capazes de imaginar o fulcro da história, mas o mistério reside nas franjas. Nenhum esforço de imaginação permite à mente humana ligar entre si rapé com diamantes, cera com peças de um mecanismo.

– A mim parece me entrever uma ligação – respondeu o sacerdote. – Este Glengyle odiava a Revolução Francesa. Era um entusiasta do *ancien régime* e andava a tentar reencenar de forma literal a vida familiar dos últimos Bourbons. O rapé era um luxo do século XVIII; as velas de cera eram a iluminação característica do século XVIII; as pecinhas mecânicas de ferro representam o passatempo de Luís XVI; os diamantes destinam se ao colar de diamantes de Marie Antoinette.

Os outros dois voltaram para ele uns olhos arregalados.

– Mas que ideia tão extraordinária! – exclamou Flambeau. – Acha realmente que é isso?

– Tenho a certeza absoluta de que não é – respondeu o padre Brown. – Mas foi dito que não havia conexão possível entre o rapé, os diamantes, as peças e as velas, e eu apresentei lhes uma conexão improvisada. Estou certo de que a verdadeira conexão se encontra a um nível mais profundo.

Fez uma pausa e ficou a ouvir os gemidos do vento nas torres. Depois prosseguiu:

– O conde de Glengyle era um ladrão. Vivia uma vida paralela, aliás desesperada, como assaltante. Não tinha castiçais porque só usava velas cortadas curtas na lanterna com que andava. O rapé era usado com o mesmo fim com que os mais ferozes bandidos franceses usam a pimenta: para atirar subitamente, em grandes quantidades, à cara dos captores. Mas a prova definitiva está na curiosa coincidência entre os diamantes e as rodinhas de aço. Não me vão dizer que esse aspecto não é imediatamente esclarecedor. Os diamantes e as rodinhas de aço são os únicos dois instrumentos com que se podem cortar vidros.

Uma pinha que se desprendera de um dos pinheiros foi arrastada

pelo vento e veio embater sonoramente contra a janela que estava por trás deles, como que numa paródia a um assaltante; mas nenhum dos dois homens se voltou. Tinham os olhos fixos no padre Brown.

– Os diamantes e as rodinhas de aço – repetiu Craven, ruminando a informação. – E é só por isso que acha que esta é a verdadeira explicação?

– Não me parece que seja a explicação verdadeira – respondeu placidamente o sacerdote. – Mas o senhor afirmou que não era possível relacionar as quatro coisas. A verdadeira história é, evidentemente, muito mais banal. Glengyle tinha encontrado, ou julgara ter encontrado, pedras preciosas na propriedade. Alguém tinha vindo mostrar lhe esses brilhantes, afirmando que os tinha encontrado nas cavernas do castelo. As rodinhas são um instrumento para cortar diamantes. O conde tinha de o fazer pela calada, com a ajuda de uns quantos pastores e outros homens rudes destes campos. O rapé é o grande luxo dos pastores escoceses, a única coisa com a qual é possível suborná los. Não tinham castiçais porque não queriam; quando iam explorar as cavernas, levavam as velas na mão.

– É tudo? – perguntou Flambeau após prolongada pausa. – Chegámos finalmente à desinteressante verdade?

– Oh não – respondeu o padre Brown.

E, quando o vento morria nos longínquos pinhais com um prolongado silvo, como que de troça, o padre Brown prosseguiu, com uma expressão totalmente impassível:

– Limitei me a fazer estas sugestões porque os senhores afirmaram que não havia ligação possível entre o rapé e as pecinhas do relógio, nem entre as velas e as pedras preciosas. O universo é explicável por meio de dez filosofias falsas, e o castelo de Glengyle por meio de dez teorias igualmente falsas. Mas aquilo que nós queremos é a explicação verdadeira, tanto do castelo como do universo. Não há mais provas?

Craven soltou uma gargalhada e Flambeau, levantando se com um sorriso, avançou ao comprimento da mesa.

– Temos aqui mais uma série de coisas – respondeu –, a bem dizer, mais variadas do que instrutivas. Uma curiosa colecção, não de lápis de carvão, mas de carvão retirado de lápis de carvão. Um pau de bambu com a ponta fendida, que pode ter sido o instrumento do crime. Acontece, porém, que não temos crime. Para além disso, temos uns missais antigos, e umas imagens católicas, que os Ogilvies deviam guardar desde a Idade Média porque o orgulho de família se sobrepunha ao puritanismo que professavam. Só as pusemos no museu porque nos pareceu curiosa a maneira como estavam talhadas e desfiguradas.

O padre Brown pegou nas pequenas páginas com iluminuras, com o

objectivo de as examinar. Por essa altura, a violenta tempestade que se fazia sentir no exterior congregou sobre Glengyle um amontoado de nuvens negras, mergulhando a sala na escuridão. O sacerdote falou antes de ter passado a corrente de negrume, mas fê lo com a voz de um homem totalmente rejuvenescido.

– Sr. Craven – disse, e parecia dez anos mais novo –, o senhor tem um mandato que lhe permite abrir a sepultura, não é verdade? Pois quanto mais depressa tratarmos disso, quanto mais depressa formos ao fundo deste assunto horrível, melhor. Se eu fosse a si, começava imediatamente.

– Imediatamente? – repetiu o detective, espantado. – Mas porquê?

– Porque isto é um assunto sério – respondeu Brown. – O problema não é o rapé espalhado nem os diamantes soltos, que podem ter milhares de explicações. Mas para isto só conheço uma razão, e é uma razão que remonta às raízes do mundo. Estas imagens religiosas não estão apenas sujas, rasgadas e riscadas, acções que podiam ter sido cometidas por tédio ou preconceito, por crianças ou por protestantes. Estas imagens foram tratadas com todo o cuidado, e de forma muito bizarra. Sempre que o nome de Deus aparece nas antigas iluminuras, esse nome é elaboradamente retirado. A outra coisa que foi eliminada, e é a única, é a auréola em torno da cabeça do Menino Jesus. Por esse motivo, proponho que peguemos no nosso mandato, na pá e no machado, e vamos imediatamente abrir o caixão.

– Mas porquê? – insistiu o polícia de Londres.

– Porque é bem possível – respondeu o sacerdote, e a sua voz pareceu aumentar ligeiramente de volume, devido ao rugido do vento – que o grande demónio do universo esteja neste momento sentado na torre mais alta deste castelo, grande como cem elefantes, a rugir como o Apocalipse. Sinto no fundo de tudo isto a presença da magia negra.

– Magia negra – repetiu Flambeau em voz baixa, porque era um homem instruído e estava a par destas coisas. – Mas o que significam os outros indícios?

– Oh, presumo que signifiquem coisas odiosas – replicou o padrezinho com impaciência. – Como quer que eu saiba? Como quer que adivinhe tudo o que se passa lá em baixo? Se calhar, é possível transformar o bambu e o rapé num instrumento de tortura. É possível que os lunáticos apreciem extraordinariamente a cera e as componentes de aço. Talvez haja maneira de produzir uma droga horrível com lápis de carvão! O atalho mais curto para o coração deste mistério está no túmulo aberto no alto daquela colina.

Estavam os dois companheiros a perceber que lhe tinham obedecido e que caminhavam atrás dele pelo jardim fora, quando uma violenta rajada de vento quase os deitou ao chão. O certo é que lhe tinham

obedecido como autómatos, porque Craven descobriu que levava um machado na mão e o mandato no bolso; Flambeau transportava a pesada pá do estranho jardineiro; e o padre Brown trazia consigo o livrinho dourado de onde fora arrancado o nome de Deus.

A vereda inclinada que ia dar ao cemitério era sinuosa, mas curta; era a força do vento que a fazia parecer comprida e laboriosa. Até onde a vista alcançava, e cada vez mais longe à medida que iam subindo, avistavam se ondas e ondas de pinheiros, todos voltados para o mesmo lado devido à força do vento. E este gesto universal parecia tão vão como era vasto, tão vão como se esse vento soprasse em torno de um planeta despovoado e desprovido de sentido. E essa extensão infinita de florestas de um azul cinzento entoava, com um canto agudo e intenso, a dor antiga que se encontra no coração de todas as coisas pagãs. Quase se podia supor que as vozes deste mundo subterrâneo de insondável folhagem eram gritos de deuses pagãos, de deuses errantes que por ali se tinham perdido, de deuses que circulavam na floresta irracional, sem conseguirem jamais encontrar o caminho de regresso ao paraíso.

– Compreendem – disse o padre Brown numa voz baixa, mas descontraída –, antes de a Escócia existir, os escoceses eram um povo curioso. Na verdade, continuam a ser um povo curioso. Mas, nos tempos pré históricos, julgo que prestavam culto aos demónios. Foi por isso – acrescentou jovialmente – que aderiram imediatamente à teologia puritana.

– Meu amigo – perguntou Flambeau, voltando se para ele com uma espécie de fúria –, o que significa aquele rapé?

– Meu amigo – respondeu Brown com idêntica seriedade –, todas as religiões genuínas têm uma característica: o materialismo. Ora, o culto ao demónio é uma religião perfeitamente genuína.

Tinham alcançado o topo da colina, que era um dos poucos locais aonde os pinheiros ululantes não tinham chegado. Uma vedação diminuta, em madeira e arame, agitava se com o fragor da tempestade, indicando lhes os limites do cemitério. Mas, quando o inspector Craven alcançou o canto onde ficava a tumba, quando Flambeau espetou a pá na terra, empurrando a vigorosamente para baixo, sentiram se ambos quase tão agitados como a madeira e o arame da vedação. Aos pés do túmulo, cresciam uns grandes cardos, que a decadência pintara de cinzento e prateado. De vez em quando, uma bola de lanugem soltava se do cardo e passava a roçar pelo inspector, e Craven tinha um sobressalto como se tivesse sentido passar uma seta.

Flambeau enfiou a lâmina da pá pelo meio da erva sussurrante, alcançando o barro molhado que ficava por baixo desta. Em seguida,

pareceu deter se, apoiando se nela como quem se apoia num bordão.

– Continue – pediu suavemente o padre. – Estamos a tentar descobrir a verdade. Está com medo de alguma coisa?

– Estou com medo de a descobrir – respondeu Flambeau.

De repente, o detective de Londres interveio, num tom triunfal que pretendia ser alegre e descontraído.

– Pergunto a mim próprio o que o teria levado a esconder se como se escondeu em vida. Calculo que fosse alguma coisa muito desagradável. Seria leproso?

– Devia ser pior que leproso – respondeu Flambeau.

– Mas parece lhe que há coisa pior que a lepra? O quê? – perguntou o outro.

– Não faço ideia – replicou Flambeau.

Continuou a cavar mais uns minutos, que foram minutos de um silêncio terrível, e depois comentou em voz abafada:

– Duvido de que ele tenha a forma ideal.

– Mas aquele papelito também não tinha, como se recordará – observou o padre Brown baixinho – e nós sobrevivemos ao papelito.

Flambeau continuou a cavar com energia cega. E antes de ele ter conseguido limpar a forma de um caixão de madeira rugosa, e de ter conseguido içá lo para cima da turfa, já a tempestade tinha afastado as sufocantes nuvens cinzentas que pendiam por sobre as colinas à maneira do fumo, dando a ver uma extensão de campos cinzentos iluminados ao de leve pelas estrelas. Craven avançou com o machado, foi tocado por uma bola de lanugem de um cardo e hesitou. Mas depois avançou mais um passo e golpeou a madeira com uma energia semelhante à de Flambeau, até conseguir abrir a tampa do caixão, permitindo que a luz das estrelas incidisse no conteúdo.

– Ossos – disse Craven. – Mas trata se de um homem – acrescentou, como se não estivesse à espera daquilo.

– É ele? – perguntou Flambeau numa voz com estranhos graves e agudos. – É mesmo ele?

– Dá me a impressão disso – respondeu o polícia com a voz embargada, debruçando se sobre o obscuro esqueleto, que já se encontrava em decomposição. – Um momento!

A gigantesca figura de Flambeau foi agitada por um enorme arranco.

– Agora que penso nisso – exclamou –, porque não haveria de ser mesmo ele? O que será que se apodera de um homem nestas malditas montanhas de gelo? Deve ser esta repetição negra e cega, estas florestas enormes, e principalmente o horror antigo da inconsciência. Isto é o sonho de um ateu. Pinheiros e pinheiros e ainda mais

pinheiros, milhões deles…

– Valha me Deus! – gritou o homem que estava ao lado do caixão. – Ele não tem cabeça!

Enquanto os outros se imobilizaram, o sacerdote teve, pela primeira vez, um sobressalto de preocupação.

– Não tem cabeça! – repetiu. – *Não tem cabeça?* – Era como se estivesse à espera de que o morto tivesse outra deficiência qualquer.

Visões absurdas de um bebé nascido em Glengyle sem cabeça, de um jovem sem cabeça escondido no castelo, de um homem sem cabeça passeando naquele jardim maravilhoso – estas visões passaram lhes pela mente em sequência panorâmica. Mas nem naquele instante de imobilidade a história conseguiu criar raízes neles, ou parecer lhes minimamente razoável. Continuavam a ouvir o ruído dos pinhais e os guinchos loucos dos céus, quais animais exaustos. Dava a impressão de que o pensamento era uma coisa enorme, que se lhes subitamente tinha escapado das mãos.

– Estão três homens sem cabeça em redor desta cova aberta – comentou o padre Brown.

O detective de Londres, muito pálido, abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas deixou a aberta como se fosse um labrego quando ouviu um enorme grito de vento rasgar os céus; em seguida, olhou para o machado que tinha nas mãos como se ele não lhe pertencesse, e deixou o cair.

– Padre – perguntou Flambeau naquele tom infantil e pesado que raramente usava –, o que havemos nós fazer?

A resposta do amigo surgir com a prontidão reprimida de uma arma que dispara.

– Vamos dormir! – exclamou o padre Brown. – Vamos dormir. Chegámos ao fim do caminho. Sabem o que é o sono? Sabem que os homens que dormem acreditam em Deus? O sono é um sacramento, porque é um acto de fé e um alimento. E nós estamos a precisar de um sacramento, mesmo que seja um sacramento natural. Caiu nos uma coisa em cima, uma coisa que raramente atinge os homens, e que é talvez a pior coisa que pode atingi los.

Craven fechou a boca para perguntar:

– O que quer o senhor dizer com isso?

O sacerdote, que se tinha voltado para o castelo, respondeu:

– Descobrimos a verdade. E a verdade não faz sentido.

Desceu a vereda à frente deles, com um passo fundo e temerário que era muito raro nele, e quando chegaram ao castelo lançou se para cima de uma cama e adormeceu com a simplicidade de um cão.

Mau grado o seu místico louvor do sono, o padre Brown foi o

primeiro a acordar (à excepção do silencioso jardineiro), e foi fumar um enorme cachimbo, enquanto observava o especialista a realizar as suas tarefas silenciosas na horta. Já de madrugada, a violenta tempestade tinha evoluído para uma chuva intensa e o dia amanheceu com uma curiosa frescura. Até o jardineiro dava a impressão de ter estado a conversar; ao ver os detectives, porém, enfiou a pá num canteiro com uma expressão contraída e, murmurando qualquer coisa sobre o pequeno almoço, atravessou as fileiras de couves e foi meter se na cozinha.

– Aquele homem é precioso – comentou o padre Brown. – Trata espantosamente das batatas. Apesar de tudo – acrescentou com caridade desapaixonada –, tem os seus defeitos; e qual de nós os não tem? Não cava a zona de cá com grande regularidade. Aqui, por exemplo – e bateu subitamente com o pé em determinada zona. – Tenho de dizer que duvido muito destas batatas.

– E porquê? – perguntou Craven, divertido com o passatempo do homenzinho.

– Duvido delas – respondeu o padre Brown – porque o velho Gow também duvida. Enfiou metodicamente a pá em toda a parte, excepto aqui. Estas batatas devem ser mesmo especiais.

Flambeau pegou na pá e carregou impetuosamente com ela no local indicado. E trouxe à superfície, por baixo de uma camada de terra, uma coisa que não se parecia nada com uma batata, mas antes com um monstruoso cogumelo, de cúpula excessivamente desenvolvida. O objecto atingiu a pá com um frio embate metálico, rolou sobre si mesmo como se fosse uma bola e ficou a rir se para eles.

– O conde de Glengyle – declarou o padre Brown em voz triste, olhando intensamente para o crânio.

Em seguida, após uns momentos de reflexão, tirou a pá da mão de Flambeau e disse:

– Temos de voltar a enterrá lo. – E voltou a enfiar o crânio debaixo de terra. Depois, apoiou o corpo esguio e a enorme cabeça no pesado cabo da pá que poisara verticalmente na terra, os olhos vazios de expressão, a testa coberta de rugas. – Se nos fosse possível compreender – murmurou – o sentido desta derradeira monstruosidade. – E, debruçando se sobre o cabo da pá, enterrou a cabeça nas mãos, como fazem as pessoas na igreja.

Os cantos do céu tomavam agora uma luz azul e prateada, os passaritos conversavam nas árvores baixas da horta, e faziam no com uma intensidade tal, que dava a impressão de que eram as próprias árvores que falavam. Mas os três homens nada diziam.

– Pronto, desisto – declarou Flambeau por fim com brusquidão. – O meu cérebro e este mundo não se adaptam um ao outro, e acabou.

Rapé, livros de orações rasgados, entranhas de caixas de música… O que foi?

Brown ergueu a cabeça com uma expressão ainda perturbada e deu umas palmadas no cabo da pá com uma intolerância que era muito pouco vulgar nele.

– Oh, vamos, vamos, vamos! – exclamou. – Tudo isto é claro como água. Compreendi o rapé, as pecinhas de aço e as outras coisas esta manhã quando me levantei. E tenho estado a conversar sobre o assunto com o velho Gow, o jardineiro, que está longe de ser tão surdo e tão estúpido como quer fazer nos pensar. Aqueles objectos têm todos uma razão de ser. Enganei me acerca do livro de orações, que afinal não tinha mal nenhum. Mas isto é que é perturbador. Violar túmulos e roubar a cabeça dos mortos não pode ser coisa boa! Tem de haver aqui algum toque de magia negra. Isto não condiz com a história do rapé e das velas, que é uma história muito simples. – E, recomeçando a andar dum lado para o outro, voltou a fumar com ar pensativo.

– Meu amigo – interveio Flambeau com humor sinistro –, tem de ter cuidado comigo; não se pode esquecer de que eu já fui um criminoso. A grande vantagem dessa situação era ser eu a inventar a história, sendo lhe depois tão fiel quanto me agradava. Esta actividade de detective, em que é preciso esperar, é demais para a minha impaciência de francês. Toda a minha vida fiz as coisas instantaneamente; para o bem e para o mal. Sempre travei os duelos na manhã seguinte ao conflito. Sempre paguei as contas quando mas apresentavam. Nem sequer adiava as idas ao dentista…

O cachimbo do padre Brown caiu lhe da boca e foi partir se em três sobre o saibro da vereda. O sacerdote revirou os olhos, fazendo figura de absoluto idiota.

– Meu Deus, que nabo que eu sou! Mas que nabo! – disse várias vezes. Depois desatou a rir, e eram umas gargalhadas meio atordoadas. – O dentista – repetiu. – Seis horas mergulhado num abismo espiritual, porque não me lembrei do dentista! Meus amigos, passei uma noite no inferno. Mas agora nasceu o sol, os passarinhos cantam e a forma radiante do dentista consola o mundo.

– Exijo que me explique o que se passa – bradou Flambeau dando um passo em frente. – Nem que tenha de usar as torturas da Inquisição.

O padre Brown reprimiu aquilo que parecia ser um momentâneo impulso para a dança, ali mesmo, na relva abrilhantada pelo sol, e suplicou com ar comovedor, como suplica uma criança:

– Oh, deixe me ser um bocadinho tonto. Não imagina como me senti infeliz! Mas sei agora que não houve pecado grave em tudo isto. Houve apenas a obra de um lunático, mas que mal é que isso tem?

E, depois de voltar a girar sobre si mesmo, olhou para eles com gravidade.

– Não estamos perante a história de um crime – explicou –, mas perante uma história de estranha e retorcida honestidade. Temos perante nós aquela que é talvez a única pessoa do mundo que nunca ficou com mais do que aquilo que lhe era devido. Temos perante nós um estudo da selvática lógica que tem sido a religião desta raça. Lembram se da velha rima local acerca da casa de Glengyle?

Como a seiva está para as verdes árvores,

Assim está o vermelho dourado para os Ogilvies.

Pois bem, essa rima era simultaneamente literal e metafórica. A cançoneta queria dizer que os Glengyles andavam atrás das riquezas, é certo que sim, mas também que eles ajuntavam ouro, em sentido literal, que tinham uma colecção gigantesca de ornamentos e utensílios desse metal. Os Glengyles eram uns avarentos, cuja mania tinha essa forma. Revejam mentalmente todas as coisas que encontrámos no castelo à luz deste facto: diamantes sem os correspondentes anéis de ouro; velas sem os correspondentes castiçais de ouro; rapé sem as correspondentes caixas de ouro; carvão sem as correspondentes lapiseiras de outro; uma bengala sem a ponta de ouro; mecanismos de relógio sem os relógios de ouro, fossem de parede ou de pulso. E, loucura das loucuras, como as auréolas e o nome de Deus dos missais eram de ouro, também esse ouro foi deles retirado.

O jardim pareceu encher se de luz, a erva tornar se mais alegre ao calor do sol que a reverdecia, quando aquela verdade foi revelada em toda a sua loucura. Flambeau acendeu um cigarro e o amigo prosseguiu.

– Foi retirado – prosseguiu o padre Brown –, foi retirado, mas não foi roubado. Se se tratasse de um roubo, não teríamos perante nós este mistério. Porque os ladrões teriam levado as caixas de rapé de ouro, mas tê las iam levado com o rapé; e teriam levado as lapiseiras de ouro, mas não deixavam ficar o carvão. Estamos a lidar com uma pessoa com consciência moral; trata se, é certo, de uma consciência muito especial, mas que não deixa de ser consciência. Encontrei o nosso moralista esta manhã, ali na horta, e ele contou me a história toda.

– O falecido Archibald Ogilvie foi a pessoa mais parecida com um homem bom que jamais nasceu em Glengyle. Mas era dotado de uma virtude amarga, que o fez progredir para misantropo. Repisava a desonestidade dos seus antepassados, da qual concluiu, generalizando, que todos os homens eram desonestos. Desconfiava especialmente da filantropia, das ofertas gratuitas. De maneira que jurou que, se

conseguisse encontrar alguém que não ficasse com mais do que aquilo a que tinha direito, lhe entregaria todo o ouro de Glengyle. Tendo lançado este desafio à humanidade, fechou se dentro do seu castelo, mantendo uma reduzidíssima expectativa de que ele tivesse resposta. Certo dia, porém, um pequeno de uma aldeia longínqua, um jovem surdo e aparentemente tolo, veio trazer lhe um telegrama atrasado e Glengyle, que gostava de brincadeiras cáusticas, deu lhe uma moedita. Ou pensou que lha tinha dado; porque, quando foi rever o dinheiro que tinha, descobriu que a moeda pequena ainda ali estava, mas que lhe tinha desaparecido uma libra de ouro. O incidente deu lhe ocasião para uma especulação irónica, da qual concluiu que o rapaz daria certamente mostras da untuosa ganância típica dos da sua laia: ou desaparecia como um ladrão, por lhe ter roubado uma moeda; ou voltava atrás com ar virtuoso, como quem vem solicitar uma recompensa. A meio dessa noite, Lord Glengyle, que vivia sozinho, foi obrigado a levantar se da cama e a ir abrir a porta ao idiota surdo. E o idiota trazia consigo, não a libra de ouro, mas o troco correspondente à quantia devida pelo serviço.

– A intensa precisão do acto tomou conta do cérebro do Lord como uma fogueira, e ele jurou que era Diógenes, que tinha passado a vida à procura de um homem honesto e o tinha finalmente encontrado. Fez novo testamento, que eu vi, recebeu o jovem nesta casa enorme e abandonada, e formou o para fazer de seu criado e, à maneira antiga, de seu herdeiro. E, mesmo que a estranha criatura não perceba tudo, percebeu pelo menos as duas ideias fixas do seu senhor: primeiro, que a honestidade é tudo; segundo, que o ouro de Glengyle lhe estava destinado. É tudo, e é muito simples. O homem amanhou todo o ouro que havia nesta casa e não tocou em nada que não fosse de ouro, nem sequer num grão de rapé. Tirou a folha de ouro que cobria uma velha iluminura, com a certeza de que tinha deixado o resto intacto. Até aí percebi eu. Mas não conseguia perceber a história dos crânios, e aquela cabeça humana enterrada no meio das batatas estava a incomodar me. Era uma coisa que me perturbava, até Flambeau pronunciar a palavra decisiva.

– Não há problema. Ele prometeu me que voltava a meter a cabeça dentro do caixão quando lhe tivesse tirado o dente de ouro.

E de facto, quando na manhã desse dia atravessou os campos, Flambeau avistou ao longe o estranho ser, o avarento justo, a cavar no túmulo profanado, o cachecol escocês que tinha ao pescoço agitado pelo vento, o sóbrio chapéu alto na cabeça.

A FORMA INADEQUADA[1*]

Algumas das estradas que saem de Londres em direcção ao norte seguem pelos campos fora e, à medida que avançam, vão se transformando numa espécie de espectros de ruas, espectros atenuados e interrompidos, com grandes falhas na linha de edificações, mas preservando a continuidade. Aqui um grupo de oficinas, seguido por um campo vedado ou por um cercado de cavalos, a seguir um pub famoso, depois talvez uma mercearia com uma horta, ou uma creche com jardim, seguida de uma grande casa particular, depois outro campo, nova estalagem, e assim por diante. Uma pessoa que caminhe ao longo de uma destas estradas há de encontrar uma casa que provavelmente lhe saltará à vista, embora não consiga talvez explicar bem porquê. Trata se de uma casa comprida e baixa, que corre paralelamente à estrada, uma casa pintada essencialmente de branco e verde claro, com varanda e gelosias, e alpendres cobertos com aquelas cúpulas pitorescas que mais parecem guarda sóis de madeira, e que se costumam ver nas casas de estilo antigo. Na realidade, esta casa tem um estilo antigo, é uma casa muito inglesa e muito suburbana, ao estilo das veneráveis e abastadas casas dos melhores bairros de Londres. E contudo, dá a impressão de ter sido construída essencialmente para o tempo quente. Olhando para a pintura branca e para as gelosias, a pessoa pensa vagamente em turbantes e mesmo em palmeiras. Não consigo explicar bem porquê; talvez a casa tenha sido construída por um anglo indiano.

Dizia eu que qualquer pessoa que passe por esta casa ficará indefinivelmente fascinada por ela, sentindo que se trata de um sítio sobre o qual se tem de contar uma história. E terá razão, como o leitor perceberá já a seguir. Pois esta é a história das estranhas coisas que efectivamente ali se passaram no dia de Pentecostes do ano de mil oitocentos e qualquer coisa.

Uma pessoa que passasse diante desta casa na quinta feira antes do Pentecostes por volta das quatro e meia da tarde teria visto a porta da frente aberta e o padre Brown, da pequena igreja de São Mungo, a sair da casa fumando um enorme cachimbo, na companhia de seu amigo Flambeau, um francês muito alto, que fumava um pequeno cigarro. O leitor poderá ter, ou não, interesse nestas pessoas, mas a verdade é que elas não eram as únicas coisas interessantes que se viam quando se abria a porta da frente da casa verde e branca. Esta casa tinha outras peculiaridades, que é necessário começar por descrever, não só para que o leitor compreenda esta história trágica, mas também para

que perceba o que foi que a abertura da porta revelou.

A casa tinha a forma de um T, mas de um T com uma travessa muito comprida e uma haste muito curta. A travessa era a parte fronteira da casa, que corria paralelamente à rua, com a porta principal ao centro; esta parte da casa tinha dois andares, e albergava quase todos os compartimentos importantes da moradia. A haste do T, que se estendia para as traseiras no sentido oposto ao da porta principal, tinha só um andar, e era constituída apenas por dois grandes compartimentos, ligados entre si. O primeiro era o escritório onde o famoso Sr. Quinton escrevia os seus arrebatados poemas e romances orientais. O segundo era uma estufa de vidro cheia de plantas tropicais de beleza invulgar e quase monstruosa, e que em tardes como esta luzia com fascinante brilho. Deste modo, quando a porta que dava do escritório para o corredor ficava aberta, eram muitos os que paravam a olhar lá para dentro com espanto porque, embora se encontrassem numa casa ricamente mobilada, o que tinham diante de si era muito mais do que isso, era uma cena de contos de fadas, com nuvens roxas, sóis dourados e estrelas carmesim, a um tempo ardentemente coloridas e contudo transparentes e longínquas.

Fora o próprio Leonard Quinton, o poeta, a montar cuidadosamente este efeito, e é duvidoso que tenha conseguido expressar a sua personalidade em algum dos seus poemas de forma tão perfeita como o fez aqui. Com efeito, Quinton era um homem que se banhava em cores, que bebia cores, e que satisfazia o seu desejo de cor a ponto de negligenciar a forma – incluindo a boa forma. Era por esta razão que tinha voltado toda a sua genialidade para a arte e as imagens orientais, para as estonteantes carpetes e os ofuscantes bordados em que as cores parecem fundir se num caos feliz, nada tendo que tipificar ou que ensinar. Tinha tentado – talvez não com total êxito artístico, mas certamente com imaginação e inventividade reconhecidas – compor poemas épicos e histórias de amor que reflectissem o tumulto da cor violenta e até cruel: eram histórias de céus tropicais de um dourado ardente ou de um vermelho cobre; de heróis orientais de mitras de doze turbantes, montados em elefantes roxos ou verde pavão; de jóias gigantescas que uma centena de negros não conseguia transportar, mas que eram queimadas por fogos antigos de cores bizarras.

Em suma (e para apresentar as coisas de um ponto de vista mais corrente), tratava muito dos céus orientais, que são bastante piores do que os infernos ocidentais; dos monarcas orientais, a que podemos talvez chamar maníacos; e de jóias orientais, que um joalheiro genuíno (se a tal centena de negros cambaleantes lhas trouxessem à joalharia) talvez não considerasse verdadeiras. Quinton era um génio, embora mórbido; mas até esta morbidez se lhe tornava mais óbvia na

vida do que no trabalho. Por temperamento, era fraco e irascível, e tinha sofrido muito em consequências das experiências orientais que fizera com o ópio. A mulher – uma mulher bela, trabalhadora, aliás esgotada de trabalho – mostrava desagrado pelo uso do ópio, mas mostrava ainda mais desagrado pela presença do eremita indiano vestido de amarelo e branco com quem o marido insistia em conversar meses a fio, um Virgílio que lhe guiava o espírito pelos céus e os infernos do oriente.

Era desta habitação artística que o padre Brown e o amigo vinham a sair; e, a avaliar pela expressão que traziam, era com grande alívio que se tinham despedido. Flambeau conhecera Quinton em Paris, nos seus tempos de loucura estudantil, e tinham renovado esse conhecimento durante um fim de semana; mas, para além de ter assumido ultimamente uma atitude mais responsável, Flambeau deixara de se dar bem com o poeta. Afogar se no ópio e escrever versinhos eróticos em pergaminho não lhe parecia ser a melhor maneira de um cavalheiro se entregar ao diabo. Os dois amigos detiveram se à saída da casa, antes de irem dar uma volta pelo jardim, e nesse momento o portão da frente abriu se com grande violência e um jovem de chapéu de coco subiu os degraus a correr, por pouco não tropeçando com a pressa. Era um rapaz de aspecto dissoluto, que trazia o chapéu empurrado para a nuca e um laço vermelho distinto, mas completamente desarranjado, como se tivesse dormido com ele posto, e que agitava uma bengala articulada.

– Quero falar com o velho Quinton – declarou, ofegante. – Tenho de falar com ele. O Quinton já saiu?

– Parece me que o Sr. Quinton está em casa – respondeu o padre Brown, limpando o cachimbo –, mas não sei se poderá falar com ele. Está neste momento a ser visto pelo médico.

O jovem, que parecia não estar completamente sóbrio, entrou no vestíbulo, não sem antes voltar a tropeçar. Nesse momento, o médico saiu do gabinete de Quinton, fechando a porta e começando a calçar as luvas.

– Falar com o Sr. Quinton? – perguntou com uma certa frieza. – Não, lamento muito mas não pode. Na verdade, está absolutamente proibido de falar com o Sr. Quinton. Ele não pode receber ninguém. Dei lhe agora mesmo um medicamento para dormir.

– Não, mas escute, amigo – disse o jovem do laço vermelho, tentando afectuosamente agarrar o médico pelas lapelas do casaco. – Escute, eu estou completamente arrumado, está a ouvir me? Eu…

– Não vale a pena, Sr. Atkinson – respondeu o médico, obrigando o a recuar –, quando o senhor conseguir alterar os efeitos de um medicamento, eu altero a minha decisão.

E, pondo o chapéu na cabeça, saiu de casa e foi ao encontro dos outros dois. Era um homem baixo e bem disposto, de pescoço taurino e pequeno bigode, geralmente inexpressivo, mas comunicando uma sensação de competência.

O jovem do chapéu de coco, que parecia não ser dotado do menor tacto para lidar com as pessoas – se exceptuarmos a ideia de se lhes agarrar à lapela do casaco –, postou se à saída da porta com um ar tão aturdido como se tivesse sido expulso daquela casa, e ficou silenciosamente a observar os outros três, que foram dar um passeio pelo jardim.

– Mas que grande mentira que eu disse agora mesmo – observou o médico com uma gargalhada. – Na verdade, o pobre Quinton só toma o medicamento para dormir dentro de quase meia hora. Mas não vou permitir que ele seja incomodado por aquele animal, que a única coisa que vem aqui fazer é pedir dinheiro emprestado, dinheiro esse que se esquivaria a pagar se pudesse. É um belo mariola, embora seja irmão da mulher do Sr. Quinton, e melhor do que ela não tenha havido outra.

– Sim – comentou o padre Brown. – É boa mulher.

– Assim sendo, proponho que nos deixemos ficar mais algum tempo aqui pelo jardim, até a criatura se ir embora – prosseguiu o médico – e a seguir eu vou dar o medicamento a Quinton. Atkinson não vai conseguir entrar no quarto, porque eu tranquei a porta.

– Nesse caso, Dr. Harris – sugeriu Flambeau –, podemos ir dar uma volta até à parte de trás, para ver a estufa. Não tem nenhuma entrada por esse lado, mas vale a pena vê la, mesmo que seja só de fora.

– Pois, e assim até posso dar uma olhadela ao meu paciente – riu se o médico –, porque ele prefere deitar se na otomana na extremidade da estufa, no meio das estrelas de natal. Por mim, teria arrepios. Mas o que está o senhor a fazer?

O padre Brown tinha parado por momentos e apanhado do chão, do meio das ervas, aonde estava quase completamente oculto, um estranho punhal oriental, uma arma recurva, com elegantes embutidos de pedras e metais coloridos.

– O que é isto? – perguntou o padre Brown, olhando para o objecto com um certo desagrado.

– Oh, deve ser de Quinton – respondeu descontraidamente o Dr. Harris. – Ele tem uma série de coisas chinesas espalhadas por toda a parte. Ou talvez pertença ao suave hindu que ele segura pela trela.

– Que hindu é esse? – perguntou o padre Brown, continuando a olhar fixamente para o punhal.

– Oh, é um ilusionista indiano – respondeu o médico com ligeireza.

– É uma fraude, evidentemente.

– Não acredita na magia? – perguntou o padre Brown sem erguer os olhos.

– Credo! Na magia! – exclamou o médico.

– É muito belo – comentou o sacerdote em voz baixa e sonhadora. – As cores são muito bonitas. Mas não tem a forma adequada.

– A forma adequada para quê? – perguntou Flambeau, olhando o fixamente.

– Seja para o que for. Tem uma forma inadequada em abstracto. Nunca teve essa sensação quando contemplava peças de arte oriental? As cores são absolutamente encantadoras; as formas, porém, são inadequadas e perversas, deliberadamente inadequadas e perversas. Tenho visto coisas viciosas em carpetes turcas.

– *Mon Dieu!* – exclamou Flambeau com uma gargalhada.

– São letras e símbolos numa língua que eu desconheço; mas sei que representam maldades – prosseguiu o sacerdote, e o tom de voz ia baixando cada vez mais. – As linhas são propositadamente inadequadas, mais se parecendo com serpentes que querem fugir.

– Que diabo está o senhor a dizer? – perguntou o médico com uma sonora gargalhada.

Flambeau respondeu lhe em tom recatado:

– O padre é por vezes rodeado de uma nuvem mística – explicou. – Mas devo adverti lo de que nunca vi tal coisa acontecer senão quando há mal nas redondezas.

– Ora adeus! – disse o cientista.

– Então olhe para ele – exclamou o padre Brown, estendendo o braço e olhando para o punhal como se se tratasse de uma serpente. – Não está a ver que tem uma forma inadequada? Não está a ver que não tem um propósito simples e imediato? Que não aponta como uma lança? Que não varre como uma cimitarra? Não vê que não parece uma arma? Parece um instrumento de tortura.

– Bem, como o senhor parece não gostar dela – declarou o jovial Harris –, o melhor será devolvê la ao proprietário. Mas ainda não chegámos à ponta da malfadada estufa? Esta casa é que tem uma forma inadequada.

– O senhor não está a compreender – disse o padre Brown, abanando a cabeça. – Esta casa tem uma forma esquisita, risível mesmo. Mas não tem uma forma inadequada.

Enquanto assim conversavam, aproximaram se da curva de vidro que formava a extremidade da estufa, uma curva ininterrupta porque não havia nessa ponta nem porta nem janela por onde entrassem. Mas o vidro estava limpo e o sol brilhava ainda, embora começasse a

encaminhar se para o ocaso; e os três homens puderam ver, não só as flamejantes plantas que havia no interior, mas também a frágil figura do poeta, vestindo um casaco de veludo castanho e languidamente recostado no sofá, tendo aparentemente adormecido com um livro na mão. Tratava se de um homem pálido e esguio, de cabelo castanho solto e uma franja de barba que era o paradoxo do seu rosto, porque lhe conferia uma aparência menos viril. Eram traços que todos três conheciam muito bem; mas, ainda que assim não fosse, é de duvidar que naquele momento tivessem olhado para Quinton. É que os olhos dos três foram atraídos para outro objecto.

Precisamente diante deles, no exterior da extremidade curva da parede de vidro, encontrava se um homem alto, cuja roupagem, de um branco imaculado, lhe chegava aos pés, enquanto o crânio, o rosto e o pescoço, nus e castanhos, lhe brilhavam à luz do pôr do sol qual bronze esplêndido. O homem permanecia imóvel como uma montanha, a olhar para dentro da estufa, para o doente que ali se encontrava deitado.

– Quem é este? – perguntou o padre Brown, recuando e contendo a respiração.

– Oh, não se preocupe, é o tal impostor hindu – resmungou Harris. – Mas não percebo que diabo está ele aqui a fazer.

– Parece um acto de hipnotismo – comentou Flambeau, mordiscando o bigode preto.

– Mas porque é que vocês, os que não são médicos, estão sempre a dizer disparates sobre o hipnotismo? – protestou o médico com veemência. – A mim parece me bastante mais um assalto.

– Bem, vamos pelo menos falar com ele – sugeriu Flambeau, que era sempre um adepto da acção. E, com uma grande passada, aproximou se do indiano. – Boa tarde, caro senhor, deseja alguma coisa? – perguntou com plácido descaramento, inclinando se do alto da sua estatura, que ultrapassava a do oriental (e este não era um homem baixo).

Muito lentamente, qual navio de grande porte que se volta para entrar numa baía, a enorme face amarela voltou se para eles, acabando finalmente por os olhar por cima do ombro vestido de branco. Espantados, viram que ele tinha as pálpebras amarelas perfeitamente seladas, como se estivesse a dormir.

– Obrigado – respondeu a cara num inglês excelente. – Não desejo nada. – E abriu as pálpebras ao de leve, como que para dar a ver uma tira de um opalescente globo ocular. – Não desejo nada – repetiu. E abriu muito os olhos, com uma expressão espantada. – Não desejo nada – disse ainda, e afastou se deles, mergulhando no jardim, que estava a cobrir se rapidamente de sombras.

– O cristão é mais modesto – murmurou o padre Brown. – Deseja sempre alguma coisa.

– Mas o que estava ele aqui a fazer? – perguntou Flambeau, franzindo intensamente o sobrolho e baixando a voz.

– Mais tarde, gostava de lhe dar uma palavrinha – disse o padre Brown.

A luz do sol era ainda uma realidade, mas era a luz vermelha do final do dia, recortando a negro as árvores e os arbustos do jardim. Os três homens contornaram a extremidade da estufa e percorreram em silêncio o outro lado da mesma, com o objectivo de se dirigirem para a porta da frente. Pelo caminho, acordaram qualquer coisa no recesso que ficava entre o escritório e o edifício principal, algo que se assustou como se assusta um passarito; e voltaram a ver o faquir de vestes brancas, que emergiu das sombras e avançou para a porta da frente. Para surpresa dos três homens, porém, o oriental não estava sozinho naquele canto. Subitamente, viram se obrigados a parar e a suspender o espanto ao verem surgir a Sra. Quinton, de pesado cabelo loiro e face quadrangular, que se dirigia a eles iluminada pelo crepúsculo, mostrando se um tanto rígida, mas impecavelmente delicada.

– Boa tarde, Dr. Harris – cumprimentou.

– Boa tarde, Sra. Quinton – respondeu o médico com ênfase. – Ia agora mesmo administrar o medicamento ao seu marido.

– Muito bem – respondeu ela em tom seguro. – Parece me que são horas. – E, lançando lhes um sorriso, avançou em direcção à frontaria da casa.

– Esta mulher está esgotada – comentou o padre Brown. – É o género de mulher que cumpre o seu dever durante vinte anos e depois comete um acto terrível.

O médico olhou para ele, pela primeira vez com interesse.

– Estudou medicina? – perguntou.

– Os senhores têm de saber alguma coisa sobre o espírito para além do que sabem sobre o corpo – respondeu o sacerdote. – E nós temos de saber alguma coisa sobre o corpo para além do que sabemos sobre o espírito.

– Bem – disse o médico –, acho que vou dar o medicamento a Quinton.

Tinham dobrado a esquina da fachada principal e estavam a aproximar se da porta da frente. Quando se voltaram para entrar em casa, viram pela terceira vez o homem da veste branca, que vinha tão directo a eles, que era quase impossível que não acabasse de sair do escritório que ficava diante da porta principal. Contudo, sabiam que a porta do escritório estava trancada.

Mas o padre Brown e Flambeau abstiveram se de comentar esta estranha contradição, e o Dr. Harris não era pessoa para gastar tempo a fazer conjecturas sobre coisas impossíveis. Deixou sair o omnipresente asiático e entrou energicamente no vestíbulo, aonde foi encontrar uma personagem de que já se tinha esquecido. Pois o inane Atkinson continuava por ali, murmurando entre dentes e batendo nas coisas com a bengala. Pela cara do médico passou um espasmo de desagrado e decisão, que o levou a sussurrar rapidamente ao companheiro:

– Tenho de voltar a trancar a porta, para esta ratazana não entrar. Mas volto a sair dentro de dois minutos.

Destrancou rapidamente a porta, entrou no gabinete e voltou a trancá la, evitando por pouco uma carga do jovem de chapéu de coco. Este deixou se cair numa cadeira do vestíbulo com um gesto de impaciência. Flambeau contemplou uma iluminura persa suspensa da parede; o padre Brown, que parecia mergulhado numa espécie de inexpressiva sonolência, tinha os olhos fixos na porta. Cerca de quatro minutos depois, a porta voltou a abrir se e, desta vez, Atkinson foi mais rápido: dando um salto, conseguiu manter a porta aberta por instantes e gritou lá para dentro:

– Ouve, Quinton, quero…

Na outra extremidade do gabinete, ouviu se a voz de Quinton, algures entre um bocejo e uma gargalhada de fadiga.

– Oh, eu bem sei o que tu queres. Toma e deixa me em paz. Estou a escrever uma canção sobre pavões.

E, antes de a porta voltar a fechar se, passou uma moeda pela abertura, moeda que Atkinson, dando um trôpego passo em frente, apanhou com singular destreza.

– Pronto, acabou – disse o médico. E, trancando a porta com violência, saiu para o jardim à frente dos outros. – O pobre Leonard vai agora ter uns momentos de sossego – acrescentou, dirigindo se ao padre Brown. – Fica sozinho e trancado uma hora ou duas.

– Sim – respondeu o padre –, e estava com uma voz bastante jovial quando o deixámos. – Em seguida, olhou em torno do jardim com uma expressão grave, e avistou a figura isolada de Atkinson, que remexia a moeda na algibeira, e para além dele, recortado na luz vermelha do entardecer, a figura do indiano, sentado muito direito na erva, com o rosto voltado para o sol no ocaso. – Onde está a Sra. Quinton? – perguntou de repente.

– Foi lá para cima, para o quarto – respondeu o médico. – Olhe, ali está a sombra dela por trás da persiana.

O padre Brown ergueu os olhos e, franzindo o sobrolho, analisou o contorno escuro.

– Sim – confirmou –, é a sombra dela. – E avançando um ou dois metros, foi sentar se num banco do jardim.

Flambeau sentou se ao lado dele, mas o médico – que era uma daquelas pessoas cheias de energia que não conseguem estar sentadas – afastou se deles a fumar, de maneira que os dois amigos ficaram sozinhos.

– Padre – perguntou Flambeau em francês –, o que se passa consigo?

O padre Brown deixou se estar calado e imóvel mais meio minuto, e depois respondeu:

– A superstição é um pecado, mas há qualquer coisa na atmosfera desta casa. Acho que é aquele indiano; pelo menos em parte.

Depois afundou se em silêncio, ficando a observar o contorno distante do indiano, que continuava rigidamente sentado, como se estivesse a rezar. À primeira vista, parecia estar imóvel mas, continuando a observá lo, o padre Brown percebeu que ele se agitava muito ao de leve com um movimento rítmico, como os topos das árvores se agitavam muito ao de leve ao vento que penetrava nas veredas do jardim, fazendo mover suavemente as folhas caídas.

A paisagem escurecia a olhos vistos, como que preparando se para uma tempestade, mas ainda se conseguiam distinguir todas as figuras. Atkinson estava encostado a uma árvore com ar indiferente, a mulher de Quinton continuava à janela, o médico tinha ido dar uma volta até à extremidade da estufa – avistavam lhe a ponta do charuto, qual fogo fátuo – e o faquir continuava sentado, totalmente rígido mas baloiçando se, enquanto as árvores começavam a agitar se, quase rugindo. Estava claramente a anunciar se uma tempestade.

– Quando aquele indiano se nos dirigiu – prosseguiu o padre Brown em tom de conversa –, eu tive uma espécie de visão, uma visão dele e do universo dele. A primeira vez que ele disse «não desejo nada», queria apenas dizer que era impenetrável, que a Ásia não se revela. Depois repetiu «não desejo nada» e eu percebi que ele queria dizer que era auto suficiente, que era como um cosmo, que não precisava de Deus nem admitia que houvesse pecados. E, quando disse pela terceira vez «não desejo nada», disse o com os olhos em fogo. E eu percebi que queria dizer literalmente aquilo: que o nada era o seu desejo e o seu lar; que estava desejoso de nada como quem está desejoso de vinho; que a aniquilação, a simples destruição de tudo e de alguma coisa…

Caíram duas gotas de chuva; e, por qualquer razão, Flambeau assustou se e ergueu os olhos, como se o tivessem picado. E, nesse preciso instante, o médico – que se encontrava na extremidade da estufa – começou a correr para eles, gritando qualquer coisa.

Quando se aproximou dos dois amigos (e mais parecia um foguete), o inquieto Atkinson estava por acaso a dar uma volta junto à fachada

da casa, e o médico agarrou lhe o colarinho num gesto convulsivo.

– Crime! – bradou. – O que é que você lhe fez, cão?

O sacerdote tinha se posto muito direito, e bradara com a voz de aço de um militar que assume o comando das operações:

– Nada de confrontos! Não teremos dificuldade em prender quem quisermos. O que se passa, doutor?

– Passa se qualquer coisa com Quinton – respondeu o médico, muito pálido. – Vi o agora pelo vidro, e não gostei da maneira como ele está deitado. Pelo menos não foi assim que eu o deixei.

– Vamos ter com ele – ordenou o padre Brown. – Solte o Sr. Atkinson. Tenho estado a vê lo desde que ouvimos a voz de Quinton.

– Eu fico aqui a vigiá lo – declarou Flambeau a toda a pressa. – Vão lá dentro ver o que se passa.

O médico e o sacerdote correram para a porta do gabinete, destrancaram na e entraram, e quase embateram na enorme mesa de mogno do centro, sentado à qual o poeta costumava escrever, porque o compartimento estava apenas iluminado pelas parcas chamas de uma lareira acesa para o inválido. No meio desta mesa, estava uma folha de papel, que ali fora evidentemente deixada de propósito. O médico pegou nela, passou lhe os olhos e estendeu a ao padre Brown.

– Valha me Deus, olhe para aquilo! – gritou então e mergulhou em direcção à estufa, onde as tremendas flores tropicais pareciam reter ainda uma recordação vermelha do pôr do sol.

O padre Brown leu as palavras três vezes, antes de poisar o papel. E as palavras eram as seguintes: «Morro por minha própria mão; mas morro assassinado!», escritas na letra inimitável, para não dizer ilegível, de Leonard Quinton.

Em seguida, com o papel ainda na mão, o padre Brown avançou para a estufa, indo ao encontro do médico, que dela regressava com uma expressão de segurança e de colapso:

– Acabou se – disse Harris.

Passaram diante da estonteante beleza natural dos cactos e das azáleas e foram encontrar Leonard Quinton, poeta e romancista, com a cabeça caída da otomana e os caracóis ruivos a varrer o chão. Do lado esquerdo do corpo, encontrava se o estranho punhal que tinham encontrado no jardim, com a mão já sem vida ainda em torno do copo da arma.

Lá fora, a tempestade começara com estrondo, como a noite de Coleridge, e tanto o jardim como o vidro da estufa tinham sido escurecidos por chuva intensa. O padre Brown parecia estudar o papel com mais atenção do que a que dedicava ao cadáver; aproximando o dos olhos, parecia estar a tentar lê lo à luz do crepúsculo. Depois,

ergueu o ao encontro do que restava de luz do dia, e nesse momento formou se um relâmpago de um branco tão intenso, que por instantes o papel pareceu negro por comparação com ele.

Seguiu se uma escuridão preenchida com o barulho do trovão, após o que a voz do padre Brown declarou, no meio do negrume:

– Doutor, este papel não tem a forma adequada.

– Não tem a forma adequada? O que quer dizer com isso? – perguntou o médico, olhando para ele de sobrolho franzido.

– Não é quadrado – explicou o padre Brown. – Falta lhe aqui um bocado a um canto. O que quer isto dizer?

– Como diabo quer que eu saiba? – resmungou o médico. – Não acha melhor ajeitarmos o pobre? Não há dúvida de que ele está morto.

– Não – respondeu o sacerdote. – Não podemos mexer lhe. Temos de chamar a polícia. – Mas continuava a observar intensamente o papel.

Enquanto atravessavam novamente o gabinete, parou diante da mesa e pegou numa pequena tesoura de unhas.

– Ah – disse com uma espécie de alívio –, então foi com isto. Ainda assim… – e franziu intensamente o sobrolho.

– Oh, acabe lá de falar no papel – exigiu o médico com ênfase. – Era uma fantasia dele. Tinha centenas de papéis desses. Cortava os a todos assim – e apontou para uma pilha de folhas de papel por usar, que se encontrava uma mesa mais pequena. O padre Brown avançou para junto desta mesa e pegou numa folha. Tinha a mesma forma irregular que a outra.

– Muito bem – comentou. – E estou a ver aqui os cantos que foram cortados. – E, para indignação do colega, começou a contá los. – Exactamente – concluiu com um sorriso, como quem pede desculpa. – Vinte e três folhas cortadas e vinte e dois cantos. E, como vejo que está impaciente, vamos ter com os outros.

– Quem vai contar o sucedido à mulher? – perguntou o Dr. Harris. – Não se importa de lhe ir dizer, enquanto eu mando um criado chamar a polícia?

– Como quiser – respondeu o padre Brown com indiferença. E avançou para a porta.

Aqui, foi encontrar novo drama, embora de estilo mais grotesco; nada menos que seu amigo Flambeau, que era um homem de grandes dimensões, numa atitude a que há muito se desabituara: deitado no chão ao fundo das escadas, com um tornozelo do simpático Atkinson na mão, a bengala e o chapéu de coco do jovem voando em direcções opostas. Atkinson tinha escapado à guarda quase paternal de Flambeau e tinha conseguido deitá lo ao chão, façanha que não era de maneira nenhuma brincadeira que se tivesse com o Rei dos Apaches,

mesmo após a abdicação do monarca.

Flambeau preparava se para saltar sobre o inimigo e voltar a prendê lo, quando o sacerdote lhe deu uma palmadinha no ombro.

– Faça as pazes com o Sr. Atkinson, meu amigo – aconselhou o. – Peçam perdão um ao outro e despeçam se. Não precisamos mais dele. – Atkinson levantou se com ar algo hesitante, apanhou o chapéu e a bengala e dirigiu se ao portão do jardim. – Onde está o indiano? – perguntou então o padre Brown num tom mais sério.

Todos três (porque o médico juntara se a eles) se voltaram involuntariamente para a zona de relva aonde pouco tempo antes tinham visto o homem castanho baloiçando as suas estranhas preces. A relva estava agora avermelhada pelos últimos raios do sol e o indiano tinha desaparecido.

– Maldito seja! – bradou o médico, batendo furiosamente com o pé no chão. – Foi aquele preto!

– Pensei que não acreditava em artes mágicas – comentou calmamente o padre Brown.

– Também eu – replicou o médico, revirando os olhos. – Mas também sei que já detestava aquele demónio amarelo quando achava que ele era um charlatão. E ainda o detestarei mais se chegar à conclusão de que tem mesmo dotes mágicos.

– Bem, o facto de ele ter fugido não tem grande importância – observou Flambeau. – Porque nós não conseguíamos provar nada contra ele, e portanto não podíamos fazer lhe nada. Ninguém vai ter com a polícia com uma história de um suicídio por bruxaria ou auto sugestão.

Entretanto, o padre Brown tinha voltado para dentro de casa, e foi dar a notícia à mulher do falecido.

Quando regressou, vinha ligeiramente pálido e com uma expressão trágica, mas nunca se soube o que se passara entre os dois durante aquela entrevista, nem sequer quando tudo se soube.

Flambeau, que conversava em voz baixa com o médico, ficou surpreendido ao ver o amigo voltar tão depressa; mas Brown não reparou nesta surpresa, limitando se a chamar o médico à parte.

– Mandou chamar a polícia, não mandou? – quis saber.

– Mandei – respondeu o outro. – Devem estar aí dentro de dez minutos.

– Quer fazer me um favor? – perguntou o padre. – Sabe, é que eu faço colecção de histórias curiosas, histórias que geralmente contêm elementos que não podem constar dos relatórios da polícia, como é o caso do nosso amigo hindu. Ora bem, queria pedir lhe que escrevesse um relatório sobre este caso para o meu arquivo pessoal. O senhor tem

uma actividade que requer inteligência – prosseguiu, olhando o médico de frente. – Dá me a impressão de que conhece alguns pormenores deste caso que não quis revelar. Tal como o senhor, também eu me dedico a uma actividade confidencial, e tratarei tudo o que me escrever com a maior confidencialidade. Mas não omita nada.

O médico, que tinha estado a ouvi lo com atenção, com a cabeça ligeiramente inclinada, olhou o de frente uns instantes e respondeu:

– Muito bem.

Depois, dirigiu se ao gabinete e fechou a porta atrás de si.

– Flambeau – prosseguiu o padre Brown –, há um banco comprido ali no alpendre, onde podemos sentar nos a fumar abrigados da chuva. Você é o meu único amigo, e eu quero conversar consigo. Ou talvez queira antes estar calado consigo.

Instalaram se confortavelmente no banco do alpendre; contra aquilo que era seu hábito, o padre Brown aceitou um bom charuto e fumou o calmamente, em silêncio, com a chuva a guinchar no telhado do alpendre.

– Meu amigo – disse por fim –, isto é um caso muito bizarro. Um caso mesmo muito bizarro.

– Também me pareceu – comentou Flambeau, com um ameaço de arrepio.

– Você diz que é bizarro, eu digo que é bizarro – prosseguiu o sacerdote – e no entanto estamos a falar de coisas diferentes. Os espíritos modernos costumam misturar duas ideias, que contudo são muito diferentes uma da outra: o mistério no sentido daquilo que é maravilhoso e o mistério no sentido daquilo que é complicado. É também por isso que têm tanta dificuldade em aceitar os milagres. Um milagre é uma coisa impressionante, mas não deixa de ser simples. E é simples porque se trata de um milagre. O que acontece no caso dos milagres é que o poder vem directamente de Deus (ou do demónio), em vez de vir indirectamente, em vez de passar através da natureza ou da vontade humana. O que você quer dizer é que este caso é maravilhoso por ser miraculoso, por se tratar de um bruxedo que é obra de um indiano perverso. Compreenda que eu não estou a negar que seja espiritual ou diabólico. Só o céu e o inferno sabem por meio de que influências circundantes entram na vida dos homens os mais estranhos pecados. Para já, contudo, o que eu quero dizer é o seguinte: se foi pura magia, como você diz, foi uma coisa maravilhosa; mas nesse caso, não é um mistério, ou seja, não é uma coisa complicada. A qualidade dos milagres é misteriosa, mas a sua matéria é simples. Ora, a matéria deste caso foi tudo menos simples.

A tempestade, que tinha abrandado um pouco, pareceu voltar a intensificar se, e surgiram movimentos pesados, como que de ligeiros

trovões. O padre Brown deixou cair a cinza do charuto e prosseguiu:

– Este incidente possui uma natureza retorcida, complexa e feia, que é alheia aos actos directos, quer do céu, quer do inferno. Eu reconheço a vereda sinuosa de um homem como outra pessoa reconhece o percurso sinuoso de uma serpente.

Por momentos, o relâmpago branco abriu o enorme olho, mas o céu voltou a fechar se e o padre continuou a falar:

– E o mais retorcido de todos os aspectos deste caso cheio de aspectos retorcidos foi aquele papel, que era ainda mais retorcido do que o punhal que o matou.

– Está a referir se ao papel em que Quinton confessou que se tinha suicidado? – perguntou Flambeau.

– Estou a referir me ao papel em que Quinton escreveu: «Morro por minha própria mão» – respondeu o padre Brown. – Aquele papel, meu amigo, tinha uma forma inadequada, como eu nunca vi outra igual neste mundo perverso.

– Faltava lhe um canto, mais nada – fez notar Flambeau. – E, ao que parece, Quinton fazia sempre aquele corte no papel.

– Mas era um corte muito estranho – replicou o outro –, um corte muito mau, para o meu gosto. Oiça, Flambeau, este Quinton, e Deus lhe tenha a alma em descanso, era talvez um pequeno canalha, mas era indubitavelmente um artista, tanto com o lápis como com a caneta. Tinha uma letra difícil de decifrar, mas bela e ousada. Não posso provar o que estou a dizer; não posso provar coisa nenhuma. Mas digo lhe com toda a força da minha convicção que ele não podia ter cortado aquele bocadinho da folha de papel. Se ele tivesse querido cortá lo, com o objectivo de adaptar a folha, ou de a encadernar, ou fosse o que fosse, teria feito um corte muito diferente. Lembra se da forma? Era uma forma cruel. Era uma forma inadequada. Era assim. Não se lembra?

E agitou o charuto no escuro, traçando uma esquadria irregular com uma rapidez tal, que Flambeau teve realmente a sensação de ver hieróglifos luminosos na escuridão – hieróglifos como aqueles de que o amigo tinha falado, que são indecifráveis mas não podem querer dizer coisa boa.

– Suponhamos então – disse Flambeau quando o padre voltou a meter o charuto na boca e se recostou no banco, contemplando o tecto – que a tesoura foi usada por outra pessoa. Como é que alguém podia, recortando lhe um bocadinho do papel, levar Quinton a suicidar se?

O padre Brown continuava encostado para trás a olhar para o tecto, mas tirou o charuto da boca e disse:

– Quinton não se suicidou.

Flambeau ficou a olhar para ele.

– Como? – exclamou. – Mas então, porque foi que confessou que se tinha suicidado?

O sacerdote desencostou se, apoiou os cotovelos nos joelhos, fixou os olhos no chão e disse, num tom grave e muito claro:

– Ele não confessou ter se suicidado.

Flambeau deixou cair o charuto.

– Está a querer dizer me que aquelas palavras foram forjadas?

– Não – respondeu o padre Brown. – Foi Quinton que as escreveu.

– Então não há dúvidas – rematou Flambeau, manifestamente incomodado com a conversa. – Quinton escreveu «Morro por minha própria mão» por seu punho e letra numa simples folha de papel.

– Que tinha uma forma inadequada – observou calmamente o sacerdote.

– Oh, que se dane a forma! – bradou Flambeau. – O que é que a forma tem a ver com isto?

– Havia vinte e três papéis recortados – prosseguiu Brown sem se deixar convencer – e só havia vinte e dois bocadinhos. O que significa que um dos bocadinhos tinha sido destruído, e talvez fosse o deste papel. Este facto sugere lhe alguma coisa?

Uma luz começou a iluminar o rosto de Flambeau, que disse:

– Havia mais qualquer coisa escrita nesse papel, também por Quinton. Ele tinha escrito mais qualquer coisa. «Vão dizer lhes que morro por minha própria mão», ou «Não acreditem que…».

– Morno, como dizem as crianças – replicou o amigo. – Mas o pedacito arrancado era minúsculo; não tinha espaço para uma palavra, quanto mais para três. Não se recorda de nenhum sinal pouco maior do que uma vírgula, que o homem que trazia o inferno no coração foi obrigado a arrancar, por ser um testemunho contra ele?

– Não me ocorre nada – reconheceu Flambeau passado algum tempo.

– E se fossem umas aspas? – sugeriu o padre, e lançou o charuto ao encontro da noite, como se fosse uma estrela cadente.

O outro ficou sem palavras e o padre Brown prosseguiu, como quem regressa ao essencial:

– Leonard Quinton era um romancista e estava a escrever um romance oriental sobre feitiçaria e hipnotismo. Ele…

Neste momento, a porta da frente foi energicamente aberta e o médico saiu para o alpendre, com o chapéu na cabeça. Aproximando se, depositou um sobrescrito rectangular nas mãos do sacerdote.

– Aí tem o documento que me pediu – disse. – E agora tenho de ir

para casa. Boa noite.

– Boa noite – respondeu o padre Brown.

O médico avançou a passo rápido para o portão. Tinha deixado a porta aberta, de maneira que os dois amigos foram iluminados por uma tira de luz proveniente da lamparina a gás. Brown abriu o sobrescrito e leu o seguinte:

Caro padre Brown,

Vicisti Galilae! À parte isso, malditos sejam os seus olhos intensamente penetrantes. Será possível que haja afinal qualquer coisa em si?

Sou um homem que, desde criança, confiou na natureza e em todos os instintos e funções naturais, chamem lhes morais ou imorais. Muito antes de ser médico, quando era ainda um miúdo que coleccionava ratinhos e aranhas, convenci me de que ser um bom animal é a melhor coisa do mundo. Mas agora sinto me abalado. Depositei a minha fé na natureza, mas parece que a natureza pode atraiçoar um homem. Haverá alguma verdade nas vossas tolices? Estou a tornar me mórbido.

Apaixonei me pela mulher de Quinton. Que mal tem isso? Foi a natureza que a tal me impeliu, e é o amor que move o mundo. Também me pareceu, com toda a sinceridade, que ela seria mais feliz com um animal limpo como eu do que com aquele lunático que só sabia atormentá la. Que mal havia nisso? Limitei me a encarar os factos, como faz qualquer homem de ciência. Ela teria sido mais feliz.

De acordo com as minhas convicções, eu tinha a liberdade de matar Quinton, porque isso era preferível para toda a gente, incluindo o próprio. Mas, como animal saudável que sou, não tinha vontade nenhuma de morrer. Decidi, pois, não o matar enquanto não se me apresentasse uma oportunidade de que eu pudesse sair ileso. E essa oportunidade apresentou se me hoje de manhã.

Estive, ao todo, três vezes no gabinete de Quinton. Da primeira vez que ali entrei, ele não falava senão de uma estranha história que estava a escrever, uma história intitulada «A maldição de um santo», sobre um eremita indiano que obrigava um coronel inglês a matar se pelo simples facto de pensar nele. Mostrou me as últimas páginas, e chegou mesmo a ler me o último parágrafo, que era mais ou menos assim: «O conquistador do Punjab, que não passava de um esqueleto amarelo, embora fosse um esqueleto gigantesco, conseguiu soerguer se apoiado no cotovelo e sussurrar ao ouvido do sobrinho: "Morro por minha própria mão, mas morro assassinado!"» Acontece que, por um extraordinário acaso, as últimas palavras tinham sido escritas numa folha independente. Saí daquele gabinete e fui passear para o jardim, inebriado com tão assustadora oportunidade.

Demos a volta a casa, e sucederam mais duas coisas a meu favor. O senhor desconfiou do indiano e encontrou um punhal que o indiano tinha grandes probabilidades de usar. Aproveitando a oportunidade para o meter no bolso, voltei ao gabinete de Quinton, tranquei a porta e dei lhe o medicamento para dormir. Ele não queria receber Atkinson, mas eu insisti com ele para que o chamasse e o acalmasse, porque queria dispor de uma prova de que Quinton estava vivo quando eu saí do gabinete pela segunda vez. Quinton estava deitado na estufa e eu entrei pelo escritório. Sou rápido de mãos e, em minuto e meio, tinha feito tudo o que queria fazer. Tinha atirado a primeira parte do romance de Quinton para a lareira, onde o papel ardeu por completo. Depois, percebi que a frase não podia ter aspas, de maneira que cortei aquele bocadinho e, para dar mais verosimilhança à coisa, fiz um corte idêntico em todas as folhas. Depois saí do gabinete, ciente de que em cima da mesa havia uma confissão de suicídio e de que o próprio Quinton estava a dormir na estufa.

O último acto foi um acto de desespero. Já pode adivinhá lo: fingi ter visto Quinton morto e corri para dentro. Atrasei o com o papel e, como sou rápido de mãos, matei Quinton enquanto o senhor lia a confissão de suicídio. Ele estava meio a dormir, porque estava drogado, de maneira que eu pus lhe a mão em torno do copo do punhal e espetei lho no corpo. O punhal tem uma forma tão estranha, que só um cirurgião seria capaz de calcular o ângulo de entrada pelo qual chegaria ao coração. Pergunto a mim próprio se terá reparado neste pormenor.

Depois de o ter feito, aconteceu uma coisa extraordinária. A natureza traiu me. Senti me mal. Tive a sensação de que tinha feito uma coisa que não devia ter feito. Tenho a impressão de que o meu cérebro está a ceder; sinto uma espécie de prazer desesperado quando penso que contei isto a alguém, que não terei de viver sozinho com isto se um dia chegar a casar me e a ter filhos. O que se passa comigo?… Será loucura… ou será remorso, como se se tratasse de um poema de Byron? Não consigo escrever mais nada.

James Erskine Harris

O padre Brown dobrou cuidadosamente a carta e meteu a no bolso do peito, no preciso momento em que se ouvia tocar sonoramente ao portão, e em que os oleados de vários polícias brilharam no exterior.

[1*] A pena de morte foi abolida na Grã Bretanha em 1969; as últimas execuções tiveram lugar em 1964. Em 1911, o ano da publicação de *A inocência do padre Brown*, estava ainda em vigor a pena capital, nomeadamente para o crime de homicídio premeditado. Nos próximos contos, os assassinos refreiam os seus instintos com medo de ser enforcados. (*N.T.*)

OS PECADOS DO PRÍNCIPE SARADINE

Quando decidiu fazer um mês de férias do escritório que tinha em Westminster, Flambeau foi passá lo a bordo de um pequeno barco à vela; o barco era tão pequeno, que tinha de funcionar quase sempre como barco a remos. E levou a embarcação para os pequenos rios da zona oriental; estes rios são tão pequenos, que o barco parecia um bote mágico, navegando em terra por entre prados e milheirais. A embarcação tinha capacidade para duas pessoas; e, como só havia espaço para as coisas mesmo essenciais, Flambeau levou aquelas que, com a sua peculiar filosofia, considerava mesmo essenciais. Aparentemente, eram apenas quatro: latas de salmão, para o caso de desejar comer alguma coisa; revólveres carregados, para o caso de querer travar algum combate; uma garrafa de *brandy*, presumivelmente para o caso de desmaiar; e um padre, presumivelmente para o caso de morrer. E foi com bagagem tão ligeira que desceu os riachos de Norfolk, com a intenção de chegar finalmente aos Canais, mas deliciando se entretanto com prados e jardins suspensos, com mansões e aldeias, detendo se a pescar em poças e recantos e, em certo sentido, abraçando a costa.

À semelhança dos verdadeiros filósofos, Flambeau seguia sem destino; mas, também à semelhança dos verdadeiros filósofos, tinha uma desculpa. Ia com uma espécie de semi propósito, que levava tão ou tão pouco a sério, que alcançá lo seria a coroa das férias, mas não o alcançar as não estragaria. Anos antes, quando ele era o rei dos ladrões e a personagem mais famosa de Paris, recebia muitos elogios, muitas críticas e até declarações de amor, uma das quais lhe tinha ficado gravada na memória. Era um simples cartão de visita, metido num sobrescrito com um carimbo dos correios ingleses. Nas costas do cartão estava escrito em francês, a tinta verde: «Se alguma vez se reformar e se tornar um homem respeitável, venha visitar me. Quero conhecê lo, porque conheci todos os grandes homens do meu tempo. Aquele truque de ter conseguido que um detective prendesse outro foi a cena mais notável da história de França.» Na parte da frente do cartão estava gravado, em estilo formal: «Príncipe Saradine, Casa do Juncos, Ilha dos Juncos, Norfolk».

Na altura, Flambeau não se tinha preocupado muito com o príncipe, para além de confirmar que se tratava de uma personalidade brilhante, que estivera muito em voga no sul de Itália. Constava que, na sua juventude, tinha fugido com uma mulher casada da classe alta, escapadela que não era propriamente de espantar no meio social a que

ele pertencia; porém, o feito não se apagara da memória das pessoas devido a uma tragédia que viera acrescentar se lhe: o alegado suicídio do marido insultado, que parecia ter se atirado abaixo de um precipício na Sicília. O príncipe vivera uns tempos em Viena, mas parecia ter passado os últimos anos em viagem, numa circulação perpétua e inquieta. Quando, porém, o próprio Flambeau abandonara a fama europeia para se instalar em Inglaterra, aliás como o próprio príncipe, ocorreu lhe fazer uma visita de surpresa ao eminente exilado nos Canais de Norfolk. Não sabia se seria capaz de encontrar o endereço, por se tratar de um local pequeno e esquecido. Mas acontece que o encontrou mais depressa do que estava à espera.

Certa noite, Flambeau e o padre Brown atracaram o barco a uma margem coberta de ervas altas e árvores baixas aparadas. Depois do esforço da navegação, não tiveram dificuldade em conciliar o sono, e aconteceu lhes acordar antes de haver luz. Para sermos mais rigorosos, acordaram antes de haver luz do sol, a tempo de assistirem ao progressivo desaparecimento de uma grande lua cor de limão por detrás da floresta de ervas altas, numa altura em que o céu estava de um intenso azul violeta, nocturno mas não menos luminoso. Tiveram ambos, em simultâneo, uma reminiscência de infância, daquele período fantástico e aventuroso em que as ervas daninhas que nos cercam nos parecem uma floresta. À luz desta lua que se escondia, as margaridas e os dentes de leão pareceram lhes gigantescos, fazendo lhes lembrar o lambrim do papel de parede de um quarto de brinquedos. A inclinação do leito do rio era tal, que bastava para os afundar por baixo das raízes de todos os arbustos e flores, permitindo lhes ver as ervas de baixo.

– Valha me Deus! – exclamou Flambeau. – A pessoa tem a sensação de estar no país das fadas.

O padre Brown sentou se muito direito e benzeu se. E fê lo com gestos tão abruptos, que o companheiro lhe perguntou, com ar ligeiramente espantado, o que se passava.

– Os autores das baladas medievais – respondeu o padre – sabiam mais de fadas do que você. No país das fadas não acontecem só coisas agradáveis.

– Que disparate! – replicou Flambeau. – Com uma lua tão inocente, só podem acontecer coisas agradáveis. Sugiro que avancemos, a ver o que encontramos. Bem podemos morrer e apodrecer antes de voltarmos a ver uma lua destas com um tempo destes.

– Muito bem – concordou o padre Brown. – Eu não disse que era sempre um erro entrar no país das fadas. Apenas fiz notar que era sempre perigoso.

Avançaram lentamente pelo rio acima, empurrando o barco à força

dos remos por sobre as águas brilhantes; o suave dourado da lua foi se tornando mais e mais indistinto, dissolvendo se no enorme cosmo sem cor que antecede as cores da madrugada. Quando os primeiros raios de vermelho, dourado e cinzento – cores por esta altura ainda pouco distintas – rasgaram o horizonte de uma ponta à outra, foram entrecortados pelo volume negro de uma vila ou aldeia, instalada à beira rio, mesmo à frente deles. Encontravam se já num crepúsculo fácil, naquela fase em que todas as coisas se tornam visíveis, quando alcançaram os telhados e as pontes suspensas do lugarejo ribeirinho. As casas, de telhados baixos e compridos, pareciam vir beber ao rio, qual gado vermelho e cinzento de enormes proporções. E a madrugada, de luz crescentemente branca e aberta, já se tinha transformado numa luz de trabalho quando eles encontraram os primeiros seres vivos nos molhes e nas pontes daquela povoação silenciosa. Por fim, avistaram um homem plácido e próspero em mangas de camisa, de cara tão redonda como a lua que há pouco se afundara no horizonte, uns pêlos ruivos a sair lhe do arco inferior da mesma, encostado a um poste acima da maré vagarosa. Em razão de um impulso que não será aqui analisado, Flambeau pôs se de pé no barco oscilante, e dirigiu se ao homem em tom sonoro, perguntando lhe se conhecia a Ilha dos Juncos ou a Casa dos Juncos. O sorriso do homem próspero aumentou ligeiramente, e ele limitou se a apontar na direcção de montante, para a curva seguinte do rio. Flambeau seguiu em frente sem mais palavras.

O barco contornou várias curvas do rio e seguiu diversas extensões de canaviais silenciosos; antes, porém, de a busca se tornar monótona, os dois viajantes deram uma curva especialmente acentuada e entraram no silêncio de uma espécie de lago, cuja visão os embargou instintivamente. Porque no meio deste lago, rodeado de juncos por todos os lados, via se uma ilhota comprida, na qual havia uma casa igualmente comprida e baixa – era mais um *bungalow* –, construída com bambus e uma espécie de cana tropical resistente. As canas de bambu das paredes eram de um amarelo pálido, as canas inclinadas da cobertura eram de um vermelho escuro a dar para o castanho; à excepção desta variação, a casa era um objecto repetitivo e monótono. A brisa da manhã agitava os caniços da ilhota, cantando na estranha casa estriada como se esta fosse uma gigantesca gaita de foles.

– Ora esta! – exclamou Flambeau. – Aqui a temos! Aqui temos a Ilha dos Juncos, e não pode haver outra cujo nome seja mais próprio. E aqui temos a Casa dos Juncos, e outra não podia haver como esta. Tenho para mim que o gordo da barbicha ruiva era uma fada.

– Talvez – acedeu o padre Brown com imparcialidade. – Mas, se era uma fada, não era uma fada boa.

Ainda o sacerdote não tinha acabado de falar, e já o impetuoso

Flambeau tinha conduzido o barco para a margem, passando por entre os juncos, que chocavam uns com os outros com um ruído característico, e estavam os dois de pé na peculiar ilhota, ao lado da velha e silenciosa habitação.

A casa estava, por assim dizer, de costas para o rio e para o único molhe que havia na ilha; a entrada principal ficava do outro lado e dava para um comprido jardim. Os visitantes dirigiram se, pois, à frente da casa por uma pequena vereda, que abarcava quase três lados da moradia e corria por baixo dos beirais. Passaram diante de três janelas, cada uma das quais ficava numa das paredes da casa, e por todas elas entreviram a mesma sala bem iluminada, apainelada a madeira clara e com um grande número de espelhos, preparada como que para um almoço elegante. Quando finalmente alcançaram a porta da frente, viram que era ladeada por dois vasos azul turquesa. O mordomo que veio abri la era um homem soturno – alto, esguio, grisalho e apático – e comunicou lhes que o príncipe Saradine não estava em casa, mas devia estar a chegar a qualquer momento, e que a casa estava preparada para o receber, a ele e aos seus convidados. A apresentação do cartão escrito a verde suscitou um relâmpago de vida no rosto de pergaminho do deprimido empregado, e foi com uma cortesia algo abalada que ele sugeriu que entrassem.

– Sua Alteza está a chegar a qualquer momento – declarou – e ficaria incomodada se se tivesse desencontrado de um cavalheiro a quem endereçou este convite. Temos ordens para ter sempre preparada uma refeição fria para ele e para os amigos, e estou certo de que desejaria que a servisse.

Espicaçado pela curiosidade a prosseguir esta pequena aventura, Flambeau aceitou o convite com delicadeza e seguiu o velhote, que o convidou cerimoniosamente a entrar na sala comprida, apainelada a madeira clara. A sala não tinha nada de especialmente notório, à excepção da invulgar alternância de várias janelas compridas e baixas com espelhos oblongos igualmente baixos, que conferiam ao compartimento uma singular atmosfera de leveza e ausência de substância. A pessoa tinha a sensação de estar a almoçar ao ar livre. Nos cantos, viam se dois quadros discretos: uma grande fotografia já envelhecida de um jovem de uniforme, e um esboço a carvão vermelho de dois rapazes de cabelo comprido. Quando Flambeau lhe perguntou se o militar era o príncipe, o mordomo respondeu sucintamente que não, acrescentando que era o irmão mais novo do príncipe, o capitão Stephen Saradine. Dito isto, o velhote pareceu secar de repente, perdendo por completo o gosto pela conversa.

Depois de concluído o almoço com café e licores de extremo bom gosto, os convidados foram apresentados ao jardim, à biblioteca e à governanta, uma senhora bela e morena, de não parca majestade, que

se assemelhava a uma Madona plutónica. Dava a impressão de que ela e o mordomo eram os únicos sobreviventes da *ménage* que o príncipe tivera originalmente no estrangeiro, sendo todos os outros criados de aquisição recente, contratados em Norfolk pela governanta. Esta dava pelo nome de Sra. Anthony, mas expressava se com uma ligeira pronúncia italiana, e Flambeau não teve a menor dúvida de que Anthony era uma versão adaptada a Norfolk de um nome bem mais latino. O Sr. Paul, o mordomo, também tinha um ar ligeiramente estrangeirado, mas era inglês de língua e formação, como acontece à maioria dos criados de categoria da nobreza cosmopolita.

Embora bela e singular, a casa apresentava uma peculiar tristeza luminosa. Nesta moradia, as horas passavam como dias; as compridas salas cheias de janelas eram também cheias de luz, mas dava a impressão de ser uma luz morta. E, sobrepondo se a todos os ruídos ocasionais, ao som das conversas, ao tilintar dos copos e aos passos dos criados, ouvia se, vindo de todos os lados, o som melancólico do rio.

– Demos uma volta que não devíamos ter dado e viemos parar a um sítio onde não devíamos ter vindo – comentou o padre Brown, contemplando da janela os carriços vermelhos e cinzentos e as ondas prateadas. – Paciência. Às vezes faz se bem estando se onde não se devia estar, pelo facto de se ser bom.

Apesar de ser habitualmente um homenzinho calado, o padre Brown era também uma pessoa de uma peculiar compaixão, e ao longo daquelas horas, poucas mas intermináveis, foi ele – e não o colega de profissão – quem mergulhou mais fundo, inconscientemente embora, nos segredos da Casa dos Juncos. O sacerdote tinha aquele dom do silêncio amistoso que é essencial às confidências; e, quase sem dizer palavra, é bem provável que tenha arrancado aos novos conhecidos tudo aquilo que eles estavam afinal dispostos a contar. Na realidade, o mordomo era, por natureza, pouco comunicativo, mas dava a entender que tinha um afecto obstinado e quase animal pelo príncipe que, segundo dizia, fora muito maltratado. O principal autor destes maus tratos era, aparentemente, o irmão de Sua Alteza, cuja simples menção tinha a capacidade de esticar ainda mais o queixo já saliente do velhote e de lhe franzir o nariz de papagaio numa expressão de desprezo. O capitão Stephen era aparentemente um malandro, que tinha arrancado ao irmão, o benevolente príncipe, centenas de milhares de libras, obrigando o a fugir da vida em sociedade para vir refugiar se neste lugar deserto. Paul, o mordomo, nada mais disse, e Paul estava manifestamente de um dos lados na contenda entre irmãos.

A governanta italiana era um pouco mais comunicativa, e Brown teve a sensação de que não vivia tão satisfeita como o mordomo. O

tom que usava para falar do seu senhor era ligeiramente ácido, embora não desprovido de um certo temor. Flambeau e o amigo estavam na sala dos espelhos, examinando o esboço dos dois rapazes, quando a governanta entrou de repente, para tratar de qualquer coisa relativa à casa. Uma das peculiaridades deste compartimento brilhante e coberto de vidros era o facto de qualquer pessoa que nele entrasse se ver simultaneamente reflectida em quatro ou cinco espelhos; e o padre Brown, sem ter necessidade de se voltar, calou se a meio de uma frase de crítica à família. Mas Flambeau, que estava a observar o desenho de muito perto, comentava já em tom de conversa:

– Presumo que se trate dos irmãos Saradine. Têm ambos um ar perfeitamente inocente. É muito difícil dizer qual deles é o irmão bom e qual é o mau.

Depois, apercebendo se da presença da senhora, desviou a conversa para uma qualquer trivialidade e saiu calmamente para o jardim. O padre Brown, porém, continuou a olhar fixamente para o esboço a lápis vermelho; e a Sra. Anthony continuou a olhar fixamente para o padre Brown.

A governanta tinha uns olhos grandes, uns olhos castanhos e trágicos, e o seu rosto cor de azeitona emitia um brilho carregado, combinado com um curioso e doloroso espanto – como quem duvida da identidade e dos propósitos de um desconhecido. Fosse porque a veste e o credo do padrezito lhe evocavam memórias antigas de confissão, fosse porque lhe pareceu que ele sabia mais do que efectivamente sabia, a mulher dirigiu se lhe em voz baixa, como se falasse com um conspirador:

– De certa maneira, o seu amigo tem muita razão. Diz ele que é difícil perceber qual dos irmãos é o bom e qual é o mau, e eu digo lhe que é mesmo muito difícil, que é dificílimo, dizer qual é o bom.

– Não a compreendo – respondeu o padre Brown e afastou se.

A mulher deu um passo em direcção a ele, franzindo o sobrolho com ar ameaçador e fazendo menção de se inclinar selvaticamente na direcção do padre, qual touro baixando os cornos.

– Nenhum deles é bom – sussurrou. – O capitão fez muito mal em aceitar aquele dinheiro todo, isso é certo, mas também não me parece que o príncipe tivesse feito muito bem em lho dar. O capitão não foi o único a fazer mal.

O rosto desviado do clérigo foi atingido por um raio de luz, e os lábios de Brown formaram silenciosamente uma palavra: «chantagem». Nesse preciso momento, a mulher olhou para trás de si com um gesto brusco, a face muito pálida, e por pouco não desmaiou. A porta tinha se aberto sem ruído e Paul estava à entrada, como se fosse um fantasma. Devido ao curioso efeito das paredes reflectoras,

dava a impressão de que cinco Pauls tinham entrado simultaneamente na sala por cinco portas abertas.

– Sua Alteza – declarou – acaba de chegar.

Nesse momento, a figura de um homem passou no exterior da primeira janela, atravessando o vidro iluminado pelo sol como ele se fosse um palco iluminado. Instantes depois, passava diante da segunda janela e os múltiplos espelhos retratavam em molduras sucessivas o mesmo perfil aquilino e a mesma figura em movimento. Era um homem direito, enérgico, mas tinha o cabelo todo branco e a compleição de um estranho amarelo de marfim. Era dotado daquele nariz romano, curto e encurvado, que geralmente acompanha queixo e faces compridas e esguias, mas estas estavam parcialmente mascaradas pelo bigode e a barba napoleónica. O bigode era muito mais escuro que a barba, o que lhe conferia um efeito ligeiramente teatral, e o homem vinha vestido como se fosse representar uma personagem elegante: chapéu alto branco, uma orquídea na lapela, colete amarelo e luvas amarelas, adereço que agitava na mão ao ritmo dos passos. Quando chegou diante da porta principal, ouviram Paul, o mordomo rígido, abrir lha, e ouviram o recém chegado dizer em tom jovial:

– Como vês, cheguei.

O Sr. Paul, sempre rígido, fez uma vénia e respondeu lhe no seu tom praticamente inaudível; por momentos, não conseguiram ouvir a troca de palavras entre os dois. Finalmente, o mordomo declarou:

– Está tudo preparado, à sua disposição.

E o príncipe Saradine, o homem que agitava as luvas amarelas, entrou alegremente na sala a fim de os cumprimentar. Os presentes assistiram, uma vez mais, à cena espectral – à entrada de cinco príncipes numa sala com cinco portas.

O príncipe poisou o chapéu branco e as luvas amarelas em cima da mesa e estendeu a mão com grande cordialidade.

– É um prazer vir encontrá lo aqui, Sr. Flambeau – disse. – Conheço lhe a fama desde há muito, se me permite a observação algo indiscreta.

– Com certeza – respondeu Flambeau com uma gargalhada. – Não sou susceptível. São muito poucas as pessoas que se tornam famosas por via de uma virtude impecável.

O príncipe lançou lhe um olhar intenso, para ver se a observação continha alguma referência pessoal; depois soltou, também ele, uma gargalhada e ofereceu cadeiras a todos, incluindo ele próprio.

– Um lugar simpático, este, em minha opinião – comentou com ar desprendido. – Não há muito que fazer, infelizmente, mas a pesca é

excelente.

O sacerdote, que olhava para ele com a gravidade com que olha um bebé, sentiu se tocado por uma fantasia indefinível. Observou o cabelo grisalho, cuidadosamente ondulado, o rosto branco amarelado, a figura esguia, algo afectada; não é que não fossem naturais, embora talvez um nadinha *prononcés*, como são as feições de uma personagem que se encontra diante das luzes da ribalta. Mas o interesse indefinível tinha outra origem, estava no aspecto da face; Brown sentiu se atormentado por uma semi recordação, com a impressão de que já tinha visto aquela cara noutro sítio. O homem parecia lhe um velho amigo seu, mas disfarçado. De repente, porém, lembrou se dos espelhos, e atribuiu esta fantasia a um qualquer efeito psicológico de multiplicação das máscaras humanas.

O príncipe Saradine dividiu as suas atenções sociais pelos convidados com grande tacto e boa disposição. Percebendo que o detective tinha interesses desportivos, guiou Flambeau e o barco de Flambeau para o melhor recanto de pesca do riacho, e regressava vinte minutos depois, a bordo da sua própria canoa, indo juntar se ao padre Brown na biblioteca e mergulhando com igual simpatia nos prazeres mais filosóficos do sacerdote. Parecia ter grandes conhecimentos, quer de pesca, quer de livros, embora os que tinha destes últimos não fossem dos mais edificantes; falava cinco ou seis línguas, embora conhecesse principalmente o calão de todas elas. Tinha evidentemente vivido em diversas cidades e em sociedades muito variadas, porque as histórias mais divertidas que tinha para contar passavam se quase todas em infernos de jogo e cavernas de ópio, com foragidos australianos e bandidos italianos. O padre Brown sabia que Saradine, que fora famoso noutros tempos, tinha passado os últimos anos da sua vida quase sempre em viagem, mas não fazia ideia de que estas viagens tivessem sido tão escandalosas nem tão divertidas.

Na verdade, e mau grado toda a sua dignidade de pessoa vivida, o príncipe Saradine irradiava, aos olhos de um observador sensato como era o sacerdote, uma certa atmosfera: era um homem inquieto, pouco fiável. Tinha uma expressão entediada, mas tinha também um olhar aventuroso; ostentava pequenos tiques nervosos, como os das pessoas que viciadas em álcool ou em drogas; e não era, nem pretendia ser ele quem controlava os negócios domésticos. Estes estavam totalmente entregues aos cuidados dos dois criados, em especial do mordomo, que era obviamente o pilar daquela casa. Com efeito, o Sr. Paul não era apenas o mordomo, era uma espécie de intendente, ou mesmo de camareiro; jantava sozinho, mas quase com a mesma pompa que o seu senhor; era temido por todos os criados; e tratava com o príncipe de forma decorosa, mas com uma certa inflexibilidade – como se fosse o

solicitador do príncipe. Em comparação com ele, a melancólica governanta era uma mera sombra; a bem dizer, parecia apagar se por completo, atendendo apenas ao mordomo, e Brown nunca mais voltou a ouvir os vulcânicos sussurros que lhe tinham dado a conhecer – ou a sugerir – a existência do irmão mais novo que exercia chantagem sobre o mais velho. O sacerdote não podia, pois, ter a certeza de que o príncipe estivesse efectivamente a ser sugado até ao tutano pelo capitão ausente, mas havia em Saradine qualquer coisa de incerto e secreto que fazia com que essa sugestão não fosse, de modo algum, inconcebível.

Quando regressaram à sala comprida, à sala das janelas e dos espelhos, a noite amarelada caía já sobre as águas e sobre as margens de juncos, e ao longe ouvia se o som de um botauro, que parecia um elfo tocando um tambor em miniatura. O peculiar sentimento de fantasia triste e perversa voltou a atravessar a mente do sacerdote qual nuvenzita cinzenta.

– Quem me dera que Flambeau voltasse – murmurou.

– Acredita no destino? – perguntou subitamente o príncipe Saradine, que se mostrava inquieto.

– Não – respondeu o convidado. – Acredito no destino eterno.

O príncipe desviou o olhar da janela e olhou para ele com uma expressão singular, o rosto mergulhado na sombra com o pôr do sol por trás.

– O que quer dizer com isso? – perguntou.

– Quero dizer que nós vivemos no avesso da tapeçaria – respondeu o padre Brown. – Que as coisas que acontecem deste lado não parecem significar coisa alguma, mas significam alguma coisa noutro sítio. Noutro sítio, o verdadeiro criminoso receberá a sua paga. Aqui, a paga atinge muitas vezes o inocente.

O príncipe produziu um ruído inexplicável, semelhante ao de um animal; e, naquele rosto mergulhado na sombra, os olhos emitiram um brilho estranho. No espírito do outro, explodiu silenciosamente um pensamento novo e astuto. Haveria um sentido oculto na combinação de brilhantismo e brusquidão própria de Saradine? Seria o príncipe – seria o príncipe totalmente são?

– O inocente – repetia ele –, o inocente – e repetiu a palavra muito mais vezes do que seria natural tratando se de uma simples exclamação social.

Foi então que o padre Brown despertou – lentamente embora – para uma segunda verdade. Nos espelhos que tinha diante de si, viu abrir se a porta silenciosa e viu aparecer o silencioso Sr. Paul, com a sua habitual impassibilidade pálida.

– Pareceu me preferível anunciar imediatamente – disse o homem com a deferência rígida de um velho advogado da família – que chegou ao molhe um barco com seis homens aos remos e um cavalheiro ao leme.

– Um barco? – repetiu o príncipe. – Um cavalheiro? – E levantou se de um salto.

Seguiu se um silêncio espantado, pontuado apenas pelo estranho ruído do pássaro no carriço; em seguida, antes de qualquer deles ter tempo de dizer palavra, uma cara nova e um novo perfil passaram diante das três janelas iluminadas pelo sol, como o príncipe passara diante delas uma ou duas horas antes. Contudo, exceptuando o facto de serem ambos aquilinos, os dois perfis pouco tinham em comum. Em vez do chapéu branco e novo de Saradine, este homem trazia um chapéu preto, com uma forma antiquada ou estrangeira; por baixo do chapéu, vinha uma face jovem, um rosto muito solene e bem escanhoado, com uma sombra azul em torno do queixo decidido e uma leve sugestão de Napoleão quando jovem. Esta associação era intensificada pela circunstância de o conjunto ter qualquer coisa de velho e bizarro, como se estivéssemos perante um homem que não se tinha incomodado a alterar a maneira de vestir dos seus antepassados. Trazia uma casaca azul bastante coçada, um colete encarnado de aspecto militar, e uma espécie de calças brancas, muito grosseiras, com um feitio que se tinha usado muito duas gerações antes, mas que se tornava incongruente no tempo dele. A face acastanhada que despontava deste conjunto de roupas antiquadas era estranhamente jovem e monstruosamente sincera.

– Diabo! – disse o príncipe Saradine e, agarrando no chapéu branco, encaminhou se para a porta, abrindo a para trás e dando a ver o jardim iluminado pelo pôr do sol.

Por esta altura, já o recém chegado e os seus acompanhantes ocupavam o relvado; pareciam um pequeno exército de uma peça teatral. Os seis remadores tinham puxado a embarcação bem para terra e guardavam na com ar quase ameaçador, de remos erectos como lanças. Eram homens trigueiros, e alguns deles usavam brincos. Um deles avançou com o jovem de face acastanhada e colete encarnado, transportando uma caixa preta, de grandes dimensões e com uma forma bizarra.

– O senhor chama se Saradine? – perguntou o jovem.

Saradine confirmou com ar negligente.

O recém chegado tinha uns olhos castanhos, caninos, sem expressão, o mais diferentes possível dos olhos cinzentos, brilhantes e inquietos, do príncipe. Uma vez mais, porém, o padre Brown sentiu se torturado com a sensação de ter visto algures uma réplica daquela cara; e uma

vez mais se lembrou das repetições da sala espelhada, às quais atribuiu a coincidência.

– Maldito seja este palácio de cristal – resmoneou. – A pessoa vê cada coisa uma série de vezes. É como um sonho.

– Se o senhor é o príncipe Saradine – declarou o jovem –, posso dizer lhe que o meu nome é Antonelli.

– Antonelli – repetiu o príncipe languidamente. – Lembro me desse nome, mas não sei bem de onde.

– Permita me que me apresente – prosseguiu o jovem italiano.

Com a mão esquerda, tirou o antiquado chapéu alto com um gesto elegante; com a direita, assestou uma tão sonora bofetada na cara do príncipe Saradine, que o chapéu branco foi a rolar pelas escadas abaixo e um dos vasos azuis balançou no pedestal.

O príncipe podia ser tudo, mas cobarde é que não era com certeza, de maneira que se atirou ao pescoço do inimigo e por pouco não o lançou ao chão. Mas o inimigo conseguiu libertar se dele com uma delicadeza apressada, atitude singularmente inadequado nas circunstâncias.

– Muito bem – declarou ofegante, num inglês hesitante. – Insultei. Quero compensar. Marco, abre a caixa.

O homem dos brincos que estava ao lado dele procedeu à abertura da enorme caixa preta que trazia consigo, da qual tirou dois compridos floretes italianos, de copos e lâminas de um aço esplêndido, que espetou no relvado de ponta voltada para baixo. O estranho jovem de face amarelada e vingativa postado diante da entrada, as duas espadas espetadas na relva como se fossem duas cruzes de cemitério, a linha de torres de várias alturas que ficava por trás – tudo isso conferia àquele cenário a estranha aparência de um tribunal de justiça de uma tribo de bárbaros. Mas nada mais se tinha alterado, tão rápida fora a interrupção. Os raios do sol do ocaso continuavam a incidir sobre o relvado, o botauro continuava a fazer barulho, como que anunciando um destino terrível.

– Príncipe Saradine – disse o homem que se chamava Antonelli –, quando eu era um menino de berço, o senhor matou o meu pai e roubou a minha mãe; o meu pai foi o mais feliz dos dois. O senhor não o matou lealmente, como eu vou matá lo a si. O senhor e a minha mãe, que era uma mulher perversa, levaram no de carro até um local solitário da Sicília, atiraram no do alto de um penhasco e foram se embora. Eu podia imitá lo se quisesse, mas a imitação seria vil. Tenho o seguido por todo o mundo, e o senhor sempre fugiu de mim. Mas esta ilha é o fim do mundo, e é também o seu fim. Tenho o à minha mercê, e vou dar lhe a oportunidade que o senhor não deu ao meu pai. Escolha uma destas espadas.

O príncipe Saradine, de sobrolho franzido, pareceu hesitar uns instantes; mas, como ainda tinha as orelhas vermelhas da bofetada, avançou com vivacidade e agarrou um dos copos. O padre Brown tinha avançado com a mesma vivacidade, na tentativa de apaziguar os ânimos, mas apercebeu se rapidamente de que a sua presença pessoal piorava as coisas. Saradine, maçom francês e ateu feroz, sentia se movido pela lei dos contrários na presença de um sacerdote. Quanto ao outro homem, nem sacerdote nem leigo seriam capazes de o mover. Este jovem de cara de Bonaparte e olhos castanhos era um pagão – e um pagão é muito mais inflexível do que um puritano. Antonelli era um simples assassino do princípio do mundo; era um homem da Idade da Pedra – era um homem de pedra.

Restava uma esperança, a convocação dos outros habitantes daquela casa, e o padre Brown correu para dentro. Mas veio a descobrir que Paul, o autocrata, tinha dado feriado a todos os criados, mandando os para terra, e que a única pessoa que circulava pela casa era a Sra. Anthony, que se mostrava inquieta. Porém, assim que ela voltou para ele o rosto lívido, o padre Brown resolveu um dos enigmas da casa dos espelhos. Os pesados olhos castanhos de Antonelli eram os pesados olhos castanhos da Sra. Anthony; e, num relâmpago, o sacerdote percebeu metade da história.

– Está lá fora o seu filho – comunicou sem perder tempo com meias palavras. – E vai matar o príncipe, ou ser morto por ele. Onde está o Sr. Paul?

– Está no embarcadouro – respondeu a mulher com voz débil. – Está… está… a fazer sinais, a pedir ajuda.

– Sra. Anthony – disse o padre Brown com seriedade –, não há a tempo a perder com disparates. O meu amigo está a pescar a meio do rio. A embarcação do seu filho está à guarda dos homens do seu filho. Resta apenas esta canoa. O que está o Sr. Paul a fazer com ela?

– Santa Maria! Não sei – respondeu ela, e deixou se cair desmaiada sobre a carpete.

O padre Brown levantou a e foi deitá la num sofá, atirou lhe para cima um copo de água, gritou a pedir ajuda, e em seguida correu para o molhe da ilhota. Mas a canoa já ia a meio da corrente, e o velho Paul remava rio acima com uma energia difícil de acreditar com os anos que ele tinha.

– Quero salvar o meu senhor – berrou, e brilhava lhe nos olhos uma luz maníaca –, e hei de conseguir salvá lo!

O padre Brown não pôde fazer nada, pelo que se limitou a ficar a ver a canoa subir penosamente a corrente, e a rezar para que o velhote acordasse a aldeia a tempo.

– Um duelo já é coisa muito má – resmoneou, passando a mão pelo

cabelo coberto de pó. – Mas este duelo tem qualquer coisa de estranho, e não é o facto de ser um duelo. Sinto o nos ossos. Mas o que será?

E enquanto ali se encontrava de olhos fitos nas águas, que eram um espelho tremeluzente do pôr do sol, ouviu, proveniente da outra extremidade do jardim, um som esbatido mas inconfundível – o choque frio do aço no aço. O sacerdote virou a cabeça para aquele lado.

Lá longe, na ponta mais distante da comprida ilhota, no promontório que ficava a seguir ao último canteiro de rosas, os dois homens já tinham cruzado espadas. O céu que os cobria era uma vasta abóbada de ouro virginal e, mau grado a distância, o padre via com nitidez todos os pormenores da cena. Tinham tirado ambos o casaco, mas o colete amarelo e o cabelo branco de Saradine, e o colete encarnado e as calças brancas de Antonelli, brilhavam como as cores das marionetas de um relógio de parede. As duas espadas luziam, da ponta da lâmina à extremidade do punho, como tiras de diamante. Havia qualquer coisa de assustador no facto de aquelas duas figuras parecerem tão pequenas e tão ligeiras; pareciam duas borboletas tentando espetar se mutuamente numa tabela de cortiça.

O padre Brown correu o mais que pôde, as pernas curtas circulando como uma roda. Mas, quando chegou ao campo de combate, compreendeu que estava, a um tempo, atrasado e adiantado: atrasado porque já não conseguiria impedir que o recontro tivesse lugar, à sombra dos sisudos sicilianos apoiados nos remos; adiantado para conseguir antecipar o resultado do mesmo, que seria sempre desastroso. Porque os dois homens estavam singularmente bem um para o outro, o príncipe usando a sua habilidade com uma espécie de confiança cínica, o siciliano usando a dele com cuidado assassino. Poucos terão sido os combates de espadachins realizados em anfiteatros cheios de público com mais qualidade do que este que faiscou numa ilha esquecida do rio de juncos. A estonteante peleja era tão equilibrada e prolongou se durante tanto tempo, que o sacerdote que protestara começou a recuperar a esperança; era muito provável que Paul chegasse em breve, na companhia da polícia. Até o regresso de Flambeau da expedição de pesca constituiria algum conforto porque, fisicamente falando, Flambeau valia quatro homens. Mas não havia sinais de Flambeau, nem – coisa ainda mais estranha – sinais de Paul e da polícia. E não havia outra jangada nem mais pedaço de madeira onde se pudesse flutuar; estavam tão isolados naquela ilha perdida, naquele vasto lago sem nome, como se estivessem retidos num rochedo do Pacífico.

Estava o padre mergulhado nestas cogitações, quando os toques dos floretes aceleraram vivamente, o príncipe ergueu os braços e a ponta

da arma do outro acertou lhe nas costas, entre as omoplatas. O príncipe caiu para diante com um amplo movimento rotativo, quase como quem faz menção de assentar as mãos no chão para fazer a roda, e a espada saltou lhe da mão como se fosse uma estrela cadente, indo mergulhar ao longe no rio. Por sua vez, o homem afundou se com uma violência tal, que abalou o solo, partiu uma grande roseira com o corpo e ergueu ao céu uma nuvem de pó vermelho, que parecia o fumo exalado de um sacrifício pagão. O siciliano tinha feito uma oferenda em sangue ao fantasma do pai.

O sacerdote correu imediatamente para junto do cadáver e ajoelhou se ao lado do mesmo; mas a única coisa que lhe restava era confirmar que se tratava efectivamente de um cadáver. Estava ele ainda a tentar produzir uns testes desesperados, quando ouviu pela primeira vez uma série de vozes provenientes de montante, e viu chegar ao molhe um barco da polícia cheio de agentes e de outras pessoas importantes, incluindo Paul, que vinha muito excitado. O padrezito levantou se com uma careta de manifesta dúvida.

– Mas porque razão – murmurou –, sim, porque razão não terá ele chegado mais cedo?

Cerca de sete minutos depois, a ilha era ocupada por uma invasão de polícias e gente da aldeia, e aqueles tinham tomado a seu cargo o vencedor do duelo, procedendo ao ritual de lhe recordar que tudo o que dissesse poderia ser usado contra ele.

– Nada direi – declarou o obcecado com uma expressão maravilhosa e pacificada. – Nunca mais direi coisa alguma. Sinto me muito feliz e a única coisa que quero é ser enforcado.

Depois fechou a boca e foi em silêncio que o levaram; e a estranha mas segura verdade é que nunca mais voltou a abri la neste mundo, excepto para afirmar em tribunal, durante o seu próprio julgamento: «Culpado».

O padre Brown olhava para o jardim subitamente cheio de gente, para a prisão do homem de sangue, para o transporte do corpo depois de ter sido examinado pelo médico – olhava para tudo isto como quem assiste à dissolução de um pesadelo horrível; e permanecia imóvel, como acontece a um homem dentro de um pesadelo. Deu o seu nome e morada como testemunha, mas recusou a oferta de transporte para a margem, permanecendo por fim sozinho no jardim da ilha, a olhar fixamente para a roseira partida e para o verde teatro da rápida e inexplicável tragédia a que acabava de assistir. A luz morria sobre o rio e, das margens pantanosas subia um fio de névoa; umas quantas avezinhas atrasadas levantavam voo aos arrancos.

O padre Brown tinha, teimosamente alojada no subconsciente (e o subconsciente de Brown era dotado de uma vivacidade invulgar), a

incompreensível certeza de que ainda havia qualquer coisa por explicar. Esta sensação que se lhe tinha colado ao espírito durante todo o dia não podia ser decifrada exclusivamente pela fantasia acerca da transformação operada pelos espelhos. Ele ainda não conhecia a história toda, conhecia apenas um jogo, uma máscara. E contudo, ninguém mata nem se deixa enforcar por causa de um enigma.

Foi sentar se nos degraus do embarcadouro a ruminar e, enquanto ali se encontrava, teve consciência da faixa alta e branca da vela de uma embarcação, que se aproximava em silêncio pelo rio abaixo, e que se deteve aos pés dele com tal intensidade emotiva, que ele quase chorou.

– Flambeau! – exclamou o padre Brown, apertando ambas as mãos do amigo uma vez e outra quando este pisou terra com os apetrechos de pesca na mão, para grande espanto do desportista. – Flambeau! – repetiu. – Quer dizer que não foi morto!

– Morto? – repetiu o pescador, atónito. – Mas porque haveria de ter sido morto?

– Oh, porque quase toda a gente foi morta – respondeu o companheiro com um certo desvario. – Saradine foi assassinado, Antonelli quer ser enforcado, a mãe dele desmaiou, e eu confesso lhe que já não sei se estou neste mundo ou no outro. Mas, graças a Deus, você está no mesmo que eu. – E tomou o braço do espantado Flambeau.

Voltando costas ao embarcadouro, caminharam por baixo dos beirais da casa de bambu, espreitando para dentro por uma das janelas como tinham feito ao chegar. E o que viram foi um interior iluminado por lamparinas e calculado para lhes prender o olhar. A mesa da comprida sala de refeições estava posta para o jantar quando o destruidor de Saradine chegara à ilha, apresentando se como um tornado de morte. E o jantar prosseguia agora placidamente, com a Sra. Anthony sentada a uma das cabeceiras da mesa com ar pesado, enquanto o Sr. Paul, o mordomo, ocupava a outra cabeceira, comendo e bebendo do melhor, os olhos turvos e azulados salientando se lhe estranhamente da face, as feições chupadas imperscrutáveis, mas de modo algum desprovidas de satisfação.

Com um gesto de intensa impaciência, Flambeau bateu na janela com os nós dos dedos e, abrindo a para trás, introduziu a cabeça indignada dentro do compartimento iluminado.

– Ora bem! – exclamou. – Compreendo que precisem de se recompor, mas francamente, comerem o jantar do vosso patrão quando ele acaba de ser assassinado…

– Roubei muitas coisas ao longo de uma vida longa e agradável – respondeu placidamente o estranho velhote –, mas este jantar é uma

das poucas coisas que não roubei. Acontece que este jantar, esta casa e este jardim me pertencem.

Um raio de luz perpassou pelo rosto de Flambeau.

– Quer o senhor dizer – começou ele – que o testamento do príncipe Saradine…

– Eu sou o príncipe Saradine – disse o velhote, mastigando uma amêndoa salgada.

O padre Brown, que observava os passaritos do jardim, deu um salto como se tivesse levado um tiro, e aproximou se da janela com uma expressão de nabo.

– O senhor é quem? – perguntou quase num grito.

– Paul, príncipe Saradine, *à vos ordres* – respondeu delicadamente a venerável pessoa, erguendo um copo de *sherry*. – Vivo aqui em sossego, porque sou uma pessoa que gosta da calma do lar; por modéstia, tratam me por Sr. Paul, a fim de me distinguir do meu irmão, o infeliz Sr. Stephen. Segundo ouvi dizer, ele morreu recentemente, aí no jardim. Naturalmente, não tenho a culpa de que os inimigos dele o persigam até esta ilha. Tudo isso se deve à lamentável irregularidade da vida dele. O meu irmão não gostava da calma do lar.

E, retomando o silêncio, continuou a olhar fixamente para um ponto da parede que ficava imediatamente acima da cabeça inclinada e sombria da mulher. Os dois homens aperceberam se então, com grande nitidez, das parecenças de família que tinham detectado no morto, e que tanto os tinham perturbado. Depois, os velhos ombros do homem começaram a agitar se ao de leve, como se ele estivesse a engasgar se, mas a expressão não se alterou.

– Meu Deus! – exclamou Flambeau após uns momentos de pausa. – Ele está a rir se!

– Venha se embora – pediu o padre Brown, que estava branco como a cal. – Venha se embora desta casa infernal. Vamos voltar para o nosso barco, para a nossa embarcação honesta.

Quando começaram a afastar se da ilha já a noite tinha caído sobre os juncos e o rio, e eles desceram a corrente no escuro, aquecendo se com dois enormes charutos que brilhavam como berrantes lamparinas de navio. O padre Brown tirou o charuto da boca e disse:

– Já terá adivinhado toda a verdade, não? Na realidade, trata se de uma história primitiva. Um homem tinha dois inimigos. Como era um homem sensato, descobriu que era melhor ter dois inimigos do que ter um só.

– Não estou a perceber – respondeu Flambeau.

– Oh, é muito simples – insistiu o amigo. – É simples, mas não é por

isso que é inocente. Os Saradines eram ambos uns malandros, mas o príncipe, o mais velho, era do tipo de malandro que chega ao topo, e o mais novo, o capitão, do tipo de malandro que se afunda sempre mais e mais. O sórdido oficial decaiu de pedinte a chantagista, e um feio dia conseguiu dominar o príncipe, o irmão. E não foi, obviamente, por uma razão ligeira, porque o príncipe Paul Saradine era francamente «seguro» e não tinha fama de se perder nos meros pecados da sociedade. Para ser muito franco consigo, tratava se de uma questão de vida e de morte, e Stephen tinha, literalmente falando, uma corda em volta do pescoço do irmão. O capitão tinha descoberto a verdade acerca do caso da Sicília, e estava capaz de provar que Paul tinha assassinado Antonelli nas montanhas. Durante dez anos, Stephen ajuntou bom dinheiro em troca do seu silêncio, a ponto de a própria fortuna do príncipe, que era esplêndida, começar a dar sinais de fraqueza.

– Mas o príncipe Saradine tinha outro fardo às costas, para além da sanguessuga do irmão. Sabia que o filho de Antonelli, que não passava de uma criança na altura do crime, tinha sido educado num clima de selvática lealdade siciliana, e tinha como único objectivo da sua vida o de vingar o pai, não com a forca, uma vez que não dispunha das provas legais que Stephen tinha na mão, mas com as clássicas armas da *vendetta*. O rapaz exercitou se com estas armas até alcançar uma perfeição letal, e por volta da altura em que ele chegou à idade de as usar, o príncipe Saradine começou, como diziam os jornais de sociedade, a viajar. O que aconteceu ao príncipe é que fugia para não ser morto, deslocando se de um sítio para outro como um criminoso, mas sempre com um homem na sua peugada, e um homem que não desistia. Era essa a situação do príncipe Paul, e não se pode dizer que fosse uma situação agradável. Quanto mais dinheiro gastava a enganar Antonelli, menos tinha para pagar a Stephen. Quanto mais dinheiro dava a Stephen para o silenciar, menos hipóteses tinha de finalmente escapar a Antonelli. Foi então que teve uma ideia daquelas que só ocorrem aos grandes homens, a génios como Napoleão.

– Em vez de resistir aos dois antagonistas, rendeu se subitamente a ambos. Cedeu com fazem os lutadores japoneses, e os inimigos caíram prostrados diante dele. Abandonou a corrida pelo mundo fora, e deu a conhecer o seu endereço ao jovem Antonelli; em seguida, entregou tudo ao irmão. Mandou dinheiro a Stephen, o suficiente para ele comprar roupas elegantes e viajar a seu bel prazer, acompanhado de uma carta em que dizia basicamente: «Não tenho mais dinheiro nenhum. Limpaste me completamente. Resta me uma casinha em Norfolk, com criados e uma adega, e se quiseres mais alguma coisa minha terá de ser essa casa. Vem tomar conta dela se te apetecer, e eu ficarei aqui a viver sossegadamente, como teu amigo, ou teu

representante, ou seja o que for.» Paul sabia que o siciliano nunca tinha visto os irmãos Saradine, excepto talvez em pintura; e sabia que eram parecidos, que ambos usavam barbichas grisalhas. Por isso, rapou a sua e ficou à espera. A armadilha resultou. O infeliz capitão entrou na casa do irmão em triunfo, como entra um príncipe, envergando as roupas novas pagas por ele, e foi ao encontro da espada siciliana.

– Houve um contra, e um contra que é uma homenagem à natureza humana. Acontece muitas vezes espíritos malignos como o de Saradine cometerem erros crassos por não contarem com as virtudes da humanidade. O príncipe estava certo de que o golpe do italiano, quando viesse, seria obscuro, violento e anónimo, como o golpe que pretendia vingar; que a vítima seria esfaqueada à noite, ou atingida com um tiro disparado de trás de uma vedação, morrendo sem nada dizer. O príncipe Paul passou um mau momento quando Antonelli se apresentou como um cavalheiro, propondo um duelo formal, acompanhado de todas as explicações possíveis. Foi nessa altura que eu o vi afastar se no barco, com os olhos quase fora das órbitas: fugia em cabelo e sem protecção, não fosse Antonelli descobrir quem ele era.

– Porém, embora agitado, o príncipe não estava desesperado. Conhecia o aventureiro e conhecia o fanático. Era muito provável que Stephen, o aventureiro, nada dissesse, devido ao simples prazer histriónico de representar um papel, ao desejo de viver em aposentos tão agradáveis, devido à confiança que, como todos os malandros, tinha na própria sorte, e por fim devido ao facto de ser um excelente praticante de esgrima. E era certo que Antonelli, o fanático, se deixaria enforcar sem nada contar acerca da sua própria família. Por isso, Paul deixou se andar pelo rio até ter a certeza de que o duelo terminara. Em seguida, acordou a cidade, trouxe a polícia, viu os seus dois inimigos desaparecerem para sempre, e sentou se à mesa a sorrir.

– A rir, valha me Deus! – comentou Flambeau com um violento arrepio. – Será Satanás que lhes dá estas ideias?

– Foi você que lhe deu esta ideia.

– Deus me livre! – protestou Flambeau. – Eu? Mas como?

O sacerdote tirou do bolso um cartão de visita e ergueu o até junto da ponta acesa do charuto; estava escrito a tinta verde.

– Não se lembra do convite que ele lhe dirigiu? – perguntou. – E do elogio que fez à sua façanha criminosa? «Aquele truque de ter conseguido que um detective prendesse outro» – dizia ele. – Pois o homem limitou se a copiar esse truque. Com um inimigo de cada lado, escapuliu se habilmente do meio e deixou os colidir um com o outro e matar se um ao outro.

Flambeau arrancou o cartão do príncipe Saradine da mão do sacerdote e rasgou selvaticamente em mil pedacinhos.

– E assim acaba esta caveira com os ossos cruzados – declarou, espalhando os papelinhos sobre as ondas negras da corrente. – Mas dá me a impressão de que ainda vai envenenar os peixes.

O último pedacito de cartão branco e tinta verde afundou se nas águas escuras; o céu mudou de cor, para uma tonalidade suave e vibrante, como que de início do dia; e a lua foi empalidecendo por trás das ervas. O barquinho continuou a avançar, em silêncio, ao sabor da corrente.

– Padre – perguntou Flambeau de repente –, acha que foi tudo um sonho?

O sacerdote abanou a cabeça, num gesto de discordância ou de agnosticismo, mas nada disse. Do meio da escuridão chegou lhes um odor a pilriteiro e a pomares, comunicando lhes que estava a levantar se uma brisa – uma brisa que, logo a seguir, lhes balançou a embarcação e lhes enfunou a vela, conduzindo os rio abaixo em direcção a locais mais felizes e a casas de homens inofensivos.

O MARTELO DE DEUS

A pequena aldeia de Bohun Beacon ficava empoleirada no alto de uma colina tão íngreme, que a torre alta da respectiva igreja parecia apenas o pico de uma pequena montanha. Ao lado da igreja ficava uma oficina de ferrador, geralmente avermelhada dos fogos e cujo pátio estava sempre cheio de martelos e bocados de ferro; em frente da oficina, atravessando um rústico cruzamento de caminhos calcetados, ficava o Javali Azul, que era a única estalagem da povoação. Foi neste cruzamento, ao amanhecer de um dia plúmbeo e prateado, que dois irmãos se encontraram na rua a conversar – embora o dia estivesse a começar para um deles e a acabar para outro. O reverendo Wilfred Bohun, que era um homem muito devoto, ia a caminho dos austeros exercícios de oração e contemplação que praticava de madrugada. O coronel Norman Bohun, irmão mais velho do reverendo, não era absolutamente nada devoto, e estava sentado no banco instalado do lado de fora do Javali Azul, em fato de cerimónia, a beber aquilo que o observador filosófico poderá considerar que era, ou o último copo de terça feira, ou o primeiro de quarta feira; ao coronel tanto lhe fazia.

Os Bohuns eram uma das muito poucas famílias aristocráticas que realmente remontam à Idade Média, uma família cuja insígnia tinha efectivamente chegado à Palestina. Mas será um grande erro supor que estas casas mantêm orgulhosamente as suas tradições de cavalaria. À excepção dos pobres, são poucos os que preservam as tradições; os aristocratas não vivem da tradição, mas das modas. Os Bohuns tinham sido Mohocks no reinado de Ana e Mashers no reinado de Vitória; porém, e como aconteceu a um número considerável das casas realmente antigas, nos últimos dois séculos tinham se transformado em simples bêbedos e degenerados, a ponto de se ter começado a murmurar que haveria na família um toque de loucura. E a verdade é que havia qualquer coisa de inumano na forma lupina como o coronel buscava o prazer, e a sua crónica resolução de não voltar a casa senão de manhã acusava a presença da repugnante claridade da insónia. Norman Bohun era um animal alto e elegante, já idoso mas com o cabelo ainda de um louro impressionante, que teria um ar simplesmente leonino, não fosse a circunstância de ter os olhos azuis ligeiramente juntos e tão afundados nas órbitas, que mais pareciam pretos. Usava um grande bigode louro, de ambos os lados do qual se lhe cavava um sulco que ia da narina ao queixo, de tal maneira que parecia estar sempre com uma expressão trocista. Por

cima do fato de cerimónia, trazia vestido um curioso casaco amarelo claro, que, mais que um sobretudo, parecia uma camisa de dormir muito leve; e tinha enfiado na cabeça, recuado para a nuca, um chapéu verde berrante de abas extraordinariamente largas, que era evidentemente uma curiosidade oriental apanhada ao acaso. Era um homem que tinha orgulho em se apresentar neste estilo incongruente – e orgulho no facto de, nele, o estilo adquirir congruência.

O irmão, o cura, tinha a mesma elegância e o mesmo cabelo louro, mas vinha abotoado de preto até ao queixo e tinha o rosto bem barbeado, douto e ligeiramente nervoso. Parecia não viver senão para a religião; mas havia quem dissesse (nomeadamente o ferreiro, que era presbiteriano) que ele amava mais a arquitectura gótica do que a Deus, e que a sua fixidez fantasmagórica na igreja mais não era do que uma expressão purificada da mesma sede de beleza quase mórbida que levava o irmão a correr atrás das mulheres e da bebida. Era uma acusação de duvidosa precisão, ao passo que a piedade prática do homem era indubitável. Na verdade, a acusação denotava essencialmente uma profunda incompreensão pelo amor à solidão e à oração silenciosa, e fundava se na circunstância de ele ser muitas vezes visto de joelhos, não diante do altar, mas em certos lugares um tanto peculiares, como por exemplo as criptas, a galeria ou mesmo o campanário. Neste momento, Wilfred Bohun preparava se para entrar na igreja passando pelo pátio do ferreiro, mas deteve se e franziu ligeiramente o sobrolho ao ver os olhos cavernosos do irmão dirigidos para o mesmo ponto. Não perdeu tempo a reflectir na possibilidade de o coronel estar interessado na igreja. Restava pois a oficina do ferreiro e, embora este fosse puritano – não pertencendo portanto ao seu rebanho –, Wilfred Bohun tinha ouvido alguns relatos escandalosos sobre a mulher, que era muito bela e bastante famosa. Lançou, pois, um olhar desconfiado ao irmão e o coronel levantou se com uma gargalhada para ir falar com ele.

– Bom dia, Wilfred – disse. – Como bom proprietário que sou, permaneço vigilante enquanto o meu povo dorme. Vou bater à porta do ferreiro.

Wilfred poisou os olhos no chão e respondeu:

– O ferreiro não está cá. Foi a Greenford.

– Eu sei – retorquiu o outro com uma gargalhada silenciosa. – Por isso é que eu vou bater lhe à porta.

– Norman – perguntou o clérigo, com os olhos fixos numa pedra da calçada –, não tens medo dos raios?

– Dos raios? – perguntou o coronel. – Mas tu agora dedicas te à meteorologia?

– O que eu queria perguntar – insistiu Wilfred sem levantar os olhos

– é se nunca pensaste que Deus podia atingir te no meio da rua?

– Peço desculpa – disse o coronel. – Vejo que afinal te dedicas ao folclore.

– Bem sei que tu te dedicas à blasfémia – retorquiu o religioso, atingido no único ponto da sua natureza que tinha vida. – Mas, se não temes a Deus, tens ao menos boas razões para temer os homens.

O mais velho ergueu as sobrancelhas com uma expressão polida.

– Para temer os homens? – perguntou.

– Não há nestas redondezas homem maior nem mais forte que o ferreiro Barnes – insistiu o clérigo com gravidade. – Eu sei que tu não és cobarde nenhum, nem pusilânime, mas ele é perfeitamente capaz de te deitar ao chão.

Sendo verdadeira, aquela observação atingiu o outro em cheio, e a ruga que ligava o nariz ao queixo acentuou se. Logo a seguir, porém, o coronel Bohun recuperou o cruel sentido de humor que o caracterizava e riu se, dando a ver dois dentes caninos por baixo do bigode amarelo.

– Nesse caso, meu caro Wilfred – comentou com ar despreocupado –, ainda bem que o último dos Bohuns teve a sensatez de vir para a rua com pelo menos uma parte da armadura.

E, tirando da cabeça o peculiar chapéu verde, virou o ao contrário, dando a ver que tinha um forro redondo de aço. Wilfred percebeu que se tratava de um capacete militar, japonês ou chinês, que o irmão tinha ido buscar a um troféu exposto no vestíbulo da casa de família.

– Era o chapéu que estava mais à mão – explicou Norman com ar ligeiro. – É sempre o chapéu que está mais à mão, e a mulher que está mais à mão.

– O ferreiro está em Greenford – repetiu Wilfred calmamente. – E não se sabe quando regressa.

Dito isto, voltou costas e entrou na igreja de cabeça baixa, benzendo se como quem deseja livrar se de um espírito impuro. Estava ansioso por esquecer a inconveniência refugiando se no suave lusco fusco dos claustros góticos; mas estava escrito que, naquela manhã, a sua ronda de exercícios piedosos fosse interrompida por diversos choques. Ao entrar na igreja, que até então sempre estivera deserta àquela hora, viu uma figura que estava ajoelhada levantar se a toda a pressa, aproximando se da luz que entrava pela porta. Quando percebeu quem era, o cura deteve se, surpreendido. É que o piedoso madrugador era, nada mais, nada menos do que o idiota da aldeia, que era sobrinho do ferreiro, um rapaz a quem nem a igreja, nem fosse o que fosse interessavam ou podiam interessar. Toda a gente lhe chamava «Joe Louco», e dava a impressão de que o rapaz nem tinha mesmo outro

nome; era um pequeno forte e moreno, de ombros caídos, cara muito branca e fisionomia pesada, com o cabelo liso e escuro, que estava sempre de boca aberta. Ao sair, passou pelo clérigo com uma expressão cretina, que não lhe permitiu perceber o que teria estado o jovem ali a fazer ou a pensar. Que se soubesse, nunca rezara na vida. Que género de orações teria estado a fazer neste dia? Deviam ser extraordinárias.

Wilfred Bohun ficou preso ao chão tempo suficiente para conseguir ver o idiota sair para a luz do sol, e para conseguir ainda ver o dissoluto irmão cumprimentá lo com uma espécie de jovialidade avuncular. A última coisa que viu foi o coronel atirar moeditas para dentro da boca aberta de Joe, dando a impressão de que estava a fazer um esforço sério por acertar.

Este horroroso quadro da estupidez e da crueldade deste mundo acabou por empurrar o asceta para as suas orações, com desejo de purificação e de novos pensamentos. Dirigiu se a um banco que ficava na galeria, colocando se por baixo de um vitral que muito apreciava e que nunca deixava de lhe apaziguar o espírito; tratava se de uma janela azul, com a imagem de um anjo com um lírio na mão. Aí chegado, começou a pensar menos no tolo de rosto branco e boca de peixe; começou a pensar menos no perverso irmão, que avançava qual leão esguio cheio de uma fome horrível; e deixou se afundar mais e mais naquelas cores doces e frias, nas flores prateadas e no céu cor de safiras.

Foi aqui que, meia hora depois, foi encontrado por Gibbs, o sapateiro da aldeia, que tinha sido enviado à procura dele com alguma pressa. Levantou se prontamente, porque sabia que, para Gibbs ter entrado na igreja, a coisa tinha de ser de peso. À semelhança do que acontece em muitas aldeias, o sapateiro era ateu, e o seu aparecimento na igreja era ainda mais extraordinário do que o de Joe Louco. Era, decididamente, uma manhã de enigmas teológicos.

– O que foi? – perguntou Wilfred Bohun com uma certa reserva, mas estendendo a mão trémula para o chapéu.

O ateu expressou se num tom que, vindo dele, era admiravelmente reverente, e mesmo, por assim dizer, compassivo.

– Peço lhe muita desculpa, reverendo – disse num sussurro rouco –, mas achámos que não estava bem não lhe dizermos imediatamente. Infelizmente, aconteceu uma coisa horrível, reverendo. O seu irmão…

Wilfred engalfinhou as frágeis mãos uma na outra.

– Que maldade fez ele desta vez? – exclamou com involuntária paixão.

– Bem, reverendo – respondeu o sapateiro tossindo. – Infelizmente, não fez nada, nem voltará a fazer seja o que for. É melhor acompanhar

me.

O cura desceu uma curta escada em caracol atrás do sapateiro, indo desembocar com ele numa porta que ficava um pouco acima do nível da rua. Bohun apercebeu se imediatamente da tragédia, exposta à sua frente como um mapa. No pátio do ferreiro, encontravam se cinco ou seis homens, quase todos vestidos de preto, um dos quais envergava o uniforme de inspector; os outros eram o médico, o ministro presbiteriano, o padre da capela católica, a religião professada pela mulher do ferreiro, e mais um ou dois curiosos. O padre conversava com a mulher, estava mesmo a falar lhe em sussurros velozes; e ela, que era uma mulher magnífica, de cabelo louro arruivado, soluçava sentada num banco. Entre estes dois grupos, e muito perto da principal pilha de martelos, estava deitado, de barriga para baixo, um homem em fato de cerimónia com as pernas abertas. Vendo o de cima, Wilfred identificou todas as peças de roupa e os pormenores da aparência, incluindo o anel da família que o homem trazia no dedo; o crânio, porém, estava completamente esmagado, mais parecendo uma estrela de negrura e sangue.

Bastou lhe um rápido olhar para Wilfred Bohun correr para o pátio. O médico, que era o assistente da família, cumprimentou o, mas ele mal reparou no homem, apenas conseguindo balbuciar:

– O meu irmão morreu? O que quer isto dizer? Que horrível mistério é este?

Fez se um silêncio incomodado, após o qual o sapateiro, que era o mais expressivo dos presentes, respondeu:

– Horrível é certamente, reverendo, mas não é grande mistério.

– Não é mistério? – perguntou Wilfred, muito pálido.

– É até muito claro – respondeu Gibbs. – Quarenta milhas em redor, há apenas um homem capaz de infligir uma pancada destas, e é o homem que tinha mais razões para o fazer.

– Não podemos fazer juízos precipitados – interveio o médico com nervosismo; era um homem alto, de barba escura. – Mas compete me corroborar o que o Sr. Gibbs afirmou acerca da natureza da pancada, reverendo. Foi uma pancada incrível. O Sr. Gibbs afirma que, nestas redondezas, há apenas um homem capaz de a infligir. Por mim, teria mesmo dito que homem algum seria capaz de tal coisa.

A figura esguia do cura foi percorrida por um arrepio de superstição.

– Não compreendo – disse.

– Sr. Bohun – insistiu o médico num tom grave –, não me ocorre nenhuma metáfora. Nem sequer é adequado afirmar que o crânio foi esmagado como uma casca de ovo. Vários fragmentos de osso foram

espetar se no corpo e no solo como balas que entrassem numa parede de lama. Andou aqui a mão de um gigante.

Calou se por momentos, observando a cena com ar sombrio. Depois acrescentou:

– A coisa tem uma vantagem: iliba imediatamente a maior parte das pessoas. Se o senhor ou eu, ou qualquer outro homem de estatura normal, fôssemos acusados deste crime, seriamos imediatamente absolvidos, como uma criança seria absolvida de roubar a Coluna de Nelson.

– Tal como eu disse – repetiu o sapateiro obstinadamente –, há um único homem capaz de o fazer, e era o homem que tinha mais razões para isso. Onde está o ferreiro, Simeon Barnes?

– Está em Greenford – informou o cura, hesitante.

– É mais provável que esteja em França – resmoneou o sapateiro.

– Não, não está em Greenford nem em França – interveio uma voz sem entoação, a voz do padre católico, que se tinha juntado ao grupo. – Na verdade, vem neste momento acolá a subir a colina.

O padrezito não era um homem de aspecto interessante: tinha o cabelo castanho hirsuto, cara redonda e ar fleumático. Contudo, fosse ele esplêndido como Apolo, naquele momento ninguém teria olhado para ele, pois todos os presentes se voltaram para espreitar o caminho sinuoso que atravessava a planície, pelo qual se aproximava efectivamente, com um martelo ao ombro e com o passo largo que era habitual nele, o ferreiro Simeon. Tratava se de um homem gigantesco e ossudo, de olhos encovados, negros e sinistros, e barba escura. Caminhava na companhia de dois homens, com os quais vinha a conversar calmamente; e, embora não fosse nunca uma pessoa especialmente alegre, parecia vir bastante descontraído.

– Meu Deus! – exclamou o sapateiro, que era ateu. – E foi com aquele martelo.

– Não – contrariou o inspector, um homem de aspecto sensato e bigode alourado, que falava pela primeira vez. – O martelo com que ele deu a pancada está ali, ao pé do muro da igreja. Deixámos o martelo e o corpo exactamente como os encontrámos.

Todos olharam em volta e o padrezito atravessou o pátio e ficou a observar, em silêncio, a ferramenta poisada no solo. Era um dos martelos mais pequenos e mais leves que ali havia, um instrumento que não teria chamado a atenção entre os restantes; mas o gume de ferro estava manchado de sangue, com cabelos louros pegados.

Fez se silêncio, após o qual o padre – sempre sem levantar os olhos – comentou com uma entoação nova no seu tom apagado:

– O Sr. Gibbs não tinha razão ao afirmar que não havia mistério no

caso. Há pelo menos um mistério: porque foi que um homem tão grande deu uma pancada tão grande com um martelo tão pequeno.

– Oh, deixe lá isso! – exclamou Gibbs, febril. – O que vamos fazer a Simeon Barnes?

– Deixá lo em paz – respondeu calmamente o padre. – Ele aproxima se de livre vontade. Conheço os dois homens que vêm com ele, são boas pessoas. São dois sujeitos de Greenford, que vêm cá para tratar de uns assuntos referentes à capela presbiteriana.

Ainda estava ele a acabar de falar quando o ferreiro contornou a esquina da igreja e entrou no pátio de sua casa com o seu passo largo. Depois, imobilizou se e caiu lhe o martelo da mão. O inspector, que até então tinha observado impenetrável decoro, dirigiu se a ele.

– Não vou perguntar lhe, Sr. Barnes – disse –, se sabe alguma coisa sobre o que se passou aqui. Não é natural que me responda. Espero que não saiba e que possa provar que não sabe. Mas tenho de cumprir a formalidade de o prender em nome do rei pelo homicídio do coronel Norman Bohun.

– Tu não tens de dizer nada – interveio o sapateiro com excitação oficiosa. – Eles é que têm de provar tudo. E ainda nem provaram que se trata do coronel Bohun, porque como vês a cabeça está completamente esmagada.

– Essa não pega – disse o médico, num aparte ao padre. – Essa só pega nos livros policiais. Eu era o médico do coronel e conhecia lhe o corpo melhor do que ele próprio. Tinha umas mãos muito finas, mas bastante peculiares; tinha o dedo grande e o anelar do mesmo tamanho. Oh, não há dúvida nenhuma de que se trata do coronel.

E voltou os olhos para o cadáver de crânio esmagado que se encontrava deitado no chão; nesse momento, os olhos de ferro do ferreiro imóvel seguiram os dele, e também eles repousaram sobre o corpo.

– O coronel Bohun morreu? – perguntou o ferreiro com toda a calma. – Nesse caso, está condenado.

– Não digas nada! Oh, não digas nada! – exclamou o sapateiro ateu, dançando dum lado para o outro, num êxtase de admiração pelo sistema legal inglês. Pois não há homem tão legalista como um bom secularista.

O ferreiro olhou o por cima do ombro com a face augusta do fanático.

– Bem podem vocês, os infiéis, esquivar se como raposas porque a lei do mundo vos favorece – disse. – Mas Deus guarda os Seus no bolso, como verão neste dia.

Depois, apontou para o coronel e perguntou:

– Quando foi que este cão morreu com os seus pecados?

– Modere a linguagem – ordenou o médico.

– Modere o senhor a linguagem da bíblia e eu moderarei a minha. Quando foi que ele morreu?

– Eu vi o com vida às seis horas da manhã de hoje – tartamudeou Wilfred Bohun.

– Deus é bom – prosseguiu o ferreiro. – Sr. inspector, não tenho a mais pequena objecção a ser preso. O senhor inspector é que poderá objectar a prender me. Não me incomoda sair do tribunal sem qualquer mancha no meu carácter. O senhor é que talvez se incomode em sair do tribunal com um lamentável revés na sua carreira.

Pela primeira vez, o sólido inspector olhou para o ferreiro com uma expressão atenta; o mesmo fizeram os restantes presentes, à excepção do estranho padrezito, que continuava a olhar para o pequeno martelo com o qual fora dado tão tremenda pancada.

– Estão dois homens à entrada desta oficina – prosseguiu o ferreiro com ponderosa lucidez –, bons comerciantes de Greenford que todos conhecem, que jurarão que estiveram comigo desde a meia noite até ao nascer do sol, e muito depois disso, na sala de reuniões da nossa Missão do Renascimento, que está aberta toda a noite porque nós salvamos as almas muito depressa. Em Greenford, há vinte pessoas capazes de jurar que eu estive com elas durante todo esse tempo. Se eu fosse pagão, Sr. inspector, deixá lo ia prosseguir para sua ruína. Mas, como cristão que sou, sinto me obrigado a dar lhe uma oportunidade. Pergunto lhe, pois: prefere ouvir o meu álibi já aqui ou só depois, no tribunal.

O inspector mostrou se perturbado pela primeira vez.

– Naturalmente que tenho todo o gosto em o ilibar imediatamente – disse.

O ferreiro dirigiu se à entrada do pátio com o mesmo passo largo e descontraído, e voltou com os dois amigos de Greenford, que eram efectivamente amigos de quase todos os presentes. Os dois homens proferiram umas quantas palavras, que não passou pela cabeça de ninguém desmentir. Concluídas as declarações, a inocência de Simeon pareceu lhes tão sólida como a enorme igreja que tinham ao seu lado.

Desceu sobre o grupo um daqueles silêncios que são mais estranhos e mais insuportáveis do que quaisquer palavras. Para fazer conversa, o cura dirigiu se ao padre, a quem fez uma observação disparatada:

– Padre Brown, o senhor parece estar muito interessado no martelo.

– E estou – respondeu o padre Brown. – Porque terá sido um martelo tão pequeno?

O médico girou sobre si próprio e ficou voltado para ele.

– Valha me São Jorge, é verdade! – exclamou. – Quem é que se lembrava de usar um martelo tão pequeno quando tinha dez martelos maiores à sua disposição?

Depois, baixou a voz e disse ao ouvido do cura:

– Só uma pessoa que não fosse capaz de manejar um martelo grande. O que distingue os sexos não é a força nem a coragem. Basta ter poder de elevação nos ombros. Uma mulher ousada é capaz de cometer dez crimes com um martelo pequeno sem se despentear. Com um grande, não seria capaz de matar um escaravelho.

Wilfred Bohun olhava para ele com uma espécie de horror hipnotizado, enquanto o padre Brown o ouvia com a cabeça ligeiramente inclinada para um lado, francamente interessado e atento. O médico prosseguiu, com ênfase mais sussurrada:

– Porque é que estes idiotas presumem sempre que a única pessoa que odeia o amante da mulher é o marido da mulher? Nove vezes em cada dez, a pessoa que mais odeia o amante da mulher é a mulher. Quem sabe de que insolência ou traição ele lhe terá dado provas. Olhem para aquilo!

E fez um gesto momentâneo em direcção à mulher arruivada que estava sentada no banco. Esta tinha finalmente erguido a cabeça e as lágrimas começavam a secar se lhe no magnífico rosto. Mas os olhos estavam fixados no cadáver com uma expressão eléctrica que tinha o seu quê de idiota.

O reverendo Wilfred Gohun fez um gesto com a mão, como que renunciando ao desejo de saber; mas o padre Brown, sacudindo da manga umas cinzas provenientes da fornalha, interveio com o seu tom indiferente:

– O senhor é parecido com muitos outros médicos, que têm uma ciência mental francamente sugestiva – disse. – A vossa ciência física é que é completamente impossível. Concordo que a mulher tem tanta ou mais vontade de matar o co responsável pelo adultério como o homem enganado. E também concordo que uma mulher pegará sempre num martelo pequeno, preterindo o grande. Mas a dificuldade está na impossibilidade física. Ainda não nasceu a mulher capaz de esmagar daquela maneira o crânio de um homem. – Calou se por momentos. – Estas pessoas não compreenderam metade do que se passou – prosseguiu depois. – O homem trazia na cabeça um capacete de ferro e a pancada esmagou o capacete como quem parte uma vidraça. Olhe para aquela mulher. Olhe para os braços dela.

O silêncio voltara a tomar conta de todos os presentes. Então, o médico acrescentou com ar aborrecido:

– Bem, talvez eu esteja enganado; há objecções para tudo. Mas insisto no ponto principal. Só um idiota pegaria naquele martelo

pequeno quando tinha à sua disposição um martelo grande.

Ao ouvir aquilo, Wilfred Bohun levou as mãos à cabeça, umas mãos esguias, que tremiam intensamente, e pareceu agarrar o pouco cabelo louro que tinha. Instantes depois, deixou as cair novamente ao longo do corpo e exclamou:

– Era exactamente isso que eu queria dizer. Disse exactamente o que eu queria dizer.

Em seguida, dominando a agitação, repetiu:

– Só um idiota pegaria no martelo pequeno.

– É verdade – confirmou o médico. – E então?

– Bem – replicou o cura. – Quem o fez foi um idiota.

Os outros olharam para ele com expressões presas e fixas, e ele continuou, presa de uma agitação febril e feminina:

– Eu sou padre – exclamou irresoluto – e um padre não pode derramar sangue. Eu… um padre não pode mandar ninguém para a forca. E agradeço a Deus ser capaz de ver o criminoso com clareza, porque se trata de um criminoso que não pode ser mandado para a forca.

– Quer dizer que se recusa a denunciá lo? – perguntou o médico.

– Mesmo que o denunciasse, ele não seria enforcado – respondeu Wilfred com um sorriso tolo mas curiosamente feliz. – Quando esta manhã entrei na igreja, encontrei um homem a rezar lá dentro; era o pobre Joe, que nunca foi bom da cabeça. Sabe Deus porque estaria ele a rezar; mas com esta gente estranha não é absurdo supor que as suas orações estejam de pernas para o ar. É muito provável que um lunático vá rezar antes de matar um homem. A última vez que vi o pobre Joe, ele estava com o meu irmão. O meu irmão estava a fazer troça dele.

– Por Deus! – exclamou o médico. – Estamos finalmente a chegar a uma conclusão. Mas como é que explica…

O reverendo Wilfred quase tremia, com a excitação de ter tido um vislumbre da verdade.

– Não estão a ver… Não estão a ver que é a única teoria que permite explicar as duas coisas inexplicáveis, que responde a ambos os enigmas? – exclamou. – Os dois enigmas são o martelo pequeno e a pancada violenta. O ferreiro podia ter dado uma pancada violenta mas nunca teria optado pelo martelo pequeno. A mulher do ferreiro teria optado pelo martelo pequeno, mas não teria sido capaz de infligir a pancada violenta. O louco, em contrapartida, podia ter optado pelo martelo pequeno, porque é louco e teria pegado no que estivesse mais à mão; e podia ter infligido a pancada violenta porque, como o doutor certamente saberá, um maníaco com paroxismos de loucura tem uma

força de dez homens.

O médico inspirou profundamente e depois disse:

– Valha me Deus, concordo consigo.

O padre Brown mantivera os olhos presos à pessoa do cura com uma expressão tão firme e tão inamovível, que dava a impressão de querer demonstrar que aqueles olhos de boi não eram tão insignificantes como o resto da face. Quando se fez silêncio, interveio com acentuado respeito:

– Sr. Bohun, a sua teoria é, de todas as que foram propostas até ao momento, a única que se aguenta e que é essencialmente inatacável. Parece me portanto que merece que lhe diga, com base em informações seguras, que não é a teoria verdadeira.

Dito isto, o peculiar homenzinho afastou se e foi novamente pôr se a olhar para o martelo.

– Aquele sujeito parece saber mais do que devia – resmungou o médico a Wilfred em tom rabugento. – Os padres papistas são incrivelmente ínvios.

– Não, não – respondeu Bohun com uma espécie de fadiga desvairada. – Foi o lunático. Foi o lunático.

O grupo constituído pelos dois clérigos e o médico tinha se afastado do outro grupo, mais oficial, formado pelo inspector e pelo homem que este tinha detido. Agora, porém, que os membros do primeiro grupo se tinham separado, começaram a ouvir o que diziam os outros. O sacerdote ergueu os olhos e voltou novamente a baixá los, enquanto o ferreiro declarava ruidosamente:

– Espero tê lo convencido, senhor inspector. Sou um homem forte, como o senhor afirma, mas não podia ter lançado o martelo de Greenford. O meu martelo não tem asas para poder voar meio quilómetro, por cima de campos e vedações.

O inspector soltou uma gargalhada bem disposta.

– Não – respondeu –, parece me que podemos considerá lo inocente, embora se trate de uma das coincidências mais espantosas que eu já vi. Só posso pedir lhe que, na medida das suas possibilidades, nos ajude a encontrar um homem tão grande e tão forte como você. Por São Jorge, você podia ser nos útil, quanto mais não fosse a segurá lo! Não faz ideia de quem tenha sido?

– Posso fazer uma ideia – disse o ferreiro, pálido –, mas a ideia que eu faço não é de um homem. – Depois, vendo os olhos receosos que se voltavam para a mulher dele, que continuava sentada no banco, foi pôr lhe a enorme mão sobre o ombro. – E também não é de uma mulher – declarou.

– O que quer você dizer com isso? – perguntou jovialmente o

inspector. – Nunca ouvi dizer que as vacas usassem martelos.

– Estou convencido de que aquele martelo não foi empunhado por um ser de carne e osso – disse o ferreiro numa voz abafada. – Do ponto de vista dos mortais, estou convencido de que este homem morreu sozinho.

Wilfred deu subitamente um passo em frente e ficou a olhar para ele com uma expressão intensa.

– Quer você dizer, Barnes – interveio o sapateiro com frieza –, que o martelo se levantou do chão sozinho e deu uma marretada no homem?

– Oh, podem olhar e resfolegar à vontade, cavalheiros – exclamou Simeon. – Ao domingo, os clérigos relatam nos em que silêncio o Senhor atingiu Senaqueribe. Eu acredito que Aquele que entra, invisível, em todas as casas defendeu a honra da minha, e abateu o profanador antes de este entrar a porta. E acredito que a força daquela pancada foi a mesma força que produz os terramotos, nem mais nem menos.

Wilfred interveio, num tom absolutamente indescritível:

– Eu próprio disse ao Norman que tivesse cuidado com os raios.

– Esse agente está fora da minha jurisdição – declarou o inspector com um ligeiro sorriso.

– Mas o senhor não está fora da Dele – replicou o ferreiro. – Tenha cuidado. – E, voltando lhes as amplas costas, entrou em casa.

Wilfred, que continuava profundamente abalado, foi levado dali pelo padre Brown, que o tratava com delicadeza e cortesia.

– Vamos embora deste sítio horrendo, Sr. Bohun – sugeriu o sacerdote. – Dá me licença que entre na sua igreja? Ouvi dizer que é uma das mais antigas de Inglaterra. Sabe – acrescentou com uma careta cómica –, nós interessamo nos bastante pelas igrejas inglesas antigas.

Wilfred Bohun não sorriu, porque o sentido de humor nunca tinha sido um dos seus pontos fortes. Mas acenou vigorosamente com a cabeça, pois tinha o maior gosto em expor os esplendores do gótico a uma pessoa que tinha mais probabilidades de se interessar por eles do que o ferreiro, que era presbiteriano, ou do que o sapateiro, que era ateu.

– Com certeza – respondeu. – Vamos entrar por aqui.

E avançou à frente em direcção à porta lateral, que ficava no alto de um lance de escadas. O padre Brown ia a subir o primeiro degrau, quando sentiu que lhe poisavam uma mão no ombro e, voltando se, deu de caras com a figura magra e sombria do médico, o rosto ainda mais sombrio com o peso das suspeitas.

– O senhor parece conhecer alguns segredos deste deplorável caso – disse lhe o outro com aspereza. – Posso perguntar lhe se tenciona guardá los para si?

– Meu caro doutor – respondeu o padre Brown com um sorriso prazenteiro –, um homem com a minha profissão tem muito boas razões para guardar as coisas para si quando não está seguro delas. Mas, se lhe parece que fui antipaticamente reticente consigo, ou com qualquer dos presentes, estou perfeitamente disposto a ir até ao limite dos meus hábitos. Vou dar lhe duas pistas muito grandes.

– Tenha a bondade – solicitou o médico, sempre com ar carregado.

– Primeiro – replicou o padre Brown calmamente –, trata se de um assunto que está perfeitamente dentro do seu campo. Trata se de uma questão física. O ferreiro está enganado, talvez não quando diz que se tratou de uma pancada divina, mas certamente quando diz que ocorreu por milagre. Não se tratou de um milagre, doutor, a não ser no sentido em que se diz que o homem é um milagre, porque tem um coração estranho, perverso e simultaneamente semi heróico. A força que esmagou aquele crânio foi uma força bem conhecida dos cientistas, e uma das mais frequentemente discutidas nas leis da natureza.

O médico, que olhava para ele muito concentrado e de sobrolho franzido, limitou se a perguntar:

– E a segunda pista?

– A segunda pista é a seguinte. Lembrar se á de que o ferreiro, embora acredite em milagres, se referiu com desprezo à impossibilidade de o martelo ter asas e ter voado meio quilómetro pelos campos fora.

– Sim – respondeu o médico –, lembro me disso.

– Pois bem – prosseguiu o padre Brown com um sorriso rasgado –, nenhum dos presentes disse nada que se aproximasse tanto da verdade como essa impossibilidade.

Dito isto, voltou costas e recomeçou a subir pesadamente os degraus, atrás do cura.

O reverendo Wilfred, que tinha estado à espera dele, pálido e impaciente, como se este derradeiro atraso fosse a última gota de água para o seu estado de nervos, levou o imediatamente ao recanto da igreja que mais apreciava, a zona da galeria que ficava mais perto do tecto trabalhado e que era iluminada pela maravilhosa janela com o vitral do anjo. O padrezito latino explorou e admirou exaustivamente todos os pormenores, conversando sempre em voz baixa, mas com graça. Quando, no decurso da investigação, deparou com a saída lateral e a escada em caracol que Wilfred descera a correr quando lhe foram dizer que o irmão tinha morrido, o padre Brown subiu a a

correr com a agilidade de um macaco, e chamou lá do alto, de uma plataforma exterior:

– Venha cá acima, Sr. Bohun. O ar fresco vai fazer lhe bem.

Bohun seguiu o e veio sair a uma espécie de galeria ou terraço de pedra, situado no exterior do edifício, de onde se avistava a planície interminável que servia de base à colina, cosida ao horizonte cor de rosa e semeada de aldeias e quintas. Por baixo deles, ficava o pátio do ferreiro, um quadrado muito nítido e bastante pequeno, onde ainda se encontrava o inspector, a tirar notas, e onde jazia o cadáver, qual mosca esmagada.

– Até podia ser o mapa do mundo, não podia? – comentou o padre Brown.

– É verdade – respondeu Bohun com gravidade, acenando com a cabeça.

Imediatamente abaixo deles, as linhas do edifício gótico mergulhavam para o exterior sobre o vazio, com uma velocidade doentia, afim do suicídio. A arquitectura da Idade Média tem uma componente de energia titânica que, vista sob qualquer aspecto, dá sempre a impressão de estar a fugir, como se fosse o dorso enérgico de um cavalo enlouquecido. A igreja, talhada a pedra silenciosa e antiga, estava decorada com fungos antigos e manchada de restos de ninhos. E contudo, vista de baixo, erguia se até às estrelas como uma fonte; e, vista de cima como os dois clérigos estavam a vê la agora, precipitava se como uma catarata para dentro de um poço sem voz. Porque, ali na torre, os dois homens estavam a sós com o aspecto mais terrível do gótico: o monstruoso escorço, as gigantescas desproporções, as perspectivas estonteantes, os vislumbres de coisas grandes tornadas pequenas e de coisas pequenas tornadas grandes; uma reviravolta de pedra em pleno ar. Os pormenores de pedra, enormes devido à proximidade, recortavam se no pano de fundo de prados e quintas, reduzidas ao mínimo devido à distância. Uma ave, um animal selvagem de pedra, instalados numa esquina, pareciam um gigantesco dragão que caminhasse ou voasse por sobre as pastagens e as aldeias. A atmosfera era, toda ela, estonteante e perigosa, como se os homens fossem seguros no ar por entre asas giratórias de génios colossais. E a igreja, que era alta e rica como uma catedral, parecia estar assente sobre os campos soalheiros como um súbito aguaceiro.

– Parece me um tanto perigoso subir a estes espaços altos, mesmo que seja para rezar – comentou o padre Brown. – As alturas foram feitas para serem contempladas, não foi para serem visitadas.

– Acha que corremos o risco cair? – perguntou Wilfred.

– Acho que corremos o risco de nos cair a alma, mesmo que o corpo não nos caia – respondeu o outro sacerdote.

– Não estou a compreendê lo bem – comentou Bohun numa voz sem expressão.

– Olhe para aquele ferreiro, por exemplo – prosseguiu calmamente o padre Brown. – É bom homem, mas não é cristão. É duro, impiedoso, implacável. Bem, a verdade é que ele professa a religião dos escoceses, que foi inventada por homens que rezavam nos montes e nas escarpas, e que aprenderam mais a olhar o mundo do alto do que a erguer os olhos para o céu. A humildade é a mãe dos gigantes. A pessoa vê grandes coisas do fundo de um vale; mas do alto de um monte só vê coisas minúsculas.

– Mas ele… mas não foi ele – comentou Bohun em voz trémula.

– Pois não – replicou o outro com uma voz estranha. – Ambos sabemos que não foi ele.

Momentos depois, recomeçou, contemplando tranquilamente a planície com os seus olhos cinzentos claros.

– Conheci um homem que começou por prestar culto a Deus na companhia dos outros diante do altar, mas que depois se afeiçoou a rezar em locais altos e isolados, em recantos e nichos dos campanários e das torres. E, certa vez em que se encontrava num desses locais estonteantes, de onde o mundo lhe pareceu rodar a seus pés como se fosse uma roda, achou que era Deus. De tal maneira que, embora fosse bom homem, cometeu um grande crime.

Wilfred tinha se voltado para o lado, mas as suas mãos, azuladas e ossudas, apertavam com força o parapeito de pedra.

– Achou que lhe tinha sido concedido julgar o mundo e atingir o pecador. Tal coisa nunca lhe teria passado pela cabeça se tivesse continuado a rezar com os outros homens, de joelhos no chão. Porém, de onde se encontrava, via os homens circular como insectos. E avistou especificamente um deles, um homem que caminhava mesmo por baixo dele, insolente e evidente, com um grande chapéu verde na cabeça; e esse homem era um insecto venenoso.

As gralhas grasnaram nas esquinas do interior da torre; à parte isso, não se ouvia qualquer ruído. O padre Brown prosseguiu:

– Houve outra coisa que o tentou, o facto de ter na mão um dos mais terríveis motores da natureza; refiro me à gravitação, a louca e acelerada corrida com que todas as criaturas deste mundo regressam ao coração da terra quando são libertadas. Está a ver, o inspector está a pavonear se dentro da oficina. Se eu lhe atirasse uma pedrinha deste parapeito, quando a pedra o atingisse ia com a velocidade de uma bala. Se atirasse um martelo, mesmo que se tratasse de um martelo pequeno…

Wilfred Bohun passou uma perna por cima do parapeito, mas o padre Brown não tardou um minuto a agarrá lo pelo colarinho.

– Por essa porta não – proibiu suavemente. – Essa porta vai dar ao inferno.

Bohun recuou, cambaleando, até junto da parede, e ficou a olhar para ele com uma expressão assustada.

– Como é que sabe tudo isto? – gritou. – O senhor é um demónio?

– Sou um homem – respondeu o padre Brown gravemente –, e portanto tenho todos os demónios no coração. Oiça me – prosseguiu após curta pausa –, eu sei o que o senhor fez, ou pelo menos sou capaz de adivinhar a maior parte. Quando deixou o seu irmão lá em baixo, sentiu se tomado por uma indignação iníqua, a ponto de ter pegado num pequeno martelo, tentado a matá lo para o castigar das suas infâmias. Mas depois mudou de ideias e meteu o martelo por baixo do casaco, correndo para dentro da igreja. Rezou intensamente em diversos locais, debaixo do vitral do anjo, lá em cima na plataforma, e numa plataforma ainda acima dessa, da qual conseguia avistar o chapéu oriental do coronel, que lhe parecia o dorso de um escaravelho verde que andasse a espalhar a pestilência. Foi então que se deu um estalido dentro da sua alma, e o senhor deixou cair o raio de Deus.

Wilfred levou à cabeça uma mão sem força, e perguntou baixinho:

– Como é que sabia que o chapéu parecia um escaravelho verde?

– Oh, isso – respondeu o outro com a sombra de um sorriso. – Era uma questão de bom senso. Mas deixe me prosseguir. Disse lhe que sabia tudo isto, mas mais ninguém o saberá. O próximo passo é seu; por mim, não darei mais passo nenhum; selo esta conversa com o selo da confissão. Se me perguntar porquê, posso dar lhe várias razões, uma só das quais lhe diz respeito. Deixo as coisas ao seu cuidado, porque o senhor ainda não avançou muito no mal, como fazem os assassinos. Não ajudou a atribuir a responsabilidade deste crime ao ferreiro, quando teria sido fácil fazê lo; nem à mulher dele, quando também não teria tido dificuldade. Tentou atribuí la ao imbecil, porque sabia que este nada sofreria em consequência. Foi um daqueles débeis raios de luz que é minha função descobrir nos assassinos. E agora, vamos voltar para a aldeia, e o senhor seguirá o seu caminho, livre como o vento, porque eu disse tudo o que tinha a dizer.

Desceram a escada em caracol no mais completo silêncio, e saíram para o pátio soalheiro que ficava à entrada da oficina do ferreiro. Wilfred Bohun abriu cuidadosamente o portão de madeira do pátio e, dirigindo se ao inspector, disse lhe:

– Quero entregar me. Matei o meu irmão.

O OLHO DE APOLO

Aquela singular centelha fumarenta, a um tempo confusão e transparência, que é o estranho segredo do Tamisa, mudava mais e mais, de cinzento para brilhante extremo, à medida que o sol ia subindo para o zénite por sobre Westminster; dois homens atravessavam a Ponte de Westminster. Um deles era muito alto, o outro muito baixo; podiam mesmo ser comparados, num retrato de fantasia, um com a arrogante torre do relógio do Parlamento, o outro com os humildes ombros corcundas da Abadia, porque o homem mais baixo vinha vestido de clérigo. A descrição oficial do homem mais alto dava o como M. Hercule Flambeau, detective particular; este homem dirigia se ao seu novo escritório, situado num prédio novo, mesmo em frente da entrada da Abadia. A descrição oficial do homem mais baixo dava o como reverendo J. Brown, da igreja de São Francisco Xavier, em Camberwell; este homem vinha de um leito de morte de Camberwell conhecer o novo escritório do amigo.

O prédio era americano pela sua dimensão de arranha céus, e americano era também pela bem oleada maquinaria de telefones e elevadores que possuía. Mas ficara concluído há muito pouco tempo e estava ainda bastante desocupado, contando apenas com três moradores: o escritório que ficava mesmo por cima de Flambeau estava ocupado, e o que ficava mesmo por baixo dele também; mas os dois andares que ficavam por cima estavam vazios, como vazios estavam igualmente os três que ficavam para baixo. Porém, a nova torre de apartamentos chamava imediatamente a atenção por outro motivo: à excepção de umas quantas relíquias de andaimes, via se na fachada um vistoso objecto, montado do lado de fora do escritório que ficava mesmo por cima de Flambeau. Tratava se de uma gigantesca efígie dourada de um olho humano, rodeada de raios dourados, que ocupava duas ou três janelas do referido escritório.

– Em nome dos céus, o que é aquilo? – perguntou o padre Brown, imobilizando se.

– Oh, é uma nova religião – respondeu Flambeau com uma gargalhada. – É uma dessas religiões modernas que nos perdoam os pecados afirmando que nunca chegámos a cometê los. Dá me a impressão de é bastante parecida com a cientologia. O facto é que o apartamento por cima do meu foi comprado por um sujeito que dá pelo nome de Kalon (e não sei como é que ele se chama, mas Kalon é que não pode ser). Tenho duas dactilógrafas por baixo de mim e este aldrabão cheio de entusiasmo por cima. Afirma ele que é o Novo

Sacerdote de Apolo, e que presta culto ao sol.

– Ele que tenha cuidado, porque o sol era o mais cruel dos deuses – comentou o padre Brown. – Mas qual é o significado daquele olho monstruoso?

– Tanto quanto sei – respondeu Flambeau –, eles têm a teoria de que uma pessoa consegue suportar tudo e mais alguma coisa desde que possua firmeza mental. Os dois grandes símbolos desta religião são o sol e um olho aberto, porque eles dizem que um homem que seja realmente saudável será capaz de olhar de frente para o sol.

– Um homem que seja realmente saudável – retorquiu o padre Brown – não comete o erro de olhar de frente para o sol.

– Pois é o máximo que consigo dizer lhe sobre a nova religião – prosseguiu Flambeau com ar despreocupado. – E, naturalmente, afirmam ser capazes de curar todas as doenças físicas.

– E também são capazes de curar as doenças espirituais? – perguntou o padre Brown, realmente curioso.

– E qual é a principal doença espiritual? – perguntou Flambeau com um sorriso.

– Oh, é a pessoa pensar que não tem doença nenhuma – replicou o amigo.

Flambeau estava mais interessado no discreto escritório que ficava por baixo do dele do que no flamejante templo que ficava por cima. O detective era um homem do sul, um homem lúcido que só conseguia conceber que se fosse, ou católico, ou ateu, e cuja atenção as novas religiões, fossem chamativas ou apagadas, não conseguiam prender. Mas a humanidade prendia lhe muito as atenções, em especial quando era atraente; por outro lado, as raparigas do andar de baixo tinham uma personalidade e tanto. O escritório era dirigido por duas irmãs, ambas morenas e elegantes, e uma delas alta e esbelta. Esta tinha um perfil aquilino, moreno e ardente e era daquilo tipo de mulheres em que a pessoa pensa sempre de perfil, como se pensa no gume bem talhado de uma arma. Era uma mulher que parecia abrir caminho pela vida. Tinha uns olhos espantosamente brilhantes, mas de um brilho de aço, e não de diamantes; e a sua figura esguia e muito direita era ligeiramente rígida, não chegando por isso a ser graciosa. A irmã mais nova parecia uma sombra encurtada da mais velha: era um pouco mais grisalha, mais pálida e mais insignificante. Vestiam ambas de preto comercial, com colarinhos e punhos masculinos. Existem, nos escritórios de Londres, milhares de mulheres secas e diligentes como estas duas irmãs, mas o interesse das duas aqui referidas radicava, não tanto na sua posição aparente, como na sua posição real.

É que Pauline Stacey, a mais velha, era herdeira de um brasão e de uma propriedade imensa, bem como de uma enorme fortuna; tinha

crescido no meio de castelos e jardins, antes de uma ferocidade frígida (essa característica tão típica da mulher moderna) a ter levado a assumir o que lhe parecia ser uma existência mais dura, é certo, mas também superior. Na verdade, Pauline não tinha prescindido do dinheiro que possuía, pois nesse gesto teria havido um abandono romântico ou religioso que era perfeitamente estranho ao seu controlado utilitarismo. Usava essa fortuna, dizia, aplicando a a objectivos sociais práticos. Tinha investido uma parte naquele negócio, que era o núcleo de um empório de dactilografia modelar; e distribuíra outra parte por diversas ligas e causas destinadas a promover o desenvolvimento deste género de trabalho entre as mulheres. Não era inteiramente certo até que ponto Joan, a irmã e sócia, partilhava este idealismo levemente prosaico. Mas era seguro que respeitava a outra com um afecto canino que tinha um quê de trágico, chegando por isso a ser mais atractivo do que o espírito superior da irmã. Com efeito, Pauline Stacey não queria nada com a tragédia; dizia se mesmo que negava a sua existência.

Da primeira vez que entrara no prédio, Flambeau tinha se divertido muito com a velocidade rígida e a impaciência fria desta mulher. Estava ele no vestíbulo de entrada, à porta do elevador, à espera que este descesse e com ele o rapaz que geralmente conduz os desconhecidos aos diversos andares. Ora esta mulher, de olhos brilhantes como os de um falcão, tinha se pura e simplesmente recusado a suportar a demora oficial e declarado com firmeza que o elevador não tinha quaisquer segredos para ela, e que não precisava de rapaz nenhum – nem de homem nenhum para o fazer andar. E, embora o apartamento dela ficasse apenas no terceiro andar, tinha conseguido, nos poucos segundos que durara a subida, presentear Flambeau com uma série de opiniões suas, expressas em tom ríspido; e tais opiniões consistiam na circunstância de ser ela uma mulher moderna, uma mulher que trabalhava e que apreciava intensamente tudo quanto fossem máquinas modernas. E aqueles olhos escuros tinham brilhado de irritação abstracta contra todos quantos recusam a ciência da mecânica e apelam a um retorno ao romantismo. Toda a gente devia saber operar máquinas, havia declarado, como ela própria sabia operar o elevador. E pareceu quase incomodada com o facto de Flambeau lhe ter aberto a porta do mesmo; posto aquilo, o cavalheiro seguiu para o seu apartamento com um sorriso nos lábios e um conjunto de sentimentos contraditórios à memória de tão irascível autoconfiança.

Ela tinha indubitavelmente o seu feitio, pragmático e irritadiço; os gestos que fazia com as mãos esguias e elegantes eram abruptos e mesmo destrutivos. Certa vez que entrara no escritório para tratar de um trabalho de dactilografia, Flambeau descobrira que Pauline tinha

acabado de atirar para o meio do chão uns óculos pertencentes à irmã e os tinha pisado furiosamente – indo já embalada numa tirada ética sobre os «doentios conceitos médicos» e a mórbida confissão de fraqueza pressupostos por aquele aparelho. E desafiava a irmã a que se atrevesse a voltar a pôr diante dos olhos aquela porcaria enfermiça e artificial, perguntando lhe se acharia natural que ela usasse pernas de pau, olhos de vidro ou uma cabeleira postiça, e enquanto isto dizia brilhavam lhe os olhos como o terrível cristal.

Flambeau, absolutamente espantado com semelhante fanatismo, não pôde conter se que não perguntasse à menina Pauline (com directa lógica francesa) porque razão lhe parecia que usar óculos era um sinal de fraqueza mais mórbida do que andar de elevador, e porque motivo achava que a ciência tinha autorização para nos ajudar no segundo caso, mas não no primeiro.

– É muito diferente – declarou altivamente Pauline Stacey. – As baterias, os motores e esse género de coisas são expressões da força do homem; exactamente, Sr. Flambeau, e também da força da mulher! Também chegará a nossa vez de nos ocuparmos dessas máquinas enormes, que devoram a distância e desafiam o tempo. E isso é uma tarefa elevada e esplêndida, isso é verdadeira ciência. Mas estas porcarias destes artefactos que os médicos nos vendem, estas coisas são estandartes de cobardia. Os médicos colam nos braços e pernas como se nós tivéssemos nascido doentes, aleijados, escravos. Mas eu nasci livre, Sr. Flambeau! As pessoas acham que precisam destas coisas porque foram educadas no medo, em vez de crescerem para o poder e a coragem, da mesma maneira que as palermas das amas recomendam às crianças que não olhem de frente para o sol, e elas não aprendem a fazê lo sem pestanejar. Ora bem, porque motivo há de haver uma estrela que eu não posso olhar de frente? Não será o sol a dominar me! Pelo contrário, insisto em o olhar de frente sempre que me apetecer.

– Os seus olhos – comentou Flambeau com uma francesa inclinação de cabeça – espantariam o sol. – Dava lhe prazer elogiar tão estranha e rígida beleza, em parte porque os elogios a desequilibravam ao de leve. Quando, porém, voltou para cima, para o seu escritório, soltou um profundo suspiro e um ligeiro assobio. «Quer dizer que ela caiu nas garras do manhoso lá de cima, e do seu olho dourado», pensou. Com efeito, por pouco que soubesse e quisesse saber acerca da nova religião de Kalon, já tinha ouvido falar daquela peculiar ideia de olhar o sol de frente.

Pouco tempo depois, descobriu que a peculiar ligação entre os ocupantes do andar acima e os do andar abaixo do seu era intensa e continuava a aumentar. O homem que dava pelo nome de Kalon era uma criatura magnífica, uma criatura digna (em sentido físico) de ser

pontífice de Apolo. Era quase tão alto como o próprio Flambeau, e muito mais bonito: barba loura, olhos azuis intensos, e uma juba de cabelo que parecia a de um leão. Em estrutura, era a besta loira de Nietzsche, mas toda esta beleza animal era ainda acentuada, elevada e suavizada pela genuína presença da intelectualidade e da espiritualidade. Se fosse parecido com um dos grandes reis saxónicos, seria parecido com um dos reis que também foram santos. E isto a despeito da incongruência de se encontrar num bairro popular; do facto de ter um escritório que ficava a meio de um prédio de Victoria Street; do facto de ter um funcionário (um jovem normalíssimo, que usava colarinho e botões de punho) sentado no gabinete exterior, entre ele próprio e o corredor; e do facto de ter o seu nome gravado numa placa de metal, e o emblema dourado do seu credo – que mais parecia um anúncio a um oculista – pendurado do lado de fora da janela. Mas toda esta vulgaridade não chegava para roubar a este homem que dava pelo nome de Kalon a vívida opressão e inspiração que lhe advinha da alma e do corpo. Tudo dito, o certo é que um homem que se encontrasse na presença deste charlatão tinha a impressão de se encontrar na presença de um grande homem. Nem o descontraído fato de linho que usava no escritório à laia de fato de trabalho o impedia de se apresentar como uma personagem formidável e fascinante; e, quando envergava as vestes brancas e se coroava com a auréola de ouro com que todos os dias fazia uma saudação ao sol, comunicava uma impressão de tal esplendor, que o riso dos transeuntes lhes morria subitamente nos lábios. Três vezes por dia saía o novo adorador do sol à varanda do seu escritório e, na presença de toda a Westminster, proferia uma ladainha ao seu luminoso deus: ao nascer do dia, ao pôr do sol e ao bater do meio dia. E foi ao bater do meio dia, ainda as badaladas ressoavam ao longe vindas das torres do Parlamento e da igreja adjacente, que o padre Brown, o amigo de Flambeau, pela primeira vez ergueu os olhos e avistou o branco sacerdote de Apolo.

Flambeau já tinha assistido a um número considerável destes cumprimentos diários a Febo, de maneira que avançou para o vestíbulo do prédio sem sequer verificar se o clérigo seu amigo vinha atrás dele. Mas o padre Brown, fosse ter um interesse profissional por rituais, fosse por ter um forte interesse pessoal por aldrabices, parou a observar o acto de culto ao sol que tinha lugar naquela varanda, como teria provavelmente parado a ver um espectáculo de marionetas. Kalon, o profeta, já se encontrava erecto, de vestes argênteas e braços erguidos, e a ladainha solar proferida por aquela voz estranhamente penetrante ouvia se em toda a extensão da movimentada rua. O profeta ia já a meio do ritual, de olhos fixos no disco flamejante. É duvidoso que visse alguém ou alguma coisa deste mundo; e é

substancialmente certo que não viu um sacerdote de cara redonda, que lá de baixo olhava para ele do meio da multidão, com ar espantado e piscando os olhos. E esta era talvez a maior diferença entre estes dois homens, já de si extremamente distanciados um do outro: o padre Brown não conseguia olhar para nada sem pestanejar, e o sacerdote de Apolo conseguia olhar para o brilho intenso do sol do meio dia sem mover uma pálpebra.

– Oh sol! – proclamava o profeta. – Oh estrela que tão grande és, que não lugar para ti entre as estrelas! Oh fonte que fluis suavemente para este local secreto chamado espaço! Pai branco de todas as coisas infatigavelmente brancas, das chamas brancas, das folhas brancas e dos brancos cumes. Pai, que és mais inocente do que os teus mais inocentes e discretos filhos; pureza primeva, em cuja paz…

Ouviu se uma carga e um estrépito semelhantes à carga invertida de um foguete, a que se seguiu uma gritaria estridente e incessante. Cinco pessoas acorreram à porta do prédio ao mesmo tempo que três pessoas vinham a sair lá de dentro, e por instantes as oito pessoas ensurdeceram se mutuamente. Por momentos, a sensação de um horror totalmente abrupto pareceu encher metade da rua de más notícias – notícias essas que eram tanto piores pelo facto de ninguém saber do que se tratava. Após o estrépito e a consequente agitação, duas figuras apenas permaneceram imóveis: o belo sacerdote de Apolo lá em cima na varanda, e o feio sacerdote de Cristo em baixo na rua.

Por fim, a figura alta e a energia titânica de Flambeau surgiram à porta do prédio, dominando a pequena multidão que ali se formara. Berrando que nem uma sirene, o detective ordenou a quem o queria ouvir que chamassem um médico; e, quando se voltou para regressar ao vestíbulo cheio de gente, o padre Brown entrou atrás dele sem se fazer notar. Enquanto seguia por entre a multidão, contornando um e passando por baixo de outro, o sacerdote continuava a ouvir a magnífica monotonia melodiosa do sacerdote solar, que continuava a apelar ao deus feliz que é o amigo das montanhas e das flores.

O padre Brown foi encontrar Flambeau e mais umas seis pessoas sentadas em redor do espaço por onde o elevador habitualmente descia. Acontece que o elevador não tinha descido; o que tinha descido era outra coisa, algo que, em situação normal, teria descido no elevador.

Nos últimos quatro minutos, Flambeau tinha estado a olhar para esta coisa, a observar a figura da bela mulher que negava a existência da tragédia; e esta figura estava agora coberta de sangue e com os miolos de fora. o detective não tivera a mais pequena dúvida de que se tratava de Pauline Stacey; e, embora tivesse mandado chamar um médico, também não tinha a menor dúvida de que ela estava morta.

Não se lembrava ao certo se ela lhe tinha agradado ou desagradado; o agrado e o desagrado que as pessoas suscitam em nós são relativos. O que sabia é que ela tinha sido uma pessoa para ele, e que um insustentável sentimento, feito de hábitos e de pormenores, o atingia agora em cheio: era a dor terrível da perda. Lembrava se da cara bonita e dos discursos presumidos desta mulher com uma súbita e secreta vivacidade, uma vivacidade que constitui toda a amargura da morte. Num instante, qual dardo nascido do nada, qual raio vindo não se sabe de onde, o belo e desafiador corpo tinha se afundado no poço aberto do elevador, ao encontro da morte que habitava no fundo do mesmo. Teria sido suicídio? Com tão insolente optimista, essa hipótese parecia impossível. Teria sido homicídio? Mas como era possível que, naquele prédio quase deserto, morasse um assassino? Numa fiada de palavras roucas, que pretendia que fossem viris e descobriu de repente que tinham sido fracas, perguntou onde estava o tal Kalon. Uma voz, habitualmente pesada, discreta e cheia, garantiu lhe que, nos últimos quinze minutos, Kalon tinha estado na varanda a prestar culto ao seu deus. Quando Flambeau ouviu aquela voz e sentiu a mão do padre Brown, voltou o rosto trigueiro e perguntou abruptamente:

– Se ele estava lá em cima quando isto aconteceu, quem poderá ter sido?

– Talvez seja boa ideia subirmos as escadas e irmos ver – sugeriu o outro. – Temos meia hora antes de a polícia chegar.

Deixando o corpo da herdeira morta ao cuidado dos médicos, Flambeau avançou a grande velocidade pelas escadas acima até ao escritório de dactilografia, que encontrou totalmente deserto, e seguiu depois para o seu. Tendo entrado, voltou a sair de repente, olhando para o amigo com uma expressão nova no rosto pálido.

– A irmã – disse com desagradável seriedade. – Parece que a irmã foi dar uma volta.

O padre Brown acenou com a cabeça.

– Ou então foi lá acima, ao escritório do homem do sol – replicou. – Se fosse a si, ia verificar, e depois vamos conversar para o seu escritório. Não – acrescentou de repente, como se se tivesse lembrado de qualquer coisa –, alguma vez me curarei de tamanha estupidez? Claro, no escritório delas, lá em baixo.

Flambeau ficou a olhar para ele, mas depois seguiu o padrezito pelas escadas abaixo, até ao apartamento – agora deserto – das Staceys, onde o impenetrável pastor deslocou uma grande cadeira de couro vermelho para a entrada, para um ponto de onde conseguia avistar as escadas e os patamares, e se sentou à espera. Não teve de esperar muito tempo. Cerca de quatro minutos depois, três figuras começaram a descer as escadas, três figuras que se assemelhavam

umas às outras apenas na solenidade de gestos. A primeira era Joan Stacey, a irmã da morta, que tinha evidentemente estado no andar de cima, no templo provisório de Apolo; a segunda era o próprio sacerdote de Apolo que, terminada a ladainha, descia as escadas desertas em toda a sua magnificência – e havia naquelas vestes brancas, na barba e no cabelo de risco ao meio algo que lembrava o Cristo deixando o pretório, de Doré; a terceira era Flambeau, de sobrolho intensamente franzido e com uma expressão algo espantada.

Joan Stacey, morena, de expressão carregada e cabelo prematuramente grisalho, dirigiu se à secretária que ocupava e arrumou os papéis com gestos práticos. Aquele simples acto devolveu a sanidade a todos os presentes. Se Joan Stacey era uma criminosa, então era uma criminosa muito fria. O padre Brown observou a durante algum tempo com um estranho sorriso nos lábios, e depois, sem tirar os olhos dela, dirigiu se aos restantes presentes.

– Profeta – começou, dirigindo se presumivelmente a Kalon –, gostava que me falasse muito sobre a sua religião.

– Terei todo o orgulho em o fazer – respondeu Kalon, inclinando a cabeça, onde ainda ostentava a coroa. – Mas não sei bem se estou a compreendê lo.

– Bem, passa se o seguinte – disse o padre Brown ao seu estilo francamente hesitante. – Ensinaram nos que, quando um homem tem princípios francamente maus, a culpa é, em parte, dele. Apesar disso, podemos estabelecer uma distinção entre um homem que age contra a sua consciência bem formada e um homem que tem uma consciência mais ou menos nublada por argumentos sofísticos. Ora bem, o senhor acha realmente que não se pode matar?

– Isso é uma acusação? – perguntou Kalou com muita calma.

– Não – respondeu o padre Brown com igual calma. – É um discurso de defesa.

Caiu sobre aquele gabinete um prolongado (e espantado) silêncio, durante o qual o profeta de Apolo se levantou devagar; e parecia mesmo que era o sol que estava a nascer, pois o homem encheu de tal maneira o compartimento de luz e de vida, que a pessoa ficava com a sensação de que ele não teria dificuldade nenhuma em encher de luz e de vida uma extensa planície. Aquele corpo vestido de branco parecia preencher o espaço adjacente a ele de roupagens clássicas, os seus gestos épicos pareciam abrir grandiosas paisagens, a ponto de, a certa altura, a figurinha preta do moderno clérigo se começar a assemelhar a um erro, a uma intrusão, a uma mancha redonda e preta no esplendor da Hélade.

– Encontramo nos por fim, Caifás – declarou o profeta. – A sua igreja e a minha são as únicas realidades deste mundo. Eu adoro o sol,

o senhor adora o escurecimento do sol, o senhor é o sacerdote dos moribundos, eu sou o sacerdote do deus vivo. O seu presente trabalho de suspeita e calúnia está de acordo com a sua veste e o seu credo. A sua igreja mais não é que uma negra polícia, um conjunto de espiões e detectives que a única coisa que desejam é arrancar aos outros confissões de culpa, seja por meio da tortura ou da traição. Os senhores querem acusar os homens da prática de crimes, eu quero acusá los da inocência. Os senhores querem convencê los do pecado, eu quero convencê los da virtude.

– Leitor de livros do mal, uma palavra mais, apenas antes de eu fazer desaparecer para sempre os seus pesadelos sem fundamento. Nem por sombras é o senhor capaz de compreender o pouco que me importa que possa acusar me ou não. As coisas a que chama desgraça e horrível condenação valem para mim o mesmo que vale para um homem adulto um ogre de uma história infantil. Afirmou que estava a propor me um discurso de defesa. Pois a mim importa me tão pouco a terra de nuvens que é esta vida, que vou propor lhe um discurso de acusação. Nesta matéria, há só uma coisa que se pode dizer contra mim, e serei eu a dizê la. A mulher que morreu era o meu amor e a minha noiva; não o era à maneira daquilo a que as vossas capelas de lata chamam uma ligação legal, mas era o de acordo com uma lei muito mais pura e muito mais grave, de uma lei que o senhor nunca será capaz de compreender. Ela e eu vivíamos num mundo diferente do vosso, frequentávamos palácios de cristal enquanto o senhor circula por túneis e corredores de tijolo. Ora, eu sei que os polícias, sejam eles teológicos ou outros, consideram sempre que onde houve amor terá pouco depois de haver ódio – e aí tem à sua disposição o primeiro elemento da acusação. Mas o segundo elemento é ainda mais decisivo, e não lho esconderei. Não só é verdade que Pauline me amava, como é igualmente verdade que ainda esta manhã, antes de morrer, escreveu sentada àquela secretária um testamento em que legava meio milhão de libras, a mim pessoalmente e à minha igreja. Vamos, onde estão as algemas? Acha que me preocupam as coisas absurdas que pode fazer me? A servidão da penitenciária será o mesmo que estar à espera dela à beira da estrada. A forca será o mesmo que ir ter com ela a grande velocidade.

Falava com a arrebatadora autoridade de um orador, e tanto Flambeau como Joan Stacey olhavam para ele com admiração. O rosto do padre Brown parecia nada expressar, à excepção de uma angústia extrema; o sacerdote tinha os olhos postos no chão e uma ruga de dor a meio da testa. O profeta do sol encostou se descontraidamente à prateleira do fogão de sala e prosseguiu:

– Em poucas palavras, apresentei lhe aquilo que existe contra mim, a única coisa que pode existir contra mim. E em ainda menos palavras

destruirei essa hipótese, de tal maneira que dela não restará um vestígio sequer. Quanto à possibilidade de eu ter cometido este crime, a verdade pode ser condensada numa simples frase: eu não tive hipótese de cometer este crime. Pauline Stacey caiu deste andar lá para baixo cinco minutos depois das doze. Não terei qualquer dificuldade em localizar uma centenas de pessoas dispostas a testemunhar em tribunal que eu estive lá em cima, na varanda do meu apartamento, desde que soou a derradeira badalada das doze até ao meio dia e um quarto, que é o período habitual das minhas orações públicas. O meu funcionário, que é um respeitável jovem de Clapham sem qualquer espécie de relação comigo, jurará que esteve sentado no gabinete exterior toda a manhã, e que não passou por ali ninguém. Jurará igualmente que eu cheguei uns bons dez minutos antes da hora, ou seja, quinze minutos antes de se começar a falar do acidente, e que durante todo esse período não deixei o escritório nem a varanda. Nunca ninguém teve álibi tão completo; posso chamar a tribunal metade de Westminster. Parece me melhor voltar a arrumar as algemas. O caso termina aqui.

– E por fim, para que não reste mesmo qualquer vestígio desta idiota suspeição, dir lhe ei tudo quanto deseja saber. Com efeito, julgo saber como foi que a minha infeliz amiga conheceu a morte. Pode mesmo responsabilizar me por esse facto, se assim desejar, a mim ou pelo menos à minha fé e à minha filosofia; mas não poderá prender me. Todos os estudiosos das verdades superiores sabem perfeitamente que, ao longo da história, houve adeptos e iluminados que alcançaram a capacidade de levitação, ou seja, de se sustentarem no ar. Trata se, muito simplesmente, de uma parte da conquista geral da matéria que é o principal elemento da nossa sabedoria oculta. A pobre Pauline tinha um temperamento ambicioso e impulsivo. Para lhes dizer a verdade, estou convencido de que pensou estar mais avançada no culto dos mistérios do que efectivamente estava; e disse me várias vezes, quando descíamos juntos pelo elevador, que se a pessoa tivesse uma vontade suficientemente firme, seria capaz de flutuar como uma pena. Estou solenemente persuadido de que, num êxtase de nobres pensamentos, ela terá tentado levar à prática esse milagre. No instante crucial, a vontade, ou a confiança, devem ter lhe faltado, e a lei inferior da matéria exerceu a sua horrível vingança. E foi assim que as coisas se passaram, meus senhores. Foi uma coisa muito triste, muito presunçosa e perversa, mas não se tratou de maneira nenhuma de um crime, e eu não tive nada a ver com o assunto. No jargão dos tribunais, pode se dizer que se tratou de um suicídio; por mim, direi sempre que foi um heróico fracasso em prol do progresso da ciência e da lenta escalada dos céus.

Era a primeira vez que Flambeau via o padre Brown ser derrotado.

O sacerdote permaneceu sentado a olhar para o chão, a testa coberta de rugas e de dor, como que envergonhado. Era impossível escapar ao sentimento que as palavras do profeta tinham fomentado: o de que o homem taciturno que era um profissional da suspeita tinha sido vencido pelo espírito orgulhoso e superior, amante da saúde e da liberdade natural. Pestanejando como se estivesse fisicamente incomodado, o padre Brown disse finalmente:

– Bem, meu caro senhor, se assim é, a única coisa que lhe resta fazer é pegar no testamento a que fez referência e ir se embora. Pergunto a mim próprio onde o terá deixado a pobre senhora.

– Deve estar aí em cima da secretária dela, ao pé da porta, penso eu – respondeu Kalon, com uma grandiosa inocência de gestos que parecia ilibá lo por completo. – Ela disse me especificamente que tencionava escrevê lo esta manhã, e eu vi a escrever quando passei no elevador para o meu apartamento.

– Quer dizer que a porta deste apartamento estava aberta? – perguntou o padre Brown com os olhos fixos na esquina do tapete.

– Estava – respondeu Kalon com toda a calma.

– Ah! E tem estado aberta desde essa altura – comentou o outro, retomando o estudo silencioso do tapete.

– Está aqui um papel – observou Joan numa voz um tanto singular. Tinha se deslocado para junto da secretária da irmã, que ficava à porta do escritório, e estava com uma folha de papel azul na mão. Tinha no rosto um sorriso azedo, um sorriso que parecia inadequado, quer à cena, quer à ocasião, e Flambeau olhou para ela com o sobrolho franzido.

Kalon, o profeta, manteve a sua distância do papel com o mesmo desinteresse leal que tinha demonstrado durante toda a exposição. Mas Flambeau recebeu o das mãos da jovem, e leu o com enorme pasmo. O escrito começava de facto com a habitual formalidade de um testamento mas, depois das palavras «Lego tudo quanto possuir no momento da minha morte», a escrita interrompia se bruscamente, dando lugar a uma série de gatafunhos, e não se viam vestígios do nome do legatário dos bens. Intrigado, Flambeau estendeu o truncado testamento ao amigo, que o leu com brevidade e em silêncio, passando o em seguida ao sacerdote do sol.

Instantes depois, aquele pontífice tinha atravessado o escritório com duas grandes passadas, arrastando atrás de si as esplêndidas vestes, e aproximara se de Joan Stacey, a quem se dirigiu do cimo da sua considerável altura, os olhos azuis a saltarem lhe das órbitas.

– Mas que partidas andou você a pregar? – berrou. – Não foi só isto que Pauline escreveu.

Todos os presentes tiveram um sobressalto quando o ouviram falar

num tom de voz que não conheciam, e no qual se lia uma estridência ianque. O sacerdote de Apolo tinha abandonado o porte majestoso e a pronúncia inglesa como quem tira um casaco.

– Não há mais nada em cima da secretária dela – respondeu Joan, olhando o de frente com toda a calma e com o mesmo sorriso desagradável.

De um momento para o outro, o homem desatou a proferir um chorrilho de blasfémias e uma torrente de expressões de incredulidade. Havia qualquer coisa de chocante naquele tirar da máscara; era como se estivesse a cair lhe da frente a verdadeira cara.

– Oiça bem o que eu lhe vou dizer – berrou num americano aberto, ofegante de tanto praguejar. – Eu posso ser um aventureiro, mas você é uma assassina. Sim, meus senhores, aqui têm a verdadeira explicação desta morte, e nem precisam de recorrer à levitação. A pobre rapariga está a escrever um testamento a meu favor; entra a maldita irmã, agarra lhe na caneta, arrasta a para o poço do elevador, e atira a dali abaixo para que ela não consiga terminá lo. Valha me! Parece que afinal sempre vamos precisar das algemas.

– Como bem fez notar – retorquiu Joan com uma calma ameaçadora –, o seu funcionário é um jovem respeitável, e sabe o que é um juramento. E ele há de jurar em qualquer tribunal que eu estive lá em cima no seu escritório a tratar de um trabalho de dactilografia cinco minutos antes e cinco minutos depois de a minha irmã ter caído. O Sr. Flambeau também poderá dizer lhes que foi precisamente ali que me encontrou.

Fez se silêncio.

– Nesse caso – exclamou Flambeau –, Pauline estava sozinha quando caiu e tratou se de um suicídio!

– Ela estava sozinha quando caiu – confirmou o padre Brown –, mas não se tratou de um suicídio.

– Então como foi que ela morreu? – perguntou Flambeau, impaciente.

– Foi assassinada.

– Mas se estava sozinha… – objectou o detective.

– Foi assassinada quando estava completamente sozinha – respondeu o sacerdote.

Os outros olharam para ele, mas o padre permanecia sentado, na mesma posição abatida, com uma ruga na testa redonda e uma aparência de vergonha e dor impessoais; expressava se numa voz triste e desprovida de expressão.

– Aquilo que eu quero saber – berrou Kalon, juntando ao pedido uma imprecação – é quando é que a polícia vem buscar esta irmã

perversa e assassina. Ela matou alguém que era carne da sua carne e sangue do seu sangue; e roubou me meio milhão de libras, que eram minhas e muito minhas, e sagradas…

– Vamos, vamos, profeta – interrompeu o Flambeau com uma expressão de troça –, não se esqueça de que este mundo é uma terra de nuvens.

O hierofanta do deus sol fez um esforço para voltar a trepar para o seu pedestal.

– Não se trata apenas do dinheiro – berrou –, embora ele me permitisse equipar a causa em todo o mundo. Trata se igualmente da vontade da minha amada. Para Pauline, isto era sagrado. Aos olhos de Pauline…

O padre Brown pôs se muito direito, levantando se tão de repente que a cadeira onde estava sentado caiu para trás. Apresentava uma palidez de morte, mas parecia incendiado de esperança e brilhavam lhe os olhos.

– É isso! – exclamou numa voz límpida. – É por aí que temos de começar. Aos olhos de Pauline…

O profeta gigante recuou perante o padre anão com ademanes de quase loucura.

– O que quer o senhor dizer com isso? Como se atreve? – exclamava repetidamente.

– Aos olhos de Pauline – repetiu o padre, e os seus olhos brilhavam cada vez mais intensamente. – Prossiga! Em nome de Deus, prossiga. O mais terrível crime jamais cometido deixa de pesar tanto depois de confessado; e eu imploro lhe que confesse. Prossiga, prossiga! Aos olhos de Pauline…

– Solte me, seu demónio! – bradou Kalon, agitando se de tal maneira, que parecia um gigante amarrado. – Quem é o senhor, seu espião maldito, que tece teias de aranha à minha volta, que espreita e detecta? Solte me!

– Quer que o detenha? – perguntou Flambeau, avançando a passos largos para a saída, porque Kalon já tinha aberto a porta para trás.

– Não, deixe o passar – respondeu o padre Brown com um estranho e profundo suspiro, que parecia provir das profundezas do universo. – Deixe passar Caim, porque Caim pertence a Deus.

Depois de o homem sair, fez se na sala um profundo e prolongado silêncio, que foi uma longa agonia de interrogação para a feroz inteligência de Flambeau. Joan Stacey arrumava os papéis que tinha em cima da secretária com grande descontracção.

– Padre – disse Flambeau por fim –, é meu dever, e não se trata apenas de curiosidade, é meu dever descobrir, se puder, quem

cometeu este crime.

– Qual crime? – perguntou o padre Brown.

– Aquele que estamos a investigar, evidentemente – respondeu o amigo, já impaciente.

– Nós estamos a investigar dois crimes – esclareceu o padre Brown –, crimes que têm pesos muito diferentes e que foram cometidos por criminosos muito diferentes.

Tendo recolhido e arrumado todos os papéis, Joan Stacey procedeu a trancar a secretária. O padre Brown prosseguiu, dando lhe tão pouco atenção como a que ela lhe dava a ele.

– Os dois crimes – observou – foram cometidos contra a mesma fraqueza da mesma pessoa, numa luta pela posse do seu dinheiro. O autor do crime maior foi enganado pelo crime mais pequeno; o autor do crime mais pequeno ficou com o dinheiro.

– Oh, não esteja com palestras – gemeu Flambeau. – Resuma os acontecimentos.

– Posso resumi los a uma palavra – retorquiu o amigo.

Joan Stacey pôs o chapéu preto na cabeça, ligeiramente de lado, lançando um olhar preto a um espelhinho portátil para ver como estava, e, enquanto prosseguia a conversa entre os dois homens, pegou calmamente na carteira e no guarda chuva e saiu do escritório.

– A verdade numa palavra, e é uma palavra curta – disse o padre Brown. – Pauline Stacey era cega.

– Cega! – exclamou Flambeau, e pôs se lentamente em pé, até alcançar toda a extensão da sua estatura.

– Era uma doença de família – prosseguiu o padre Brown. – A irmã teria começado a usar óculos de sol se Pauline lho tivesse permitido; mas ela tinha uma filosofia muito própria, ou melhor, uma fantasia, e achava que não se devia dar alento a estas doenças cedendo aos seus efeitos. Recusava se a admitir a presença da nuvem; ou tentava dissolvê la por acção da vontade. De maneira que foi vendo cada vez menos, em consequência do esforço que fazia. Mas o pior ainda estava para vir. E chegou na pessoa deste notável profeta, ou lá como é que ele se chama, que a ensinou a olhar para o sol a olho nu. Chamava lhe ele a aceitação de Apolo. Oh, se estes novos pagãos fossem como os antigos pagãos, sempre seriam mais sensatos! Porque os antigos pagãos sabiam que o culto nu da natureza tinha um lado cruel. Sabiam perfeitamente que o olhar de Apolo pode destruir e cegar.

Fez se uma pausa, após a qual o sacerdote prosseguiu, num tom suave e pejado de tristeza.

– Não sei se aquele demónio a cegou deliberadamente, mas o que sei é que a matou deliberadamente devido à cegueira. O crime é de

uma simplicidade doentia. Como sabe, ele e ela subiam e desciam sozinhos naqueles elevadores; e sabe também que os elevadores são extremamente suaves e silenciosos. Kalon trouxe o elevador até ao patamar da jovem e, pela porta aberta, viu a escrever, com os habituais gestos lentos de quem não vê, o testamento que lhe tinha prometido. Cumprimentou a jovialmente, dizendo lhe que tinha o elevador à espera dela, e convidando a a sair quando quisesse. Depois, carregou num botão e prosseguiu em silêncio para o andar de cima, entrou no escritório e dirigiu se à varanda, aonde se encontrava, são e salvo, a rezar na presença de uma multidão quando a pobre rapariga, tendo concluído a sua tarefa, correu alegremente para onde esperava que o amante e o elevador a recebessem, e deu um passo…

– Não diga mais nada! – bradou Flambeau.

– Ele devia ter ficado com meio milhão pelo simples facto de ter carregado naquele botão – prosseguiu o padrezito, no tom de voz desprovido de expressão com que falava deste género de horrores. – Mas a coisa correu mal. E correu mal porque havia outra pessoa que também queria o dinheiro, e que também estava a par do segredo da cegueira de Pauline. Havia um pormenor naquele testamento em que me parece que ninguém reparou: embora estivesse inacabado e sem assinatura, já tinha sido assinado pela outra irmã Stacey e por uma criada, na qualidade de testemunhas. Joan tinha o assinado primeiro, com aquele desprezo tipicamente feminino pelas regras legais, declarando que Pauline podia concluí lo noutra altura. Ou seja, Joan não queria que Pauline assinasse o testamento na presença das testemunhas. Porquê? Pensei na cegueira, e cheguei à conclusão de que ela queria que Pauline o assinasse sozinha porque não queria que ela chegasse a assiná lo.

– As pessoas do género das Staceys só usam canetas de tinta permanente; era o caso de Pauline. Por hábito, e por um enorme esforço de vontade e de memória, a jovem era capaz de escrever quase tão bem como se visse; mas não conseguia perceber quando a tinta da caneta tinha acabado. Por esse motivo, a irmã enchia lhe cuidadosamente as canetas de tinta permanente; todas menos esta. Joan teve o cuidado de não encher esta caneta, de maneira que o que restava da tinta permitiu lhe escrever as primeiras linhas, mas o testamento ficou por ali. E o profeta perdeu quinhentas mil libras e foi em vão que cometeu um dos mais brutais e mais engenhosos homicídios de que há notícia na história humana.

Flambeau dirigiu se à porta e ouviu a polícia subir as escadas. Voltando se, comentou:

– Para ter conseguido descobrir que o criminoso era Kalon em dez minutos, o senhor tem de ter seguido os acontecimentos de muito

perto.

O padre Brown teve uma espécie de sobressalto.

– Para descobrir que tinha sido ele? Oh não! – exclamou. – O difícil foi descobrir o que Joan Stacey tinha feito com a caneta de tinta permanente. Quando a Kalon, já antes de ter entrado no prédio eu sabia que o criminoso era ele.

– Está a brincar! – exclamou Flambeau.

– Falo muito a sério – respondeu o sacerdote. – Repito lhe que sabia que tinha sido ele ainda antes de saber o que ele tinha feito.

– Mas como?

– Estes pagãos estóicos revelam se sempre pela força que têm – respondeu o padre Brown com ar pensativo. – Ouviu se uma pancada e um grito lá em baixo na rua, e o sacerdote de Apolo nem se assustou nem olhou em volta. Eu não sabia o que tinha sucedido. Mas percebi que ele estava à espera de que aquilo sucedesse.

O SINAL DA ESPADA PARTIDA

Os milhares de braços da floresta eram cinzentos, e os seus milhões de dedos prateados. Num céu de ardósia verde azulado muito escuro, as estrelas, frias e brilhantes, pareciam pedacinhos de vidro. E esta extensão campestre, espessamente arborizada e esparsamente povoada, estava coberta por uma camada de gelo agressiva e quebradiça. Os espaços negros entre os troncos das árvores faziam lembrar as cavernas negras e intermináveis do inferno escandinavo, que era um inferno de um frio incalculável. Até a torre da igreja, uma torre quadrada de pedra, tinha um ar de tal maneira nórdico que parecia pertencer a um rito pagão, qual torre bárbara localizada entre as rochas do mar da Islândia. Era uma noite peculiar para se andar a explorar um cemitério. Mas, por outro lado, talvez valesse a pena explorá lo.

O cemitério surgia abruptamente do meio das extensões de árvores, parecendo uma espécie de corcunda ou de ombro de verdura, tornada cinza pela luz das estrelas. A maior parte das campas ficava num declive e a vereda que ia dar à igreja era íngreme como uma escada. No alto da colina, em lugar plano e proeminente, ficava o monumento que tornava famoso aquele local, e que contrastava estranhamente com as campas que o rodeavam, pois estas eram lisas e indistintas enquanto o referido monumento era obra de um dos maiores escultores da moderna Europa; apesar disso, a fama do escultor ficava imediatamente ofuscada pela fama do homem representado. Nele se via, com efeito, ao toque dos pequeníssimos lápis de prata emitidos pelas estrelas, uma gigantesca figura de metal de um soldado reclinado, as mãos fortes juntas num gesto de adoração eterna, a enorme cabeça repousando sobre uma espingarda. A venerável face ostenta barba e bigodes clássicos, de respeito, e o uniforme, embora sugerido com umas quantas pinceladas simples, é o da guerra moderna. À sua direita tem uma espada com a ponta partida; à esquerda, uma bíblia. Nas tardes mais soalheiras de sábado, chegam a este local camionetas cheias de americanos e de habitantes cultos dos subúrbios, que vêm ver o sepulcro; mau grado o sol, porém, a vasta floresta, a cúpula atarracada da igreja e o cemitério não deixam nunca de lhes parecer estranhamente mudos e abandonados. Ora, na gelada escuridão de meio do Inverno, a pessoa tem a sensação de estar sozinha com as estrelas. No entanto, no silêncio daqueles bosques hirtos, guinchou um portão de madeira, e duas figuras indistintas, ambas vestidas de preto, subiram a vereda que ia dar ao túmulo.

Tão débil era a frígida luz das estrelas que era impossível dizer fosse o que fosse acerca delas, a não ser que, vestindo ambas de preto, uma era a de um homem extremamente alto e a outra a de um homem (talvez por contraste) espantosamente baixo. Os dois companheiros subiram juntos até ao túmulo do histórico combatente, e deixaram se ficar a olhar para ele durante uns minutos. Não havia outro ser humano, é bem possível que não houvesse sequer outro ser vivo muitas milhas em redor, e uma fantasia mórbida poderia bem ter suscitado a dúvida quanto à humanidade destas duas personagens. Fosse como fosse, o começo da conversa entre os dois teria sempre parecido bizarro. Após o primeiro silêncio, o homem mais baixo perguntou ao outro:

– Onde é que um homem inteligente esconde um seixo?

Ao que o homem alto respondeu, em voz baixa:

– Numa praia.

O homem baixo acenou com a cabeça e, após um curto silêncio, perguntou:

– Onde é que um homem inteligente esconde uma folha?

E o outro respondeu:

– Numa floresta.

Seguiu se novo silêncio, a seguir ao qual o homem alto insistiu:

– Quer dizer que, quando um homem inteligente tem de esconder um diamante verdadeiro, o esconde no meio de diamantes falsos?

– Não, não – respondeu o homem baixo com uma pequena gargalhada. – O que lá vai, lá vai.

Bateu com os pés no chão durante uns momentos para afugentar o frio e depois disse:

– Não estava a pensar nisso, estava a pensar noutra coisa, numa coisa bastante estranha. Não se importa de acender um fósforo?

O homem alto procurou no bolso, raspou um fósforo na pedra e um brilho dourado pintou toda a lateral do monumento, que era lisa. Era aqui que estavam gravadas, em letra preta, as famosas palavras que muitos americanos haviam lido com reverência: «Consagrado à memória do general Sir Arthur St Clare, herói e mártir, que sempre venceu os inimigos e sempre os poupou, e que acabou ser morto por eles à traição. Que Deus, em quem confiava, o recompense e o vingue.»

O fósforo queimou os dedos do homem alto, enegreceu e desfez se. O homem preparava se para acender outro, mas o companheiro de baixa estatura deteve o.

– Já chega, Flambeau, meu velho. Já vi o que queria ver. Ou antes, não vi o que não queria ver. E agora, temos de percorrer mais de dois

quilómetros de estrada até à próxima estalagem, e eu vou tentar contar lhe a história. Porque Deus sabe que um homem deve estar sentado diante de uma lareira e ter a seu lado um copo de cerveja quando se atreve a contar uma história destas.

Desceram a escarpada vereda, voltaram a trancar o portão ferrugento e avançaram pela estrada da floresta, fazendo quebrar o gelo com passos sonoros e decididos. Tinham percorrido um bom meio quilómetro quando o homem mais baixo voltou a falar.

– Sim, um homem inteligente esconde um seixo numa praia – comentou. – Mas o que faz ele quando não encontra uma praia? Alguma vez ouviu falar do que aconteceu ao grande St Clare?

– Nada sei acerca dos generais ingleses, padre Brown – respondeu o homem grande com uma gargalhada –, embora saiba alguma coisa sobre os polícias ingleses. Só sei que o padre me arrastou para uma dança extremamente demorada, fazendo me visitar todos os santuários jamais erigidos a este sujeito, que não sei quem é. A pessoa até fica com a sensação de que ele foi sepultado em seis locais diferentes. Vi o monumento ao general St Clare que se encontra na Abadia de Westminster, vi uma arrojada estátua ao general St Clare que existe no Embankment, vi um medalhão a St Clare erguido na rua onde ele viveu, e hoje o padre arrastou me, já depois de caída a noite, para este cemitério de província onde se encontra o caixão dele. Começo a ficar ligeiramente cansado de tão magnífica personalidade, em especial porque não sei minimamente de quem se tratava. De que anda o padre à procura em todas estas criptas e todas estas efígies?

– Ando apenas à procura de uma palavra – respondeu o padre Brown. – De uma palavra que não encontrei.

– Bem – prosseguiu Flambeau –, quer contar me a história?

– Tenho de a dividir em duas partes – observou o padre. – Primeiro, vou contar lhe aquilo que toda a gente sabe; depois, aquilo que eu sei. Ora bem, aquilo que toda a gente sabe é curto e muito simples. Por outro lado, é totalmente falso.

– Tem muita razão – comentou jovialmente o homem alto chamado Flambeau. – Comecemos pela parte que é falsa. Comecemos por aquilo que toda a gente sabe e que não é verdade.

– Se não é inteiramente falsa, é pelo menos altamente inadequada – prosseguiu Brown –, porque a verdade é que tudo aquilo que o público sabe se resume precisamente ao seguinte: o público sabe que Arthur St Clare foi um grande general inglês e um homem que alcançou enormes êxitos. O público sabe que, depois de ter procedido a campanhas esplêndidas, mas cautelosas, tanto na Índia como em África, era ele que estava ao comando das nossas tropas quando Olivier, o grande patriota brasileiro, nos lançou o ultimato. Sabe que

nessa ocasião St Clare atacou Olivier à cabeça de um pequeno exército, quando o brasileiro chefiava um exército enorme, tendo sido capturado após resistência heróica. E sabe que, depois de ter sido capturado, e para grande horror do mundo civilizado, foi enforcado na árvore mais próxima, aonde seria encontrado depois de os brasileiros terem retirado, com a espada partida pendurada ao pescoço.

– E essa história conhecida do povo é falsa? – sugeriu Flambeau.

– Não – replicou o amigo baixinho. – A história é verdadeira, pelo menos até certo ponto.

– Bem, a mim chega me esse ponto! – declarou Flambeau. – Mas, se esta história é verdadeira, onde é que reside o mistério?

Passaram por várias centenas de árvores cinzentas e fantasmagóricas antes de o padrezito responder.

– O mistério é um mistério de psicologia – declarou, mordendo reflexivamente o polegar. – Ou antes, um mistério de duas psicologias. Naquela história do Brasil, dois dos homens mais famosos da história moderna tiveram comportamentos que estão em contradição directa com a sua personalidade. Repare bem, tanto St Clare como Olivier eram heróis, heróis da velha guarda, sem quaisquer ambiguidades. O combate entre eles foi semelhante ao que opôs Heitor e Aquiles. Diga me pois, o que acharia você de uma situação em que Aquiles agisse como um cobarde e Heitor fosse traiçoeiro?

– Continue – pediu o homem alto com impaciência, porque o outro voltara a morder o dedo.

– Sir Arthur St Clare era um militar com o espírito religioso de antigamente, o mesmo espírito que nos salvou durante o Motim da Índia – prosseguiu Brown. – Sempre se tinha preocupado mais com o cumprimento do dever do que com a ostentação e, a despeito da grande dose de coragem pessoal que o caracterizava, era também um comandante prudente, que se indignava especialmente quando assistia à perda desnecessária de vidas. Contudo, neste derradeiro combate, empreendeu algo que até uma criança teria percebido que era absurdo. Não é preciso ser um estratega consumado para perceber que o que ele fez foi uma loucura rematada, como também não é preciso ser estratega para a pessoa não se pôr à frente de um comboio em marcha. Pois bem, esse é o primeiro mistério: o que terá passado pela cabeça do general inglês? O segundo enigma é: o que terá passado pelo coração do general brasileiro? Havia quem chamasse ao presidente Olivier um visionário, como havia quem lhe chamasse um maçador; mas até os inimigos tinham de reconhecer que ele era magnânimo a um ponto inconcebível. Libertou quase metade dos prisioneiros que fez, chegando mesmo a cobrir alguns deles de favores. Os que o tinham atacado despediam se dele comovidos com a

simplicidade e a doçura deste homem. Porque razão terá exercido esta diabólica vingança uma única vez na vida, e logo relativamente a um ataque específico que nem sequer o afectou especialmente? Pois bem, aí tem. Um dos homens mais inteligentes do mundo cometeu um acto de estupidez sem razão. Um dos homens mais bondosos do mundo cometeu um acto de maldade sem razão. E este é o resumo dos acontecimentos. Deixo os à sua consideração, meu rapaz.

– Não deixa, não – replicou o outro, resfolegando. – Eu é que os ponho à sua consideração, e o senhor vai fazer o favor de me explicar tudo.

– Pois bem – prosseguiu o padre Brown –, seria injusto afirmar que a impressão do público se reduz àquilo que eu acabei de dizer, sem lhe juntar as duas coisas que depois se passaram. Não posso dizer que esclareçam melhor o assunto, porque são coisas que ninguém consegue compreender. A verdade é que obscurecem a questão em vários sentidos. A primeira foi a seguinte. O médico de família dos St Clares entrou em conflito com a família e começou a publicar uma violenta série de artigos, em que afirmava que o falecido general era um maníaco da religião; ao que parece, isto significava que ele pouco mais era do que um simples crente.

– Seja como for, o assunto esmoreceu. Toda a gente sabia, evidentemente, que St Clare tinha as excentricidades típicas da piedade puritana. O segundo incidente é bastante mais chamativo. Do infeliz regimento que procedeu ao temerário e solitário ataque do Rio Negro fazia parte um tal capitão Keith, que na altura estava noivo da filha de St Clare, e que veio posteriormente a casar se com ela. Foi um dos homens que foram capturados por Olivier e parece ter sido, à semelhança dos outros todos excepto o general, tratado com grande liberalidade e rapidamente libertado. Cerca de vinte anos mais tarde, este homem, que entretanto ascendera à categoria de tenente coronel, publicou uma espécie de autobiografia intitulada *Um oficial britânico na Birmânia e no Brasil*; ora, na passagem aonde o leitor vai ansiosamente à procura de informações que esclareçam o mistério do desastre de St Clare, encontra as seguintes palavras: «Em todas as passagens deste livro narrei as coisas exactamente como se passaram, pois sou adepto da clássica teoria de que a glória de Inglaterra tem força suficiente para se aguentar sem mentiras. Abrirei contudo uma excepção no que diz respeito à derrota do Rio Negro; e as razões que tenho para o fazer, embora particulares, são honrosas e ponderosas. Acrescentarei contudo o seguinte, a fim de fazer justiça à memória de dois grandes homens. O general St Clare foi acusado de incompetência nesta ocasião; mas eu posso testemunhar que o acto que cometeu, se adequadamente compreendido, foi dos mais brilhantes e sagazes da sua vida. Por seu turno, o presidente Olivier é, na mesma ocasião,

acusado de injustiça selvática; pois a mim parece me que é justo afirmar, em homenagem à honra de um inimigo, que ele se comportou com uma dose ainda mais pronunciada da sua habitual bondade. Dizendo as coisas de modo simples e directo, posso garantir aos meus compatriotas que nem St Clare foi, de maneira nenhuma, tão louco, nem Olivier tão brutal como pareceram. E nada mais tenho a dizer sobre o assunto, nem qualquer consideração mundana me induzirá a acrescentar uma palavra que seja ao assunto.»

Uma grande lua gelada, que mais parecia uma lustrosa bola de neve, começara a aparecer por entre o emaranhado de ramagens que tinham diante, o que permitiu ao narrador refrescar a sua memória relativamente às palavras do texto do capitão Keith lendo as num pedacito de papel. Quando o padre Brown dobrou o papel e voltou a metê lo no bolso, Flambeau interveio com um gesto de mão tipicamente francês.

– Espere um pouco, espere um pouco – exclamou muito excitado. – Estou convencido de que consigo adivinhar à primeira.

E seguiu em frente, respirando com intensidade, a cabeça morena e o pescoço taurino inclinados para diante, mais se parecendo com um homem que estava a disputar uma corrida a passo. O padrezito, divertido e interessado, estava com alguma dificuldade em lhe acompanhar o passo com o seu trote mais lento. Na frente deles, as árvores distanciavam se ao de leve para a esquerda e a direita, e a estrada começava a descer, passando depois por um vale limpo e banhado pelo luar, até mergulhar outra vez, qual coelho assustado, no muro de novo bosque. A entrada na floresta seguinte parecia pequena e redonda como o buraco negro de um remoto túnel de caminho de ferro. Mas os dois amigos tinham avançado já bastantes metros, e sido como que engolidos por uma caverna de negrume, quando Flambeau voltou a falar.

– Já sei! – exclamou por fim, dando uma palmada na coxa com a enorme mão. – Pensei quatro minutos e consigo contar lhe a história toda.

– Muito bem – assentiu o amigo –, conte a então.

Flambeau levantou a cabeça, mas baixou a voz.

– O general Sir Arthur St Clare – começou – era de uma família aonde a loucura era um traço hereditário; o seu grande objectivo era esconder este facto à filha, bem como, se possível, ao futuro genro. Bem ou mal, convenceu se de que o colapso final estava próximo, e optou pelo suicídio. Contudo, um suicídio vulgar seria uma forma de alardear aquilo mesmo que ele queria esconder. À medida que a campanha se foi aproximando, o espírito foi se lhe toldando mais e mais, até que por fim, num momento de loucura, o general sacrificou

o dever público ao privado. Lançou se pois, de forma temerária, para a batalha, na esperança de cair ao primeiro tiro. Quando descobriu que apenas conseguira ser capturado e envergonhado, a bomba que trazia no cérebro explodiu, e o general partiu a própria espada e enforcou se.

E olhou fixamente para a cinzenta fachada da floresta que tinha diante, fachada na qual se abria um buraco negro semelhante à porta de uma caverna, no qual mergulhava a vereda que os dois amigos seguiam. Talvez tivesse havido algum pormenor ameaçador na rota assim solenemente engolida que lhe tivesse reforçado a visão intensa da tragédia, porque Flambeau estremeceu.

– Que história horrível – comentou.

– É de facto uma história horrível – comentou o padre, de cabeça inclinada. – Mas não é a história verdadeira.

Em seguida, lançando a cabeça para trás com uma espécie de desespero, exclamou:

– Oh, quem me dera que fosse!

Flambeau voltou se e olhou para ele.

– A sua história é uma história limpa – fez lhe ver o padre Brown, profundamente comovido. – É uma história suave, pura e honesta, aberta e clara como aquela lua. A loucura e o desespero são circunstâncias inocentes. Mas há coisas piores, Flambeau.

Flambeau ergueu vivamente o olhar para a lua que acabava de ser invocada e, do ponto onde se encontrava, tinha diante de si o ramito preto de uma árvore que, contra o pano de fundo da lua, parecia mesmo um corno do demónio.

– Padre, padre – exclamou com um gesto francês, mas avançando ainda mais depressa –, quer dizer que foi pior do que isto?

– Foi pior do que isso – repetiu o outro como se fosse um eco solene. E mergulharam os dois no claustro negro do bosque, que passava por eles numa tapeçaria indistinta de troncos que mais parecia o corredor escuro de um sonho.

Em breve chegavam às mais secretas entranhas do bosque, sentindo em torno deles uma folhagem que não conseguiam ver. Nessa altura, o sacerdote voltou a perguntar:

– Onde é que um homem inteligente esconde uma folha? Na floresta. Mas o que faz ele quando não encontra uma floresta?

– Pronto, pronto! – exclamou Flambeau com ar irritado – Diga lá o que faz ele.

– Planta uma floresta para esconder a folha – replicou o sacerdote num tom obscuro. – É um pecado temível.

– Oiça – gritou o amigo com impaciência, porque a floresta negra e a frase carregada se tinham combinado para o enervar –, tenciona

contar me a história ou não? Há mais provas relativas ao caso?

– Há mais três elementos importantes – respondeu o outro –, elementos que eu ocultei em orifícios e esquinas, e que vou fornecer lhe por ordem lógica e não cronológica. Em primeiro lugar, a nossa informação quanto ao desenrolar e ao desfecho da batalha provém, evidentemente, dos relatórios de Olivier, que são aliás bastante lúcidos. Ele encontrava se entrincheirado, juntamente com dois ou três regimentos, nos montes fronteiros ao Rio Preto; do outro lado do rio, o terreno era mais baixo e mais pantanoso. Mais para trás, num território em suave declive, estava postado o primeiro posto avançado inglês, apoiado por outros, que contudo estavam consideravelmente mais recuados. As forças britânicas em geral eram em número muito superior às brasileiras, mas este regimento específico encontrava se a uma distância tal da base, que Olivier considerou a possibilidade de atravessar o rio e o isolar. Ao pôr do sol, contudo, tinha decidido manter a posição em que se encontrava, posição essa que era especialmente forte. Na manhã seguinte, ao nascer do dia, ficou absolutamente espantado ao ver que uma mão cheia de ingleses solitários se tinha lançado na travessia do rio sem contar com qualquer apoio da retaguarda, metade pela ponte que ficava à direita e a outra metade por um vau situado a montante, e se tinham reunido na margem pantanosa que ficava abaixo dele.

– Que lhes passasse pela cabeça proceder a um ataque com aquele número de soldados e contra uma posição como a dele era, já de si, inconcebível; mas Olivier apercebeu se de um facto ainda mais extraordinário. É que, em vez de tentar tomar um terreno mais sólido, este regimento de doidos, tendo atravessado ousadamente o rio, nada mais fez, deixando se ali ficar, na mira dos brasileiros, como moscas presas no melaço. Como seria de esperar, os brasileiros infligiram lhes baixas tremendas com a artilharia, à qual eles apenas podiam responder com fogo de espingardas que, por muito intrépido que fosse, era sempre menos intenso. Apesar disso, não cederam. E o conciso relato de Olivier termina com um sincero tributo de admiração à coragem mística destes imbecis. «A nossa linha acabou finalmente por avançar», escreve Olivier, «e obrigou os a recuar para o rio; capturámos o general St Clare e vários oficiais. Tanto o coronel como o major tinham morrido durante a batalha. Não resisto a dizer que poucas vezes na história terá havido uma imagem tão extraordinária como a última imagem que este extraordinário regimento deu de si: os oficiais feridos pegavam nas espingardas dos soldados mortos, e o próprio general confrontou se connosco a cavalo, sem capacete e com uma espada partida na mão.» Sobre o que depois aconteceu ao general, Olivier é tão discreto como o capitão Keith.

– Bem – resmungou Flambeau –, avance para o elemento seguinte.

– O elemento seguinte – prosseguiu o padre Brown – levou algum tempo a descobrir, mas não levará muito tempo a relatar. Consegui encontrar, num recolhimento de caridade de Lincolnshire Fens, um velho soldado que, para além de ter ficado ferido na batalha do Rio Preto, tinha estado ajoelhado ao lado do coronel do regimento quando este morrera. Este era um tal coronel Clancy, um irlandês grande como um touro, que terá morrido tanto das balas como de raiva. Ele é que não fora, com certeza absoluta, o responsável por aquele ataque ridículo, que lhe terá sido imposto pelo general. De acordo com o meu informador, as últimas palavras, aliás edificantes, do coronel Clancy foram: «E ali vai o maldito burro velho, com a ponta da espada partida. Era melhor que fosse a cabeça.» Terá reparado que toda a gente parece ter se apercebido do pormenor da lâmina partida da espada, embora a maioria das pessoas o considere com mais reverência do que a expressa pelo falecido coronel Clancy. E agora o terceiro elemento.

A vereda que atravessava o bosque começou a subir, e o padre Brown deteve se um momento a recuperar o fôlego antes de prosseguir. Depois continuou, no mesmo tom pragmático que usara até então:

– Há cerca de um mês ou dois, morreu em Inglaterra um certo oficial brasileiro que se tinha incompatibilizado com Olivier e tinha abandonado o país. Era uma personagem muito conhecida, quer entre nós, quer no continente, um espanhol de nome Espado. Conheci o pessoalmente, era um velho *dandy* de face amarelada e nariz adunco. Por diversas razões de natureza particular, fui autorizado a ler os documentos que ele tinha deixado; o homem era católico, evidentemente, e eu acompanhei o nos últimos momentos da sua vida. Não havia, entre as coisas dele, nada que pudesse esclarecer o caso St Clare, à excepção de cinco ou seis vulgares cadernos, preenchidos com o diário de um soldado inglês. Suponho que os cadernos terão sido encontrados pelos brasileiros ao lado do seu autor, morto na batalha. Fosse como fosse, os diários terminavam abruptamente na véspera da batalha.

– Mas o relato que o pobre sujeito fazia do último dia da sua vida era indubitavelmente digno de ser lido. Tenho o aqui comigo, mas não tenho luz que chegue para ler, de maneira que vou fazer lhe um resumo. A primeira parte da entrada está cheia de piadas, evidentemente lançadas pelos companheiros, acerca de uma pessoa a quem chamavam o Abutre. Dá a impressão de que esta pessoa não era um deles, de que nem sequer se tratava de um inglês; mas o homem também não fala propriamente dele como se fala de um inimigo. Fica se com a sensação de que se tratava de um não combatente, de um habitante da zona que servia de elo de ligação entre os dois exércitos;

talvez fosse um guia, ou um jornalista. Este homem tinha estado fechado a conversar com o general; mas era visto, a maioria das vezes, a falar com o major. Na realidade, o major ocupa um lugar de certa proeminência no relato deste soldado; tratava se aparentemente de um homem magro, de cabelo escuro, chamado Murray, um puritano natural da Irlanda do norte. O relato está cheio de graças acerca do contraste entre a austeridade deste irlandês e a cordialidade do coronel Clancy. E inclui igualmente uma piada relativa ao facto de o Abutre usar roupas de cores berrantes.

– Mas todas estas frivolidades são dissolvidas por aquilo a que se pode chamar o toque do cornetim. Por trás do acampamento inglês, e quase paralelamente ao rio, corria uma das poucas estradas importantes do distrito. Para oeste, a estrada fazia uma curva na direcção do rio, que depois atravessava pela ponte atrás referida. Para leste, a estrada seguia em direcção à planície, ficando o posto avançado inglês mais próximo a cerca de três quilómetros, nesta mesma via. Vinda dessa direcção, avançou pela estrada, nessa noite, com o brilho e o estrépito que lhe são próprios, uma carga ligeira de cavalaria, em que até o nosso modesto autor conseguiu reconhecer, com espanto, o general e o respectivo comando. O general deslocava se no garboso cavalo branco que terá visto muitas vezes em jornais ilustrados e nos quadros da Academia; e pode ter a certeza de que a continência com que era saudado não era um gesto meramente cerimonial. Mas o general não perdeu tempo com cerimónias e, saltando imediatamente da sela, misturou se com o grupo dos oficiais, com quem se ocupou em conversa enfática, embora confidencial. O que mais impressionou o autor do nosso diário foi a especial disposição do general para discutir com o major Murray; na verdade, porém, esta selecção não era de maneira nenhuma bizarra, pelo menos enquanto não fosse acentuada. Os dois homens tinham uma natural simpatia um pelo outro; eram ambos «homens que liam a bíblia», pertenciam ambos à velha classe dos oficiais de tipo evangélico. Fosse como fosse, o certo é que, quando voltou a montar, o general continuava a conversar gravemente com Murray; e, quando conduziu lentamente o cavalo pela estrada fora em direcção ao rio, o irlandês seguia a seu lado, entretidos os dois em grave discussão. Os soldados ficaram a vê los desaparecer por detrás de um maciço de árvores situado no ponto onde a estrada curvava em direcção ao rio. O coronel tinha voltado para dentro da tenda e os homens para os piquetes; o autor do diário deixou se ficar por ali mais quatro minutos, e viu uma coisa espantosa.

– O enorme cavalo branco, que tinha descido a estrada em marcha lenta, a mesma marcha que fizera já em tantas procissões, voltou para trás a grande velocidade, subindo a estrada em direcção a eles num

galope tal, que era como se estivesse doido por vencer uma corrida. Inicialmente, os homens pensaram que ele tinha fugido com o cavaleiro no dorso; mas depois compreenderam que era o próprio general, que era aliás um excelente cavaleiro, que estava a instigá lo àquela velocidade. Cavalo e cavaleiro passaram por eles como um remoinho. E então, puxando as rédeas à montada hesitante, o general voltou para eles um rosto como que em chamas, e chamou o coronel como a trombeta que acorda os mortos.

– Estou convencido de que os extraordinários acontecimentos daquela catástrofe se precipitaram uns sobre os outros como troncos abatidos no espírito de homens como o nosso amigo do diário. Com a ofuscante excitação dos sonhos, estes homens foram empurrados, literalmente empurrados, para os seus lugares, e foi lhes comunicado que procederiam imediatamente a um ataque na outra margem do rio. Disseram lhes que o general e o major tinham descoberto uma certa coisa na ponte, e que só lhes restava tempo para salvar a vida. O major tinha recuado imediatamente para ir chamar as reservas que se encontravam a mais de dois quilómetros de distância, mas era pouco provável que, a despeito da prontidão do apelo, o auxílio chegasse a tempo. Tinham de atravessar o rio naquela noite e de tomar as colinas na manhã seguinte. E é com a agitação e a intensidade da romântica marcha nocturna que o diário termina abruptamente.

O padre Brown passara para a frente, porque a vereda do bosque tornara se mais estreita, mais íngreme e mais cheia de curvas, a ponto de os dois companheiros terem a sensação de que estavam a subir uma escada em caracol. A voz do padre vinha agora do escuro e do alto.

– Houve outro pormenor gigantesco. Quando o general os urgiu a empreender a quixotesca carga, começou a tirar a espada da bainha; mas quando ia a meio, como que envergonhado de gesto tão melodramática, voltou a guardá la. E temos outra vez a espada, como vê.

Uma semi luminosidade atravessou a rede de ramagens que os cobria, desenhando no solo o fantasma de uma rede; é que os dois viajantes subiam novamente em direcção à parca luz da noite despida. Flambeau teve a sensação de que a verdade o rodeava como uma atmosfera, mas não como uma ideia. E respondeu com o cérebro atordoado:

– Mas afinal o que é que tem a espada? É costume os oficiais andarem de espada, não é?

– Nas guerras modernas, não é costume fazer lhes referência – respondeu o outro desapaixonadamente. – Neste caso, porém, a pessoa está sempre a tropeçar na bendita espada.

– Bem, e o que é que isso tem? – resmungou Flambeau. – É um

incidente peculiar, nada mais. A espada do velhote partiu se na última batalha que ele travou. Seria de esperar que os jornais se agarrassem a isso, como de facto se agarraram. A espada aparece partida na ponta em todos os túmulos e nas diversas homenagens. Espero bem que não me tenha arrastado para esta expedição polar pelo simples facto de ter havido dois sujeitos com jeito para o desenho que viram a espada partida de St Clare.

– Não – exclamou o padre Brown num tom que parecia um tiro de pistola. – Mas quem terá visto a espada antes de partida?

– Como? – protestou o outro, imobilizando se à luz das estrelas. Tinham atingido abruptamente os portões cinzentos do bosque.

– Perguntei quem terá visto a espada antes de partida – repetiu o padre Brown, obstinado. – O autor do diário não a viu com certeza, porque o general voltou a metê la na bainha a tempo.

Flambeau olhou em seu redor, para o espaço iluminado pelo luar, como um homem subitamente cego olharia para o sol; e o amigo prosseguiu, pela primeira vez com uma certa ansiedade:

– Flambeau – disse com veemência –, não posso provar nada, mesmo depois de ter andado a investigar os túmulos. Mas tenho a certeza do que vou dizer. Deixe me acrescentar só mais um facto minúsculo, que completa o caso. O coronel foi, por estranho acaso, dos primeiros a ser atingido por uma bala; foi atingido muito antes de as tropas estarem ao alcance das armas. Mas ele viu que a espada de St Clare estava partida. Porque razão estava ela partida? Como se teria partido? Meu amigo, a espada tinha se partido antes da batalha.

– Oh! – disse o amigo, com uma espécie de jovialidade desamparada. – Diga me então, onde está a ponta?

– A isso posso responder lhe – declarou imediatamente o sacerdote. – Está no recanto nordeste do cemitério da catedral protestante de Belfast.

– A sério? – perguntou o outro. – Foi lá vê la?

– Não pude – respondeu Brown com pena sentida. – Está por baixo de um enorme monumento de mármore, um monumento em honra do heróico major Murray, que caiu combatendo gloriosamente na famosa batalha do Rio Preto.

Subitamente, Flambeau pareceu renascer, galvanizado.

– Ou seja – gritou com voz rouca –, o general St Clare odiava Murray e assassinou o no campo de batalha porque…

– Você continua cheio de pensamentos puros e bondosos – comentou o outro. – Foi pior do que isso.

– Pois bem – replicou o homem alto –, esgotei a minha reserva de ideias malévolas.

O sacerdote parecia não saber bem por onde começar, de maneira que acabou por perguntar, como já antes fizera:

– Onde é que um homem inteligente esconde uma folha? Na floresta.

O outro não respondeu.

– Quando não encontra uma floresta, planta uma floresta. E, se quiser esconder uma folha morta, planta uma floresta morta.

O outro continuou a não responder, de maneira que o sacerdote acrescentou, num tom ainda mais manso, quase num sussurro:

– E se um homem quiser esconder um cadáver, cria um campo de cadáveres para o esconder.

Flambeau começou a andar em frente, marchando com vívida intolerância a qualquer atraso de espaço ou de tempo, mas o padre Brown prosseguiu, como se estivesse a completar a última frase:

– Sir Arthur St Clare era, como já lhe disse, um homem que lia a bíblia. E esse era o problema dele. Quando é que as pessoas compreenderão que é inútil um homem ler a bíblia, a não ser que a bíblia que ele lê seja a bíblia de todos? Um tipógrafo lê a bíblia à procura de gralhas. Um mórmon lê a bíblia e descobre a poligamia. Um adepto da cientologia lê a bíblia e descobre que nós não temos braços nem pernas. St Clare era um velho militar anglo indiano e protestante. Ora bem, pense o meu amigo o que quererá isso dizer. E, por amor de Deus, não seja hipócrita. Pode querer dizer que se trata de um homem fisicamente formidável que vive sob um sol tropical numa sociedade oriental, e que se afunda, sem qualquer sensatez nem orientação, num livro sagrado oriental. Sabemos perfeitamente que ele preferia ler o Antigo Testamento, em detrimento do Novo. E sabemos que descobria no Antigo Testamento tudo o que quisesse: luxúria, tirania, traição. Oh, não duvido de que fosse honesto, como você lhe chamou. Mas de que vale a um homem ser honesto se presta culto à desonestidade?

– Em todos os países quentes e secretos onde viveu, este homem teve um harém, torturou testemunhas e fez fortuna por meios vergonhosos; e teria indubitavelmente declarado, e com toda a seriedade, que o fizera para glória de Deus. Julgo expressar suficientemente toda a minha teologia se perguntar: de que Deus? Seja como for, acontece que esta maldade vai abrindo, uma após outra, as portas do inferno, e estas portas abrem para câmaras cada vez mais pequenas. É esse o principal problema do crime; o mal do crime não é tornar um homem cada vez mais violento, é torná lo cada vez mais mesquinho. St Clare estava a ficar sufocado pelas dificuldades suscitadas pelos subornos e as chantagens a que estava sujeito; e tinha necessidade de cada vez mais dinheiro. No momento em que teve

lugar a Batalha do Rio Preto, fora caindo de mundo em mundo, até atingir aquele ponto a que Dante chama a base inferior do universo.

– E que ponto é esse? – perguntou o amigo.

– Aquele – retorquiu o clérigo, apontando subitamente para uma poça de água coberta de uma camada de gelo que reflectia o luar. – Lembra se quem são as almas que Dante situa no último círculo de gelo?

– Os traidores – respondeu Flambeau com um arrepio. E, olhando em torno de si para aquela paisagem inumana de árvores, uma paisagem de contornos injuriosos e quase obscenos, quase lhe pareceu que ele próprio era Dante, e que o padrezito com aquela voz que parecia um riacho era Virgílio, que o guiava por um território de pecados mortais.

A voz prosseguiu:

– Olivier era, como sabe, quixotesco, e recusava se a ter serviços secretos e espiões. Mas os serviços secretos existiam, tal como muitas outras coisas, sem ele saber. E eram dirigidos pelo meu velho amigo Espado, que era o peralvilho de roupas coloridas, cujo nariz adunco lhe valeu a alcunha de Abutre. Apresentando se na frente como uma espécie de filantropo, ele insinuou se no exército britânico, acabando por deitar as mãos ao único homem corrupto que nele existia, graças a Deus, e esse homem era o general. St Clare precisava desesperadamente de dinheiro, de muito dinheiro. O antigo médico da família ameaçava proceder às extraordinárias revelações que já lhe referi, e que começaram depois, mas foram suspensas; contavam se lendas de coisas monstruosas e pré históricas que tinham tido lugar em Park Lane, coisas feitas por um evangélico inglês, e que cheiravam a sacrifícios humanos e a hordas de escravos. Além disso, precisava de dinheiro para o dote da filha, uma vez que, para ele, a fama de abastança era tão doce como a própria abastança. De maneira que se agarrou à sua última corda de salvação: começou a revelar segredos ao Brasil e o dinheiro começou a entrar a jorros, dinheiro que tinha origem nos inimigos de Inglaterra. Mas havia outro homem que também tinha falado com Espado, o Abutre. O major do Ulster, o jovem moreno de expressão carregada, tinha adivinhado a hedionda verdade; e, quando os dois homens se afastaram juntos, percorrendo devagar o pedaço de estrada que ia dar à ponte, Murray ia a dizer ao general que ele tinha de pedir imediatamente a demissão, pois de outra maneira seria julgado em tribunal de guerra e fuzilado. O general contemporizou com ele até chegarem junto das árvores que escondiam a ponte; e aí, à beira do rio e das palmeiras inundadas de sol (estou mesmo a ver o quadro), o general desembainhou o sabre e mergulhou o no corpo do major.

A estrada invernosa fazia uma curva por sobre um espinhaço de um frio cortante, adornado de cruéis sombras negras de arbustos e matagais; mas Flambeau teve a sensação de avistar vagamente, para além dele, a orla de uma auréola que não tinha origem nas estrelas nem na lua, mas num fogo feito por homens. E ficou a observá lo enquanto a história era conduzida à respectiva conclusão.

– St Clare era um mastim do inferno, mas era um cão de raça. Estou capaz de jurar que nunca se sentiu tão lúcido nem tão forte como quando viu o pobre Murray cair a seus pés. Nunca em todos os seus triunfos, como afirmou com verdade o capitão Keith, foi este grande homem tão grande como nesta derradeira derrota que lhe mereceu o desprezo do mundo. Olhou friamente para a arma, cujo sangue limpou, e verificou que a ponta, que tinha mergulhado entre as omoplatas da vítima, se tinha partido, ficando espetada no corpo. E percebeu calmamente, como se o contemplasse de uma janela, tudo o que ia passar se. Percebeu que os homens haviam de encontrar aquele cadáver para cuja morte não havia explicação; que haviam de extrair a ponta da espada, para a qual não havia explicação; que haviam de reparar na espada partida, ou melhor, na ausência de uma espada, para a qual não havia explicação. E percebeu que tinha matado, mas não tinha silenciado. Foi então que o imperioso intelecto se ergueu perante a dificuldade: havia uma maneira de escapar. Havia uma maneira de arranjar explicação para o cadáver: criar uma pilha de cadáveres que o cobrissem. Vinte minutos mais tarde, oitocentos soldados ingleses marchavam ao encontro da morte.

O brilho quente que se avistava do outro lado do bosque negro de Inverno tornou se mais intenso e mais alegre, e Flambeau avançou a passos largos ao seu encontro. O padre Brown também estugou o passo, mas parecia simplesmente concentrado na história.

– Tal era a coragem desses milhares de ingleses, e tal o génio do homem que os comandava, que se tivessem atacado imediatamente a colina, podia ser que acabassem por ter sorte com marcha tão absurda. Mas a mente perversa que jogava com eles como se fossem piões tinha outros objectivos e outras razões. Era preciso que permanecessem no lodaçal à beira da ponte pelo menos até ao momento em que houvesse nesse local um número suficiente de cadáveres britânicos. Em seguida, e em prol de um final grandioso, o venerável soldado santo abandonaria a espada partida para impedir o prosseguimento da matança. Oh, para uma coisa que foi organizada de improviso, foi tudo muito bem organizado. Mas parece me, não posso provar que assim foi, mas parece me que enquanto se encontravam atolados no lodaçal, houve alguém que hesitou, houve alguém que adivinhou.

Calou se por momentos, e depois prosseguiu:

– Há uma voz que me sussurra que o homem que adivinhou o que se estava a passar foi o amante… o homem que estava noivo da filha do velhote.

– Então Olivier e o enforcamento? – perguntou Flambeau.

– Olivier, em parte porque era um cavalheiro, mas em parte porque era também um homem pragmático, raramente sobrecarregava a marcha dos seus exércitos com prisioneiros – explicou o narrador. – Quase sempre libertava os a todos. E neste caso libertou os mesmo a todos.

– A todos menos ao general – comentou o homem alto.

– A todos – rectificou o sacerdote.

Flambeau franziu o sobrolho.

– Ainda não percebi – declarou.

– É outra imagem, Flambeau – disse Brown num sussurro místico. – Também não posso provar que assim foi, mas posso fazer melhor, posso ver. Vejo um acampamento que ergue as tendas de manhã, nas colinas despidas e tórridas, uniformes brasileiros formando blocos, colunas preparadas para a marcha. Vejo a camisa vermelha e a comprida barba preta de Olivier, e o homem está de pé, com o chapéu de abas largas na mão, e a barba agita se lhe ao vento. Olivier está a despedir se do grandioso inimigo que decidiu libertar, do simples veterano inglês de cabeça cor de neve, que está a agradecer lhe em nome dos seus homens. Os sobreviventes ingleses encontram se atrás do seu general, em sentido; e atrás deles encontram se mantimentos e viaturas para serem usadas na retirada. Os tambores começam a rufar; os brasileiros começam a deslocar se; os ingleses continuam imóveis como estátuas. E assim permanecem até que o derradeiro som e a última imagem dos inimigos desaparecem no horizonte tropical. Nessa altura, alteram a postura quase em uníssono, como se fossem mortos que voltam à vida, e todos os cinquenta voltam a cara para o general; e são caras que não podem ser esquecidas.

Flambeau dá um tremendo pulo.

– Ah! – exclama. – Quer então dizer…

– Exactamente – responde o padre Brown num tom profundo e comovedor. – Foi uma mão inglesa que passou a corda em torno do pescoço de St Clare; estou convencido de que se tratou da mesma mão que mais tarde pôs o anel no dedo da filha do general. Foram mãos inglesas que o arrastaram para a árvore da vergonha, mãos de homens que o tinham adorado e o tinham seguido para a vitória. E foram almas inglesas, que Deus nos perdoe e nos suporte a todos, que ficaram a vê lo pender ao sol daquele país estrangeiro, na forca verde de uma palmeira, rezando, pelo ódio que sentiam, para que ele caísse dali para o inferno.

Os dois homens alcançaram a extremidade do espinhaço, e surgiu diante deles, com todo o seu esplendor, a intensa luz escarlate de uma estalagem inglesa de cortinas vermelhas nas janelas. A estalagem ficava à beira da estrada, como que expondo discretamente toda a amplitude da sua hospitalidade. Tinhas as três portas abertas num gesto de convite; e, apesar da distância a que se encontravam, os dois amigos não tiveram dificuldade em distinguir o som das conversas e das gargalhadas de uma humanidade disposta a passar uma noite agradável.

– Não preciso de lhe dizer mais nada – concluiu o padre Brown. – Julgaram no ali no deserto e destruíram no; e depois, para preservarem a honra de Inglaterra e resguardarem a filha, juraram silenciar para sempre a história do dinheiro do traidor e da lâmina da espada do assassino. Talvez tenham mesmo tentado esquecê la, Deus os ajude! Tentemos nós esquecê la também. E cá está a nossa estalagem.

– De boa vontade a esquecerei – declarou Flambeau, que avançava já para o bar, luminoso e bem iluminado, quando subitamente recuou e quase caiu de costas.

– Olhe para aquilo, em nome do inferno! – bradou, apontando com ar rígido para uma tabuleta quadrada de madeira que dava para a estrada, na qual se entrevia vagamente a forma mal desenhada do copo de um punhal com a lâmina quebrada. O desenho era acompanhado por umas letras em falso gótico: «O Sinal da Espada Partida».

– Não estava à espera? – perguntou suavemente o padre Brown. – Ele é o deus destas terras. Metade das estalagens, das ruas e dos jardins têm o nome dele, com referências à história da batalha.

– E eu que pensava que tínhamos arrumado o leproso – resfolegou Flambeau, cuspindo no pó da estrada.

– Em Inglaterra, é impossível arrumá lo – explicou o padre, baixando os olhos –, pelo menos enquanto a pedra se aguentar e o ferro durar. As estátuas de mármore do homem hão de elevar a alma de rapazes orgulhosos e inocentes durante séculos, aquele túmulo que vimos há de cheirar a lealdade como cheira a lilases. Milhões de pessoas que não o conheceram hão de amá lo como a um pai, a este homem que os últimos que o conheceram trataram como lama. Ele há de ser um santo; e nunca se contará a verdade sobre este homem, porque eu tomei finalmente uma decisão. A violação dos segredos pode fazer tanto bem e tanto mal, que só o farei em determinadas circunstâncias: se alguma vez, seja de viva voz ou por escrito, em metal ou em mármore capazes de durar como as pirâmides, eu ouvir criticar injustamente o nome do coronel Clancy, do capitão Keith, do

presidente Olivier, ou de qualquer outro inocente, nesse caso, contarei a verdade. Se, pelo contrário, ouvir apenas elogios injustos a St Clare, nesse caso, deixarei passar. É essa a minha decisão.

Os dois homens entraram lado a lado na taberna das cortinas vermelhas, que não era apenas acolhedora, era um verdadeiro luxo. Em cima de uma mesa, via se uma miniatura em prata do túmulo de St Clare, a cabeça de prata inclinada, a espada de prata partida. Nas paredes, fotografias a cores da mesma cena, bem como do sistema de carrinhas que os turistas podiam tomar para irem vê la ao pé. Os dois amigos sentaram se em bancos confortáveis.

– Está mesmo frio – exclamou o padre Brown. – Pedimos vinho ou cerveja?

– Prefiro *brandy* – retorquiu Flambeau.

OS TRÊS INSTRUMENTOS DA MORTE

Tanto por vocação, como por convicção, o padre Brown sabia melhor que ninguém que a morte enobrece a maioria das pessoas. Mas até ele sentiu um baque de incongruência quando foram bater lhe à porta ao nascer do dia para lhe dizerem que Sir Aaron Armstrong tinha sido assassinado. Havia qualquer coisa de absurdo e de indecoroso na conjugação da violência secreta com uma personagem tão profundamente simpática e apreciada por todos. É que Sir Aaron Armstrong era simpático a ponto de ser cómico; e apreciado a ponto de ser quase lendário. Era quase como ouvir dizer que o miúdo da lata de Corn Flakes se tinha enforcado, ou que o Sr. Pickwick[2*] tinha morrido num manicómio. É que, embora fosse um filantropo, o que significa que tinha de se relacionar com o lado mais obscuro da nossa sociedade, Sir Aaron orgulhava se de se relacionar com ele da maneira mais agradável possível. Os discursos políticos e sociais que proferia eram cataratas de anedotas e sonoras gargalhadas, tinha uma saúde física de tipo explosivo, uma ética repleta de optimismo, e tratava o problema do álcool (que era o seu tema favorito) com aquela ligeireza imortal, monótona mesmo, que é tantas vezes uma característica do abstémio próspero.

A história da conversão deste homem era conhecida em todos os meios e púlpitos puritanos; todos sabiam que, em criança, ele fora arrastado da teologia escocesa para o *whisky* escocês, tendo se posteriormente refeito de ambos para se tornar (como dizia com toda a modéstia) o que era. E contudo, devido à enorme barba branca, ao rosto de querubim e aos faiscantes óculos que ostentava nos numerosos jantares e congressos a que ia, as pessoas tinham uma certa dificuldade em acreditar que ele tivesse jamais sido alcoólico ou calvinista, pois uma e outra eram coisas terrivelmente mórbidas. É que Sir Aaron era, na opinião de todos, o mais profundamente divertido dos filhos dos homens.

Tinha vivido na faixa rural de Hampstead, numa bela casa, alta sem ser larga, uma prosaica torre moderna. O lado mais estreito deste edifício de lados estreitos dava para um talude inclinado, ao fundo do qual passava uma linha de caminho de ferro, de maneira que o edifício estremecia à passagem dos comboios. Sir Aaron Armstrong, como ele próprio explicava com exuberância, era um homem sem nervos. Mas, se os comboios costumavam abalar a casa, na manhã desse dia o feitiço virou se contra o feiticeiro, e foi a casa que abalou o comboio.

A locomotiva abrandou e parou por completo logo a seguir ao ponto onde uma das esquinas da casa começava a aparecer no alto do talude. A suspensão do movimento da maioria das coisas mecânicas tem de ser lenta; mas a causa viva desta suspensão foi até muito rápida. Um homem vestido de preto dos pés à cabeça, negrume que se estendia (como seria posteriormente recordado) ao pavoroso pormenor das luvas, também elas pretas, apareceu na crista do talude, que se avistava da locomotiva, acenando com as mãos cobertas de preto como se fosse um moinho de vento. Só por si, este gesto dificilmente teria feito parar um comboio, mesmo que este seguisse a muito baixa velocidade. Mas acontece que saía da boca deste homem um grito, que muitos disseram depois ser uma coisa totalmente nova e antinatural. Tratava se de um daqueles gritos que são horrivelmente distintos, mesmo quando a pessoa não consegue perceber o que está o outro a gritar. Neste caso, a palavra era: «Homicídio!»

Mas o condutor da locomotiva garante que teria parado mesmo que apenas tivesse ouvido o terrível som, e não tivesse percebido a palavra gritada.

Uma vez parado o comboio, qualquer olhar superficial teria sido capaz de absorver uma série de elementos da tragédia. O homem vestido de preto era Magnus, o criado de Sir Aaron Armstrong. No seu optimismo, o baronete tinha se muitas vezes rido das luvas pretas deste carregado servo; nesta altura, porém, era pouco provável que alguém se risse dele.

Assim que saltaram para a linha e atravessaram a vedação envolta em fumo, os primeiros curiosos viram o corpo de um homem que vestia uma camisa de noite amarela com forro vermelho muito vivo, que tinha rolado quase até ao fundo do talude. Parecia ter a ponta de uma corda amarrada a uma perna; era presumivelmente o que restava de uma luta. Aqui e ali, tinha umas manchas de sangue, mas pouco abundante; o corpo, porém, estava inclinado ou revirado, numa postura que era impossível a qualquer ser vivo. Tratava se de Sir Aaron Armstrong. Passados mais uns momentos de perturbação geral, surgiu um homem alto, de bela barba, que alguns dos viajantes cumprimentaram, dado que sabiam ser o secretário do morto, Patrick Royce, um homem que fora muito conhecido na sociedade boémia e que chegara a ser famoso nas artes boémias. Num estilo mais impreciso, mas ainda mais convincente, Royce repetiu o grito agónico do criado. Quando a terceira figura que habitava aquela casa, Alice Armstrong, a filha do morto, saiu para o jardim, em passo de corrida e a acenar com os braços, já o condutor da locomotiva tinha posto fim à paragem; depois de tocar o apito, pusera o comboio em movimento, para ir buscar ajuda à estação seguinte.

O padre Brown fora, pois, rapidamente convocado, a pedido de

Patrick Royce, o secretário alto e ex boémio. Royce era irlandês de nascimento, e era aquele género de católico sem convicções que só se lembra da religião quando se encontra metido num grande sarilho. Mas é possível que o pedido de Royce não tivesse sido atendido com tanta prontidão como efectivamente foi, se um dos detectives oficialmente encarregados do caso não fosse amigo e admirador do nada oficial Flambeau; ora, era impossível ser amigo de Flambeau sem ter ouvido inúmeras histórias acerca do padre Brown. Daí que, enquanto o jovem detective (de nome Merton) atravessava os campos que iam dar ao caminho de ferro na companhia do padre Brown, a conversa entre os dois fosse mais confidencial do que seria de esperar entre duas pessoas que nunca se tinham visto.

– Tanto quanto consigo perceber – dizia Merton com ar cândido –, a coisa não faz sentido nenhum. Não há suspeitos. Magnus é um velho disparatado e solene, disparatado de mais para ser um assassino. Royce é o melhor amigo do baronete há anos e anos; e a filha tinha indubitavelmente uma adoração pelo pai. Além disso, a coisa é perfeitamente absurda. Quem se lembraria de matar um velhote tão simpático como Armstrong? Quem estaria disposto a sujar as mãos com as entranhas de um homem que faz discursos tão divertidos? Era o mesmo que matar o Pai Natal.

– Sim, era uma casa muito alegre – concordou o padre Brown. – Era uma casa alegre quando ele era vivo. Acha que continuará a ser alegre agora que ele morreu?

Merton teve um ligeiro sobressalto e olhou para o companheiro com uma expressão animosa.

– Agora que ele morreu? – repetiu.

– Sim – prosseguiu o padre com ar fleumático. – Ele era um homem alegre. Mas comunicava essa alegria aos outros? Francamente, para além dele, havia mais alguém alegre naquela casa?

Abriu se uma janela no espírito de Merton, pela qual entrou aquela estranha luz da surpresa que nos permite ver pela primeira vez coisas que sempre soubemos. Ele tinha sido visita frequente da casa de Armstrong, para tratar de pequenas coisas relacionadas com a actividade filantrópica de Sir Aaron; e, agora que pensava nisso, reconhecia que a casa era um tanto deprimente. As salas, de tectos muito altos, eram muito frias; a decoração era mesquinha e provinciana; os corredores, cheios de correntes de ar, eram iluminados por luzes mais parcas que o luar. E, embora o rosto escarlate e a barba prateada do velhote brilhassem como fogueiras de São João em cada compartimento e corredor por onde iam passando, nem por isso deixavam calor atrás de si. Este desconforto espectral da casa ficava indubitavelmente a dever se, em parte, à própria vitalidade e

exuberância do proprietário, que – dizia ele – não precisava de lâmpadas nem de fogões de sala, porque trazia o calor dentro de si. Mas, quando pensou nos outros habitantes da mesma, Merton foi obrigado a confessar que eles eram como que sombras do senhor da mansão. O temperamental criado, com as monstruosas luvas pretas, era quase um pesadelo. Royce, o secretário, era um homem sólido, um grande touro vestido de *tweed*, com uma barba curta; mas esta barba cor de palha era surpreendentemente salteada de cinza como os *tweeds*, e a testa ampla ostentava a marca das rugas prematuras. Royce era um homem bem disposto, disso não havia dúvida, mas tratava se de uma boa disposição triste, quase lamentosa; o secretário dava a impressão de ter fracassado por completo na vida. Quanto à filha de Armstrong, era quase incrível que fosse filha dele, tão pálida de cores e sensível de contornos era a rapariga. Era graciosa, mas havia na sua forma uma palpitação que se assemelhava ao perfil de uma faia. Merton tinha algumas vezes perguntado a si próprio se a jovem teria aprendido a contrair se à passagem dos comboios.

– Compreende – insistiu o padre Brown, pestanejando com ar modesto –, não tenho a certeza de que a alegria de Armstrong fosse assim tão alegre para as outras pessoas. Diz o senhor que ninguém se lembraria de matar um homem tão feliz, mas eu não estou certo de concordar consigo. *Ne nos inducas in tentationem*. Se eu alguma vez assassinasse alguém – acrescentou com grande simplicidade –, atrevo me a dizer que seria um Optimista.

– Porquê? – exclamou Merton, divertido. – Acha que a alegria desagrada às pessoas?

– As pessoas gostam de gargalhadas frequentes – respondeu o padre Brown –, mas não me parece que lhes agrade um sorriso permanente. A alegria sem sentido de humor é uma coisa muito penosa.

Calaram se um pedaço, seguindo caminho pela vereda sinuosa e ladeada de ervas que corria à beira do caminho de ferro, e quando chegaram à sombra da alta de Armstrong, que se erguia lá no alto, o padre Brown disse de repente, mais como quem lança uma ideia perturbadora do que como quem propõe seriamente uma hipótese:

– Claro que, em si mesma, a bebida não é boa nem má. Mas não consigo deixar de ter por vezes a sensação de que homens como Armstrong gostariam de tomar um ocasional copo de vinho que os entristecesse.

O superior oficial de Merton, um detective competente, já grisalho, chamado Gilder, estava à espera do juiz de instrução no talude, a conversar com Patrick Royce, cujos ombros largos, cabelo e barba eriçada se destacavam acima dele. Este aspecto era tanto mais notório, quanto Royce andava sempre como que curvado, dando a impressão

de tratar dos seus deveres domésticos e administrativos num estilo pesado e humilde, qual búfalo puxando uma carroça.

Ao ver o padre, o secretário levantou a cabeça com invulgar agrado, e afastou se uns passos na sua companhia. Entretanto, Merton dirigia se ao outro detective, muito respeitosamente, é certo, mas não sem uma certa impaciência infantil.

– Então, Sr. Gilder, avançou muito na solução do mistério?

– Não há mistério nenhum – respondeu Gilder, observando as gralhas com as pálpebras semicerradas e um ar sonhador.

– Bem, pelo menos para mim há – retorquiu Merton com um sorriso.

– A coisa é muito simples, meu rapaz – observou o investigador mais velho, afagando a barba grisalha e pontiaguda. – Três minutos depois de tu teres ido buscar o pároco do Sr. Royce, tornou se tudo claro. Lembras te do criado de cara de massa de tarte, que usa luvas pretas e mandou parar o comboio?

– Não me lembro eu de outra coisa. Não sei porquê, mas o homem causa me arrepios.

– Pois bem – disse Gilder num tom arrastado –, quando o comboio seguiu em frente, o homem também se foi embora. É um criminoso bastante descontraído, não te parece, tendo em conta que fugiu no próprio comboio que ia chamar a polícia?

– Mas tem a certeza de que foi mesmo ele que matou o patrão? – quis saber o jovem.

– Sim, meu rapaz, tenho a certeza absoluta – replicou Gilder com frieza –, pela simples razão de que o homem desapareceu na companhia de vinte mil libras em documentos, que estavam em cima da secretária do patrão. Não, a única coisa que ainda não percebi é como foi que ele o matou. Dá a impressão de que o crânio foi partido com uma arma pesada, mas não se encontrou arma nenhuma nas redondezas, e o assassino teria tido dificuldade em a levar consigo, a não ser que se tratasse de uma arma tão pequena, que ninguém reparasse nela.

– Ou então, tratava se de uma arma tão grande, que ninguém reparava nela – interveio o sacerdote com uma estranha gargalhadinha.

Ao ouvir tão peculiar observação, Gilder olhou em volta e perguntou a Brown, com ar severo, o que queria ele dizer com aquilo.

– É uma maneira absurda de dizer a coisa, bem sei – disse o padre Brown como quem pede desculpa. – Até parece uma história infantil. Mas o pobre Armstrong foi morto com um taco gigantesco, um enorme taco verde, tão grande que nem se via, um taco a que chamamos terra. Ele partiu o crânio embatendo neste talude verde onde nos

encontramos.

– Como foi isso? – perguntou o detective muito depressa.

O padre Brown voltou a sua face redonda para a fachada mais estreita da casa e, erguendo a cabeça, pestanejou intensamente. Seguindo a direcção dos seus olhos, os presentes detectaram, lá mesmo no alto das traseiras lisas do edifício, uma janela de sótão aberta.

– Estão a ver? – explicou, apontando com uma certa falta de jeito, como se fosse uma criança. – Ele foi atirado dali abaixo.

Gilder observou a janela com o sobrolho franzido, e a seguir disse:

– Bem, lá que é possível é. Mas tem mesmo a certeza de que foi assim? Como?

Brown abriu muito os olhos cinzentos.

– Ora – respondeu –, o morto tem um pedaço de corda amarrado a uma perna. Não estão a ver ali a outra ponta da corda, presa no canto da janela?

Àquela distância, o tal bocado de corda parecia mais uma partícula de poeira ou um cabelo, mas o investigador mais velho, que era um homem inteligente, ficou satisfeito.

– Tem muita razão – disse ao padre Brown. – Não há dúvida de que se trata de um pedaço de corda.

Nesse preciso momento, um comboio especial, só com uma carruagem, fez a curva pela linha da esquerda e parou ali mesmo, deixando sair outro grupo de polícias, no meio dos quais se avistava o rosto contrito de Magnus, o criado desaparecido.

– Valha me Deus, apanharam no! – exclamou Gilder, que avançou com uma vivacidade inteiramente nova. – E têm o dinheiro? – perguntou então ao primeiro polícia.

O homem olhou para ele de frente com uma expressão um tanto curiosa e respondeu:

– Não. Pelo menos não o temos connosco.

– Quem é o inspector, se faz favor? – perguntou o homem chamado Magnus.

Quando ele falou, toda a gente percebeu imediatamente como fora que o homem tinha conseguido parar o comboio com um berro. Tratava se de um sujeito de aspecto indistinto, cabelo preto liso, face desprovida de cor e uma leve sugestão de oriental nas ranhuras horizontais dos olhos e da boca. Na verdade, tanto a origem como o nome do homem tinham permanecido ambíguos desde que Sir Aaron o «resgatara» a um restaurante de Londres onde ele trabalhava como criado – mas também (diziam alguns) a coisas bem mais infames. A voz do homem, porém, era tão viva como a expressão era morta. Fosse

devido à exactidão com que falava uma língua estrangeira, fosse por deferência para com o patrão (que era um tanto surdo), o certo é que o tom de voz de Magnus era especialmente sonoro e penetrante, de tal maneira que os presentes deram um salto quando ele falou.

– Sempre soube que isto havia de acontecer – prosseguiu ele com suavidade descarada. – O meu pobre patrão, o velho senhor, fazia troça de mim por eu usar luvas pretas, mas eu costumava responder lhe que queria estar preparado para o funeral dele.

E fez um gesto momentâneo com as duas mãos de luvas escuras.

– Sargento – disse o inspector Gilder, olhando irritadamente para as luvas pretas –, não tenciona pôr as algemas a este sujeito? Ele tem um ar bastante perigoso.

– Bem, senhor inspector – respondeu o sargento com o mesmo estranho ar de espanto –, não sei se podemos.

– Não sabe se podem? – repetiu o outro com veemência. – Não o prenderam?

Uma leve sugestão de desprezo abriu ligeiramente a boca em forma de ranhura, expressão de troça a que o apito de um comboio que se aproximava pareceu fazer eco.

– Prendemo lo – retorquiu o sargento com ar grave – quando ele vinha a sair da esquadra de polícia de Highgate, onde fora depositar o dinheiro do patrão, ao cuidado do inspector Robinson.

Gilder olhou para o criado com espanto absoluto.

– Mas porque foi que você fez semelhante coisa? – perguntou a Magnus.

– Para impedir que o criminoso lhe deitasse a mão, evidentemente – respondeu placidamente a referida pessoa.

– Mas não lhe parece – insistiu Gilder – que o dinheiro de Sir Aaron estaria seguro nas mãos da família de Sir Aaron?

O final da frase foi engolido pelo som do comboio, que passou por eles com os seus habituais ruídos metálicos; mas não foi o inferno de barulho a que aquela infeliz habitação estava periodicamente sujeita que os impediu de ouvirem as sílabas da resposta de Magnus, que lhes chegaram aos ouvidos com toda a sua clareza de sino:

– Não tenho razão nenhuma para ter confiança na família de Sir Aaron.

Aqueles homens que permaneciam imóveis tiveram, todos a um tempo, a sensação da presença de uma pessoa recém chegada, e Merton não ficou nada surpreendido quando, erguendo a cabeça, avistou a figura pálida da filha de Armstrong atrás do ombro do padre Brown. Era uma mulher ainda jovem, e bela ao seu estilo argênteo, mas tinha o cabelo de um castanho tão indistinto, e trazia o tão

coberto de pó, que a certas inclinações de luz parecia ter ficado completamente grisalha.

– Tenha cuidado com o que diz – interveio Royce com brusquidão. – Ainda assusta a menina Armstrong.

– É essa a minha esperança – retorquiu o homem cuja voz se ouvia bem. A mulher encolheu se e os presentes perguntaram a si próprios o que se passaria ali. – Estou bastante habituado aos tremores da menina Armstrong – prosseguiu o criado. – Há vários anos que a vejo tremer. Havia quem dissesse que ela tremia de frio, outros que tremia de medo, mas eu sei que ela tremia de ódio e de ira perversa, demónios que tiveram o seu derradeiro banquete esta manhã. Se não fosse eu, por esta altura já ela teria fugido com o amante e com todo o dinheiro do pai. Desde que o meu pobre patrão a proibiu de se casar com aquele canalha bebedolas…

– Cale se – interrompeu o Gilder com ar severo. – Não queremos saber das suas fantasias nem das suas desconfianças da família. A não ser que disponha de provas materiais, as suas meras opiniões…

– Oh! Mas eu dou vos provas materiais – cortou Magnus com a sua pronúncia grosseira. – O Sr. inspector vai ter de me citar como testemunha e eu terei de dizer toda a verdade. E a verdade é a seguinte: um instante depois de o velhote ter sido atirado, a sangrar, daquela janela, eu corri para o sótão, e encontrei a filha dele desfalecida no chão, com um punhal sujo de sangue na mão. Permita me que também o entregue às autoridades competentes. – E tirou do bolso de trás um comprido punhal com o copo de corno e uma mancha encarnada, que entregou delicadamente ao sargento. Depois voltou a recuar, e as ranhuras dos olhos quase lhe tinham desaparecido do rosto, a que conferiu uma expressão de desdém chinês.

Merton sentia se quase fisicamente mal disposto ao olhar para ele, de maneira que resmoneou dirigindo se a Gilder:

– Presumo que está disposto a acreditar mais na menina Armstrong do que nele, inspector?

De repente, o padre Brown ergueu um rosto tão absurdamente fresco, que dava mesmo a impressão de que tinha acabado de o lavar.

– Também presumo que sim – declarou, e irradiava inocência. – Mas estará a menina Armstrong disposta a desmenti lo?

A rapariga soltou um gritinho estranho e assustado, e todos olharam para ele. Estava rígida, como que paralisada, e a única coisa que nela era viva, com a vivacidade de uma admiração arrepiante, era a face enquadrada pelo cabelo vagamente castanho. Dava a impressão de lhe terem subitamente lançado uma corda ao pescoço e de a terem esganado.

– Este homem – disse o Sr. Gilder em tom grave – afirma que a encontrou depois do homicídio, desmaiada e com um punhal na mão.

– E diz a verdade – respondeu Alice.

O facto de que tiveram consciência a seguir foi o de Patrick Royce avançar para o meio do círculo dos presentes, com a sua enorme cabeça sempre inclinada, proferindo a seguinte declaração, que a todos pareceu singular:

– Bem, se tenho de morrer, pelo menos quero ter primeiro uma satisfação.

E, fazendo recuar o enorme ombro, assestou um punho de ferro na suave cara mongol de Magnus, deitando o ao chão; estatelado sobre as ervas, o criado parecia uma estrela do mar. Dois ou três polícias deitaram imediatamente a mão a Royce; os restantes tiveram a sensação de que o mundo se tinha virado do avesso, e estava a transformar se numa alucinante arlequinada.

– Acabe com isso, Sr. Royce – ordenou Gilder com autoridade. – De contrário, prendo o por agressão.

– Não prende, não senhor – declarou o secretário num tom que parecia o de um gongo de ferro. – O senhor prende me é por homicídio.

Gilder lançou um olhar incomodado ao homem que estava caído no chão; mas, dado que o agredido estava já a sentar se e a limpar uma ponta de sangue que tinha na cara, aliás substancialmente intacta, limitou se a perguntar:

– Como é isso?

– O que este sujeito disse é inteiramente verdade – explicou Royce. – A menina Armstrong desmaiou com um punhal na mão. Acontece que ela não tinha pegado no punhal para atacar o pai, mas para o defender.

– Para o defender – repetiu Gilder com gravidade. – E de quem?

– De mim – respondeu o secretário.

Alice olhou para ele com uma expressão complexa e intrigante, e depois disse em voz baixa:

– Apesar de tudo o que se passou, agrada me que sejas corajoso.

– Venham lá acima – prosseguiu Patrick Royce em tom pesado –, e eu mostro lhes como foi que este maldito assunto se passou.

O sótão, que constituía o espaço privado do secretário (e diga se que era uma cela bastante pequena para um eremita tão grande), ostentava efectivamente vestígios de um violento drama. A meio do quarto, no chão, encontrava se um enorme revólver, que parecia ter sido atirado para ali; mais perto, à esquerda, via se uma garrafa de *whisky*, tombada e aberta, mas ainda com algum líquido dentro. A

toalha da mesinha estava arrepanhada e quase toda no chão, e por sobre o peitoril da janela estava pendurado um bocado de corda, semelhante à que tinham encontrado no cadáver. Sobre a prateleira do fogão, duas jarras partidas, e mais uma sobre a carpete.

– Eu estava embriagado – disse Royce, e tal simplicidade neste homem prematuramente vencido teve um peso emotivo semelhante ao do primeiro pecado de uma criança. – Todos me conhecem bem – prosseguiu com a voz embargada –, toda a gente sabe como começou a minha história, e é bem possível que acabe da mesma maneira. Já houve quem me considerasse inteligente, e podia mesmo ter sido feliz. Armstrong salvou das tabernas o que restava do meu cérebro e do meu corpo, e sempre foi amável comigo, pobre velhote! Simplesmente, recusou se a deixar me casar com a Alice, e agora haverá muito quem diga que teve toda a razão. Bem, podem tirar as vossas conclusões, não precisam com certeza que eu entre em pormenores. Aquela garrafa de *whisky* meia vazia que está ali no canto é minha; esse revólver vazio que está aí em cima da carpete é meu. A corda que encontraram no cadáver era minha, e foi da janela do meu quarto que o cadáver foi atirado. Não precisam de mandar uma série de detectives desenterrar a minha tragédia; é um caso muito comum neste mundo. Entrego me à forca. E agora, por Deus, já chega!

A um sinal bastante delicado, os polícias reuniram se em torno dele e levaram no dali. Mas a descrição dos agentes foi de certa maneira contrariada pelo notório aparecimento do padre Brown, que se ajoelhara na carpete em frente à porta como quem procede a uma oração muito pouco dignificante. Sendo como era uma pessoa totalmente insensível à figura que fazia na presença de outros, o sacerdote não mudou de posição, antes voltou a cara redonda para os presentes, dando toda a aparência de um quadrúpede ao qual fora anexada uma cabeça humana muito cómica.

– Tenho de lhes dizer – declarou com ar simpático – que não me sinto mesmo nada convencido. A princípio, disseram que não tínhamos encontrado a arma do crime. Agora, parece que encontrámos armas demais: um punhal, uma corda de estrangular e uma pistola; e, depois disto tudo, o morto ainda partiu a espinha por ter caído de uma janela! Não, não me sinto nada convencido. É um crime pouco económico. – E abanou a cabeça, que tinha voltado novamente para o chão, como fazem os cavalos quando estão a pastar.

O inspector Gilder tinha aberto a boca com a melhor das intenções mas, antes de ele conseguir dizer fosse o que fosse, já a grotesca figura dizia do chão em tom volúvel.

– E ainda por cima, estamos perante três coisas impossíveis. Primeiro, temos estes orifícios na carpete, por onde terão passado seis

balas. Mas porque havia alguém de se lembrar de dar tiros numa carpete? Um homem embriagado dispara à cabeça de um inimigo, que é aquilo que está a rir se para ele. Não se põe a discutir com os pés, nem monta cerco às peúgas. Depois, a corda – e, terminado o exame da carpete, o orador levantou as mãos e meteu as nos bolsos, mas continuou ajoelhado como se nada fosse. – Será concebível que um homem embriagado tente atar uma corda à volta do pescoço de outro, para depois lha passar por uma perna? Nem Royce podia estar assim tão embriagado, pois de outra maneira estaria por esta altura a dormir que nem uma pedra. Finalmente, e o mais simples de tudo, a garrafa de *whisky*. Quis o senhor convencer nos de que um alcoólico tentou apoderar se da garrafa de *whisky* e que, tendo o conseguido, a atirou para um canto, entornando metade do conteúdo e deixando lá dentro a outra metade. Ora, isso é a última coisa que um alcoólico faz.

E, levantando se com dificuldade, dirigiu se ao assassino confesso num tom de límpida penitência:

– Lamento muitíssimo, meu caro senhor, mas a sua história é um disparate do princípio ao fim.

– Senhor padre – pediu Alice Armstrong em voz sumida –, dá me licença que fale um momento consigo a sós?

Este pedido obrigou o comunicativo sacerdote a afastar se do grupo e a dirigir se, juntamente com a rapariga, para a sala ao lado. Mas, antes de ele ter tempo de dizer fosse o que fosse, já a rapariga se lhe dirigia com estranha veemência.

– O senhor é um homem inteligente – disse – e está a tentar salvar Patrick. Eu sei que sim. Mas não vale a pena. O âmago deste caso é negro, e quanto mais coisas descobrir sobre ele, mais coisas haverá contra o miserável que eu amo.

– Porquê? – perguntou o padre Brown, olhando para ela com um ar sério.

– Porque – respondeu a jovem com a mesma seriedade – eu vi o cometer o crime.

– Ah – disse Brown, sem se deixar convencer. – E o que foi que ele fez?

– Eu estava aqui nesta sala, e eles estavam no quarto ao lado – explicou ela. – As portas estavam ambas fechadas, mas de repente eu ouvi uma voz, uma voz como nunca tinha ouvido, que bradava: «Inferno, inferno, inferno», e não se calava com aquilo. E depois, as duas portas abanaram, devido à explosão do tiro do revólver. Ouviram se mais três tiros, antes de eu conseguir abrir as duas portas, deparando com um quarto cheio de fumo; mas a pistola fumegava na mão do meu pobre Patrick, do meu louco Patrick. E vi o disparar o último tiro, o tiro assassino. Depois, correu para o meu pai, que se

agarrava, aterrorizado, ao parapeito da janela, e tentou estrangulá lo com a corda, amarrando lha ao pescoço, mas a corda escorregou lhe pelo corpo abaixo, porque ele continuava a agitar se, e foi prender se lhe no pé. A corda amarrou se lhe à volta da perna e Patrick arrastou o como se fosse um louco. Eu agarrei num punhal que estava no chão e, correndo para eles, consegui cortar a corda antes de cair desmaiada.

– Estou a ver – respondeu o padre Brown com a mesma delicadeza impenetrável. – Obrigado.

Enquanto a rapariga desfalecia ao peso daquelas recordações, o sacerdote passou obstinadamente para o quarto ao lado, onde foi encontrar Gilder e Merton a sós com Patrick Royce, que estava sentado numa cadeira, algemado. Brown pediu delicadamente ao inspector:

– Dá me licença que diga uma coisa ao prisioneiro na sua presença, e quer fazer me o favor de lhe tirar aquelas pulseiras ridículas por momentos?

– Ele é um homem muito forte – observou Merton em voz baixa. – Para que quer tirar lhe as algemas?

– Bem, ocorreu me que gostaria de ter a enorme honra de lhe apertar a mão – respondeu o sacerdote.

Os dois detectives olharam para ele espantados, e o padre Brown prosseguiu:

– O senhor não quer contar lhes a verdade?

O homem que estava sentado na cadeira abanou a cabeça desgrenhada e, ao ver aquilo, o sacerdote virou se para os outros, impaciente.

– Nesse caso, conto eu – declarou. – A vida das pessoas é mais importante do que qualquer reputação. Eu vou salvar os vivos e deixar que os mortos enterrem os seus mortos.

Dito isto, dirigiu se à fatal janela e olhou para fora, pestanejando e continuando a falar.

– Disse lhes há bocado que há neste caso demasiadas armas e uma só morte. Digo lhes agora que as ditas armas não foram armas, nem foram usadas para causar a morte. Todos aqueles instrumentos macabros, o laço da corda, a faca manchada de sangue, a pistola que disparou, foram instrumentos de uma curiosa misericórdia. Não foram usados para matar Sir Aaron, mas para o salvar.

– Para o salvar? – repetiu Gilder. – Para o salvar de quê?

– De si próprio – respondeu o padre Brown. – O homem era um maníaco suicida.

– *O quê?* – perguntou Merton, incrédulo. – Então e a religião da alegria…

– A religião da alegria é uma religião cruel – retorquiu o padre Brown, sem tirar os olhos da paisagem que se via da janela. – Foi uma pena não o terem deixado chorar umas lágrimas, como tinham feito os antepassados dele. Os planos de Sir Aaron tornaram se rígidos, os seus pontos de vista gélidos; por detrás daquela máscara de alegria morava o espírito oco de um ateu. Por fim, para conseguir manter o nível de hilaridade a que tinha habituado o público, voltou a recorrer à bebida, hábito que tinha abandonado há muito. Acontece que um abstémio sincero tem horror ao alcoolismo, porque imagina e espera que o álcool produza nele o tormento psicológico contra o qual advertiu os outros. E foi isso que aconteceu, prematuramente aliás, ao pobre Armstrong, que hoje de manhã se encontrava num estado tal que, aqui sentado, berrou que se sentia no inferno, e fê lo numa voz de tal maneira alterada, que a filha não lha reconheceu. Andava louco pela morte e, recorrendo aos truques que os loucos tão bem conhecem, tinha espalhado em seu redor diversas formas de morte: um laço de enforcado, o revólver do amigo e um punhal. Royce entrou por acaso neste quarto e reagiu imediatamente: atirou o punhal para o chão, apoderou se do revólver e, como não tinha tempo de o descarregar, esvaziou o disparando seis tiros para o chão. O suicida entreviu uma quarta forma de morte, e lançou se à janela. O secretário fez a única coisa que podia fazer: correu atrás dele com a corda e tentou atá lo de mãos e pés. Foi então que a infeliz rapariga entrou em cena e, compreendendo mal o que estava a passar se, fez o que podia para libertar o pai. A princípio, apenas conseguiu ferir o pobre Royce nos nós dos dedos, e é daí que provém o pouco sangue que correu neste caso. Terão certamente reparado que ele deixou marcas de sangue na cara do criado, mas não lhe causou qualquer ferimento. Acontece que, pouco antes de ter desmaiado, a pobre rapariga conseguiu efectivamente libertar o pai, de maneira que ele se atirou daquela janela, ao encontro da eternidade.

Fez se um prolongado silêncio, que foi interrompido por ruídos metálicos; era Gilder que abria lentamente as algemas de Patrick Royce, a quem disse:

– Parece me que, no seu caso, eu teria contado a verdade. O senhor e a jovem merecem mais do que a notícia do óbito de Armstrong.

– Que me interessa a notícia do óbito de Armstrong? – exclamou Royce com brusquidão. – Não percebem que a ideia era que ela não chegasse a saber?

– Não chegasse a saber o quê? – perguntou Merton.

– Que tinha matado o pai, seu tolo! – rugiu o outro. – Se não fosse ela, o homem ainda estava vivo. Se vier a saber, é bem possível que ela enlouqueça.

– Não, não me parece que tal aconteça – observou o padre Brown, pegando no chapéu. – Parece me que é bem melhor que o saiba. Os erros mais assassinos não conseguem envenenar a vida como o fazem os pecados; seja como for, dá me a impressão de que, a partir de agora, poderão ser felizes os dois. Tenho de me ir embora, estão à minha espera na Escola de Surdos.

E, enquanto atravessava o talude coberto de ervas altas, aproximou se dele um conhecido de Highgate que lhe disse:

– Chegou o juiz de instrução. Vai começar a investigação.

– Estão à minha espera na Escola de Surdos – replicou o padre Brown. – Lamento não poder assistir à investigação.

2* Personagem simpática e bonacheirona, que é o protagonista do primeiro romance de Charles Dickens, *Os Cadernos de Pickwick*. (*N.T.*)

OUTROS TÍTULOS PUBLICADOS

??

J???

??

J???

??

J???